



PRESA  
EM SEU  
*fertigo*

ELIZABETH BEZERRA





# Presas em seu Feitiço

Presa em seu  
Feitiço  
Elizabeth Bezerra

# Índice

[Agradecimientos](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Epílogo](#)



# Agradecimentos

Quero agradecer à Adriana Melo por sempre tirar o melhor de mim. Não sei se já disse isso o suficiente, mas muito obrigada por toda fé e carinho depositados em mim. Sonhamos juntas e criamos juntas, esse livro é tão seu quanto meu. Obrigada por estar sempre ao meu lado.

Também à Vânia Nunes que, com seu toque de Midas, deu ainda mais veracidade à história. Obrigada por todo carinho e dedicação.

Finalmente, a você, meu leitor, que permite todos os dias que eu continue sonhando. Espero que esse seja o primeiro de muitos Romances de Época que eu venha a escrever.





# Prólogo

Ann era uma mulher de brio, embora, erroneamente, boa parte das mulheres de seu antigo pequeno vilarejo, em St. Claire, a considerasse orgulhosa e arrogante. Agravos que nenhuma delas teve ousadia suficiente para pronunciar, enquanto seu falecido marido, Tarim Magee, vivia. Qualquer ser indigno, até mesmo de respirar o mesmo ar que sua adorável esposa, lamentaria profundamente a ousadia de buscar imperfeições em quem ele considerava nada menos que um anjo.

Aos dezessete anos, durante uma enfadada temporada no campo, Ann apaixonou-se perdidamente pelo misterioso e atraente serviçal de traços ciganos e olhar gentil. Tão diferente dos aristocratas frios e presunçosos que a cortejavam nos bailes.

Tarim a conquistara com seus olhos e cabelos escuros, traços fortes e marcantes. Mas Ann fora verdadeiramente arrebatada pelo coração bondoso e gentil. Logo, se vira

atada a sentimentos profundos que rivalizavam com incríveis romances que lia.

Ann acreditara que o amor sincero e corajoso venceria todas as batalhas, ultrapassaria qualquer barreira, afinal, havia algo mais poderoso no mundo do que o amor?

Talvez tenha sido deveras otimista, acreditando integralmente que, em algum momento, seus pais aceitariam seu amado Tarim e o admirariam tanto quanto ela.

Ann tinha sido jovem, sonhadora e como sua mãe certa vez dissera, em uma breve e acalorada discussão sobre o amor verdadeiro e matrimônios fermentados por uma sociedade opressora, os dois jamais andariam juntos. Sendo considerada, portanto, uma tola romântica.

Fugir de casa soara um plano audacioso e perfeito naquela época. E durante os primeiros meses, os recém-casados viveram uma aventura feliz. Tarim dera a Ann toda a atenção e carinho que ela necessitara, mas, com o passar dos meses, e com todas as cartas enviadas à sua família sendo devolvidas, fora obrigada a admitir, seus pais jamais a considerariam como parte deles outra vez ou

a aceitariam de volta. Envergonhara o nome dos Halton e, como castigo pelo seu ato imoral, fora banida.

Porém, mesmo vendo-se como órfã exilada, ainda que vivendo em uma pequena vila, em uma casa modesta de três cômodos e poucas mobílias gastas pelo tempo, contando apenas com o amor que nutriam para aquecê-los durante as noites frias de inverno, Ann não trocaria os dias felizes ao lado de Tarim por um palacete luxuoso e sem vida que qualquer nobre cheio de recursos pudesse oferecer.

Nem tudo foram flores e risos para o jovem casal. E mesmo tendo uma renda modesta como as demais famílias do vilarejo, enfrentando ano após ano dificuldades e incertezas, Ann sempre fora vista como uma intrusa. Era como se todo o ressentimento que tinham contra a nobreza fosse canalizado nela. Não era bem-vinda ali, como já não era bem-vinda em sua antiga casa. Ann sentia-se tão perdida e rechaçada quanto Tarim teria se sentido se tivesse sido exposto ao julgamento e escrutínio impiedoso da implacável sociedade londrina.

Acreditara que o amor que sentira por Tarim, e ele por

ela, era superior a tudo isso. E se fossem capazes de fazer felizes um ao outro, no fim de tudo, teriam vencido. Por um longo tempo até fora assim. E a chegada do pequeno Edward trouxera muito mais luz e alegria a eles.

Naqueles primeiros anos difíceis, mas felizes, Ann vivera protegida em sua esfera poucas vezes arranhada e que tampouco a preparara para os duros e futuros golpes da vida. A começar pela morte brusca e inesperada de Tarim, decorrido de um incêndio que assolara a fazenda onde trabalhava.

O destino sombrio que a mãe dissera que ela teria ao lado de um criado sem posses e nenhuma significância, fora se concretizando no decorrer do luto. Tarim adorara Ann como a flor mais graciosa e preciosa do mundo. Fizera o impossível para proporcionar todo o luxo que sua renda modesta poderia oferecer. Não havia bailes e nem vestidos confeccionados em ateliês de luxo, mas em seu lar Ann era a rainha rodeada de amor.

Tarim se fora. Deixando-a desprotegida e com um filho pequeno. Ela tivera que trabalhar e transitar entre a inveja das mulheres da aldeia e a desconfiança das poucas

senhoras que lhe davam trabalho como arrumadeira.

Passara de uma vida humilde para miserável em uma questão de meses. As três refeições diárias tornaram-se uma; as roupas de segunda linha, para trapos velhos remendados e, ainda assim, era grata pelo que tinha.

Por Edward, seguia levantando todos os dias, mas já não suportava ver refletido em seu menino as escolhas que fizera na vida.

Tentara entrar em contato com a família um ano após ter perdido Tarim. O risco de continuar a ser rejeitada era provado a cada carta que era devolvida. Mas escrevera incansavelmente para seu irmão Elliot, o conde de Northsham. Supôs, um ano após a morte de seus pais, e ele sendo um homem estudioso e visionário, que se compadeceria da desgraça que a tinha abatido. Mas todas as suas cartas retornaram exatamente como as anteriores.

Voltara a Londres em busca de novas oportunidades de trabalho, mas o que uma mulher sozinha e com um filho faria em uma cidade tão grande e impiedosa? Os dois pences cobrados pela pensão em St. Giles, um dos subúrbios de má reputação na qual passaram a viver,

rapidamente engoliram o que lhe restava de suas economias. Restara a Ann fazer uma visita ao conde.

Chegara, de acordo com sua cunhada, em péssima hora. Não permitiria que a desgrenhada e esquelética irmã do conde (até então considerada morta por ela), outra vez envergonhasse a família, não quando tinha convidados ilustres para o jantar.

*“Pegue essas libras...”,* dissera a condessa com desprezo. *“E também esses pães que daríamos aos porcos e mantenha-se afastada de nós”.*

Ann saíra derrotada, mas ouvira a condessa murmurar à criada que estava sendo generosa demais. Fora humilhada e rechaçada da propriedade que um dia chamara de lar diante do menino assustado de sete anos.

E enquanto a própria família lhe virava as costas, Ann encontrara na pensão, consolo e apoio vindos de senhoras tão miseráveis quanto ela, mas que a ajudaram a manter-se de cabeça erguida e continuar de pé.

Pelos dias seguintes, Ann trabalhou arduamente em uma fábrica de tecelagem para garantir que seu filho tivesse ao menos duas refeições decentes ao dia.

Dedicara-se a Edward totalmente e lamentava que se algo lhe acontecesse algum dia, ele estaria sozinho no mundo.

Fizera uma última tentativa para que seu irmão, o conde, se compadecesse dela e acolhesse pelo menos o sobrinho. Mas conforme os dias e a grave pneumonia que adquirira avançavam, suas esperanças também enfraqueciam, tal como seu corpo quase sem vida.

– Mamãe!

O menino curvou-se sobre o corpo frágil coberto por uma manta fina e sustentado por um colchão tão fino como os ossos de seu pulso.

– Ele está aqui – murmurou baixinho perto do ouvido dela – Tio Elliot está aqui. Agora você não vai mais morrer.

A criança deu espaço para que o homem alto e elegante tomasse seu lugar junto ao leito.

– Ann? – chamou, abrigando a mão ossuda entre as suas – O que aconteceu a você, Ann?

Embora sentisse que abrir os seus olhos por meros segundos conseguiriam minar o que restara de suas forças, a suavidade e carinho na voz do irmão a fizeram querer



ter certeza de que não era mais um dos sonhos que tinha.

– Elliot?

O pranto aflito infiltrou-se no coração dela, emocionando-a na mesma medida.

– Achei que estivesse morta, Ann.

– Escrevi muitas cartas, Elliot – sussurrou, sendo tomada por tossidas dolorosas que ardiam em seu peito e convulsões incontrolláveis, fazendo o corpo frágil se encolher ainda mais – Dezenas delas.

– Ann, nunca soube de nenhuma até a que me trouxe aqui.

A última notícia que o conde tivera de Ann ao voltar de Oxford (notícia dada pessoalmente por sua mãe) fora que tanto a irmã quando o bebê que tinha trazido ao mundo morreram minutos após ela ter dado à luz.

Os dedos enfraquecidos pressionaram os do conde tão levemente que mal chegavam a uma carícia. Elliot olhou com um profundo lamento para a mulher que jazia na cama. Os cabelos que outrora foram sedosos e bonitos, perderam toda maciez e brilho. A pele tinha um aspecto acinzentado e sem vida.

Talvez fosse cruel pensar assim, mas ele gostaria de ter permanecido com uma doce lembrança de Ann, durante a vida. A mulher enferma diante dele em nada lembrava a jovem cheia de vida que ele costuma irritar ao puxar os cabelos.

– Cuide dele, Elliot – sussurrou em um tom quase inaudível de súplica – Cuide do Edward.

Ele encarou o menino angustiado ao lado dele. Dos Halton, ele não tinha herdado praticamente nada. Os cabelos eram negros e os traços eram muito mais acentuados e marcantes.

– Prometa, Elliot.

– Vou levá-los para casa, minha irmã – ele voltou sua atenção para a irmã convalescendo e acolheu o corpo quase sem vida em seus braços – Vou cuidar de vocês dois.

Recentemente viúvo e sem o menor desejo de se casar outra vez, o conde via a responsabilidade de continuar a linhagem de sua família ser finalmente tirada de seus ombros com a chegada inesperada de Edward.

Mal haviam alcançado a porta quando o conde sentiu o

leve puxão em sua casaca.

– Agora mamãe não vai morrer, não é? – Um par de olhos escuros encarava o conde com apreensão.

Pela sua experiência e o estado debilitado que Ann apresentava, Sir Halton podia afirmar que não havia muito o que pudesse fazer por ela, além de proporcionar conforto até que sua luz viesse a se apagar.

– Tudo ficará bem, Edward – conseguiu dizer, afagando a cabeça dele – Estão indo para casa agora.

Para o juvenzinho, casa era o lugar onde sua mãe e as poucas pessoas que amava estavam. Iriam embora, mas deixaria para trás as irmãs Brummell, duas senhoras que estiveram com eles desde que chegaram à cidade. Seu grande amigo Hidden e sua irmã mais nova Mary, que naquele momento corria até a carruagem para onde Edward estava sendo conduzido.

– Não vá embora, Edward! – Mary lamentou ao vê-lo subir na carruagem bonita.

– Eu voltarei, Mary – ele assegurou à menina desgrenhada.

Uma trilha de lágrimas marcava o rosto empoeirado da

menina.

– Não voltará – ela murmurou amarga, seus curtos passos sendo deixados para trás – Os ricos nunca olham para trás, Edward.

– Eu voltarei – sussurrou a promessa ao se ajeitar no banco almofadado que levemente sacolejava seu corpo.

Algum dia, Edward cumpriria aquela promessa, disse a si mesmo.



# Capítulo 1

## **Londres, 1840**

Edward aprendeu bem cedo que poderia usar técnica de hipnose com truques de ilusionismo para ter alguma vantagem no jogo. Não ficaria rico dando esses pequenos golpes, mas sempre garantiria uma semana vivendo confortavelmente ou financiando alguma viagem pelo mundo.

Depois da morte de seu tio (a quem seguira o exemplo de não ganhar a vida tão honestamente), Edward tivera que mergulhar ainda mais na busca de encontrar novas formas de sobreviver. Ele não tinha vocação e nem paciência para bancar o doutor charlatão, como seu tio fizera.

Jogatina e amantes de posses mantinham os bolsos de Edward com algumas libras. Mas o grande impasse em viver entre ilusões e trapaças era que um trapaceiro que se importava com o próprio pescoço não

deveria permanecer nos mesmos lugares por muito tempo. Todavia, ele já estava se cansando da vida de andarilho e charlatão. Precisava urgentemente de uma forma eficaz e um pouco mais honesta de solucionar os seus problemas.

*“Você poderia se casar com uma bela viúva rica”,* sugerira seu amigo Philip, mais cedo. *“Ou uma jovem com um dote atrativo o suficiente para colocar fim a todos os seus problemas”.*

Pensar nisso fazia Edward sentir urticárias. Amava sua liberdade e desprezava a aristocracia, as senhoras que se diziam respeitáveis, mas na verdade, só eram dissimuladas, frias e, possivelmente, cruéis. Uma cópia intragável da falecida esposa de seu tio. Edward nunca se uniria a uma mulher como ela. Encontrar uma boa fruta em meio a tantas apodrecidas parecia impossível, talvez irreal, não que estivesse propenso a procurar de qualquer forma.

Era melhor arriscar seu pescoço em uma mesa de jogo do que perder toda a sanidade acorrentado a uma mulher.

– Não é possível – Lorde Dorsert encarou

Edward com inegável desconfiança – Ele deve estar trapaceando – resmungou ao analisar as cartas em sua mão.

Edward tinha os outros jogadores na palma de sua mão, já os tinha preparado antes. Mas Lorde Dorsert surgira depois, colocando em risco tudo o que Edward já conquistara naquela noite.

Qualquer bom truque exigia uma mínima dose de planejamento. E quando as coisas saíam erradas, um bom trapaceiro precisava de um plano B. O de Edward se chamava Eugene. Como ele não tinha tempo e nem um lugar apropriado, a dama faria com seu charme e sedução aquilo que ele não conseguiria com a hipnose – entreter e embebedar o visconde.

– Lorde Dorsert – Edward apertou a ponta do nariz, isso era um sinal para que a mulher se reaproximasse da mesa –, não deveria jogar se não sabe perder.

– Está trapaceando, Northsham – o visconde bufou, batendo na mesa – Usando de formas ardilosas para tirar vantagens.



– Milorde – disse Eugene e voltou a encher o copo do velho visconde rabugento.

Ela sussurrou algo no ouvido dele e o fez sorrir. Meio minuto de distração que fez Philip observar as cartas que Lorde Dorsert tinha nas mãos, enviando um sinal e Edward finalizava a jogada, levando todas as fichas que havia na mesa.

– Senhores – ele fez uma reverência ao levantar da mesa –, foi um prazer jogar com vocês. Até breve.

O único que poderia expor alguma indignação seria Lorde Dorsert, mas o velho estava bêbado e animado demais em receber as atenções de uma bela dama.

Algumas horas depois, em um quarto privativo em cima da casa de jogos, Edward dividia em quatro partes iguais os ganhos daquela noite.

– Isso é seu – entregou o pequeno montante a Philip.

– Não quero esse dinheiro – ele devolveu para Edward – Preciso descobrir por que ainda o ajudo, Edward.

Apesar de serem amigos desde Harrow e conhecer quase tudo sobre os defeitos e qualidades de Edward, os defeitos principalmente, e o ajudar sempre que precisava, Philip tentava incessantemente fazer com que o amigo andasse por estradas mais louváveis.

– Porque é uma alma boa e caridosa – disse Edward, jogando o maço de notas que ele tinha desprezado em um dos bolsos do casaco – Então, acho que não se importará em fazer uma doação ao orfanato Sta. Ursula.

– Ah, os órfãos – Philip sorriu – Não poderíamos esquecê-los, não é, senhor Robin Hood?

Esse era um apelido que Philip tinha dado ao amigo sempre que ele fazia uma boa ação como aquela. Algo que era notavelmente corriqueiro. Ele sabia que Edward tivera uma infância difícil e que por muitas vezes (embora nunca conseguisse admitir), Edward não conseguia manter-se distante às necessidades daquelas crianças. Então, Philip tinha a resposta para a sua pergunta. Ainda o ajudava mesmo que Edward tentasse mascarar sua bondade levando uma vida aventureira e

libertina. Ele valia muito mais que muitos nobres com bolsos cheios de ouro.

Philip era o segundo filho de um visconde. Embora aristocraticamente fosse inferior ao amigo, suas condições financeiras eram superiores. Enquanto o amigo ganhava uma boa mesada do irmão, Edward tinha herdado um condado completamente falido.

– Iremos beber em sua homenagem — disse virando-se em direção à prostituta que ansiosamente esperava a sua parte – O que acha, Eugene?

– Muito justo, milorde – os olhos dela brilharam ao receber sua recompensa – Irei providenciar isso imediatamente.

Assim que a jovem animada saiu, Philip lançou a Edward um olhar reprovador.

– Não precisava dar tanto dinheiro a ela – murmurou Philip – Sabe que ganha comissão nas bebidas e já tinha ganhado razoavelmente com Lorde Dorsert.

Edward deu de ombro e guardou o resto do dinheiro.

– Eugene mereceu e você sabe que ela tem pais

doentes...

– A velha história da moça injustiçada que precisa ajudar os pais – Philip riu. Para um trapaceiro, Edward tinha o coração sensível demais – Acho que nós já conhecemos essa história. O justiceiro que pega dos ricos e doa aos pobres.

– Não sou justiceiro – resmungou Edward – Muito menos uma cópia pálida de Robin Hood. Eugene executou sua parte, dei o que era dela.

– Sei... – Philip decidiu pressioná-lo um pouco mais – E onde entra o orfanato nisso? E aquela vila mês passado e...

Edward não se considerava o bonzinho daquela história e em nenhuma outra que se metera. Não era santo, tampouco se orgulhava de algumas coisas que fizera, mas sempre mantinha sua palavra quando dada. Eugene era sua parceira de velha data, tinha merecido cada centavo que dera a ela.

– Philip, cale-se! – Edward empurrou com o ombro, exatamente como fazia quando eram dois rapazes aprontando muitas estripulias na escola – Agora

vamos nos divertir.

E eles beberam, dançaram com algumas damas da noite e voltaram a beber.

E iam de um bordel ao outro e escandalizavam algumas pessoas por onde passavam, enquanto bebiam e cantavam alegremente.

– Eu me lembro dessa – Edward iniciou o coro – Vamos lá, minhas jovens.

*Father and I went to camp,  
Along with Captain Goodwin,  
And there we saw the men and boys,  
As thick as hasty pudding.*

– O quanto eu bebi, Edward? – Philip o parou no meio do caminho, interrompendo a cantoria animada.

– Não o suficiente – ele tentou arrastar Philip de volta ao coro – Com certeza, não o suficiente.

Edward olhou para a carruagem em que Philip mantinha sua atenção. Tudo o que viu foi uma cortina sendo fechada e a condução voltando a se movimentar pela rua. Aquele era o horário em que as pessoas começavam a voltar para seus lares após algum baile ou

qualquer outro evento social. Havia inúmeras carruagens como aquela e Edward não entendia o motivo de tanto interesse.

– Era um anjo, Edward... bem ali – murmurou Philip antes de ser guiado de volta ao grupo, rumo a outro bordel – Preciso descobrir quem ela é.

– Anjos não andam na Terra – Edward gracejou, fungando no pescoço de uma das jovens que os acompanhavam – Já algumas diabas...

*I wanted peskily to get,*

*To give to my Jemima*

Ele seguiu cantando, forçando Philip a fazer o mesmo. Foram preciso muitos copos de uísque e a companhia de algumas mulheres fogosas para fazer com que o amigo esquecesse do anjo encantador que, por meros segundos, fizera seu coração cantar apaixonado.



## Capítulo 2

Lucille Middleton refazia pela quarta vez o bordado que Lady Eagleton afirmava que teria que ficar nada menos do que perfeito. Escondeu um suspiro aborrecido ao brigar com a linha que parecia odiá-la ao agarrar-se ferrenhamente ao tecido. Ela odiava bordados, odiava pintura e, na verdade, não havia muitas coisas que a jovem não odiasse ultimamente.

– Oh, que interessante – disse a senhora enquanto dobrava a carta com ar pensativo – Lady Mayfar acabou de dizer que o lorde...

Lucille colocou o bordado de lado e pensou em como a viscondessa Eagleton sempre se referia às notícias que recebia das amigas, como se elas estivessem ao seu lado, tomando chá da tarde. Lady Wood acabou de me contar que... Ah, não, a baronesa de Fittzrose disse...

Lady Eagleton pegou a lista à sua esquerda e escreveu o nome de seja lá quem fosse, Lucille deveria manter



distância. A jovem Middleton tinha um grave problema, constantemente perdia atenção em coisas que a aborreciam e deixava sua mente vagar.

– Então, minha querida – continuou ela em um tom matriarcal – Você deve permanecer longe dele o máximo que as boas maneiras podem permitir. Pelo que me lembro, é um rapaz que faz maravilhas aos olhos, mas anda com sérios problemas financeiros e de má conduta.

Vindo de alguém com graves problemas financeiros, a advertência chegava a soar engraçada. Apesar de Amelia Eagleton ser uma *patronesse* mais gentil do que ela esperara encontrar ao chegar em Londres, a família Eagleton também passava por desconcertantes problemas financeiros, que foram discretamente solucionados pelo seu irmão Allan, que estava investindo uma pequena fortuna em ferrovias e outros negócios que o visconde o convencera a se enveredar.

Como dizia sua sábia e falecida mãe, “era o sujo falando do encardido”.

– Mas Allan disse que o importante é que me case com um nobre, não importando sua renda – destacou Lucille,

lembrando-a discretamente que seu dilema em encontrar um marido não estava relacionado à falta de dinheiro.

Lucille esticou discretamente o pescoço para tentar ler o novo nome que Amelia tinha acrescentado à lista de pretendentes descartados.

– Querida, é sua primeira temporada em Londres – Lady Eagleton bateu carinhosamente sua mão na dela – Primeiro, vamos sondar todos os bons partidos. Uma jovem tão prendada e delicada como você não deve se preocupar em comprar um título.

– E todos sabemos que Lady Eagleton nunca planeja um matrimônio ruim – o visconde sacudiu o jornal de forma arreliada – Embora só tenha arquitetado um em toda sua vida.

Lucille girou levemente o tronco em direção ao visconde, sentado próximo à lareira, em sua poltrona de espaldar alto, revestida por um veludo azul. O visconde ajeitava elegantemente o monóculo, enquanto tentava disfarçar um sorriso.

Não seria nenhuma grande surpresa para Lucille que o casamento a que Lorde Eagleton se referia fosse o seu

próprio.

Prendada e delicada, foram os adjetivos que a viscondessa tinha atribuído a ela. Amelia mal imaginava que Srta. Middleton preferia a liberdade em sua propriedade no campo, do que as cansativas e estafantes noites da alta sociedade, fosse em Londres ou na América. Fugia de ser prendada e delicada seria a última palavra a descrevê-la. Mas, Lucille prometera ao irmão que seria uma perfeita dama enquanto usufruísse da hospitalidade do visconde.

– Mas devo concordar com Lady Eagleton – continuou o visconde – O conde de Northsham não é o mais apropriado para a senhorita, mesmo em último caso.

Como uma criança curiosa e birrenta, Lucille precisou apenas escutar a proibição implícita nos sábios conselhos para se ver interessada. Além disso, sua curiosidade tinha sido deliciosamente alimentada quando quase conseguira avistar o conde e sua comitiva, pelas janelas de sua carruagem, na noite anterior.

– Com um comportamento tão, hunf... – Amelia sacudiu as mãos no ar – E um presente ainda menos virtuoso... É

melhor colocá-lo no topo da lista.

Ficou claro a Lucille que o passado do conde, e seja lá o que vinha fazendo no presente, desagradava completamente o casal. E obviamente quis saber um pouco mais sobre ele. Informações que não teria àquela noite. A viscondessa já estava entretida em sua lista de possíveis e aprovados candidatos. Seria ousado demais interromper a leitura do visconde atrás de mexericos que circulavam pela sociedade?

Que seja. Se há algo realmente divertido que os bailes, reuniões e jantares realizados pela alta sociedade proporcionavam eram as fofocas. Muitas coisas que poderiam ser descobertas em uma única noite de baile.

– Lady Eagleton, quando será mesmo o primeiro baile?  
– perguntou tentando soar completamente empolgada, largando o maldito bordado em seu colo – Quero conferir os ajustes dos vestidos novamente.

– Na próxima quarta-feira – respondeu a viscondessa, animada pelo primeiro interesse da garota em algo tão importante quanto a próxima temporada – Não é o tempo que gostaria de ter para prepará-la, mas... Começaremos

pelo Almack's. É imprescindível que impressione as senhoras da *Ton*.

Obviamente, os míseros dez guineas que seu irmão Allan tinha pago para adquirir o convite anual, não seriam suficientes para impressioná-las. Não ter um *voucher* para o Almack's e nem a aprovação daquelas senhoras a colocaria em uma posição delicada junto a *ton*, dificilmente seria convidada para as festas e bailes mais importantes da temporada sem isso. “*E que Deus a livrasse de um destino tão cruel*”, dissera Amelia, nos primeiros dias de Lucille sob sua tutela.

– Matronas infernais... – resmungou o visconde com desdém – Comida ruim e bebida ainda pior.

O visconde se referia à falta de bebida alcoólica e a limonada que era servida, considerada quase intragável por muitos deles. Mas para quem fingia total desinteresse no que as damas confidenciavam, Lorde Eagleton parecia atento demais.

Provavelmente alguma das sete mulheres em algum momento deve ter feito a vida do visconde um pequeno inferno na Terra. Se estivesse nos Estados Unidos, diante

de amigos, certamente, Lucille iria investigar melhor aquela história.

– Depois da morte lamentável da Viscondessa Castlereagh, que Deus a tenha – Amelia fez um sinal respeitoso – Elas parecem ainda mais rigorosas a cada ano.

– Acredito que o duque de Wellington não lastime tanto assim – disse o visconde e embora o tom tenha soado sério, a leve curva em seu bigode fez Lucille esconder uma risada com uma tossida.

– Ora, que indelicadeza, Harold! – Amelia bufou.

Embora a jovem Middleton achasse as festas e bailes extremamente aborrecidos, e tivesse um elevado desinteresse em relação a eles, não queria parecer completamente ignorante. Fizera uma pequena pesquisa antes de chegar à Inglaterra.

A falecida Lady Castlereagh era conhecida por ter sido um tanto excêntrica e de conversação trivial ímpar. Mas seus feitos mais memoráveis foram ter introduzido a quadrilha em Londres e, o mais curioso à Lucille, ter fechado as portas do Almack's impreterivelmente às onze

horas, impedindo que o duque de Wellington entrasse. Ela não conseguia se decidir se teria gostado ou se sentido intimidada pela viscondessa.

– Farei com que troque algumas palavras com Lady Jersey. Apesar de ser considerada por alguns um tanto rude – disse Lady Eagleton, inclinando-se em direção à Lucille enquanto sussurrava – É a mais amável, muito inteligente, além de possuir um forte senso de humor.

– Uma mulher admirável – murmurou Sir Harold antes de largar o jornal – Um pardal entre os gaviões.

– Lorde Eagleton, não tem nada em especial a fazer do que suas contribuições irrelevantes a essa jovem?

Pelo contrário. Lucille achava as provocações do visconde informações muito mais importantes do que as bajulações de sua esposa.

– Certamente, minha cara – disse ele fazendo uma breve mesura – Irei até o White's, talvez eu encontre Lorde Northsham por lá.

Em poucos dias, convivendo com os Eagleton, Lucille já podia dizer com toda certeza qual dos dois conseguia manter melhor a sua atenção. Embora Sir Harold fosse um

típico inglês em muitos aspectos, ele tinha um senso de humor único, mordazmente inteligente.

Com novos *hunf*, *haf* e mais alguns bufos incompreensíveis, Lady Eagleton deixou que o marido partisse, voltando-se para a tarefa que considerava mais importante, a sua lista.

Enquanto isso, a mente de Lucille vagava sobre suas recentes descobertas daquele fim de tarde. Acreditou que teria os piores e mais aborrecidos dias de sua vida, em busca de um marido adequado. Gostando ou não, teria que se casar em breve. Mas se ela se permitisse olhar com outros olhos esse infortúnio, até poderia ter momentos divertidos durante sua busca. Não seria nada mal se desse a si mesma (claro, desde que fosse discreta e se mantivesse longe de escândalos) alguns momentos divertidos perscrutando e julgando todos os segredos sujos e pecaminosos escondidos debaixo dos tapetes londrinos.

Não seria ela julgada e analisada de tal maneira?

– Lady Eagleton, gostaria de fazer uma pergunta. Apenas para que eu possa levar seus conselhos com



devida seriedade – disse num tom falsamente brando – Se Lorde Northsham está em condições financeiras e social desagradáveis, por que acredita que seria um risco para mim como para qualquer outra debutante?

– Infelizmente um bom rendimento e decência não são fundamentais para homens como ele circularem entre nós – explicou ela, atribuindo o *nós*, como pessoas de mais alta estirpe e moralidade – Cair nas graças de uma matrona é muito mais valorizado que isso. O falecido conde, apesar de não ter uma beleza tão marcante como o sobrinho, era um homem distinto, elas o adoravam.

Lady Amelia fez uma expressão de desagrado e aversão, antes de prosseguir.

– Tais sentimentos parecem ter sido direcionados para o atual conde. Dizem que ele encanta as senhoras de uma maneira incompreensível – ela balançou as mãos no ar novamente – Um farrista com uma boa lábia, isso sim. Não dê importância a isso. Vamos falar de pessoas realmente importantes. Já falei sobre o barão de...

Os pensamentos de Lucille tornaram a vagar em outra direção. Tentara arrancar alguma informação de Lady

Eagleton e ficara apenas mais curiosa. E enquanto a viscondessa exaltava qualidades de algum nobre que ela mal prestara atenção ao nome, sua mente tentava formar uma imagem do libertino e inapropriado conde de Northsham.

Um desregrado que aborrecia Lady Eagleton profundamente. E a falecida mãe de Lucille fora testemunha, a jovem tinha um fascínio inexplicável pelos rebeldes e incompreendidos do mundo. Acreditava que ela mesma fosse assim.



# Capítulo 3

**Dover, 1840**

**Condado de Nortsham**

Edward estava de volta à sua residência no campo, embora nunca tenha olhado para o palácio de Northsham como seu lar de verdade. Depois que sua mãe morrera, seu tio Elliott o tinha entregado aos cuidados dos criados. Ele não sabia o que fazer ou como lidar com uma criança tão pequena, passando por um momento tão traumático. O menino, por outro lado, não sabia como agradar ao tio que acabara de conhecer. Passaram a ser como dois estranhos esbarrando nos corredores sem nada a dizer um ao outro.

O desconforto não durou muito tempo. O conde de Northsham passava a maior parte do tempo em Londres ou visitando amigos em várias partes da Inglaterra. O que deu a Edward, de certo modo, liberdade para explorar Northsham como bem entendesse.

Sempre ouvira sua mãe falar do castelo, do grande lago em frente a ele e das terras em volta que Edward um dia

teria oportunidade de cavalgar. Ele fizera isso, incontáveis vezes, e lamentava que sua mãe não tivesse conseguido presenciar esse feito.

Quando alcançou idade limite para ser enviado a Harrow, praticamente implorara ao tio que desistisse da ideia. Ele sentia que nunca conseguiria pertencer a algum lugar por muito tempo. Fugira com a mãe da fome e miséria que tinham encontrado em St. Claire. Não que em St. Giles as coisas tivessem melhorado muito, mas lá conhecera pessoas que os consideraram amigos e, até mesmo, como familiares. Conhecera um lar em Northsham para, logo depois, ter que deixá-lo quando a dor e o luto, aos olhos de seu tio, já não deveriam ser tão grandes.

Ele seria o novo conde (pois, Elliott não tinha intenção alguma de se casar novamente e ter seus próprios herdeiros) e, como tal, Edward deveria ser educado adequadamente.

Até fora para a escola muito depois que o normal. Elliott não era dado a expressões de afeto, mas deu ao sobrinho a oportunidade de se fortificar emocionalmente.

Os primeiros anos na escola foram os mais confusos e

complicados para Edward. Não conseguia entender como alguns jovens pareciam tão refinados e cheios de postura diante de seus mentores e tão cruéis quando estavam longe.

Viu seu passado (o amor entre seus pais), algo que nunca fora problema para ele, ser usado contra ele, como algo sujo e imoral. Defendera da única forma que aprendera – através da força.

O conde diversas vezes tinha sido requisitado a Harrow. Todas as vezes, saíra da sala do diretor conseguindo de alguma forma reverter a situação a favor de Edward. Não que ajudasse em relação aos colegas que o perseguiam. Nenhum deles conseguia entender como o jovem sempre escapava de todas as punições. O que deixava os seus perseguidores mais irritados.

Somente em sua primeira pausa para as férias que Edward começou a entender que o conde usava mais do que sua influência social para garantir que seu sobrinho rebelde não fosse expulso.

*Estava parado no vão da porta da sala que o conde usava como consultório, observando em silêncio,*

*enquanto Elliott sussurrava algo aos pés do ouvido de uma certa dama, que Edward acreditava que estivesse adormecida.*

*“Acha que ela irá esquecê-lo?”*

*Um homem surgiu em frente à mulher, bloqueando a visão do menino de todo o resto. O conde rapidamente arrastou o homem inquieto em direção à porta. O medo de ser pego espiando fez Edward se afastar, escorando-se na parede do lado de fora.*

*“Já disse que ela não está dormindo, Carlighton. Além disso, não posso apagar a memória da sua esposa”, ele ouviu o tio uivar baixinho. “Só posso confundir ou adicionar algumas novas memórias”.*

*Curioso, Edward se aproximou um pouco mais.*

*“Pode fazê-la me amar”?, questionou o homem. Ele andava irrequieto próximo à porta.*

*Edward reparou que os cabelos começavam a ficar grisalhos, mas ainda tinha um porte imponente. A jovem, no entanto, não deveria ter chegado aos vinte anos ainda.*

*“Posso fazer que comece a notar suas... digamos,*

qualidades”, disse o conde. “Quais você tem? Ou melhor, quais gostaria que ela admirasse?”

O homem pigarreou e ajeitou as calças com os dedos.

“Eu sou um duque e ganho mais de trinta mil libras ao ano”, disse cheio de orgulho e pompa.

Embora não pudesse ver, mas pela forma que soltou o ar, Edward poderia jurar que o tio tinha revirado os olhos.

“Lorde Carlighton, sua renda pode ter sido o que fez a família dela tê-la jogado em sua cama, mas garanto que não será ela que a fará continuar”, Elliott suspirou como se falasse com uma criança. “Ainda é capaz de ser o homem que ela precisaria ter?”

O homem bufou e Edward não duvidou que teria agredido ao tio se ele não tivesse se afastado a tempo.

“Ora, por quem me toma, Northsham?”

“Só quero ajudá-lo e para isso preciso que seja muito franco comigo”, ele ergueu as mãos em sinal de paz.

“Seria perfeitamente capaz de agradar a minha esposa”, pigarreou e falou em uma voz envergonhada. “Se ela estivesse aberta à ideia”.



*“Nesse caso, sou capaz de ajudá-lo”.*

*O conde voltou para onde a dama estava e se inclinou no divã, onde ela permanecia de olhos fechados. Sussurrou mais uma vez no ouvido dela. Um pouco depois, voltou para onde o duque caminhava inquieto e trocou algumas palavras que Edward foi incapaz de ouvir.*

*“Acha que irá funcionar?”, indagou o duque, um pouco incrédulo de que Northsham pudesse fazer realmente o que prometera. “Não aconteceu nada da última vez”.*

*“Na última vez, Lady Carlighton estava sob efeito do álcool”, murmurou Northsham. “Fui categórico em dizer que não funcionaria, a pessoa tem que estar perfeitamente consciente para entrar no processo de transe”.*

*“Não permiti que tomasse uma gota de vinho ou licor”, garantiu o duque. “Mas acho bom que sua magia aconteça”.*

*“Não é magia, caro duque, não do tipo que imagina. É um dom, aperfeiçoado com técnica e anos de estudo”.*

*“Não me importa, Northsham...”, resmungou o duque. “Aqui está o que prometi”.*

*Edward observou o duque entregar uma bolsa de moedas feita de veludo negro ao tio.*

*“Deve voltar em alguns dias”, disse o conde, guardando a bolsinha em seu casaco. “É necessário algumas sessões.”*

*O duque resmungou alguma coisa e voltou a caminhar em direção à esposa, sendo impedido pelo conde no último momento.*

*“Carlighton, tente ser gentil dentro e fora do quarto”, sussurrou ele. “Será muito mais efetivo que meus tratamentos.”*

*“Faça o seu trabalho, Northsham”, resmungou o duque. “Sabe que sei ser bem generoso.”*

*Ousadamente, Edward olhou para dentro da sala e observou quando o tio disse algo à jovem antes de estalar os dedos. Assim que Lady Carlighton abriu os olhos, o menino correu em direção à escada, escondendo-se atrás de um grande vaso.*

*Tinha milhões de perguntas e não sabia onde*

*encontraria as respostas.*

– Milorde?

Edward se afastou da janela onde deveria ter ficado admirando o lago (ao invés de perdido em pensamentos) e atendeu ao chamado de seu criado.

– Senhor, há uma visita desejando vê-lo.

– Uma visita? – repetiu curioso.

– O duque de MacGrant – disse o criado.

Edward sabia muito bem o que um velho conhecido de seu falecido tio poderia estar procurando.

– Diga que não estou – voltou sua atenção para a janela.

O criado pigarreou e manteve-se no mesmo lugar.

– Ele disse que não irá embora sem falar com o senhor, milorde.

Edward rangeu os dentes e decidiu ele mesmo livrar-se do inconveniente.

Para surpresa de Edward, não era um velhote que o esperava na sala. O homem, alguns centímetros mais alto que ele (e Edward já se considerava um homem bem alto) aparentava ter no máximo trinta anos.

Tinha um porte atlético e imponente e um ar visivelmente angustiado.

– Lorde Northsham?

– Provavelmente está atrás do meu tio – Edward queria livrar-se logo daquela confusão – Mas ele...

– Está morto – disse o duque – Porém, ele me disse que em sua falta, você é o único que poderia me ajudar.

– Infelizmente ele estava errado – ele virou em direção ao criado que esperava suas ordens – Joseph...

– Espere! – O tom angustiado chamou a atenção de Edward – Espere, por favor.

Alguma coisa dizia a ele que aquele homem não era como os clientes que seu tio era acostumado a tratar. A dor estampada nos olhos do escocês era real.

– Já estive apaixonado?

Em outro momento, Edward teria respondido em um tom bem debochado que não acreditava em uma idiotice como aquela. Até aquele momento, realmente, não acreditava.

– Não.

– Deveria dizer que você tem sorte nesse caso –

MacGrant ensaiou em sorriso que não chegou a se completar – Eu já me apaixonei. Ainda a amo – ele fechou os olhos – Nem a morte é capaz de arrancá-la de dentro de mim. Sou como um escravo acorrentado e açoitado por sentimentos...

– Não posso ajudá-lo – Edward o interrompeu – Não sei o que meu tio prometeu, mas a hipnose não apaga lembranças.

– Eu sei, vi quando ele a usou a meu pedido num outro problema – continuou o duque – Mas ele me disse que pode criar novas lembranças. Algo que me faça realmente entender que a perdi.

Edward não estava gostando daquilo. Sinceramente, sentia que deveria ajudá-lo, mas não acreditava que era realmente certo fazer o que ele pedia.

– Preciso aceitar que Alana esteja morta. Sei que tenho que seguir em frente – continuou ele com voz embargada pela emoção – Mas...simplesmente não posso.

Edward poderia se manter distante se aquele fosse mais um simples caso de coração partido ou ego arranhado. Mas havia uma intensidade dolorida refletida

nos olhos do duque que ele era incapaz de ignorar. MacGrant fazia lembrar sua mãe quando perdera o marido. Um amor como aquele não se superava.

Edward pigarreou antes de lhe dar as costas.

– Muito bem. Eu vou ajudá-lo.



Philip Owen tinha estudado com Edward desde Harrow até Oxford, e tornou-se um dos poucos amigos verdadeiros que ele fizera entre os nobres. Tinha sido extremamente tímido, mas de uma inteligência sagaz. Fora a pedido de Edward que seu tio o ajudara a ser mais expressivo e menos aterrorizado na presença de desconhecidos.

Depois dos anos iniciais turbulentos em Harrow, os dois amigos tinham dominado Oxford. A inteligência dos dois, somada aos dons e conhecimentos que Northsham havia passado ao longo dos anos ao sobrinho, fizeram deles uma dupla relativamente perigosa.

– Northsham, se você não vai até a civilização, a civilização vai até você.

– Tive que resolver algumas coisas que exigiram a minha presença aqui, antes de seguir para Londres – disse ele, ocupando seu assento – Muitas coisas, eu diria.

Ele contou rapidamente sobre a visita do duque e o curioso pedido.

– Pobre homem – murmurou Philip – Fez bem em ajudá-lo.

Edward não duvidara que ele enxergaria aquilo de forma romântica.

– A quantia que ele me pagou foi um excelente incentivo – disse fazendo pouco caso, mascarando seus reais motivos – Mantereí Northsham por mais alguns dias.

Não era segredo para Lorde Owen, na verdade, provavelmente para ninguém, que o falecido conde de Northsham gastava muito mais do que arrecadava no ano. Os empregados mal podiam ser mantidos, propriedades (curiosamente doadas a Elliot) foram vendidas, assim como outras heranças de família.

– A contabilidade – indagou Philip – é tão ruim assim?

– Quantas vezes veio a Northsham nos últimos anos? – Edward fez um sinal para que ele olhasse em volta.

– Em todas as minhas férias, depois do seu segundo ano em Harrow.

– Como era? E o que achou quando chegou aqui hoje?

Além de precisar de uma grande reforma, o palácio despendia uma quantidade significativa em manutenção.

– Você sabe que tem uma forma de dar um jeito nisso – argumentou Philip – Um bom casamento ou colocar em prática os ensinamentos que seu tio passou a você.

Nenhuma das duas saídas o atraía muito. Unir-se a uma jovem qualquer tão insípida como a água servida em seu copo soava tão ruim quanto a vida desonesta que o seu falecido tio levava. Não que durante todo o tempo Edward visse a situação daquela forma. Inicialmente, e como um jovem tolo, tivera curiosidade e avidez em aprender mais sobre o poder para controlar a mente humana. E, segundo seu tio Elliott, ele mais ajudava do que prejudicava, então, era uma troca justa.

Mas havia mais, algo que eles nunca tinham revelado a ninguém. Mais do que uma técnica aprimorada com o tempo, os Halton realmente tinham um dom além da hipnose e era contra isso que Edward lutava.



Algumas moedas em troca de alívio e paz para algumas almas perturbadas. Qual custo teria para ele? Não queria ter o mesmo fim que seu tio e aquele poderia ser um caminho sem volta.

E mesmo que no fundo Edward sempre tivesse uma visão completamente cínica da nobreza e seus costumes, mesmo que circulasse entre eles usando uma máscara, queria ser diferente.

Sua longa peregrinação pelo mundo para fugir do tio, abria sua mente e coração para outras coisas.

*“Os ricos nunca olham para trás, Edward”.*

Ele não tinha voltado a St. Giles como prometera à Mary e nem tinha reencontrado os antigos amigos mais uma vez. Para um menino pobre, fora fácil se acostumar ao luxo, uma cama quentinha e boa comida. Além disso, Elliott fora a última pessoa que poderia realmente chamar de família. E quando a mãe falecera, quis Northsham ardentemente lavar sua honra por ter sido duramente escorraçada dali.

Se não tivessem sido expulsos, Elliott teria acolhido a irmã, ele tinha certeza. Se as cartas não tivessem sido

devolvidas, sua mãe teria tido uma chance de sobreviver e ser feliz. O orgulho e a arrogância de Georgina Halton, condessa de Northsham, tinham destruído uma vida inocente. Agora também estava morta. Que padecesse no inferno!

– Posso ajudá-lo na segunda opção, já a primeira, o faz parecer doente.

Edward se recusava a se unir a uma dama cujo sentido da vida seria se dedicar a coisas fúteis, fazendo da vida dele e dos menos afortunados à sua volta infeliz.

E para os prazeres do corpo, sempre podia recorrer a algumas meretrizes a quem ele considerava muito mais decentes que algumas damas, cuja falsa moralidade tinha sido corrompida.

– E como me ajudaria, Owen?

– Você sabe que como filho mais novo de um visconde, não herdo praticamente nada – ajeitou-se melhor na cadeira antes de prosseguir – Nem ao menos tenho um título como você. Mas, algo que meu velho pai soube fazer muito bem foi manter os aristocratas próximos a ele. Posso te apresentar às pessoas certas. Uma nova lista de

clientes.

– Em troca de...?

– Que você me ajude em relação a uma jovem dama.

– Duquesa, condessa, baronesa? – Edward perguntou com repulsa.

– Americana e sem títulos – praticamente tinha balbuciado.

Edward cruzou os braços e franziu a testa. O normal era que houvesse uma troca de interesses. Um título por muito dinheiro. Embora Philip não possuísse nenhum dos dois, vinha de uma família respeitada e bem influente.

– Uma americana? – perguntou com cautela.

– Não me olhe assim, Northsham – ele remexeu-se na cadeira mais uma vez – Você não é tão esnobe como tenta aparentar. Além disso, a Srta. Middleton é...

– Rica.

Philip o encarou com um olhar colérico.

– Também é muito rica, mas é muito bonita – defendeu-a bravamente – Além de encantadora.

– Devo supor que a conhece – continuou o conde com um olhar indulgente – Quantas palavras trocou com ela

para tê-la em tão autoestima?

Philip desviou o olhar. Edward nunca fez questão de esconder o quanto as damas da alta sociedade, principalmente a londrina, pareciam tolas e cansativas. Até há algum tempo, Philip poderia dizer que compartilhava de sua ideia, mas ele sentia que a Srta. Middleton era diferente. Não apenas pela beleza delicada, mas havia uma chama escondida em seus olhos que poucos conseguiam ver.

– Na verdade, nenhuma – respondeu com pesar – A viscondessa de Eagleton tem feito certo mistério e um excesso de proteção quase que intolerável.

– Nunca conversou com a dama? – Agora ele tinha um ar completamente divertido – Está explicada sua fascinação. Deixou-se levar por um belo rosto e fantasias românticas. O que me faz acreditar que a jovem é muito mais perigosa que todas as outras juntas. Ela o fez perder o seu ar cínico, caro amigo.

– Nunca fui cínico, Edward. Não como você – ele se defendeu ressabiado – Vai me ajudar ou não?

Realmente, Philip sempre fora capaz de ver algo bom

em qualquer situação ou encrenca que eles entrassem.

– Deseja que eu dê um jeito em Lady Eagleton e mantenha o caminho livre para você?

Não conhecia muito bem a viscondessa e as poucas vezes que se cruzaram em bailes e soirées, não recebera olhares muito amistosos por parte dela. Lady Eagleton julgava Edward pelo passado de sua mãe, e ele não achava que isso o deveria envergonhar. Seus pais foram os mais carinhosos do mundo, enquanto os tivera.

– Eu posso lidar sozinho com aquela senhora – disse Philip com confiança – É com a Srta. Middleton que espero alguma ajuda.

Aquilo surpreendeu Edward. Embora seu amigo fosse alguns centímetros mais baixo que ele e um pouco mais franzino também, Philip geralmente agradava as mulheres, principalmente por ter um ar mais gentil e cavalheiresco que ele.

Edward cruzou as mãos atrás das costas e iniciou uma caminhada atrás da cadeira de Owen.

– Em troca de meus serviços...

– Ajuda – corrigiu Philip.

– Em troca de meus favores, pretende conseguir alguns clientes – ele se curvou e sussurrou rente à nuca do amigo – Sabe bem que eu poderia convencê-lo a isso sem precisar ajudá-lo.

Philip ficou rígido e Edward notou quando cravou os dedos nos braços da cadeira.

– Não tente me hipnotizar, Northsham – ele murmurou de forma tensa – Você me ensinou a resistir a isso.

Ele tinha ensinado como Philip deveria fugir dos truques de seu velho tio. O que Edward nunca tinha revelado é que se realmente quisesse poderia confundir a mente dele. De seus amigos, Owen era o mais íntimo e o que o jovem conde mais considerava. Jamais tentara enganá-lo ou usado de seus conhecimentos para tirar vantagem dele. A amizade sempre fora reciprocamente sincera.

– Muito bem – Edward se ergueu – Primeiro, eu preciso conhecer a jovem senhorita. Depois, pensamos em um plano adequado para aproximá-lo dela. Enquanto faço o possível para ajudá-lo, preciso que encontre alguém desesperado pela minha ajuda e generoso o suficiente, de

modo que eu possa iniciar os cuidados mais urgentes em Northsham.

Faria isso pela memória de sua mãe que tivera adoração por aquelas terras e por todas as pessoas que dependiam dele. Afinal, as moedas saltando de alguns nobres poderiam ser melhor utilizadas do que com vestidos espalhafatosos e charutos caros.

Seria como um Robin Hood. Classificar a si mesmo dessa forma ainda não soava muito agradável a Edward.

– Caro, Philip – falou brandamente, indo em direção à porta – Acho que já está na hora de retornarmos a Londres.

## Capítulo 4

Enquanto Lady Eagleton resmungava por ter seu horário com a modista remarcado para a próxima hora, Lucille pensava nas dezenas de cartas que teriam que olhar e responder quando voltassem para casa.

*“Sempre enviam centenas de convites”, dissera Amelia uma certa tarde. “Mesmo que não tenhamos a intenção de ir à maioria, seria descortês não enviarmos uma mensagem declinando”.*

Lucille entendia que existia uma acirrada disputa para ter os salões de baile sempre cheios. O que não fazia sentido algum para ela já que, se fosse dar uma festa, convidaria apenas os seus amigos mais íntimos e gostaria que se sentissem tão à vontade em sua companhia como ela ficaria ao convidá-los. As regras e etiquetas só serviam para confundi-la e tornar tudo muito mais aborrecido.

– ... quanta indelicadeza – continuou Lady Eagleton – Se não fosse a melhor modista, certamente procuraria



quem realmente nos desse mais valor e consideração. Lorde Eagleton ficará insultado.

– Mas a Sra. Blackwood foi bem cortês em dizer que seria um prazer nos atender mais tarde em casa, afinal, o enxoval está praticamente pronto. Em todo caso, poderia ter recusado o novo ajuste se acha que...

Amelia interrompeu sua rápida caminhada para encarar Lucille com ar de professora prestes a dar a primeira reprimenda do dia.

– Uma dama nunca é indelicada. E era um membro da realeza, embora eu nunca tenha ouvido falar daquele país, senti plena satisfação em demonstrar nossa gentileza e generosidade.

Lady Eagleton bateu com o indicador em seu queixo. Lucille podia visualizar as engrenagens rodando na cabeça dela.

– Vamos até a casa de chá logo à frente – continuou, dessa vez em um tom entusiasmado – Devemos encontrar algumas damas que farão nossa próxima hora mais agradável. Quem não é visto não é lembrado.

O raciocínio de Lady Eagleton era relativamente

confuso. Em um momento, dizia que quanto menos as pessoas a olhassem e soubessem sobre Lucille, mais furor ela causaria sempre que aparecesse. Agora, dizia exatamente o oposto.

Passaram pela meia parede de vidro da casa de chá onde poderiam observar as pessoas confraternizando lá dentro (era indelicado fazer isso), mas pararam estrategicamente em frente a uma prateleira de tortas e bolos para observar discretamente.

– Veja, Lady Westbourn – a viscondessa manuseou o seu leque para esconder os lábios que cochichavam – Não é a pessoa mais agradável aqui hoje, mas era uma das queridinhas de Lady Castlereagh. Vamos dar um olá a ela.

Lucille sentia-se como um cachorrinho sendo guiado pela coleira. A temporada de baile e exposições nem tinha se iniciado e já se arrastava pelos cantos, completamente enfadada.

– Lady Westbourn, que prazer em revê-la – Amelia cantarolou assim que se aproximaram da mesa composta por seis mulheres.

– Como vai, Lady Eagleton? – Apesar do sorriso

cordial, os olhos da senhora demonstravam exatamente o contrário.

– Muito bem. A Srta. Middleton e eu acabamos de vir da modista. Conhecemos a princesa de... Como é mesmo o nome, minha querida?

Antes que Lucille pudesse abrir a boca para responder, Amelia seguiu em sua narrativa animada sobre o encontro com a princesa (embora não tivesse sido realmente um encontro. Elas tinham sido apenas dispensadas quase de forma desesperada pela modista).

– É uma pequena, mas próspera ilha no Mar de Barents – disse uma senhora franzina e rosto anguloso – O irmão de Sir Hollande jantou com a comitiva uma noite dessas. Ah, os vestidos...

Se Lucille tivesse que ouvir mais cinco minutos uma ladainha sobre vestidos, decorações ou a última moda, sentia que poderia surtar. Ou sendo um pouco menos melodramática, esconderia a cabeça debaixo da mesa, tal como os avestruzes faziam na terra.

Chamou discretamente Lady Eagleton e sussurrou dizendo que precisava ir lavar as mãos (uma dama jamais

diria o que realmente precisava fazer na sala de damas). Que, de fato, não foi para onde seguiu. Precisava de ar fresco e de se livrar daquele zumbido em sua cabeça, provocado pelas damas faladeiras. Deus! Elas pareciam moscas voando em torno dela.

Escolheu entre uma coluna e uma das portas, apoiada contra a parede. Não era exatamente um bom esconderijo, mas pelo menos não ficaria no caminho das pessoas que entravam ou saíam.

Olhou distraidamente para o céu, perguntando-se se iria chover. Amava a chuva, mas odiava ter que apenas admirá-la através da janela. Em sua casa no campo, nos Estados Unidos, teria corrido e pulado nas poças de lama. Uma brincadeira bem infantil, mas que às vezes não era capaz de resistir, principalmente quando se sentia entediada.

Sem notar que sustentava um sorriso encantador em seu rosto, direcionou a atenção para as carruagens elegantes e cabriolés, dominando o tráfego. Calculando mentalmente o horário que tinham saído da modista e os minutos na casa de chá, sondava que estava chegando a hora do

passado no Hyde Park, isso explicava a movimentação na rua.

Se fosse educado, teria revirado os olhos diante da perspectiva de andar pelo parque exibindo-se às outras pessoas. Mas, pelo pouco da conversa animada que presenciou de Amelia e suas amigas, duvidava que conseguiria evitar tal tortura com uma súbita dor de cabeça. E seu sorriso morreu exatamente no momento que seus olhos encontraram o homem parado na calçada a poucos metros de onde ela estava.

O pequeno choque que varreu Lucille desde os dedos dos pés aos fios de cabelos, protegidos em seu *bonnet*, pegou-a de surpresa. Tendo um irmão mais velho do tipo boêmio, os amigos dele e alguns primos que ocasionalmente os visitavam, podia dizer que seu contato com o sexo oposto não era nenhuma novidade.

No entanto, nenhum homem que conhecesse ou cruzasse educadamente o caminho dela tinha exercido esse magnetismo sobre ela.

Não poderia dizer que era uma reação à sua extrema beleza, pois, ele não tinha uma beleza clássica e angelical

que sempre cogitara ser a ideal. Esse homem possuía traços mais marcantes. Tinha rosto e queixo quadrados; nariz imponente que parecia ajustar-se perfeitamente ao seu rosto.

Lucille sabia que era no mínimo indelicado continuar a analisá-lo tão abertamente, mas era algo que simplesmente era incapaz de controlar. Fixou o olhar nos lábios de linha dura, sendo que o inferior era um pouco mais volumoso, e os olhos... Os olhos pareciam tão escuros quanto os cabelos sobressaindo de sua cartola de abas largas.

Lucille nunca tinha visto uma pantera de perto, o máximo que chegara fora através de livros ou alguma aquarela. Mas vendo aqueles olhos penetrantes, analisando-a friamente, sentia que teria a mesma reação ao deparar-se com o animal feroz, em uma floresta sombria à meia-noite.

– Já falei para você não vir mais aqui, criatura infeliz!

A conexão com o estranho, sem dúvida alguma atraente (de uma forma que homem nenhum deveria ser), fora quebrada pelos gritos de outro homem que expulsava de dentro do estabelecimento um menino maltrapilho que ele

carregava pela orelha.

– Eu só... só queria olhar o lixo, senhor – gemeu o menino ao ser arrastado pela calçada, logo em seguida sendo jogado sobre ela.

O homem bufava, como um javali prestes a atacar alguém. O menino de rosto sujo e cabelos desgrehados lançava seu olhar assustado sobre seu agressor. Em certo momento, cobriu o rosto com os braços esperando o ataque ao qual sabia que não tardaria a receber.

– Se você voltar e incomodar os clientes... – rugiu o senhor mediano de cabelos alvos e costeletas grossas usando um imaculado uniforme da casa de chá – Vou te entregar às autoridades – ele olhou em volta à procura de alguém – Era o que deveria ter feito há muito tempo.

No momento que ele ergueu a mão, Lucille saiu de onde estava, ficando em frente ao homem, mas atrás da criança assustada. Era garoto de rua e não deveria passar de seus doze anos de idade. Ela não permitiria que, além da humilhação, o pequeno sofresse agressões físicas diante dela.

– Senhor! – ela o encarou com firmeza, mas sentia que

cada fibra de seu corpo vibrava de raiva e indignação.

Lívido, o homem olhou para ela. A expressão suavizou ao encará-la.

– Senhorita – fez um meneio cordial antes de continuar

– Peço sinceras desculpas se o inconveniente a tiver perturbado.

– A única coisa que me perturbou foram os seus berros e os ataques a essa criança.

Chocado pela reprimenda da qual não esperava, o homem recuou alguns passos.

– Senhorita – pigarreou antes de voltar a emitir uma voz segura – Não se deixe enganar por esses olhos brandos. Todos os dias esses moleques rondam o estabelecimento e até roubam.

Lucille não poderia contrariar tal afirmação. Mas se vivesse em condições tão precárias como aquela e outras crianças de trajes esfarrapados (com quem eventualmente se deparava), talvez também roubasse para sobreviver.

– Ele só está com fome – olhou para o menino encolhido no chão – Não é?

Ele parecia receoso se deveria se dirigir a ela ou não,



portanto, apenas meneou a cabeça.

Claro que havia meninos cujas malandragens das ruas os tornavam perigosos, mas ela sentia que não era o caso daquele garoto. Ele poderia estar tentando enganar ou roubar nobres em vez de vasculhar lixeiras como tinha afirmado antes.

– Há fabricas contratando em Bristol – resmungou ele – É para lá que todos eles deveriam ir. E não ficar aqui, incomodando gente de bem.

Tal sugestão deixou Lucille tão enjoada quantos os berros que tinha presenciado antes. Já ouvira em uma das conversas de Allan que juvenzinhos trabalhavam em fábricas para ajudar nos rendimentos dos pais, mas nunca imaginou que crianças como ele fossem recrutadas.

– É só um menino... – sua voz saiu trêmula, um menino que nunca teria as mesmas oportunidades que ela ou qualquer criança da nobreza.

– Senhorita, vejo claramente que tem uma alma bondosa, mas não sabe e não deve lidar com crianças como essa.

Apesar da candura na voz, o rosto demonstrava que

estava ficando extenuado em ser contrariado por ela. E Lucille poderia passar a tarde toda discutindo com aquele homem, mas sabia que brevemente Lady Eagleton iria procurar por ela.

– Talvez não saiba como lidar, mas sei como posso ajudá-la. Deixe a criança em paz e, por favor, me acompanhe.

Curvou-se levemente em direção ao menino e indicou que a esperasse próximo aos degraus, mas não muito perto da porta.

– Qual a especialidade da casa hoje? – indagou ao homem contrariado assim que se encontraram na vitrine.

– Temos essa torta de...

– Excelente! – interrompeu com um gritinho animado – Embrulhe dois pedaços bem grandes, por favor.

Pediui que acrescentasse alguns biscoitos, o mais variado possível. Quando Lucille recebeu a delicada embalagem e virou-se abruptamente em direção à saída, deu de cara com o homem misterioso que tinha avistado lá fora.

Ela não sabia dizer se era o lenço preso firmemente em

seu pescoço que lhe dava o ar arrogante ou se era o olhar altivo que o fazia parecer assim, intocável. Alguém cuja superioridade estava além de qualquer pessoa ali. Lucille sentiu-se como aquele menino ao ser avaliada, agora, a apenas alguns centímetros os separando.

Os olhos escuros que de longe acreditaram ser frios, agora continham um ardor que estranhamente a desnorteava. Cortesmente, ele deu dois passos para o lado, dando a Lucille a oportunidade de fugir. Ela não sabia de onde tirara forças, mas foi exatamente isso que fez, saindo apressadamente em direção à calçada.

– Senhor... – ela parou ao ouvir o vibrato e autoridade na voz masculina e sentiu um formigamento em sua nuca – Vamos trocar algumas palavras.

A voz foi diminuindo e Lucille desejava que o mesmo ocorresse com as batidas de seu coração.

Levemente atordoada e confusa por sentimentos que nunca vivenciara antes, praticamente tropeçou até onde a criança estava.

– Qual o seu nome? – perguntou, suavemente.

– Jules – ele abaixou os olhos e olhou fixamente para o

chão.

Lucille queria alisar os cabelos dele e dizer que ficaria tudo bem, mas sentia que qualquer gesto dela faria o garoto, que até agora tinha sido corajoso, chorar.

– Isso é para você, Jules – estendeu o pacote a ele e esperou que o pegasse.

Quando o menino prendeu o embrulho junto ao peito como se fosse seu bem mais precioso, Lucille guiou os olhos marejados até a bolsinha presa em seu pulso.

– E isso também – retirou algumas moedas entregando a ele – Dê à sua mãe. Você tem mãe, não tem?

Jules sacudiu a cabeça avidamente afirmando que sim.

– Bem, ela saberá o que fazer.

Lucille nunca fora de exigir nada. Nem roupas ou adornos caros e da moda. Seu único pedido mimado tinha sido um pônei quando era criança, a quem amava profundamente. Mas também nunca fora do tipo que saía cantando agradecida dos confortos e regalias que tinha.

Sendo honesta, vez ou outra se irritava com tanta pompa e extravagância. Via agora que, de certa forma, às vezes era ingrata à vida.

– Lucille! – ouviu os gritos esganiçados de Lady Eagleton – Lucille!

Amelia e sua comitiva lançaram olhares curiosos para ela e ao menino sujo ao seu lado. Era indisfarçável as expressões de repulsa e medo, ao ponto de Lucille desejar perguntar o que um menino franzino como aquele poderia fazer àquelas senhoras que mais pareciam gaviões encurralando a presa.

– Venha – o agarre no braço de Lucille parecia delicado, mas teve força o suficiente para afastá-la de quem Lady Eagleton considerava nada menos que indigno de respirar o mesmo ar que ela – Esteve aqui esse tempo todo?

– Sim – disse ao ser conduzida para perto das demais damas – Precisei de um pouco de ar fresco.

– Muito imprudente, menina – repreendeu Lady Hollande que se achava a melhor conselheira do mundo. Tocou o seu braço, puxando-a para o lado dela – Muito imprudente. Se não chegássemos aqui, aquele...

Lucille desligou-se do que ela, Amelia e todas as senhoras começaram a tagarelar enquanto seguiam às

carruagens. Virou desejando ao menos ter oportunidade de se despedir do menino com um sorriso. Também gostaria de poder dizer que ele a procurasse caso precisasse de ajuda. Mas ter um menino de rua batendo à sua porta, certamente deixaria Lady Eagleton ensandecida.

Olhou pesarosamente para trás quando, para sua surpresa, viu o garoto junto ao homem misterioso, que fizera seu coração acelerar por alguns segundos. Os dois caminhavam à frente do gerente razinza da casa de chá, que naquele momento equilibrava vários pacotes em seu peito e exibia um sorriso solícito.

O homem dos olhos negros encarou-a com uma intensidade que fez seu estômago se contorcer.

– Nosso cabriolé está logo ali, minha querida – cantarolou a viscondessa – Teremos uma linda e agradável tarde em Hyde Park.

Lucille manteve toda a atenção no trio que se distanciava dela. Eles caminhavam na direção oposta e a última imagem que Lucille teve do homem que a intrigava foi de suas costas largas abrigadas pela casaca e a forma carinhosa que ele esfregava os cabelos da criança

enquanto caminhavam para longe.

– Lucille? – do cabriolé, Amelia a encarava intrigada.

Desde que recebera a jovem em seu lar, Lady Eagleton achava Lucille avoada e pouco desatenta. Um pouco menos inteligente que as jovens que conhecera, mas era bonita, prendada e tão silenciosa como um gatinho dormindo próximo à lareira. Qualidades que a maioria dos nobres buscava em uma dama que desejavam tomar como esposa. É certo que não tinha muito tempo para lapidá-la para os costumes londrinos, mas tinha certeza que, ainda naquela temporada, encontraria um cavalheiro bondoso que teria relativa paciência com sua pupila.

Tudo o que tinha a fazer era mantê-la longe de libertinos como o conde de Northsham. Claro que o tinha visto e ignorado propositalmente. Também fizera o impossível para desviar a atenção das demais miladies dos lábios e trejeitos sedutores daquele patife. Não esperava reencontrá-lo tão cedo e, menos ainda, que estivesse mais bonito e atraente do que o jovem de que se lembrava.



Fora através daquele pequeno malandrinho caminhando ao lado de Edward que ele conhecera o Sta. Ursula. Certa vez, o menino tentara aplicar um golpe em Edward para ajudar seus amigos orfãos passando por dificuldade.

Isso fizera que tanto Edward quanto Philip tomassem o lugar como responsabilidade deles.

– Fugindo do orfanato mais uma vez, Cole?

O menino não se privou de morder um grande pedaço de bolo confeitado antes de respondê-lo de boca cheia.

– Eu estava com fome.

– Não acredito que a Sra. Beckett esteja deixando as crianças passarem fome.

Se a antiga administradora do orfanato ainda estivesse por lá, Edward possivelmente acreditaria naquilo. Mas ele dera um jeito para que a mulher fosse para bem longe daquelas crianças. A Sra. Beckett era bem mais amável e cuidadosa.

– Bem, não daquela comida ruim – murmurou o menino



como se aquela fosse a explicação para tudo – Mas com certeza não há isso aqui.

No orfanato Sta. Ursula, eles tinham um teto, cama e roupas mais limpas do que as que Cole usava naquele momento. Mas as crianças não tinham regalias como diversão e doces.

– Talvez vocês possam ter – Edward sorriu, afagando a cabeça do menino.

Edward observou Cole e seu mais novo benfeitor se distanciarem dele. Era incrível que com algumas palavras conseguisse fazer o raivoso e desprezível homem transformar-se em uma criatura sorridente e gentil. Não era a primeira vez que usava sua técnica de hipnose para algo bom, mas era a primeira vez que se sentia realmente feliz por ajudar alguém.

Sempre afirmava a si mesmo que ajudava as crianças porque, de alguma forma, o faziam lembrar de si mesmo na infância. A vida miserável que tivera nos últimos dias de vida de sua mãe, quando fora uma criança assustada e faminta.

Mas não foram essas recordações de tempos sombrios

e difíceis que o impulsionaram aquela tarde. Tinha sido aquela jovem, aparentemente delicada, mas corajosa o suficiente para enfrentar aquele homem cruel em prol de um menino.

“*Os ricos nunca olham para trás, Edward*”, recordou as palavras de sua amiga de infância.

Todavia, a jovem dama tinha olhado e feito muito mais do que apenas observar à distância. Ao contrário de Edward, ela tinha agido. O mais natural, até mesmo o esperado, era que ela tivesse fugido aos primeiros gritos daquele homem rude ou que a presença suja e desagradável do menino a fizesse correr sem tentar esconder ou mascarar os olhares de desprezo e horror.

Ao invés disso, Edward vira os olhos safira, claros como o céu em um dia de verão, emanar compaixão e calor. Havia uma espécie de candura que tinha visto apenas nos olhos de sua mãe, quando o embalava à noite, esperando que suas cantigas ou o sono o fizesse enganar a dor da fome.

Ele tinha se surpreendido ao se deparar com a jovem graciosa e que parecia tão luminosa quanto os raios de sol

acariciando o rosto dela. O sorriso genuíno, emoldurado pelos lábios sedutores. Lábios que só poderiam ter sido moldados para serem beijados. E sim, ele desejara isso com uma intensidade intimidante.

E quando seus olhares se cruzaram pela primeira vez na calçada, ele nunca se sentira tão conectado a alguém como se sentiu ao fixar os olhos azuis.

Foi uma pena, entrelaçada a um alívio, que o gerente do bistrô tenha surgido como um búfalo raivoso, jogando toda sua ira em cima da criança indefesa. Mas se não fosse aquele incidente, Edward não poderia ter reerguido suas armaduras e lutado contra o magnetismo que a dama exerceu sobre ele. Foram apenas alguns segundos, mas tiveram força suficiente para deixá-lo atordoado.

Bloqueou o rumo de seus pensamentos e os afastou com um gesto impaciente de mão. Deu-se conta que ainda estava na calçada atrapalhando os pedestres que evitavam esbarrar nele enquanto passavam. Parado em uma postura austera e introspectiva, era uma personificação perfeita da escultura de David, esculpida por Michelângelo. Algumas jovens não disfarçaram os risinhos excitados ao passar

por ele e os homens não escondiam suas lamúrias contrariadas ao tentar desviar para o outro lado da calçada. Contudo, ninguém se atrevia a tirá-lo do caminho.

Talvez nem ele enxergasse que tinha um magnetismo, uma força interior transcendendo dele, que fascinava, atraía e assustava as pessoas e em proporções iguais. E alheio a tudo isso, Edward seguiu para o encontro com o alfaiate da família.

– Lorde Northsham – um senhor de cabelos brancos e olhar gentil, fez uma mesura quando ele entrou – Eu me perguntava quando finalmente viria para tomar suas novas medidas.

Um laçaio foi até o conde e ajudou-o a se livrar da casaca. Edward olhou em volta da alfaiataria enquanto se livrava das luvas, também entregando ao criado. O lugar era elegante, os móveis feitos em nogueira e outras madeiras finas.

O Sr. Hughes era um homem talentoso, mas resistente à mudança e extremamente apegado ao conservadorismo. O que por um tempo fizeram com que alguns de seus clientes

optassem por novas casas de costura. Além de sua teimosia ao novo alfaiate, atrelava a excentricidade de apenas vestir a elite londrina.

Obviamente, o acordo entre Hughes e o antigo conde de Northsham vinha da constante falta de recursos do tio de Edward e o possível fracasso dos negócios do alfaiate. Elliot usava mais do que sua influência entre a nobreza para manter a alfaiataria em movimento.

O alfaiate coçou o queixo e andou em volta de Edward avaliando o quanto ele tinha mudado desde que o vira pela última vez.

– Acho que ainda tenho por aqui as suas medidas – ele verificou em seu catálogo – Parece um pouco mais encorpado nos ombros e peito... hum... No entanto, o quadril está mais estreito. Anda praticando algum esporte?

– Esgrima – murmurou enquanto o assistente do alfaiate atualizava suas medidas.

– Isso explica o fato dos braços e pernas terem dobrado de tamanho – Hughes mais parecia dar voz ao pensamento do que realmente estar dirigindo suas

conclusões ao jovem conde – Sinto muito pelo falecido conde, seu tio – disse ao mexer nos painéis de tecidos – Foi uma partida súbita e sentida por todos.

Elliot fora um patife da melhor estirpe, mas sustentara uma imagem respeitosa ao longo dos anos, poucos conheciam a real essência de seu tio. Edward admirava e ressentia-se do comportamento dúbio que ele administrou ao longo dos anos.

– Ele me disse que o senhor... – ouve um leve pigarrear antes de continuar – Foi o melhor pupilo que ele já teve.

– Provavelmente por ter sido o único.

Primeiramente, porque o estudo do tio em relação aos poderes e dominação da mente não era visto pelas outras pessoas com seriedade. Ele teria que revelar alguns aspectos que o colocaria em situações, no mínimo, embaraçosas, se não criminosas. Elliot não confiava em muitas pessoas para passar adiante o que passou a vida toda estudando. Mas ele vira no sobrinho algo que o jovem duvidava existir em si mesmo; algo mais forte e natural. Um dom passado de seus ancestrais do lado

materno, detalhes que só veio a descobrir através do tio, meses antes de sua viagem.

– Posso concluir que nosso acordo continuará o mesmo.

Mesmo que quisesse, Edward não tinha opção. O pouco dinheiro que ainda tinha mal cobriria as despesas básicas das próximas duas semanas (Poderia ter retido uma quantia maior do que ganhara no jogo e doara ao orfanato, mas para Edward, o orfanato precisava mais do que ele), e ele não poderia enfrentar a nova temporada com roupas gastas.

– Acho que posso manter o acordo, Sr. Hughes – murmurou em tom entediado e deixou que o assistente tirasse suas medidas – Conseguirá entregar tudo a tempo?

Não apenas manteria o trato, como também o melhoraria. Se podia usar os clientes a favor do alfaiate, poderia usar o alfaiate a favor de si mesmo e a quem fosse usar seus serviços.

– Sabe, Sr. Hughes... – dirigiu-se a uma das poltronas e fez um sinal para que o homem o seguisse – Eu estive pensando...

O tom de sua voz, especialmente na ênfase em algumas palavras, mudou sutilmente enquanto o conde o envolvia com um olhar firme. Hughes era como uma serpente sendo envolvida pelo flautista e sua música hipnótica. Antes que o alfaiate percebesse, e mais rápido do que Edward esperava, o acordo feito há muito tempo por Elliot Halton havia mudado consideravelmente.

A moda londrina, tema que entediava Northsham profundamente, agora não era algo com que ele precisaria se preocupar por um longo tempo.





# Capítulo 5

Lucille nunca sentira tanta ansiedade com a perspectiva de caminhar durante a tarde no Hyde Park como vinha sentindo nos últimos dias. Ela tentou de todas as formas possíveis e imagináveis esquecer o episódio na casa de chá, como também buscou ignorar qualquer pensamento em relação a aquele homem intrigante. Mas quanto mais se exigia não ponderar sobre ele, mais via sua mente aguçada seguindo naquela direção.

Se ao menos pudesse perguntar algo a Lady Eagleton ou investigar alguma coisa com o visconde, talvez se sentisse menos interessada. Mas Lucille sequer sabia o nome dele e tampouco onde vivia. E suas únicas oportunidades para desvendar alguma coisa do homem que havia arrancado algumas noites de seu sono e que a fizera parecer ser mais distraída que o habitual, vinham daqueles aborrecidos passeios no parque antes da temporada começar.

Ainda assim, tivera todas as suas tentativas frustradas.

Encontrar alguém no Hyde Park que não queria ser visto era como procurar agulha em um palheiro e Lucille nunca fora uma jovem de muita paciência. Atrelado a isso, havia o fato de ter de aguentar o constante tagarelar de sua tutora, das amigas dela e das filhas, cujas única forma de entretenimento era se exibirem a quem consideravam rival, lançar críticas severas (e na maioria das vezes ácidas) sobre conceitos de moda. Afinal, era para isso que serviam os passeios no Hyde Park. Observar e ser observado, como uma joia na prateleira.

– Completamente inapropriada – disse Lady Eagleton quando desceram da carruagem.

O cocheiro ajudou Lucille a descer e ela agradeceu com um sorriso que foi retribuído por outro desconcertado.

– Mas o que esperar da pobre garota se a mãe é igualmente... – Amelia parou no primeiro lance de escada para reorganizar seus pensamentos antes de virar para Lucille – Eu diria milhares de vezes mais inadequada do que a filha. Ah, Lucille, deve me prometer que nunca fará algo tão ultrajante.

– Eu prometo – garantiu rapidamente, antes de entrarem na casa.

Embora não tivesse a mínima ideia do que prometera, passara todo o caminho de volta com a mente vagando sobre o homem que encontrara na casa de chá. Quem seria ele? Alguém que faria Lady Eagleton recorrer aos seus sais aromáticos, com toda certeza, Lucille sorriu para si mesma.

– Sr. Middleton! – disse Amelia assim que o avistou próximo à janela com o visconde – Esperávamos pelo senhor em três semanas.

Lucille não deu a mínima importância aos bons modos e decoro quando correu animadamente, saltando nos braços de seu irmão. Ele a girou rapidamente no ar, deu um beijo carinhoso em cada uma de suas bochechas e a manteve abraçada junto a ele, no instante seguinte.

Allan possuía os mesmos cabelos claros e olhos azuis cristalinos de Lucille e qualquer pessoa conseguiria notar o parentesco entre eles.

– Eu consegui antecipar algumas pendências nos Estados Unidos – elucidou Allan, levando-lhe os dedos

cordialmente a centímetros de seus lábios sorridentes – Espero que isso não tenha me tornado um pequeno inconveniente, milady.

Encabulada ou apenas contagiada pelo charme praticamente irresistível que Sr. Middleton transmitia, Amelia emitiu os risinhos típicos de uma debutante apaixonada antes da primeira dança em um baile. Era uma pena para ela que um cavalheiro tão distinto e agradável como o Sr. Middleton fosse apenas um rico americano, sem um título de relativa importância.

– De maneira alguma. É sempre muito agradável tê-lo aqui – Lady Amelia empertigou-se como se de repente lhe ocorresse algo muito importante – Precisarei de apenas alguns minutos para deixar seus aposentos mais confortáveis.

– Já solicitei que Bates levasse os pertences de Sr. Middleton até seu quarto – interrompeu Lorde Harold, com um meneio de mão – Sr. Middleton e eu iremos até o White's.

– Essa é uma excelente ideia – Amelia sorriu aliviada – Enquanto isso, supervisionarei os últimos detalhes de

sua estadia, Sr. Middleton.

– Allan, você não poderia ir amanhã?– disse Lucille, queixosa – Há tanto que eu gostaria de lhe dizer.

– Querida Lucille, prometo que amanhã cada minuto do meu dia será voltado a você – Allan beliscou o queixo dela com delicadeza – Hoje, tenho negócios a tratar com o visconde.

Depois que os pais morreram, o jovem assumira a responsabilidade de cuidar da irmã e dos negócios da família com obstinação, sendo o último a ocupar grande parte do seu tempo. Poucos sabiam que o seu pai fizera investimentos arriscados e que quase levaram a família à falência. Em um prazo de dois anos, Allan não só recuperara as finanças como triplicara os rendimentos. Sua atenção agora estava voltada à industrialização na Inglaterra e os futuros negócios que poderia fazer ali.

– Eu valho mais do que o ouro em seu bolso, Allan – gracejou Lucille ao desfazer o bico aborrecido com um sorriso doce.

Allan ampliou o sorriso diante da brincadeira. Essa era uma provocação que a mãe deles fazia sempre que sentia

que o marido a negligenciava em relação aos negócios.

– Ouro nenhum se compara a você – disse ele dando a mesma resposta que o pai usava para driblar tal acusação – A joia mais preciosa da minha vida.

Ambos sentiam imensa falta do casal apaixonado. Cresceram em um lar amoroso e cheio de alegria. Allan desejava para Lucille alguém que a respeitasse e viesse a ter por ela o mesmo amor que o pai nutrira por sua mãe. Ela, por sua vez, esperava que ele encontrasse uma dama que o fizesse pensar além de seus cálculos e números.

Lorde Eagleton pigarreou e Lady Amelia fingiu concentrar-se na façanha de retirar as luvas. O momento familiar e saudosista fora quebrado e Allan colocou-se em uma postura austera e indiferente, mas disfarçadamente deu uma piscadela à irmã.

– Espero que o duque de Barkston esteja no White's – Harold foi o primeiro a se pronunciar – Achará interessante os pensamentos dele sobre a industrialização.

A forma como Eagleton disse aquilo, com um sorriso disfarçado sob o bigode espesso, dizia aos irmãos que a reação de Allan seria exatamente o contrário. Como um

nobre, o duque de Barkston deveria ter arraigado o pensamento de que novas formas de enriquecer proporcionado pelo progresso não eram algo digno à nobreza.

– Tenho certeza que será bem interessante – afirmou Allan quando saíram em direção ao clube.

Quando alcançaram o andar superior, Lucille alegou uma leve dor de cabeça para escapar de Lady Amelia. Acomodou-se em uma das quatro cadeiras em volta da mesa redonda, na saleta particular, adjunta ao seu quarto. Entre seus poemas de Thomas Wyatt e uma pilha significativa de livros, ela retirou as dezenas de folhas que tinha transformado em um livro.

Lucille começara muito nova escrevendo em diários. Mas falar do que comia, bebia ou fazia, parecia-lhe extremamente aborrecido. Então, passara a criar suas próprias histórias, tendo como inspiração as pessoas à sua volta.

Nunca se vira na pele de uma frágil heroína, tampouco sonhara com um príncipe encantado. Era mais divertido transformar histórias reais em contos românticos. Mas



desde que se deparara com os olhos mais negros e impressionantes que vira na vida, as palavras simplesmente saltavam da sua cabeça para a folha de papel.

*Ela nunca se sentira tão ligada a alguém e, ao mesmo tempo, assustada ao se deparar com as emoções incontroláveis que aqueles olhos profundamente negros, causavam a ela. Olhar que intimamente...*

Lucille amassou a folha com raiva e caminhou sem sentido pelo quarto. Recordar o que sentira naquela tarde e conseguir colocar no papel eram coisas completamente diferentes. Além disso, sequer conseguia entender seus sentimentos. Pouco sabia sobre o cavalheiro e muito queria descobrir sobre ele.

Jogou-se na cama e fixou o olhar no acabamento dourado que decorava o teto. Aquela seria uma longa noite, refletiu ela, uma longa e perturbadora noite em que seus pensamentos estariam em qualquer lugar, menos naquele quarto.

Só mais dez minutos, contou Edward em pensamento. Estava há apenas uma hora no clube de cavalheiros e já sentia as veias em sua têmpora pulsarem. Embora tivesse que concordar com seu amigo Philip, que algumas horas socializando permitiria que analisasse novos clientes, ele preferia estar em qualquer outro lugar do que no White's. Em algum bordel da cidade talvez ou enroscado nos lençóis de seda de sua última amante.

Lady Belleville acabara de regressar a Londres, após uma longa temporada no campo, e não esperara muito tempo para que Edward soubesse que sua visita era muito mais do que bem-vinda.

– Pretende jogar hoje, Northsham? – perguntou Philip quando as mesas de jogos começaram a ser formadas.

Edward era bom com as cartas e quando usava a manipulação da mente a seu favor, era aniquilador, dificilmente saía com os bolsos vazios. E certamente ter os bolsos cheios essa noite garantiria a ele uma semana relativamente tranquila, até mesmo regada a um pouco de luxo.

Mas não viera ao White's para isso. O objetivo era circular entre os cavalheiros, fazer uma avaliação minuciosa e se informar do que tinha perdido no ano em que ficara viajando pelo mundo.

Em um pouco mais de uma hora, constatou que nada havia mudado realmente. Deixando de lado alguns rumores e escândalos sociais, o assunto mais discutido entre os cavalheiros visionários era o processo de industrialização que vinha crescendo e a Revolução Industrial, termo que começava a se propagar pelo país, era algo que interessava Edward mais do que adotar os meios de sobrevivência nada escrupulosos do tio.

– Um felino nunca ataca, Philip – observou Edward num quase sussurro – Primeiro, observa sua presa.

– O felino seria você – replicou Philip, trocando o copo vazio por outro com brandy, assim que um serviçal passou por eles – Uma perfeita analogia. Descobriu algo que o interessasse?

Edward descobriu que queria ser mais do que um conde falido, mais do que um vigarista agraciado com título. Seu poder (assim como Philip gostava de chamar)

deveria ser usado para mais do que alguns golpes.

– Veja só. O visconde de Eagleton acabou de chegar – Philip indicou a porta onde dois cavalheiros entravam – E parece que estamos em um dia de sorte. Aquele homem com ele é Allan Middleton.

Lucille Middleton era a dama que estava deixando Philip entusiasmado. Aquele homem só poderia ser o irmão dela.

– Ele não chegaria daqui a três semanas? – Perguntou a Philip, intrigado.

Até lá a temporada de bailes, soirées e saraus estaria a pleno vapor. Antes de colocar o plano que favoreceria seu amigo, Northsham precisaria de alguns momentos sozinhos com a Srta. Middleton. Para isso ele teria que ganhar sua confiança.

Sendo ela protegida da viscondessa de Eagleton, não seria uma tarefa muito fácil, visto que a mulher o desprezava. A presença de um irmão protetor dificultaria ainda mais a tarefa de conseguir hipnotizar a jovem dama.

– O pouco que consegui investigar através do meu pai – ele empinou o queixo em direção aos dois homens que

agora falavam com um trio de cavalheiros, próximo à porta – e com Lorde Eagleton, é claro, é que Middleton tem grande interesse em fazer negócios na cidade.

De onde estava, Edward avaliou o Sr. Middleton. Era jovem, por volta de trinta anos. Ouvia e observava as pessoas mais do que falava. Para Northsham, aquilo não significava que tinha pouco a dizer, mas que, assim como ele, preferia ponderar antes de enunciar qualquer opinião. Às vezes parecia introspectivo, outras vezes respondia algum questionamento com um meio sorriso ou um simples menear de cabeça.

Havia alguma coisa nele que deixava Edward intrigado, era uma sensação indelével, muito difícil de explicar. Como se o conhecesse, embora tivesse certeza que jamais o tinha visto antes. Existia no Sr. Middleton algo familiar e que ele não era capaz de identificar em um primeiro momento.

– Vamos até eles – Edward depositou sua taça sobre a mesa e se levantou.

– Acha isso prudente? – replicou Philip.

– Caro Philip, algo me diz que o caminho mais curto

até o coração da sua musa – Edward olhou fixamente o pequeno grupo que havia se formado em volta de Middleton e Lorde Eagleton – É através do irmão dela.

Philip resmungou alguma coisa sobre não estar tão certo sobre isso, algo que, claramente, Edward ignorou.

– Isso é o progresso! – rebateu um cavalheiro um pouco mais exaltado.

Northsham não sabia dizer se seu acaloramento devia-se à quantidade significativa de bebida que ingerira ou se realmente estava empenhado em defender uma causa que muitos nobres pouco davam a real importância.

– Eu digo que é um regresso – contrapôs o barão de Lansdowne Park, conhecido por sua rabugice e pensamentos conservadores – Esses proletários caem às pencas pela cidade como uma praga de roedores.

Para Lansdowne, as pessoas estavam à sua altura ou abaixo dela. A promessa de que qualquer um pudesse progredir derivado de trabalho e suor do corpo era algo impensável para ele. Porcos poderiam ser cobertos de ouro, mas ainda assim, continuariam imundos.

Logo, uma nova e acalorada discussão se iniciou.

Middleton tinha um olhar divertido, enquanto Eagleton encontrava-se próximo a explodir.

– Lorde Northsham – Harold viu no conde a oportunidade perfeita de esquivar-se da confusão ridícula que tinha se construído –, eu me perguntava quando iríamos nos encontrar.

Edward sabia que o visconde tinha negócios com seu tio, pois, o vira em sua casa de Londres algumas vezes, ainda que nunca tivesse tido a curiosidade de saber quais interesses os ligavam.

– Milorde – ele fez uma breve mesura –, é sempre um prazer revê-lo.

– Ah, Lorde Owen, não o tinha visto parado aí, como uma múmia – resmungou Harold – Estive com seu irmão outro dia. Grande homem aquele.

Philip sofria da síndrome do filho mais novo. Nada do que ele fizesse ou falasse teria relevância. Mesmo assim, Edward o considerava um homem de sorte. Uma família ruim (mesmo aquele não sendo o caso de seu amigo) era melhor do que não ter família nenhuma.

– Lorde Northsham, quero apresentá-lo ao Sr.

Middleton – disse Harold, afastando alguns centímetros para que Allan fosse o foco de sua atenção – Ele e a irmã, que debutará este ano, vieram da América e são nossos hóspedes.

Após todas as apresentações e saudações iniciais, Edward formulou a pergunta que o levara até ali.

– Eu já o conheço de algum lugar?

Allan o encarou pensativo. Sempre fora um bom fisionomista e não se recordava de ter cruzado com um homem como ele. Embora o conde fosse um nobre inglês, havia um ar de indomável nele.

– Já estive nos Estados Unidos? – indagou Allan.

– Ainda não. Viajei pela Europa e África. Ainda não me aventurei pela América.

No entanto, persistia a Edward que o conhecia de algum lugar.

– Northsham, o que acha sobre o que aqueles tolos discutem ali? – perguntou Harold.

Apesar da discussão a alguns metros deles estar um pouco menos acalorada, o pequeno grupo que apoiava Lorde Lansdowne mantinha-se firme contra os idealistas



jubilosos.

– Acho que a Grã-Bretanha se transforma em uma grande oficina mecânica. Todo homem capaz de fazer história com as próprias mãos é no mínimo digno de admiração. Não será possível parar o progresso, Lorde Eagleton, e nem as mudanças que farão em nossa sociedade – replicou Edward, encarou o barão e olhou para os lordes em volta – Vejo dias sombrios, mas sobreviverão aqueles imbuídos de inteligência, nobreza de alma e não apenas a relacionada a um título. Haverá um tempo em que nada disso terá importância.

Harold, o visconde de Eagleton pigarreou, cruzando as mãos atrás das costas. Ponderou sobre o pequeno discurso acalorado de Edward, discordando e concordando em alguns pontos. Ele acreditava em todas as facilidades e maravilhas que a industrialização começava a trazer. Mas duvidava que as divisões de classes deixariam de existir algum dia. Se títulos não significassem tanto quanto hoje, o dinheiro falaria mais alto. Para cada homem rico no mundo, haveria centenas de pobres.

– Um pensamento um tanto audacioso, devo dizer –

observou o visconde.

– Não – contrapôs Middleton – Acho que ele está absolutamente certo. São os homens que alguns desprezam – olhou furtivamente para o barão de Lansdowne Park – Que constroem a história de um país. Não importa se é aqui, na América ou qualquer parte do mundo. Os tolos ficarão para trás, isso é inevitável.

Edward vira que Allan Middleton não era apenas um cavalheiro inteligente. Ele possuía uma sagacidade da qual ele se sentia obrigado a admirar. Talvez estivesse diante da solução de seus problemas. Afinal, pelo que soube através de Philip, ele investira em alguns negócios do conde apenas para que ele tivesse como protegida a sua irmã.

– Ouso dizer que não é um tolo, Sr. Middleton – disse Edward indicando o corredor que levava a alas mais reservadas – Gostaria de saber um pouco mais sobre a sua filosofia.

– Ah, elas são bem interessantes, Northsham – murmurou o visconde, apurando o peito – Muito interessantes eu diria.

Ao que Edward notava, o jovem americano despertara em Harold um sentimento paternalista. Por sorte, e diferente da viscondessa, sua esposa, Lorde Eagleton não tinha qualquer aversão em relação a ele. Sua mente começava a fervilhar com novas possibilidades. Poderia ajudar Philip e a si mesmo em uma única tacada.

– O que você está fazendo, Edward? – Philip segurou-lhe o braço, atrasando-o da dupla que seguia conversando à sua frente.

– Isso é algo... – murmurou antes de voltar a caminhar – que ainda pretendo descobrir, caro amigo.



A mansão de Lady Belleville encontrava-se no número oito da Balfour Place, em Mayfair. Viúva de um duque que tivera o triplo de sua idade, criara aversão pelo marido e ao casamento forçado desde o primeiro dia de enlace. Della Belleville desejava desfrutar da liberdade e fortuna que o marido havia deixado.

Não era incomum que jovens infelizes em seus matrimônios arranjos recorressem aos sedutores

libertinos para aquecer a cama e alma atormentada.

Edward sempre preferira as viúvas ricas e descomplicadas. As mulheres casadas geralmente logo se viam apaixonadas por seus amantes e, atrelado a essa incômoda complicação, existiam maridos furiosos em busca de revide. Uma viúva nunca esperava mais do que algumas noites regadas ao prazer. E porque Della e Edward conheciam o limite de cada um, eram amantes há um pouco mais de um ano. Além disso, usara seu poder de manipulação apenas duas ou três vezes com ela, Belleville era uma mulher generosa e não fora preciso ir muito além disso.

– Edward, pensei que não chegaria nunca – disse ela queixosa, erguendo-se de sua cama em dossel, exibindo a ele seu corpo completamente nu – Acho que não poderia perdoá-lo se não aparecesse.

– Um compromisso inesperado prendeu-me no White's – disse ele, tirando o colete e diminuiu o espaço que havia entre eles – Mas não houve um momento que não pensasse em você, minha querida.

Não era um completo embuste. Na primeira hora do

clube, desejou realmente estar aninhado entre os lençóis de Belleville. Bem, se ele fosse realmente sincero, poderia ser na companhia de qualquer mulher bonita e agradável.

Tinha até cogitado ir até um bordel da cidade, mas a conversa produtiva com o Sr. Middleton havia alterado completamente seus planos. Allan tinha uma pequena fortuna para investir em uma fábrica e Edward tinha influência e, logo, as terras onde seria instalado o novo empreendimento do Sr. Middleton.

– Por que será que não acredito nisso? – indagou Della com um sorriso.

– Talvez... – Edward puxou-a mais para seus braços, deslizou a ponta da língua na curva de seu pescoço – Seja mais inteligente do que demonstra, minha querida.

– De qualquer forma, isso não importa – murmurou ela antes de emitir um pequeno suspiro de prazer – Tudo o que importa é que esteja aqui, Edward.

Ele tomou seus lábios em um beijo profundo até que ela se mostrara sem fôlego. Com a ponta da língua, percorreu a curva do pescoço delicado chegando ao colo

ofegante. Alcançando os seios intumescidos, cobriu um mamilo com sua boca. Os olhos de Edward sempre focados nas reações do rosto contorcido de luxúria da amante. Acariciando-o com lábios e mãos exigentes.

Explorou cada centímetro do corpo feminino que se ondulava em seus braços. E quando chegou ao triângulo umedecido entre as coxas femininas, ouviu Lady Belleville convulsionar e entregar a fonte de seu prazer em seus lábios.

Com a dama ainda trêmula e entregue às reações explosivas de seu corpo e carícias provocadas por Edward, ele livrou-se das roupas. Tomou os cuidados necessários para que nenhuma consequência viesse da união de seus corpos.

– Edward... – gemeu Della, encarando-o com olhar carregado de desejo, enquanto ele arremetia para dentro dela – Oh, Edward.

Ele sempre apreciara desfrutar do ato sexual, prolongar o prazer. Mas essa noite, quando se via dentro dela, Edward não enxergava os olhos castanhos, embevecidos pela lascívia. Em vez disso, enxergou

incríveis e delicados olhos azuis olhando para ele. Como um fantasma se intrometendo entre ele e a duquesa.

Determinado a colocar um fim àquela loucura (não havia definição melhor para atribuir a isso além de loucura), ele a virou de bruços, suas investidas tornando-se mais rápidas e fortes.

– Edwaaaaaard... – Della grunhia fora de si, enquanto era tomada de uma forma que nunca imaginara ser possível até aquela noite.

Ele sempre fora um amante apaixonado, mas, naquele momento, existia uma selvageria que o incendiava – Ahhh...

Os dois atingiram o ápice do prazer e, por alguns segundos, Edward conseguiu afastar aqueles olhos azuis de sua cabeça.

O dia já começava a clarear quando ele se deu conta de que havia negócios a serem tratados ali. Ficara tão irritado consigo mesmo, pela sua incapacidade de afastar aquelas lembranças, que buscou Lady Belleville sempre que o corpo exausto se recuperava.

– Della? – alisou as costas nuas com as pontas dos

dedos.

– Edward, deixe-me dormir – ronronou ela, aninhando-se mais em seu peito – Se eu soubesse que uma pequena temporada no campo o deixaria assim, teria atrasado meu retorno um pouco mais.

– Não sabia que tinha queixas antes, madame – ele respondeu com um meio sorriso.

– Nunca diria isso. Só nunca o vi tão... – ela bocejou – Nunca o vi tão intenso.

Edward refletiu sobre aquilo. Geralmente, era mais delicado com suas amantes e mais intenso com as meretrizes. Mas desde que tivera aquele encontro com a dama de olhos azuis, seus pensamentos e desejos fugiam de seu controle. O que, de certa forma, o irritava. Há muito tempo passara de um juvenzinho cuja timidez e rosto angelical de uma dama o deixavam atordoados. Aprendera muito cedo que na maior parte das vezes, se não todas, eram apenas um engodo para ter seus admiradores como abelhas em torno delas.

– Você tem terras em Bristol, não?

Sabendo que Edward não a deixaria em paz, Della



escorregou pela cama e apoiou o cotovelo para encará-lo.

– Em Whitechapel – respondeu ao alisar o peito dele – Segundo meu administrador, sem valor algum desde que a massa operária começou a dominar o lugar. Não sei por que o duque adquiriu aquelas terras se não servem para nada.

– Então, não faria nenhuma diferença a você se livrar delas?

– Não que tenha conhecimento.

Aquilo chegava a ser um alívio para Edward. Ele não era um santo, mas nunca tirou de quem não tinha nada a oferecer ou que lhes fizesse falta. Consideraria aquilo como um empréstimo. Se o Sr. Middleton estivesse certo em suas apostas em investir em ferrovias, em um futuro não muito longo, Edward se tornaria um dos homens mais ricos de Londres.

Ele poderia dar adeus aos truques sujos ensinados pelo seu tio. Poderia fazer mais do que convencer gerentes de docerias a matar a fome de meninos maltrapilhos, mais do que simplórias doações a orfanatos, como o Sta. Ursula, e muito mais pelos seus arrendatários em Northsham. Há

algum tempo, vinha pensando em seus amigos de infância e no que o destino os reservara. Após a morte da mãe e sua partida para o internato, nunca mais olhara para trás. Talvez pudesse ajudá-los de alguma forma se decidisse finalmente procurá-los.

Edward sentia que estava na hora de deixar aquela vida desregrada e fazer algo importante que deixaria sua mãe orgulhosa. E foi aquela garota, de olhos claros, cuja bondade o tocara, que fizera abrir as comportas de seu passado e a forma que vinha conduzindo sua vida.

Certamente não era ou se tornaria um santo, mas como Philip costumava dizer, poderia tentar se tornar uma pessoa melhor.



# Capítulo 6

Lucille detestava os malditos espartilhos, as armações, as três camadas plissadas da saia em forma de sino. Irritava-se por ser obrigada a ter que passar algumas horas sufocada naquilo tudo e, principalmente, com os sapatos que apertavam seus dedos mindinhos – mas o importante era que parecesse delicada.

E quando Lady Eagleton sugeriu que a dama de companhia apertasse um pouco o espartilho para que sua cintura ficasse mais fina (como se aquilo fosse humanamente possível), Lucille teve ímpetos de agarrar os próprios cabelos, desfazendo o delicado penteado que haviam feito nela e sair gritando pelo quarto.

Por que as mulheres tinham que ser tão punidas? Tanto sacrifício apenas para agradar e atrair um homem?

Sinceramente, se ficar solteirona garantisse abolição de todos os espartilhos e vestidos pesados, aceitaria o destino de bom grado.

– Deixe-me olhá-la mais uma vez – Amelia deu alguns

passos para trás, analisando sua pupila como quem admirava um quadro em exposição – Está esplendorosa, Lucille. Se o bom Deus tivesse me agraciado com uma filha, desejaria que fosse igualzinha a você.

Por todos os anjos que há no céu, Lucille não desejaria um destino mais enfadonho. Estava muito agradecida por Lady Eagleton recebê-la tão bem em sua casa (mesmo que tenha sido paga) e por carinhosamente tê-la ensinado tudo o que sabia sobre normas, que a fariam uma debutante perfeita, mas ela não conseguia se ver como filha dela.

Teria morrido de tédio ou teria se tornado como uma das jovens insípidas que encontrava ocasionalmente, soltando risinhos frívolos para qualquer cavalheiro que cruzasse seu caminho.

A mãe de Lucille fora uma mulher cheia de vida e alegria contagiante. Não vira um só dia que recorrida a sonecas durante a tarde para repor as energias ou recorrer aos sais aromáticos quando algo parecia sair de seu controle.

Mas, ao olhar-se no espelho, Lucille teve que admitir, Lady Eagleton tinha feito um magnífico trabalho com ela.

O corpete em V realmente fazia com que sua cintura afliesse e o decote quadrado dava certo volume aos seus seios. O branco e azul do vestido acetinado realçavam sua pele alva e faziam com que seus cabelos parecessem mais dourados que o habitual. Ou talvez tenha sido algo que a criada borrifou em seu cabelo e que, para variar, Lucille não prestara atenção ao que era. De qualquer forma, ela nunca se sentira tão bonita ou, como Lady Eagleton tinha falado há pouco...

Ah, sim. *Esplendorosa!*

Nunca ligara muito para o que as pessoas pudessem dizer sobre sua aparência. Mas sabia que naquela noite isso era de suma importância. Precisava impressionar não apenas os cavalheiros a quem disputaria a atenção, mas todas as damas em que deveria causar inveja.

– Aqui, tome – a viscondessa entregou-lhe as luvas brancas e o leque, trabalhado nas mesmas cores do vestido – Perfeita.

Como primeiro baile da temporada, Lucille sabia que deveria estar nervosa. Mas era exatamente o oposto o que sentia. Na verdade, estava animada e ansiosa com a

possibilidade de conhecer novas pessoas e suas histórias. Talvez ela conseguisse escrever algo mais em seu romance do que aqueles *profundos olhos negros*... Um bom romance tinha que ir além dos protagonistas, os coadjuvantes também ajudavam a dar mais consistência às histórias.

E embora tivesse que se desculpar mentalmente, mais uma vez, Lady Amelia e Lorde Harold eram bem pouco interessantes. Talvez, de vez em quando, o visconde, com suas tiradas sarcásticas e opiniões sobre política e economia, chamassem atenção de Lucille. E isso, infelizmente, não era um assunto que ela pudesse explorar.

Não era bem-visto que uma dama discutisse tais assuntos. Uma jovem poderia ser delicadamente espirituosa, mas nunca deveria se mostrar muito inteligente.

E como Lucille era distraída demais para manter conversas frívolas, geralmente respondia alguma pergunta com extrema sinceridade e sinceridade excessiva sempre a colocava em situações desconfortáveis. Então, na maior parte do tempo, mantinha-se calada e fazendo anotações

mentais, notas que vorazmente eram descritas em seu diário.

Às vezes o que a confortava era a crença de Allan de que dias melhores não tardariam a chegar, a sociedade que nós conhecemos hoje mudaria. Lucille esperava que as mulheres tivessem as mesmas oportunidades oferecidas aos homens. E que ainda estivesse viva para presenciar tal mudança.

*Ah, o progresso!*

O progresso traria uma gama de novas oportunidades. Esse foi um dos discursos que Allan recorreu para convencê-la a ir para a Inglaterra. Seu irmão tinha grandes sonhos, e por mais que Lucille amasse sua casa de campo, na América, queria mergulhar nessa aventura com ele.

Provavelmente estivesse sendo otimista demais, ou uma dama à frente do seu tempo (e não era um elogio, de qualquer forma), mas simplesmente não conseguia enxergar a vida de outra maneira.

– Lucille?! – chamou Amelia arrancando-a de seus devaneios.

– Sim, Lady Eagleton?



– Devemos descer agora. Lorde Eagleton deve estar um poço de impaciência – ela suspirou – Pobre Sr. Middleton, tenho pena que tenha o aguentado por tanto tempo.

Aquilo era incrível. Lady Amelia sentia compaixão por Allan suportar alguns minutos de rabugice vindos do Visconde, mas não se compadecia dela com espartilho e sapato apertado. Verdadeiramente não era um mundo justo para as damas.

– Veja, Lorde Eagleton. Eu não disse que a espera valeria a pena – Allan caminhou até elas, assim que surgiram na sala de espera – Está belíssima, minha senhora.

Lady Amelia usava um vestido verde musgo com detalhes em renda preta. Ela enrubesceu violentamente quando Allan se inclinou para tocar sua mão enluvada com os lábios.

– Sr. Middleton – murmurou encabulada – É sempre tão gentil.

Dramaticamente, ela usou o leque para se abanar e o brindou com sorriso de encantamento.

Lucille refreou a vontade de revirar os olhos, enquanto Lorde Eagleton pigarreou ruidosamente. Middleton apenas ampliou o sorriso antes de beijar cada lado do rosto da irmã.

– Lucille – murmurou ao tomar o lugar ao seu lado – Também está muito bonita.

– Você também está muito bonito, meu irmão.

A Landau, carruagem de teto conversível e muito luxuosa, adquirida recentemente pelo Sr. Middleton com propósito maior de atender Lucille e Lady Eagleton durante toda a temporada, fizeram os olhos da viscondessa suspirarem.

O cocheiro abriu a porta e Allan ajudou a irmã a se acomodar, Lorde Eagleton fez o mesmo com sua esposa. Middleton e o visconde se enveredaram em uma conversa sobre um novo empreendimento envolvendo o conde de Northsham que, de alguma forma, irritava Lady Amelia e a fazia olhar para fora da carruagem.

Lucille desejou que o teto conversível da carruagem estivesse rebaixado e, assim, pudesse olhar para o céu, embora ele não se comparasse às lindas noites estreladas

que tinha no Mississippi. Assim, restava a Lucille afastar as cortinas para observar o movimento das outras conduções que lotavam as ruas.

O percurso até a St. James, onde ficava o Almack's, não era longo, mas o movimento estava relativamente intenso devido ao baile, e seria impensável para Lady Amelia chegarem atrasados.

Havia tantas pessoas e Lucille era apresentada a tantas delas, que duvidava conseguir gravar todos os nomes.

Fora apresentada à Lady Cowper e recebera sua aprovação. Claro que devia atribuir e dar a maior parte do crédito ao seu irmão Allan, que com sua sagacidade e comentários espirituosos, acabou arrancando um ou dois sorrisos da dama. Aparentemente o ingresso da família Middleton à alta sociedade londrina fora aprovado.

Lucille até mesmo tinha quase toda sua caderneta de baile preenchida. Mas, segundo as orientações de sua mentora, deveria deixar espaço para que algum jovem de boa família e atrasado tivesse a oportunidade de ter uma valsa com ela.

— Veja quem está com Lady Jersey — resmungou

Amelia, entregando um copo de limonada a Lucille, assim que ela retornou de uma dança – O patife do conde de Northsham. Ainda não entendo o fascínio que ele exerce sobre elas.

Lucille olhou na direção que ela indicava. Podia ver perfeitamente Lady Jersey, rodeada por um grupo de cinco pessoas, duas mulheres e três homens, sendo um deles seu irmão Allan, um jovem que já vira, mas não se recordava quem era, e o terceiro estava de costas.

Era alto e tinha cabelos incrivelmente negros, negros como a crista de um puro sangue. Ele mantinha o punho pressionado à cintura, isso fazia com que a sobrecasaca que ia até os joelhos, parecesse ainda mais justa na cintura. Era difícil ignorar os ombros largos e a postura imponente.

Que estranho, pensou ela. De alguma forma, ele a fazia recordar de alguém. Mesmo àquela distância havia alguma coisa que a atraía. Fios invisíveis a puxando para ele. Só sentira as mesmas sensações quando...

Como que atraído pelos pensamentos dela, o cavalheiro virou em sua direção e por alguns segundos

Lucille sentiu o ar lhe faltar.



Eles estavam discutindo sobre as vantagens e desvantagens de um casamento, já que Edward, estando ali, também era alvo fácil para mães casamenteiras. Apesar de não ter um único vintém, e ninguém seria deselegante para citar isso, ser o oitavo conde de Northsham classificava-o como um bom partido. Mesmo com sua fama de um bom vivaz (aliás, sua pequena fama de libertino), tornava-o um desafio bem maior. Todas as jovens tolas e apaixonadas acreditavam ter o poder de modificar um homem perdido.

Afinal, quase todo libertino era conhecido por seu carisma e habilidade de conquistar as mulheres com seu charme. Era essa explicação que muitas pessoas davam para o oitavo conde ser um dos preferidos de Lady Jersey e as demais patronas.

– Ah, Northsham você é mesmo um patife – Lady

Jersey murmurou com um sorriso discreto – Seu tio fingia menos entusiasmo em suas convicções.

Realmente, Edward exercia um fascínio especial, mas nunca precisara usar as técnicas de hipnose das quais o tio fizera uso há muito tempo. Lady Jersey, especialmente, gostava dele por sua sinceridade ácida, embora às vezes inconveniente. Mas como era um homem inteligente e ela já estava em uma idade que não se importava tanto com regras que outrora foram rígidas, apenas desfrutava da boa companhia. Esse era um jovem que não a deixava sonolenta.

– Meu tio era um homem sábio – replicou Edward – Ainda faço uso da insensatez juvenil, embora já tenha passado disso há um bom tempo.

– E o senhor, Sr. Middleton – ela virou na direção do americano – Compartilha as mesmas convicções que o conde sobre o casamento?

– Embora no momento eu não esteja preocupado com isso – disse ele brandamente –, meus pais tiveram um casamento feliz. Não acredito que o casamento seja um caminho para o inferno.

– Interessante, muito interessante – Lady Jersey diz, batendo o leque fechado em uma das mãos – Um, encantadoramente gentil, o outro, misteriosamente intrigante.

Ela olhou em volta do salão e voltou a sorrir, num divertimento que apenas ela parecia entender.

– E eu acreditando que essa temporada seria tão chata quanto a anterior – voltou para Northsham com um olhar indagador – Não estive aqui no *debut* passado, não é?

– Estive viajando.

A insistência do tio para que assumisse os “negócios” da família só fizera Edward fugir cada vez mais. É claro que ele nunca desconfiara que o tio estava à beira da morte. Gostando ou não do seu meio de vida, ele o acolhera em sua casa junto com sua mãe quando mais precisaram de ajuda.

– Bem, isso explica muita coisa – murmurou ela – Lorde Owen...

Lady Jersey mudou sua atenção para Owen, o que deixou o jovem rapaz encabulado e um tanto nervoso. Uma conversa paralela e trivial se iniciou e Edward

passou apenas a ouvi-la sem grande interesse.

Ele se sentia incomodado. Com uma sensação que não saberia explicar. Sentia-se observado e aquilo era ridículo, estavam em um baile com centenas de pessoas, seria impossível que alguém não o observasse. Mas a sensação era algo completamente diferente.

Ele girou o corpo lentamente, pois, a inquietação parecia vir de suas costas. Levou dois segundos para que seus olhos encontrassem os dela. Ele não podia ver a profundidade azul com clareza, mas a intensidade que havia neles, o paralisou.

A dama que o tinha assombrado por diversos dias, estava bem ali, diante dele, mais linda do que ele se lembrava.

– Ah, ali está minha irmã – Sr. Middleton tocou brevemente seu ombro – Deixe-me apresentá-los.

– Irmã? – Edward desviou o olhar da jovem sorridente para encarar o irmão dela, completamente alheio ao que ocorria com ele.

Aparentemente Allan não tinha ouvido seu questionamento já que seguiu andando. Provavelmente



não tinha escutado mesmo, já que Edward apenas sussurrara, surpreso.

– Srta. Middleton – murmurou Philip antes de acompanharem o cavalheiro – Linda, não?

Enquanto os dois seguiam, Edward permaneceu parado em seu lugar, em choque.

Voltou a se movimentar. Observou o amplo sorriso da dama se desfazer quando viu Lady Eagleton murmurar algo no ouvido dela. Ele teve a certeza de que ela também sabia quem ele era. E o que Lady Eagleton pudesse venenosamente insinuar não chegava nem perto do que Edward era.

– Senhoras – cumprimentou com um olhar gélido.

Edward estivera errado em sua discussão com Lady Jersey. Não precisava de um enlace para se ver em meio ao inferno. Ele estava preso a um naquele momento.

Lucille Middleton era a mesma jovem que Edward havia encontrado na rua e que fortemente o tinha impressionado. Lucille Middleton era irmã do homem com quem faria sociedade. Lucille era a Lucille de seu amigo Philip, a quem prometera ajudar a conquistar.

Lucille poderia muito bem ser feminino para Lúcifer, o demônio que o acorrentava ao inferno. Embora, para Edward, ela fosse nada menos que um anjo.

E como um anjo, era inalcançável.



# Capítulo 7

Lucille sentia frio, calor, um pouco de falta de ar e muita sede. Abalada, virou o copo de limonada de uma forma nada elegante. Graças a Deus, Lady Eagleton estava tão horrorizada com a aproximação de Lorde Northsham que não percebeu o estado alterado da pupila ao apontar discretamente quem era o conde a quem não escondia o desprezo.

Ele era... ele era... Céus, como alguém conseguia gaguejar em pensamento?

– Lucille, quero apresentá-la a alguém – disse Allan assim que se aproximou de onde as damas estavam – Creio que a senhora já conhece o conde?

Amelia balbuciou algo incompreensível e exibiu um sorriso nitidamente forçado, felizmente ignorado pelo Sr. Middleton que tinha se virado em busca dos jovens retardatários.

O conde as cumprimentou cordialmente, mas Lucille, manteve os olhos grudados em seu copo vazio. Não sabia

explicar por que agia tão estranhamente. Havia o fato de Lady Eagleton ter deixado bem claro sua opinião em relação ao conde (considerava-o um libertino da pior estirpe), mas não era isso que deixou Lucille subitamente retraída.

Além disso, sua reação era no mínimo incongruente, passara quase duas semanas imaginando e idealizando a possibilidade de reencontrá-lo para vir a agir como uma juvenzinha tola e encabulada. Essa não era Lucille. Sem dúvida, não era a mulher que ele tinha presenciado enfrentar um homem o dobro do seu tamanho para defender uma criança indefesa.

– ...e a minha irmã, Lucille – ela não ouviu e, se tinha escutado, não prestou a mínima atenção ao que Allan tinha falado antes de pronunciar o seu nome – Lorde Northsham e o Sr. Owen – disse à irmã.

– É um prazer conhecê-la, Srta. Middleton – O conde apenas tocara as pontas dos dedos enluvados de Lucille e inclinara a cabeça, mas fora suficiente para o coração dela saltitar.

– O prazer é meu, milorde – espantou-se que a frase

tivesse saído compreensível de seus lábios.

“Ora, Lucille, é apenas um homem”, se repreendeu e ergueu o olhar para encará-lo.

Como da primeira vez que o vira, o conde tinha um olhar firme e impenetrável. Só havia uma mensagem naquela profundidade negra.

*Fique longe!*, como um aviso para não se aventurar em mares turbulentos. O impasse era que Lucille carregava sangue viking em suas veias (não, aquilo não era necessariamente verdade, mas seus bisavós tinham sido ingleses que fizeram nome na América), ela tinha sangue guerreiro em suas veias. E a notória frieza e distanciamento impostos pelo conde de Northsham apenas inflamavam sua curiosidade e interesse sobre ele.

— Srta. Middleton — um jovem ruivo e uns cinco centímetros menor que Lucille e muitos quilos acima do peso, interrompeu o início de conversa que Philip dirigia a ela — Acho que é a minha vez de tirá-la para a valsa.

Em outro momento, ela teria se empolgado com a aparente animação dele. Embora não fosse um jovem muito elegante, ele compensava no sorriso e simpatia.

Lucille sempre admirara muito mais uma bela companhia do que uma companhia bela. Mas se afastar do conde naquele momento poderia significar não vê-lo mais àquela noite. Não quando Lady Eagleton havia deixado bem claro de que faria o possível e impossível para afastá-la dele.

– Claro, claro! – disse Amelia com empolgação, espantando-a com as mãos – Vá dançar, querida, nem parece que estamos em um baile.

Inconformada e já tentando pensar em alguma estratégia que a faria esbarrar com Lorde Northsham em algum lugar do salão, deu dois passos vacilantes quando sentiu a mão firme tocar o seu braço.

– Eu gostaria que também me reservasse uma dança – disse o conde, arrancando um engasgo de Lady Eagleton.

– Eu também ficaria muito honrado – disparou Philip.

– Senhores... – fez uma pequena mesura e encarou Lady Eagleton rapidamente, que se abanava com o leque de forma frenética – Será um prazer.

As regras de boa conduta não permitiam que ela recusasse pedidos feitos de forma tão respeitosa. Mas antes que Lady Eagleton lançasse a Lucille qualquer olhar

recriminatório, tomou a mão que o cavalheiro estendia e o acompanhou até a pista de dança.

O que diria a Lorde Northsham quando estivessem dançando? Conseguiria em tão pouco tempo aguçar sua curiosidade? Ficaria nervosa ou fora apenas o choque ao descobrir sua identidade?

Dezenas de questionamentos povoavam sua cabeça e fizeram-na vacilar em um ou dois passos da dança. Afinal, sempre que conseguia, seus olhos voltavam em direção ao grupo que havia deixado.

– A senhorita não é de muita conversa – disse o ruivo durante a dança.

– Como?

– Não respondeu nenhuma das minhas perguntas.

A culpa devia ser atribuída à grande capacidade de Lucille de se desligar do que não a interessava.

– Desculpe, estava concentrada na dança – ela sorriu com simpatia – Acho que pisei mais do que devia nos seus pobres pés.

– Bom, eu estava dizendo...

A música acabou e Lucille viu a oportunidade perfeita



de escapar.

– Ah, eu tenho tanta sede – murmurou na voz afetada que aprendera a fazer.

– Eu pegarei uma limonada para a senhorita.

Lucille seguiu apressada fugindo de qualquer conversa que ele pudesse incitar.

Para o desapontamento de Lucille, tanto o conde quanto o seu amigo já não estavam lá. Conferiu seu cartão de dança para aquela noite. Havia um número considerável que comprovava que sua estreia tinha sido um sucesso, sentia-se irritada que tivesse que esperar tanto tempo para reencontrar o conde.



Manter-se invisível em um salão lotado de pessoas era praticamente uma tarefa impossível. Principalmente quando havia jovens sonhadoras e mães-gaviões, com seus olhos e garras apontados para ele. O que não fazia o menor sentido, afinal, sua fama de libertino muito bem construída deveria fazer todas elas fugirem horrorizadas exatamente como Lady Eagleton fazia.

Droga! Pensar na viscondessa o fazia pensar em sua protegida. Pensar em Lucille Middleton o fazia percorrer o olhar pelo salão e observá-la dançando ou sorrindo para algum cavalheiro idiota. Já era o bastante que tivesse aguentado Philip tecendo centenas de elogios à dama.

Como os olhos azuis eram bonitos e cristalinos. Como os cabelos claros pareciam reluzir a luz das velas, fazendo-os parecer fios de ouro. E como era graciosa ao dançar com seu sorriso iluminando o salão. E blá, blá, blá...

Edward observara tudo isso, não era cego nem idiota, mas certamente não precisava que Philip repetisse isso a cada dez minutos. Mas o real motivo de ter se afastado tanto do amigo ou de qualquer um que pudesse citar as qualidades da Srta. Middleton, é que se sentira incomodado que outras pessoas (principalmente do sexo masculino) notassem atributos que ele fazia questão de ignorar.

Assim como tentava ignorar as lembranças de como Owen tinha parecido íntimo demais ao conduzi-la pelo salão e o que tinha sussurrado de tão engraçado para fazê-

la rir de forma tão... tão... despudorada.

Aquilo não deveria lhe importar nem um pouco. Por Deus! Ela era americana, é completamente normal que fosse um espírito mais livre. Como uma ave exótica riscando o céu.

– Aqui está você.

Edward virou em direção à voz e se deparou com Lady Belleville encarando-o com curiosidade. Fora pego em flagrante e agradeceu que o lugar onde estivera camuflado na última hora não tivesse tanta iluminação ao ponto de revelar seu constrangimento.

– Milady – fez um meneio rápido e voltou a buscar Lucille entre as pessoas.

– Procurando alguém em especial, milorde?

– Philip – ele mentiu.

Não queria ter que dar explicações a Della, quando não as tinha para si mesmo.

– Esperei-o na noite passada – ela baixou o tom de voz – E nas outras também.

Não voltara a procurar Della. Poderia alegar que estivera muito ocupado ou que compromissos urgentes o

impediram de ir até ela, mas a dama era inteligente o suficiente para entender que não era isso.

Embora tenha se mostrado bem apaixonado à última vez que estiveram juntos, o conde também nunca estivera tão distante.

Lady Belleville sempre soubera que um dia aquilo aconteceria. O momento que o jovem encararia a vida e o título que havia herdado com mais responsabilidade e o caminho dos dois se separaria. Só não imaginara que dizer adeus a ele iria incomodá-la tanto.

Não poderia dizer que estava apaixonada, mas nutria sentimentos profundos por Edward. Ele sempre fora honesto, carinhoso e a tratara de maneira que nem mesmo seu falecido marido algum dia fizera por ela. O duque, assim como os demais nobres que compravam ou conquistavam uma esposa, a via como um objeto a seu uso.

– Providencie o que me pediu. Em alguns dias, as terras doadas ao Dr. Elliot Halton, por serviços prestados ao duque de Belleville – disse ela –, serão entregues ao novo conde de Northsham.

– Vou recompensá-la, Della – disse ele, com gratidão –  
Algum dia vou recompensá-la.

– Foi um bom amigo, Edward – tocou rapidamente sua  
mão e a emoção das lembranças chegaram aos seus olhos  
– O melhor que tive em toda a minha vida.

Se as regras impostas pela sociedade permitissem,  
Edward a teria abraçado. Conhecera Lady Belleville  
quando estivera dominado pela amargura e desconfiança.  
Os dois tinham sido bons um para com o outro. Arriscaria  
dizer mais do que amantes felizes. Como ela dissera,  
foram verdadeiros amigos. Afinal, fora preciso que  
Edward conquistasse primeiro sua confiança, antes da sua  
cama.

– Espero que a dama note a sorte que tem, meu querido  
– ela aprumou os ombros e o brindou com um sorriso  
largo – Ou que não demore tanto tempo para descobrir  
isso.

Edward abriu a boca, mas nenhum som saiu de seus  
lábios. Teria questionado de que diabos ela estava  
falando, mas já haviam ficado sozinhos mais do que o  
tolerado sem levantar rumores.

Por outro lado, o silêncio do conde (seu ex-amante, pelo visto) confirmou as desconfianças de Della. Uma mulher sempre sabia quando outra ocupava o coração que um dia já lhe pertencera. Se bem que no seu caso, o coração de Edward nunca lhe pertenceu realmente.

– Até logo, milorde.

Edward resmungou uma despedida qualquer, ainda concentrado na insinuação que Lady Belleville tinha levantado. Aquilo era uma grande bobagem, nenhuma mulher que se aproximasse dele poderia ser considerada de sorte.

Carrancudo, esquadrinhou o salão em busca de Lucille e da dança que fora prometida a ele. Encontrou a Srta. Middleton ao lado de uma jovem de cabelos negros, servindo-se de limonada. Conversavam tão afavelmente que não o notaram se aproximar delas.

– Caso goste de poesias, indico os recitais – disse a dama ao lado dela – Mas evite os concertos, nem todas as jovens são musicistas talentosas quanto acreditam ser.

– Bem, Lady Eagleton quem decide o que é apropriado, então...

Pelo tom de sua voz, Edward podia jurar que ela chegou a revirar os olhos. De alguma forma, o gesto parecia combinar com ela.

Os músicos se preparavam e a valsa iria começar. Se Edward quisesse reivindicar sua dança, teria que se apressar.

– Lorde Northsham! – Christa Seaford, irmã da cunhada de Philip, arregalou os olhos ao reconhecê-lo – Lorde Owen está com você?

– Não o vejo há algum tempo.

Seaford procurou por alguém atrás dele e ampliou o olhar ao redor do salão. A reação teria acentuado curiosidade em Edward, se o mesmo não estivesse tão concentrando em outra jovem.

Lucille se virou para encará-lo e sentiu que todas as outras pessoas foram transportadas para outro lugar. Talvez tivessem sido os dois. Qualquer que fosse a conclusão, realmente não importava, não importava mesmo.

– Srta. Middleton – murmurou ele – Creio que me deve uma dança.

– E o senhor é o tipo que sempre cobra o que lhe devem?

Hum. Atrevida.

– Sempre – disse ao se aproximar mais dela – Em alguns casos, um pouco mais do que devem.

Um aviso ou uma promessa, Lucille se perguntou. Vindo de alguém como o conde, os dois poderiam ser esperados.

– Vamos? – ele estendeu a mão.

Lucille olhou para o lado a fim de se despedir de sua nova amiga, mas ela já tinha se afastado furtivamente. Gostara de Lady Seaford no momento em que foram apresentadas. Ela era honesta sem ser rude, e não tinha trejeitos exagerados que geralmente a irritavam.

Veria com Lady Eggleton a possibilidade de visitá-la em breve. Após essa conclusão, deixou que o conde a conduzisse até a pista de dança. A valsa já iniciara e eles se encaixaram entre os outros casais dançando.

– Você é aquele homem na calçada – disse Lucille na primeira oportunidade que tiveram para conversar – O que ajudou o menino.



Edward franziu levemente a testa antes de se pronunciar.

– Que eu saiba, *a senhorita* salvou a criança – replicou ele.

Um casal aproximou-se demais, impedindo-o de continuar.

– Foi corajoso, mas imprudente, devo alertar. Lady Eagleton não a orientou que nunca deve enfrentar homens com o dobro do seu tamanho?

Homem nenhum, ele deveria ter destacado.

Lucille tinha se considerado com sorte, do breve desentendimento com aquele homem, chamou atenção apenas de alguns transeuntes apressados e, claro, do conde. Brigar com um homem na rua, estando ele errado ou não, teria com certeza jogado uma mancha em sua reputação se o burburinho passasse adiante. Em vez da bela da estação como Lady Eagleton planejava, poderia ser considerada escandalosa e inapropriada.

O que teria feito Lady Eagleton ter um pequeno ataque. Mas ela não se arrependia de ter agido pelo coração em vez de seguir a razão. Não pensara que fora perigoso ou

imprudente. Reagira a uma injustiça e era injustificado que ele a repreendesse.

– Não, milorde, mas ela me orientou muito bem sobre ficar longe de você – revidou com altivez.

Por um momento, Edward não soube o que falar. No breve momento que estiveram juntos, após ele descobrir quem ela era, a jovem tinha se mostrado tímida e encabulada. Pelo visto fizera um julgamento precipitado sobre ela.

Podia ter olhos de anjo, cabelos de anjo e rosto de anjo, mas não restava dúvida para ele que em seu interior existia um pequeno demônio lutando para sair. A descoberta o fizera rir sem querer.

– Está rindo de Lady Eagleton? Ou da minha resposta?

Ele seria condenado ao inferno, mas não fugiria da franqueza.

– Na verdade – disse pausadamente, tentando voltar a uma expressão séria – De você.

Lucille piscou os olhos. Em outra dama ele consideraria um gesto premeditado para seduzi-lo. Mas alguma coisa dizia a ele que a Srta. Middleton não usava

desses recursos artificiais para conquistar a atenção de um cavalheiro. No entanto, a reação a fazia encantadora.

– Isso não foi cavalheiresco – apesar do tom repreendedor, os olhos brilhavam animados.

Edward recuou, não apenas porque a música tinha acabado, ele recuou porque aquele olhar o fazia querer mergulhar nas profundezas azuis que o atraíam para ela.

– Lady Eagleton deve tê-la alertado que sou um libertino – queria chocá-la e, com isso, fazer com que ficasse longe – Cavalheirismo é uma qualidade que a maioria de nós não tem.

Não queria ter colocado tanta rudeza em suas últimas palavras e nem que seu olhar parecesse tão frio. Mas era melhor assim. Lucille Middleton era a escolhida de Owen, seu melhor e talvez único amigo. Que estivera com ele em seus piores e melhores momentos da vida. Edward poderia ter muitos defeitos, mas deslealdade não se encontrava entre eles. Além disso, tinha planos de negócios com o irmão dela. Planos que, agora com as terras em Whitechapel em suas mãos, logo se concretizariam. Ele não se deixaria levar por um romance

passageiro.

– Cafajestes não se importam com mais ninguém – murmurou ela quando circularam de volta para onde Lady Eagleton e o visconde estavam – Se importou com aquele menino. Como fez aquilo?

Lucille esperou que um grupo à frente deles se adiantasse antes de continuar.

– Um libertino sem sentimentos não daria uma pequena fortuna para alimentar um menino faminto como fez.

– Srta. Middleton – Edward virou bruscamente para ela um pouco antes de chegarem ao seu destino.

Por sorte, o grupo que seguia em frente a eles era relativamente grande ao ponto de os ocultar. Na verdade, a Lucille, pois, o conde era um homem alto.

– Nenhum centavo foi tirado do meu bolso para... – o grupo se dissipou e eles voltaram a se movimentar – Para o seu próprio bem, esqueça aquela história e siga os conselhos sábios de sua tutora.

Lucille queria dizer que não tinha pretensão alguma de esquecer e que seus questionamentos tinham apenas começado. Mas o bufar irritado e mal-disfarçado de

Amelia quando Northsham a devolveu a eles, impediu que seguissem naquela discussão.

O conde se afastou dali como se as dez pragas do Egito o perseguissem. Em contrapartida, Lorde Owen se aproximou com o irmão dela, Allan.

Lucille sorriu, impudente. Lorde Northsham poderia se recusar a lhe responder algumas perguntas, mas nada a impedia de conseguir algumas delas através de seu amigo.

– Todas essas danças e rodopios – ela se abanou com o leque da mesma forma teatral que Lady Eagleton fazia – Esse calor... tantas pessoas me deixam um pouco zozza.

Tanto Allan quanto o visconde já tinham iniciado uma conversa sobre os avanços da navegação. Mas Lady Amelia tinha olhos de rapina sobre ela.

– Se Lady Eagleton não se incomodar – disse Philip –, seria uma honra acompanhá-las até o terraço.

Era inapropriado que uma jovem circulasse sozinha com um cavaleiro, portanto, era indispensável que Lady Amelia os acompanhasse. O que não era totalmente um balde de água fria sobre os planos que ela fizera. No terraço havia mães, damas de companhia e conhecidos

suficientes que, em algum momento, afastariam os olhos atenciosos da viscondessa sobre ela.

Algo que aconteceu. Infelizmente, Lucille não tivera nenhuma informação que realmente lhe importasse. Soube que Lorde Owen e Northsham se conheceram em Harrow. E que de lá, graduaram-se em Matemática em Oxford. Eram amigos desde então. Após a formatura, visitaram a França, a Itália e a Espanha. Mas Philip voltara a Londres às bodas do irmão mais velho e Edward partira para uma exótica viagem à África.

O que descobrira sobre Northsham envolvia Philip, já que não poderia ser indiscreta e fazer perguntas diretamente relacionadas a ele, e pouco trazia de relevante. Pelo menos não esclarecia as perguntas que no momento interessavam a ela.

Seria preciso que Philip se sentisse mais íntimo e confiasse nela para revelar assuntos, digamos, indecorosos.

Edward poderia ser um libertino como Lady Eagleton gostava de dizer, mas era um libertino que socorria meninos maltrapilhos e indefesos. E alguma coisa dizia a

ela que aquele não era o único segredo que ele desejava esconder.

Em sua carruagem, de volta à residência dos Eagleton, Lucille concluiu que seu reencontro com Northsham não tinha sido um completo desastre como acreditara antes. Afinal, agora, além de um rosto e olhos negros, tinha um nome e onde poderia ser encontrado. Nada mais de noites rolando na cama, assombrada por uma imagem que a perturbava.

Edward Northsham ainda era um mistério para Lucille, mas Evan Blackpanther ganhava vida. Lucille tinha certeza que aquela seria a melhor história que já criara até hoje.





## Capítulo 8

Lucille desejava que o baile oferecido por Lady Wincoult, na Bruton St., em Mayfair, lhe desse a oportunidade perfeita para investigar um pouco mais sobre Edward.

Ela tinha descoberto que tanto seus pais quanto o tio, que tinha sido o sétimo conde de Northsham, haviam falecido. Sendo ele o único herdeiro do título e um homem solitário no mundo.

Parecia que havia alguma coisa em seu passado que Philip, nas poucas visitas que fizera a ela, se recusava a falar, por mais arguciosas que suas perguntas tivessem sido.

Não adiantava tentar arrancar alguma coisa de Lady Eagleton, esta se recusava a tocar no nome dele, e sondar o visconde seria no mínimo perigoso, além de levantar suspeitas com seu irmão Allan. E seu interesse em Northsham era puramente profissional. Embora tivesse que admitir a si mesma, Edward despertava nela sentimentos que jamais sentira por ninguém.

– Lucille, que bom que já esteja aqui – disse Lady Seaford ao encontrá-la, quando começaram a circular pelo salão – Olá, Lady Eagleton.

Amélia cumprimentou Christa com um aceno rápido e logo passou para uma conversa animada com a mãe dela. O quarteto seguiu em direção à mesa de bufê, Allan e o visconde foram a um grupo de conhecidos.

– Está bonito, não é? – indagou Christa, referindo-se à amplitude do salão de baile, decorado com o tema *Sonhos de uma Noite de Verão*.

– Está realmente encantador. Lady Wincoult sabe mesmo dar uma festa.

Embora Lucille estivesse de fato deslumbrada com o talento da anfitriã para decoração, seus olhos atentos estavam preocupados com outras coisas. Eles vagaram pelo salão até encontrar Edward, que estava sendo monopolizado por Lady Jersey. Ele parecia prestar atenção nela tanto quanto Lucille prestava atenção em sua amiga.

Como que atraído pelo seu olhar fixo nele, o conde mirou em sua direção. Desde o baile no Almack's, onde

dançaram juntos e tiveram aquela breve conversa estranha e acalorada, Lorde Northsham não se aproximara dela. Lucille ousava dizer que ele fugia (o que não combinava nem um pouco com a imagem que fazia dele). E havia o fato de que, se sua suspeita fosse verdadeira, tornava tudo muito ridículo, agora que ele e Allan tinham fechado um acordo comercial.

Como novo sócio do irmão de Lucille, o conde seria alguém cada vez mais presente em sua vida. Tanto ele quanto Lady Eagleton, que ficou horrorizada ao saber sobre as novidades, teriam que aceitar que os encontros seriam inevitáveis. Mas o que mais intrigava Lucille não era a desconfiança de que Edward tentava evitá-la, mas o que ele tentava esconder dela. Que segredos Lorde Northsham escondia?

– Não sei se suportaria isso sem você – finalizou Christa e Lucille forçou-se a olhar para ela.

As duas tinham se tornado amigas bem próximas. Mas ao contrário de Lucille, que tinha encontrado uma certa popularidade, Lady Seaford, assustava as pessoas com sua inteligência e franqueza. Ela geralmente era ignorada

nas festas. Enquanto Lucille escondia seus pensamentos ácidos com um sorriso ponderado, quando deixava escapar alguma opinião mais aguçada (ocasionalmente levada por sua distração), era vista com menos rigidez, devido à sua nacionalidade americana, Christa não só era ignorada totalmente devido a sua animosidade em relação às jovens cruéis e competitivas, como também era invisível aos cavalheiros (cabeças de vento, como Lucille gostava de nomear, porque Lucille era uma amiga atenta e gentil). Esta fazia com que a maioria dos cavalheiros que a cortejava, reservasse pelo menos uma dança para sua amiga.

– Também não saberia como aturá-lo – murmurou, indicando para onde Edward se encontrava.

Lucille sabia que a amiga não se referia ao conde. Geralmente ficava encantada na presença de Edward, que não parecia ter problema algum em cumprimentar Christa e trocar palavras gentis, sempre que se esbarravam.

– Refere-se ao Owen, não é? – perguntou ela, indicando o homem parado ao lado de Northsham – Você nunca me contou por que há tanta animosidade entre vocês

dois.

Sendo a irmã dela casada com o irmão dele, seria natural que fossem ao menos amigos, ou que tolerassem a presença um do outro, pelo menos em público, o que de fato, não ocorria.

Quando Christa curvou o olhar para os babados de seu vestido rosa, Lucille a guiou para um dos bancos ao lado de suas responsáveis.

– Bom, minha irmã Faith é casada com o irmão dele – disse ao se sentarem, como se aquilo fosse a resposta de tudo.

– Não acho que isso seja motivo suficiente para que se odeiem – replicou ela – Diga-me a parte escandalosa.

Lucille observou a amiga arregalar os olhos e, em seguida, morder os lábios.

– Por que acha que há uma história escandalosa? – sussurrou antes de respirar profundamente – Posso apenas não gostar de Owen.

– Por trás de quase todas as histórias de amor, há segredos, digamos... inconvenientes – Lucille segurou a mão dela, em gesto de conforto – Às vezes o fardo fica

mais leve se dividido com uma amiga, mas não precisa me dizer se ainda a machuca.

Lucille estava sendo totalmente sincera com ela, desejava que sua amiga confiasse nela. Ao contrário de Northsham, em quem tinha um interesse completamente literário.

– Bom... é que... – gaguejou ela – Nutri algum sentimento pelo irmão do Sr. Owen.

Lucille levou a mão aos lábios, muito mais curiosa com a revelação do que realmente chocada pela tão sensata Christa ter se deixado levar por sentimentos arrebatadores.

– E Philip, obviamente, ficou muito empenhado em me mostrar que o que eu sentia não passava de um encantamento juvenil e idiota.

– Ele conseguiu isso? – sondou Lucille, ávida por alguma revelação picante.

A Inglaterra era o palco perfeito para recheiar os melhores romances. E ela nem precisava recorrer muito à sua mente fértil e romântica.

Christa comprimiu os lábios, mas manteve a cabeça

erguida.

– A única coisa que Philip conseguiu foi me provar o quanto ele é desprezível e *idiota* – disse ela, enfatizando tanto o idiota que sua mãe direcionou a ela um olhar duro.

– Compreendo – murmurou Lucille – Mas o que exatamente ele...

– Veja, o capitão Brendan está se aproximando! – exclamou Christa, determinada a mudar de assunto, o rosto suavizou quando o encarou – E sua comitiva de admiradores também, Lucille.

O capitão Brendan era o único cavalheiro que não precisava das manipulações sutis de Srta. Middleton em relação à Christa. Ele parecia realmente apreciar a dupla, na mesma medida.

E usando de sua atenção sincera, Christa quebrou qualquer protocolo de boa conduta, ao praticamente arrastá-lo para a sua primeira dança da noite.

De repente, Lucille sentiu-se como um inseto indesejado. Lady Seaford e Lorde Northsham fugiam dela como se ela tivesse sido acometida por uma peste contagiosa. Tudo o que ela queria eram algumas

informações para dar mais veracidade aos seus personagens. Os acontecimentos que envolviam Christa, amores impossíveis e Philip, eram muito interessantes para serem ignorados. Essa constatação rapidamente fez as engrenagens na cabeça de Lucille começarem a girar.

Sua quietude foi vista pelos cavalheiros em volta dela como indiferença. Formou-se uma competição entre eles, que se engalfinhavam em uma busca incessante para conseguir um resquício de sua atenção ou, ao menos, um breve sorriso.



Do outro lado do salão, Lorde Northsham fervilhava em pensamentos pouco amistosos do que via.

– Ridículo – grunhiu Edward ao observar os admiradores da Srta. Middleton ao redor dela, como urubus em volta de carniça.

Lady Jersey o encarou com curiosidade.

– O que disse, milorde? – inquireu ela, mas quando seguiu o olhar para onde o dele se encontrava,



compreendeu o motivo da carranca de seu libertino preferido – Encantadora, não é? Para uma americana, é impressionante que cause tanto furor.

Edward bufou. Ele realmente bufou?

– São uns tolos ao acreditar que alguns elogios fúteis são suficientes para chegar ao coração de uma dama – resmungou ácido – Pelo menos não de uma que tenha o mínimo de inteligência.

Lady Jersey ergueu uma sobrancelha e Edward tratou de garantir que não dissera aquilo como uma ofensa.

– E o que acha ser suficiente para conquistá-las?

– O mesmo que geralmente conquista um homem – sugeriu ele com um meio sorriso – Um pouco de distanciamento e mistério. Queremos aquilo que geralmente não podemos ter. É isso que faz da Srta. Middleton tão atraente para eles, não sabem como agradá-la, porém, a querem com fervor.

– É isso que está fazendo agora? – perguntou ela, insinuante.

– Tentando agradá-la? – perguntou incrédulo.

– Mantendo-se longe – concluiu ela com um sorriso

atrevido – Para que sua ausência seja sentida. Inteligente, devo dizer.

Lady Jersey não poderia estar mais errada, pensou Edward. Não fugia de Lucille para chamar atenção sobre si, queria exatamente o contrário. Não precisava e nunca precisaria usar de tais subterfúgios para conquistar uma dama. Mantinha Lucille à distância porque o que sentia quando estava ao lado dela era como uma avalanche de sentimentos, confusos e difíceis de entender, tampouco controlar.

Lucille o intrigava e seu distanciamento não poderia durar a vida toda. Tinha compromissos com o Sr. Middleton que o obrigaria a conviver com ela. Além da promessa que fizera a Philip para ajudá-lo a conquistá-la.

– A Srta. Middleton ou qualquer dama nesse salão não me interessa – disse com uma convicção que o agradou, mas o olhar divertido da senhora ao seu lado indicava que não a tinha convencido.

– Veremos – sussurrou Lady Jersey para si mesmo – Veremos.

Voltaram a circular pelo salão, indo ao encontro de

outro grupo de convidados. Infelizmente, próximo demais onde a Srta. Middleton e seus admiradores estavam.

Cada vez que um dos cavalheiros a tirava para dançar, Edward retorcia o rosto de uma forma diferente. Sua breve passagem por Bruton St. tinha se transformado em três horas estressantes.

– Edward, preciso falar com você! – Philip se aproximou dele com um ar carrancudo e acrescentou – Em particular.

Os dois seguiram por um corredor iluminado por dezenas de velas, cruzaram com uma ou duas salas de jogos, uma de música e outra reservada à leitura. Passaram pelo escritório de sir Wincott e, em seguida, chegaram à biblioteca.

– Como andam as coisas com a Srta. Middleton? – perguntou Philip, assim que o outro encostou a porta.

– Não seria eu a fazer essa pergunta? – indagou, mal disfarçando um sorriso debochado.

Ao contrário dele, Owen não media esforços para chamar a atenção da jovem dama. Por algum motivo, que Edward não tinha pretensão alguma em descobrir, notou

que em algumas ocasiões Lucille dispensava a Philip um pouco mais de atenção que a seus concorrentes. Sabia que Owen tinha charme suficiente para conquistá-la. E mesmo que essa certeza de alguma forma o incomodasse, acreditava que seu amigo poderia ter sucesso em suas investidas, sem precisar recorrer às habilidades dele.

– Não achei que seria tão difícil – murmurou ele zangado – Cada dia vejo brotar cavalheiros em busca de sua atenção. Sem contar que, além de Lady Eagleton fazendo vigília, há a presença de Christa o tempo todo e você sabe que ela me odeia.

– Não sem motivos – rebateu Edward, recordando-o – Grande parte da animosidade dela foi provocada por você mesmo.

Philip apertou a ponte do nariz em um gesto impaciente. Se o próprio Edward não tivesse presenciado os dois brigando como gatos selvagens, algumas vezes, diria que a implicância entre eles escondia alguma coisa.

– Você poderia apagar a memória dela – sugeriu Philip.

Edward olhou para o teto e segurou a vontade de pegar um dos candeeiros sobre a mesa quadrada e abrir a

cabeça dele.

– Já disse que não posso apagar as recordações – disse impaciente – Apenas acrescentar ou induzir novas lembranças. Mudar a percepção de algumas coisas talvez, mas nunca apagar completamente.

– Então, nesse caso, apresse-se em jogar todas as informações possíveis para que a Srta. Middleton me enxergue como seu melhor pretendente – Philip jogou-se em uma poltrona, desanimado – Os olhos de Lady Eagleton estão voltados para o duque Aberky e o conde de Tondoun, que não escondem seu interesse em Lucille.

Edward não gostou nem um pouco do que tinha ouvido. Preferia ver os candidatos a marido da Srta. Middleton apenas como alguns idiotas ciscando em torno dela. Dar nomes e títulos a eles tornava-os mais reais.

– Esqueça o duque de Aberky, sabemos que o pai dele é esnobe demais para aceitar o casamento do filho com uma americana – resmungou Edward – E quanto a Tondoun, é apenas um rapazote controlado pela mãe.

– Mas ele tem um título e quase nenhum dinheiro. Lady Tondoun faria algumas concessões diante do grande dote

que Lucille irá trazer à família – rebateu Philip, com o ânimo renovado – E Aberky poderia enfrentar o pai fugindo com Lucille até Gretna Green.

Não era algo impossível, na verdade. Jovens impulsivos que acreditavam estar perdidamente apaixonados, tendiam a fazer coisas estúpidas como fugir para se casar. Apesar do escândalo inicial, muitas damas tendiam a achar o gesto extremamente romântico.

– Gosta tanto da jovem assim? – perguntou a ele.

– Claro que eu gosto. Ela é uma jovem muito bonita.

Edward apoiou o quadril contra a mesa e cruzou firmemente os braços antes de encará-lo com seriedade.

– Deus, homem! Não sabe dizer outra coisa além de seus atributos físicos? Como será a companhia dela quando a beleza se for?

Claramente Philip não tinha pensado sobre isso. Assim como os demais cavalheiros, via Lucille como um troféu a ser conquistado.

– Bem, ela é uma companhia agradável quando fala – justificou ele – E haverá muito tempo para conversas quando nós nos casarmos.

– Por que quer tanto se casar com ela, Owen? – indagou Edward, de forma arisca.

Que importância teria para ele os motivos que levavam Philip a ter obstinação pelo enlace? Srta. Middleton não era um problema dele. Mas a felicidade e bem-estar de seu amigo sim. Que espécie de amigo seria se permitisse que ele embarcasse em um navio prestes a naufragar?

– Porque desejo não pensar mais em...

As palavras de Owen foram abafadas pelas batidas na porta. Um criado surgiu na porta entreaberta.

– Desculpe atrapalhar, Lorde Northsham, mas há um cavalheiro no jardim, querendo lhe falar.

– E quem seria? – perguntou Edward.

– Bem, milorde – o homem olhou por cima dos próprios ombros antes de continuar a falar num tom mais baixo – Ele exigiu que não fosse identificado.

Edward e Philip se entreolharam.

– É de extrema urgência que o senhor o encontre, milorde – o criado parecia angustiado, como se o emprego dependesse do sucesso de seu recado.

– Vamos até lá.

– Por aqui, senhores – disse o criado, guiando-os.

Serpentearam alguns corredores. Cruzaram discretamente a varanda movimentada por cavalheiros e algumas damas cercadas de suas acompanhantes.

Chegaram ao jardim e foram se afastando dos demais convidados que se aventuraram a uma caminhada. Seguiram para o norte onde a iluminação era mais escassa.

– Ei, Northsham?

Edward e Philip se viraram em direção a um arbusto, de onde viera a voz.

– Harrods! – Os dois amigos disseram juntos, surpresos com o que seus olhos presenciavam.

Carl Harrods tremia da cabeça aos pés. Vestia apenas um calção íntimo e um casaco caído em seus ombros.

– O que faz aqui, praticamente nu? – perguntou Philip.

Edward não precisava de uma resposta direta. Perdera as contas de quantas vezes seu tio Elliot socorrera Lorde Harrods durante a madrugada. A surpresa era que, dessa vez, viera antes de o dia começar a raiar.

– Preciso de sua ajuda, Northsham – ele esfregou as



mãos em busca de calor – Podemos nos falar por um minuto?

– Não há nada que eu precise esconder de Owen. O que tem a dizer pode ser feito na presença dele.

Harrods resmungou alguma coisa sobre não estar em condições de exigir e se aproximou deles.

– Lorde Caldwell me desafiou para um duelo.

– Um duelo? – Philip repetiu, pausadamente.

– Duelos estão proibidos na Inglaterra, Harrods – garantiu Edward – Até lorde Caldwell tem conhecimento disso.

E o homem não era muito conhecido por sua inteligência.

– Tente explicar isso a um homem armado, enquanto as suas mãos estão vazias – resmungou sir Harrods – Ele é um bronco que deseja limpar a sua honra de forma arcaica e com muito sangue.

– O que você fez para deixá-lo tão furioso? – Perguntou Philip, fazendo Edward o encarar com um sorriso de escárnio.

Carl pigarreou e voltou a movimentar mãos e braços.

Narrou rapidamente os acontecimentos das últimas duas horas e o que o levaram a percorrer Londres praticamente nu, com um convite de duelo pendendo sobre sua cabeça.

De acordo com ele, tinha recebido um convite irrecusável de sua amante, Lady Caldwell, para que a visitasse aquela noite. O que os dois não desconfiavam que, até então, Lorde Caldwell (talvez nem tanto desprovido de inteligência como pensavam) desconfiava da infidelidade de sua jovem esposa e acabara retornando um dia mais cedo de sua viagem a parentes distantes.

Pegos no flagra, Lady Caldwell foi trancada em seu quarto e Harrods saiu pipocando ao som da pistola, mal tivera tempo de recolher suas roupas.

– Tudo o que ele repetia era que me desafiava para um duelo. Aquele velho maluco, aposto que deve estar em minha casa me esperando.

– Caro Harrods, você foi literalmente pego com as calças nas mãos – provocou Edward, tentando esconder um sorriso, sem muito sucesso.

Era exatamente por isso que, se tratando de amantes, ele preferia as viúvas.

– Northsham, pare de rir. Você precisa me ajudar.

– Não seja dramático, procure um oficial e relate o que aconteceu. Eles saberão colocar um pouco de racionalidade em sir Caldwell.

– Ninguém consegue controlar um búfalo furioso. Você não o viu. Ele estava transtornado. Além disso, passará por um tolo traído e eu, como um covarde.

– É exatamente isso que os dois são.

Não era o tipo que julgava as tolices alheias, mas Harrods vinha abusando de sua boa sorte há muito tempo. Edward fez questão de dar meia volta, mas Carl o segurou pelo braço, contudo, recuou alguns passos quando o conde olhou duramente para ele.

– Por favor, Northsham – suplicou como um menino diante de um pai furioso – O seu tio, o conde... humm... ele me disse que você seria capaz de, se um dia eu precisasse... Que você sabia coisas...

Edward rangeu os dentes. Aquele era o legado que seu tio Elliot tinha deixado para ele? Embusteiros que precisavam ser conduzidos em suas trapaças.

– Não é a primeira vez que se vê em tal situação,

Harrods?

– Bem... – pigarreou, desconcertado – Com Lorde Caldwell é.

Ultrajado, Edward sentiu vontade dele mesmo esganar o homem.

– Eu pagarei muito bem, Northsham – insistiu ele – Você só tem que usar algumas palavras e fazer que Caldwell esqueça o duelo.

Santo Deus, será que teria que colocar uma nota exclusiva no *Gazette* de Londres explicando que “não era capaz de apagar a mente” (bem, não definitivamente). Ele não era mágico.

– Quanto estaria disposto a pagar? – Perguntou Philip e Edward sabia que estava agindo como seu porta-voz.

Qualquer dinheiro que Edward recebesse seria bem-vindo. Sua residência em Londres precisava de cuidados. A propriedade em Northsham e as casas dos arrendatários precisavam de reformas. Seus cavalos estavam ficando velhos e sua carruagem em breve teria que ser trocada. Enfim, havia uma lista gigantesca, aguardando por ele.

– Mil libras.

– Seis mil libras – rebateu Owen.

Harrods empalideceu e seus lábios tremeram.

– Está louco? – rebateu ele – Mil e quinhentos.

Edward teria aceito as mil libras de bom grado, mas não queria se ver preso a socorrer Carl sempre que ele se colocasse em enrascadas como aquela. Embora estivesse bem confiante em relação ao futuro de seus negócios com Allan, levaria um tempo até a construção da fábrica, a produção das peças que atenderiam as novas rodovias e a entrada dos lucros.

– Três mil libras – disse Edward, silenciando a discussão que havia iniciado entre os dois – Uma ajuda significativa ao orfanato Sta. Ursula.

– Ajudando os pobres para aliviar a própria consciência, Nortsham? – incitou Carl, cinicamente.

Edward se aproximou olhando-o em seus olhos.

– Fique longe de confusões como essa – Se o tom ríspido não foi suficiente para alertar a Carl que Edward estava irredutível, o olhar ríspido conseguiu o efeito desejado – Caso contrário, não estarei tão disposto a ajudá-lo.

Carl engoliu em seco e estendeu a mão para selar o acordo. Northsham ignorou e tratou de dar as primeiras instruções: – Tente se manter vivo por algumas horas. Verei o que consigo fazer.

Pedi que Philip fosse até onde estava a carruagem de Carl e providenciasse que ele partisse em uma saída discreta e que o ajudasse a se manter escondido até que ele tivesse ideia do que deveria fazer. Primeiro, voltaria à festa e se despediria de Lady Wincott com alguma desculpa qualquer.

– E Harrods? – chamou quando ele começou a sumir entre as sombras – Vista uma calça. Na verdade, tente mantê-la no lugar, longe de encrencas.



Lucille não tivera intenção de sair perseguindo Lorde Edward, seu amigo Owen e um criado nitidamente nervoso. Mas os três pareciam tão suspeitos quando passaram pela varanda que ela não resistira em mergulhar naquela pequena abertura, mesmo que certamente a colocasse em problemas. Conseguiu escapar e pediu de

forma confusa que Christa a encobrisse alegando que tinha ido se recuperar na sala das damas.

Odiou que o vestido a retardasse dos homens que caminhavam velozmente à sua frente. O caminho ficava cada vez mais íngreme e escuro quanto mais avançava pelo terreno mal-iluminado.

Já tinham se afastado relativamente do jardim e seguiam em direção a um conjunto de arbustos de onde saíra um homem...

Nu?

Lucille levou a mão enluvada à boca e segurou um gritinho assustado. Escondeu-se atrás de um dos arbustos podado em forma de bola, e tentou prestar atenção na conversa que se desenrolava. Infelizmente de onde estava não conseguia ouvir muita coisa, a não ser quando algum deles se exaltava, mas eram frases esporádicas que apenas a deixaram confusa.

Pelo que entendeu, o homem quase nu, pedia ajuda a Edward, que não parecia muito feliz ou propenso a ajudá-lo. Quando Philip e o homem desapareceram na escuridão decidiu-se aproximar de Northsham e tentar arrancar

alguma explicação plausível dele.

– Levarei Harrods até Center City – Philip retornou ofegante – Acha que conseguirá impedir o duelo?

– Duelo? – Lucille cobriu os lábios tarde demais.

Logo dois pares de olhos a encaravam, surpresos.

– Srta. Middleton... – Philip ensaiou alguns passos vacilantes em direção a ela, mas Edward o impediu.

– Cuide de Harrods – ordenou.

E Owen prontamente atendeu seu pedido. Ele sabia que o amigo conseguiria lidar com a situação muito melhor do que ele.

E quando o olhar implacável de Edward encontrou o dela, Lucille soube que estava metida em uma enrascada como nunca estivera antes.





## Capítulo 9

Lucille nunca vira alguém tão encolerizado em sua vida. E Deus era testemunha que ela e seu irmão Allan haviam realizado estripulias suficientes durante a infância que teriam deixado seus pais de cabelos brancos antes do tempo. O olhar de Edward continha uma fúria quase que palpável.

– O você faz aqui, senhorita? – indagou ele.

Avançou a distância entre eles com dois passos largos e a segurou pelo ombro, com força. Ela notou que isso exigia dele um grande autocontrole para não sacudi-la como uma boneca de pano.

– Por que aquele homem estava nu, ou melhor, por que ouvi falar em um duelo?

Edward a puxou um pouco mais, sua respiração pesada sobre o rosto dela, como uma carícia morna.

– Não responda minha pergunta com outras, senhorita – apesar do tom gélido em sua voz, o olhar do conde era abrasador – O que faz aqui, espionando?

Lucille ficou dividida entre dizer a verdade e tentar

ludibriá-lo com alguma desculpa vazia. Já que ele nunca usava de honestidade com ela, decidiu retribuir da mesma maneira.

– Quis tomar um pouco de ar fresco e acredito que me perdi – a resposta veio acompanhada de um sorriso travesso.

Os olhos do conde fixaram-se nos lábios de Lucille e ele cerrou os olhos por cinco ou dez segundos.

– Por que será que eu não acredito nisso? – as palavras saíram quase que em um sussurro.

Ambos sabiam com total clareza que ela mentia. Nenhuma dama se aventuraria a um passeio sozinha pelo jardim se suas intenções não fossem questionáveis.

– Talvez porque um mentiroso saiba reconhecer outro quando o encontra – atreveu-se a dizer, antes de curvar os olhos em um gesto cinicamente, recatado – Não acha, milorde?

Lucille acreditou ter um vislumbre de um sorriso quando voltou a erguer o olhar para Edward. Ele afrouxou o agarre de suas mãos nos ombros dela e a puxou para mais perto de si. Percebeu que apenas alguns centímetros

de roupa eram a barreira entre os dois. Seus seios se comprimiram no peito largo dele e as mãos deslizaram pelo tecido acetinado do vestido até encontrar a parte descoberta de sua pele. Um rastro de fogo parecia queimar sua pele por onde os dedos deslizavam em uma carícia tortuosa.

– A última coisa com que deveria se preocupar, Srta. Middleton – Edward deslizou a mão por seu pescoço até alcançar sua nuca, com a outra mão ergueu o queixo atrevido, obrigando-a a mergulhar em seus olhos negros e profundos –, são minhas mentiras.

Ele iria beijá-la, concluiu Lucille, segundos antes de fechar os olhos em expectativa. Seu primeiro beijo e, ao invés de se sentir assustada, até mesmo um pouco afrontada com a ousadia, tudo o que realmente pensava era por que ele não a beijava logo.

– Volte para a segurança da festa, Lucille – murmurou ele em seu ouvido, a voz tão suave quanto o mais fino veludo – Volte para casa e amanhã ao receber o bom dia de sua criada, se dará conta de que tudo que fez foi se perder no jardim. Suas lembranças se confundiram com os

sonhos esquisitos que teve. Nada aconteceu, eu apenas a encontrei perdida e cortesmente a conduzi de volta.

As palavras queriam infiltrar-se em sua mente, como as águas correndo em um riacho.

– O que você...

A indagação de Lucille foi cortada quando os lábios de Edward tocaram os dela. Certa vez, lera em um romance qualquer que os raios que cruzavam o céu eram provocados pelos casais apaixonados. Ela sentia que naquele momento uma grande tempestade acontecia dentro dela. Que cada célula em seu corpo estava carregada de eletricidade.

Inicialmente, Edward apenas pousara a boca na sua. Um toque sutil, delicado, mas potente o suficiente para fazer perder qualquer racionalidade de seu cérebro engenhoso.

Então, o beijo mudou. A língua infiltrou-se entre seus lábios trêmulos, enroscando na sua. O beijo tornou-se cada vez mais exigente e intensificado. Lucille sabia que precisava de ar, mas não sabia exatamente onde buscá-lo. Era como se ele a virasse do avesso e revirasse de volta.

– Você... – Edward se afastou, apenas o suficiente para encarar os olhos gazeados e febris – Nós... Isso não deveria.

Voltou a beijá-la. Lucille emitindo grunhidos impacientes, as mãos percorrendo a cintura estreita e costas curvadas. Abrupto como o beijo iniciara, foi interrompido por ele. Lucille via a mesma confusão nela, carimbada no rosto dele.

Edward tornou a abraçá-la, mas seus lábios não buscaram os dela, causando em Lucille grande desapontamento. Queria que ele os transportasse mais uma vez para aquele lugar onde parecia existir apenas os dois.

– Amanhã... Ao ouvir o primeiro bom dia... – murmurou roucamente entre os cachos de cabelo dela – Tudo isso foi apenas um sonho.

– Por que repete isso? – perguntou ela, quando ele se afastou.

Era como se lutasse consigo mesmo, e Edward fosse um inimigo implacável.

– É melhor voltar agora, Lucille – murmurou ele, indo em direção onde Philip tinha saído – Já devem estar

procurando por você.

– Edward? – a entonação de seu nome estava carregada de súplica por algumas respostas.

Ele não podia continuar fugindo dela sem qualquer explicação. Tampouco beijá-la da forma que beijou e passar a agir como se nada tivesse acontecido.

– Northsham! – exclamou ao vê-lo desaparecer na escuridão.

*Esquecer e bom dia*, palavras que não faziam menor sentido para ela, mas que martelavam em sua cabeça como uma dor de cabeça chata e irritante. O que Northsham tinha feito com ela? O que aquele beijo tinha feito com ela? De repente, Lucille sentiu uma necessidade inexplicável de ir para casa.

A mente mais confusa do que estivera antes. O que Northsham escondia dela?

– Lucille? – Allan a encontrou alguns metros antes de alcançar a varanda – Por onde você andou?

– Eu... – passou as mãos nos cabelos, angustiada. Pela primeira vez sentiu falta de seu leque, que havia deixado dentro da casa – Precisava de ar.

– E decidiu andar sozinha pelo jardim? – Allan olhou desconfiado acima da cabeça dela, perscrutando o caminho de onde viera.

– Preferia que eu estivesse acompanhada? – provocou Lucille, abrindo um leve sorriso.

– Sim! – quando ele percebeu o tipo de companhia que ela se referia, seu olhar irritado se intensificou – Digo não! Ah, Lucille!

Em sua casa de campo nos Estados Unidos, ela poderia ter feito algo parecido se sentisse-se entediada ou aborrecida. Allan não teria ficado tão alarmado com o breve sumiço dela, afinal, estariam cercados apenas de verdadeiros amigos, mas na Inglaterra as regras de etiqueta eram muito mais rígidas.

Um passeio inocente (embora de inocente não tivesse nada) poderia ser considerado um escândalo que dificilmente Lucille conseguiria se livrar.

– Para todos os efeitos – Allan tomou o braço dela e caminharam em direção à casa – estávamos juntos olhando as rosas.

– Eram petúnias – corrigiu ela.



– Como?

– As flores no jardim, eram petúnias...

– Que seja – resmungou Allan e seguiu resmungando até encontrarem uma Lady Eagleton relativamente zangada.

Lucille alegou a pior enxaqueca do mundo, em sua melhor atuação dramática, para que fossem embora. Sua cabeça borbulhava com perguntas e respostas que tentava dar a si mesmo, que não faziam o menor sentido. Mas foram as lembranças daquele beijo que a fizeram acreditar que não conseguiria pregar os olhos à noite.

Mas para sua surpresa, adormecera assim que a criada ajudou a colocá-la na cama.



Edward sentia o gosto doce de mel e fel rivalizando em sua boca. Drasticamente o doce sabor dos lábios de Lucille, ganhavam a luta do amargo causado pela consciência dele.

Ele a beijara e aquilo tinha sido errado de inúmeras maneiras. Traíra a confiança que Philip depositara nele. E, por Deus, de todos os defeitos que Edward sabia carregar era que nunca fora um traidor. Mas nos últimos dias vinha repetindo aquela afirmação, como se precisasse provar a si mesmo tal veracidade.

Lucille Middleton era proibida para ele, não apenas porque seu melhor amigo a desejava. Ela era linda, inteligente, corajosa, curiosa e atrevida como nunca vira antes. Lucille Middleton mexia com ele (mais do que devia e muito mais do que ele gostaria).

Ainda que ela não fosse a escolhida de seu melhor amigo, Edward decidira há muito tempo não deixar que ninguém infiltrasse em seu coração. Amar como seus pais tinham amado um ao outro tinha sido uma das coisas mais bonitas que já vira, mas também destruidora.

Seu tio dissera que foi a grave infecção nos pulmões que levara sua mãe embora, mas Edward sabia que, na realidade, fora a necessidade inexplicável que ela tivera para reencontrar o grande amor de sua vida, onde quer que ela achasse que ele estivesse.

Havia algo indiscutível na vida, as pessoas iam embora. A vida era frágil como uma rosa e ele não tinha predisposição alguma de acabar segurando os espinhos, enquanto as pétalas caíam e murchavam a seus pés.

Poderia ter amigos a quem tivesse grande apreço e centenas de amantes, mas jamais deixaria que ninguém se apoderasse do seu coração. E Lucille Middleton... Lucille representava um perigo que ele não estava disposto a correr, por mais desafiadora, tentadora e encantadora que ela fosse.

– Leve-me até Picadilly – disse ao seu cocheiro – Farei uma breve visita a Lorde Caldwell.

Quando cruzara a Clifford St., Edward ainda não tinha nenhum grande plano formado. Mas ele esperava que Lorde Caldwell estivesse um pouco mais calmo para que ele tivesse alguma influência sobre o homem. No final da Old Bond St., ele se perguntava se três mil libras eram suficientes para tantos aborrecimentos.

A começar por Lucille que tinha visto e escutado o que não deveria saber. Depois, vinha a grande possibilidade que levasse um tiro no traseiro por se meter em assuntos

familiares que não eram ou não deveriam ser de sua alçada. Tudo isso porque Harrods não conseguia manter suas calças no devido lugar.

Céus, como sentia saudade da África. Jamais cogitou que um dia os animais selvagens que admirara a certa distância parecessem mais civilizados do que toda Londres.

Enquanto avançavam à rua, Edward tomou alguns segundos para admirar a construção quadrada, as fileiras de janelas distribuídas pela fachada e as colunas que o faziam se recordar dos templos gregos.

Provavelmente seria a última coisa bonita que seus olhos avistariam antes do fim da sua curta vida. Maridos traídos e enfurecidos eram tão perigosos quanto leões famintos em busca de alimento.

Não foi preciso que Edward sacasse seu cartão de visitas, muito menos que tocasse a aldrava de bronze, a porta foi aberta em um estrondo.

Lorde Caldwell saiu arrastando uma jovem criada pelos cotovelos.

– E não volte aqui e nem espere de mim uma carta de

recomendação! – esbravejou ele, batendo a porta outra vez.

Caída nos últimos degraus da entrada, a criada levou alguns segundos para se recuperar do choque e começar a recolher os pertences espalhados em torno dela.

Edward nunca se importara muito com opiniões ou sentimentos de seus criados (mal ligara para as opiniões e sentimentos de seu tio), mas sempre tratara todas as pessoas nobres ou não com um mínimo de cordialidade e respeito.

Pessoas eram pessoas no fim de contas. E independente do transtorno que aquela jovem pudesse ter causado a Caldwell, não merecia ser vítima de sua fúria.

Ele pegou o lenço de algodão e as três moedas que haviam caído próximo a seus pés, entregando a ela.

– Obrigada, milorde – disse a jovem em uma voz trêmula, a cabeça inclinada para o chão em uma postura servil.

– Você está bem?

Edward estendeu a mão e aguardou que ela aceitasse sua ajuda para se erguer. Por um tempo relativamente

longo, a garota apenas olhou sua mão estendida, mas acabou aceitando a oferta generosa.

Qualquer outra pessoa teria passado por ela no chão como uma pedra indesejada no caminho. Não estava acostumada com gentilezas ou atenção dos mais afortunados que ela.

– Estou bem, senhor – disse mansamente e ergueu o rosto para ele com um sorriso agradecido – Obrigada.

Aquela parecia ser uma noite para surpresas, concluiu Edward ao encarar a jovem retraída à sua frente. Sabia que tinha sido ingrato com seu passado, ingrato às únicas pessoas que por um tempo representaram sua família. E diversas vezes se perguntara o que tinha acontecido aos seus amigos. Nunca imaginou que a vida o colocaria frente a frente com alguma delas.

– Mary?

O rosto sujo e manchado de lágrimas da menina triste gritando por ele enquanto a carruagem se afastava nunca saíra de sua cabeça. Reconheceria a pequena Mary mesmo se passassem mil anos.

– Mary, é você? – indagou, incrédulo.

– Edward? – sussurrou, dando alguns passos vacilantes para trás – Edward Magee?

– É Halton agora. Conde de Northsham – corrigiu, e a declaração lhe soou um pouco arrogante.

– Claro, um conde.

O que ele deveria fazer agora? Tomá-la nos braços e dar giros afetuosos como bons amigos fariam ao se encontrar?

Não, aquilo não seria apropriado e nem havia neles a intimidade que fora deixada para trás.

– É bom rever você, Mary – disse, cruzando os braços atrás das costas e pigarreou antes de continuar: – E sua mãe?

Um brilho de tristeza passou pelos olhos dela antes de dar uma resposta: – Faleceu.

– Eu sinto muito.

A mãe e Hidden, pelo que ele sabia, eram toda a família que Mary ainda tinha.

– Seu irmão...

– Desculpe-me, Edward... quer dizer, milorde – ela endureceu o olhar antes de passar por ele – Não posso

mais perder meu tempo.

Como ele não perdera tempo procurando por eles no passado. Mais do que nunca se arrependia disso.

– Espere, Mary! – avançou alguns passos em sua direção – Onde você está? E Hidden?

– No mesmo lugar. Em St. Giles – murmurou com a voz vacilante – Nunca saímos de lá.

Antes de vê-la partir em uma corrida desenfreada, Edward jurou ter vislumbrado os olhos umedecidos, prestes a derramar uma tempestade de lágrimas que ele teve certeza que Mary não desejava que ele presenciasse. Tinha passado por uma situação humilhante e reencontrá-lo talvez tivesse a abalado muito mais do que a brutalidade de Lorde Caldwell.

Ele olhou para a jovem de vestimentas pueris, trouxa rústica nas mãos, que atravessava os portões e foi impossível não comparar a discrepância entre a pousada humilde naquele bairro pobre em que vivera com a imponente mansão à frente dele. Mas havia naqueles três cômodos simples de pousada algo que duvidava encontrar em qualquer um dos aposentos de Caldwell House: *Calor*



*e amor.*



Encontrou Lorde Caldwell em seu escritório polindo algumas de suas armas. Edward agradeceu mentalmente que todas elas estivessem descarregadas, quando o mordomo o conduziu até o patrão.

– Diga-me, Northsham – ele engatilhou uma das espingardas – Também é um dos amantes de minha mulher?

Apesar da aparente calma, o homem estava mais vermelho do que um pimentão. E apesar de Caldwell ser considerado por alguns como um nobre de pouca inteligência, Edward sabia que deveria ser cauteloso.

– O senhor me conhece o suficiente – disse com toda calma – para saber que mulheres casadas nunca me atraíram.

Em toda a sua vida de libertino, seu nome nunca andara em rumores como esse. Talvez tenha sido isso que fizera William Caldwell se convencer.

– O faz aqui, então? – o barulho do engate, fez Edward dar dois passos estudados para o lado.

Fingiu observar o grande quadro na parede antes de dar a resposta que William aguardava.

– Estou sabendo sobre o duelo – disse calmamente – Vim me oferecer como seu padrinho.

– Meu padrinho? – indagou ele, visivelmente desconfiado.

O natural e provavelmente esperado por ele, era que Edward o convencesse do contrário e não que o guiasse àquela loucura.

Mas Edward sabia que transtornado do jeito que estava, seria impossível conseguir envolver sua mente e fazê-lo agir de acordo com sua vontade. Ele teria que fazer com o que sir Caldwell abaixasse a guarda.

– Apesar de notar que o senhor tem uma grande e interessante coleção de armas...

– Foram do meu pai – interrompeu ele.

– Sim, ele era um grande caçador.

– O mesmo não se aplica a mim – disse William derrotado.

Não era bom com as armas, prova disso foi que Carl Harrods tinha saído dali sem um único arranhão.

– Convenci Lorde Harrods a adiar o duelo por duas semanas – continuou Edward – Tempo que talvez eu consiga ajudá-lo com sua pontaria.

William desabou em sua cadeira e olhou para cada uma de suas armas. Edward acreditou que era a primeira vez que ele se dava conta da grande enrascada que tinha se enfiado. Poderia tentar fazê-lo desistir dali, mas a honra de um homem era algo que nunca deveria ser questionada.

Se ele fosse casado com Lucille, por exemplo? Ora, por que Lucille? Arreliou-se com seus pensamentos. Provavelmente porque não conseguia se ver casado com nenhuma outra.

Bom, se fosse casado (hipoteticamente) com a Srta. Middleton, e outro homem se infiltrasse em seus lençóis, provavelmente (não, certamente) daria cabo do infeliz.

– E por que faria isso, Northsham?

– Porque acho que agiria exatamente como você, se tentassem tirar a mulher que eu amo.

O que ficara mais claro para Edward ali era que não se

tratava apenas de honra e orgulho ferido. Caldwell tinha sentimentos profundos pela esposa. E embora ele não fosse muito ágil e nem estivesse no frescor da juventude, ainda era um homem apresentável. Talvez não conseguisse reverter ou impedir o duelo, mas, quem sabe, poderia ajudar o casal de outra maneira?

### *Maldição!*

Estava se transformando em uma daquelas mães casamenteiras que perseguiam jovens cavalheiros nos bailes e que achavam que entendiam tudo sobre relacionamentos e amor.

Seu objetivo era se tornar um homem muito rico. Era nisso que iria se focar, logo que conseguisse sair daquela enrascada.



Em um quarto minúsculo entre Bream's Buildings e a Fetter Lane, bem distante da alta sociedade de Mayfar,

Philip tentava conter Lorde Harrods, que se encontrava furioso.

– Todos sabemos que William é péssimo com armas, Harrods – Philip tentou controlá-lo mais uma vez, quando disparou em direção a Edward – Seria como desafiar um homem cego.

– O combinado, Northsham, é que impedisse esse disparate – rugiu ele.

– Os planos mudaram – disse Edward em uma calma irritante – Acho que o mais importante é mantê-lo vivo.

– E como fará isso se em duas semanas irá deixar William preparado para, no mínimo, deixar-me aleijado.

– Não posso impedir o duelo – disse Edward – Mas posso fazer que termine de uma forma diferente. Essas duas semanas com William não serão para fazer dele um soldado. Tenho outras coisas em mente.

Harrods conseguiu se livrar de Philip e ajeitou suas roupas em desalinho.

– Nesse caso, a recompensa...

– Nem pense nisso – murmurou Edward, comprimindo os olhos em um olhar glacial – Quero cinquenta por cento

entregue em minha casa ainda essa tarde.

Eram as três mil libras que o impediam de arremessar Carl Harrods pela janela. Ou deixar que ele mergulhasse no poço de vergonha e humilhação. E ele não lamentaria nem um pouco se aquilo de fato acontecesse.

– Se você será o padrinho de Caldwell, quem será meu padrinho? – indagou ele, contrariado.

– Philip.

– Eu?

– Acho que não queremos que isso se alastre por Londres inteira e acabe virando um verdadeiro circo – retrucou Edward – Pensei que sua intenção era abafar um escândalo.

Obviamente que teria alguns rumores, mas nada que alguém pudesse provar. E se Lorde Caldwell não saísse gritando sua desonra aos quatro cantos do país, tudo o que haveria seriam especulações.

– Como se isso fosse possível – resmungou Harrods – No entanto, acho que é o melhor que poderia conseguir. Vou para casa, preciso descansar.

Assim que Harrods voltou para a breve segurança de

seu lar (agora, devidamente vestido), Edward se preparou para a conversa franca e reveladora que deveria ter com Owen.

– Como resolveu a situação com a Srta. Middleton? – Philip perguntou assim que Carl fechou a porta.

– Ela não causará problemas – disse Edward e caminhou até a única janela no quarto para observar o clarear do dia.

Quem dera que sua vida pudesse mudar como a noite se transformava em dia.

– Então, resolveu o problema? – a pergunta soou mais como uma constatação aliviada do que uma indagação.

– Eu a beijei, Philip.

Levou quase um minuto para que Edward tivesse a coragem de enfrentá-lo. Mas quando o fez, olhou diretamente em seus olhos.

– Beijei a Srta. Middleton – repetiu diante do silêncio dele.

Fechou os olhos na espera do golpe que certamente deixaria por vários dias um dos seus olhos desfigurados. Geralmente Philip era um homem calmo e de bom humor,

mas Edward já o vira com raiva, e embora não fosse o melhor lutador do mundo (pelo menos, não melhor do que ele), sabia usar muito bem os seus punhos.

– Humm... Foi bem engenhoso de sua parte – murmurou Philip como se a revelação não o incomodasse.

– Eu disse que a beijei, Philip – disse em um gesto exasperado.

– Já ouvi, Edward – ele deu de ombros – A menos que me diga que tenha se apaixonado, acho que não tenho motivos para me preocupar. Precisou agir rápido.

Ou ele tinha se transformado em um completo idiota, coisa que tinha certeza não ser, ou Philip era mais seguro do que imaginava.

– Não teme que ela se apaixone por mim?

– Que mulher não se apaixonaria por você, Edward?

– Ora, muitas.

Não era completamente verdade. Não era arrogante ao ponto de acreditar que conquistaria todas as mulheres do mundo. Mas nunca fracassara em conquistar aquelas que sentira vontade.

– A minha preocupação seria apenas se você se



apaixonasse por ela. Eu corro esse risco?

Edward engoliu em seco. Tinha jurado a si mesmo que aquilo nunca iria acontecer, então, não estaria mentindo ao afirmar que não.

– Claro que não – murmurou num fio de voz.

– Então, está tudo certo – Philip sorriu – Eu não acredito que você tenha sido o único a tentar ou, de fato, beijar a Srta. Middleton. Obviamente eu teria muitos concorrentes pelo caminho. No seu caso, foi apenas um beijo inocente para distraí-la.

Edward quase gemeu ao lembrar que de inocente aquele beijo não tivera nada. Por muito pouco não a tinha despido feito um bárbaro ensandecido e a feito dele, ali mesmo no chão.

Odiou a si mesmo por ocultar essa parte de seu melhor amigo, mas nem todas as verdades precisavam ser reveladas. Pelo menos não as que diziam respeito ao que realmente sentia.

## Capítulo 10

Lucille já estava desperta quando teve o sinal de movimentos em seu quarto. Primeiro, da criada de Lady Eagleton designada para auxiliá-la; depois, da própria Lady Eagleton que já entrara três vezes em seu quarto para verificar se ela já tinha acordado.

– Devo acordá-la, milady?

– Claro que não. – murmurou a senhora enfaticamente – Deixe-a descansar. Pobrezinha, deve estar exausta. Ontem se queixou de uma dor de cabeça terrível.

Lucille sentiu um farfalhar em sua coberta, mas não sabia dizer exatamente quem a cobria.

– Quem poderia culpá-la? – indagou a senhora e sua voz foi desaparecendo em direção à porta – Encontrar um pretendente adequado pode ser uma tarefa exaustiva e Lucille...

O clique da porta e o silêncio que se seguiu

comprovavam a ela que se encontrava sozinha. Ainda assim, Lucille levou alguns minutos para sentar em sua cama.

Normalmente era uma pessoa afável e falante ao acordar. Poucas vezes se vira impaciente ou emburrada. Mas, naquela manhã, queria ser deixada sozinha. Tinha a mente nublada do que vivenciara em seus sonhos e o que acreditava ter acontecido.

Com um salto desajeitado e passos trôpegos, chegou à sua escrivaninha. Munida de seu tinteiro e folhas passou a descrever tudo o que se lembrava da noite anterior.

*Evan a conduziu até seu jardim. E embora não houvesse uma única estrela iluminando o céu, para transformar aquela noite ainda mais perfeita, Lucy conseguia ver milhares delas brilhando nos olhos de seu amado. Cada palavra que ele declarava a ela representava perfeitamente os sentimentos de Lucy por ele.*

*“Ah, Evan, meu pai jamais permitirá que eu cancele meu compromisso com o duque.”*

*“Nesse caso, eu o desafiarei!”, disse ele em um tom*

*apaixonado. “A sequestrarei se for preciso. Confie em mim, Lucy.”*

*Ela não duvidada que Evan seria capaz de ir do céu ao inferno para ficarem juntos, mas o duque de Randall, com o apoio de seu pai, eram uma dupla perigosa demais para ser desafiada...*

– Desafio – bateu com a pluma em seu queixo enquanto pensava – Desafio?

*O duelo.*

As imagens vieram como uma avalanche escorregando de uma montanha. Não foi um sonho o homem, o beijo... Edward. Era real demais, embora insano. Aquele beijo foi real, ainda ardia em sua boca. Northsham quisera fazer com que ela acreditasse que nada daquilo acontecera. Sim, ela tinha uma mente romântica e um pouco fantasiosa, mas não era tola. Seja lá o que for que Edward tentara fazer com ela, Lucille iria descobrir.

Primeiro, investigaria algo mais sobre o possível duelo. Nunca estivera tão animada em toda sua vida.

*Um duelo.*

*Em Londres.*

Vivenciar aquilo seria magnífico para sua história. Empolgada, voltou a dedicar sua atenção aos seus escritos, a cabeça fervilhando com novas ideias.

*Para Evan, a vida era como um intrigante jogo de xadrez. O vencedor era aquele que tivesse a melhor estratégia...*

E naquela tarde, quando Lucille se reuniu ao restante da casa para sua primeira refeição, seu mal-estar havia desaparecido.

– Pensei no evento na casa dos Petworth amanhã à tarde – sugeriu Lady Eagleton – Sei que se encontra melhor, mas talvez não devêssemos abusar.

– Oh, não milady. Sinto-me tão bem quanto um recém-nascido.

– Recém-nascidos são chorões e sonolentos – gracejou Allan, que deveria estar concentrado no jornal que lia ao invés de na conversa delas.

– Meu irmão, você entendeu muito bem o que eu quis dizer – Lucille não resistiu a vontade de lhe fazer uma careta – Além disso, adoro recitais.

– Isso eu gostaria de passar – resmungou Allan e ele

não se referia à coluna de fofocas – Não existe sonífero mais potente do que juvenzinhas recitando poemas.

– Também haverá carteados e outros jogos – disse Amelia para encorajá-lo.

– E com certeza, no mínimo, uma dúzia de mães obstinadas e damas esperançosas – por fim, largou o jornal e seguiu em direção à porta – Todos esses bailes já são suficientes para mim. As deixarei para que cuidem dos preparativos.

Após um meneio rápido, Lucille o viu sumir porta afora. Provavelmente Allan fugia da tentativa de Lady Eagleton fazê-lo mudar de ideia.

Intimamente Lucille sentia certo alívio que seu irmão fugisse do compromisso. Ela dissera a Lorde Owen na noite anterior, enquanto dançavam, que ela compareceria ao evento promovido pelos Petworth. Tinha plena certeza que ele também marcaria sua presença, visto que não escondia suas intenções de fazer-lhe a corte. Lorde Northsham poderia ser escorregadio como um sabão, mas ela arrancaria do amigo dele o máximo de informações que pudesse ter.

– Bem, nesse caso, precisamos cuidar de todos os detalhes – disse Amelia animada – Tenho certeza que Lorde Aberky comparecerá.

Lucille deixou que a sempre empolgada Lady Eagleton pensasse nos aspectos mais aborrecidos para o dia seguinte, como quais acessórios combinariam melhor com os vestidos. Ou qual chamaria mais atenção de Lorde Aberky. Vez ou outra balançava a cabeça respondendo a alguma pergunta que não tinha escutado, enquanto formulava uma estratégia em relação a Philip.



Assim como a maioria dos nobres, Edward evitava circular nos subúrbios onde se concentrava a classe operária. Neles se encontravam as piores casas, ruas sem canais de escoamento, sujas e cobertas de detritos e semeados de charcos fétidos. St. Giles era um lugar de extrema pobreza mesmo quando vivera lá e não havia melhorado com o passar dos anos. Era um dos lugares preferidos para prostitutas e escroques.

Mulheres e homens olharam-no com curiosidade quando desceu da carruagem.

– Não devo me demorar – disse ao cocheiro que olhava em todas as direções com um ar cauteloso.

A pensão onde ele vivera parecia estar ainda mais arruinada. Edward observou dois roedores fugindo conforme ele passava. O odor de detritos levou lágrimas a seus olhos e por muito pouco não recorreu ao auxílio de um lenço para respirar melhor.

Flash de sua infância veio-lhe à mente. Brincara naqueles mesmos corredores com Mary e Hidden enquanto sua mãe trabalhava na fábrica. Aquele fora todo seu mundo, constatou Edward horrorizado.

Santo Deus, ninguém merecia viver assim.

Antes que ele batesse à porta de Mary, ele torcia que ainda fosse a mesma porta manchada de carvão, ela foi aberta e a jovem carregando um balde d'água suja surgiu abruptamente.

– Edward? – Mary o encarava como se ele fosse um cobrador, agente da polícia ou qualquer outra pessoa capaz de intimidá-la, menos com alegria de rever um



conhecido – O que faz aqui?

Ele pigarreou levemente antes de responder: – Eu vim vê-la.

– Por quê?

Por quê? Era uma boa pergunta, embora ele não tivesse uma boa resposta para dar a ela, simplesmente disse:

– Porque somos amigos?

Mary equilibrou o balde entre uma mão e outra, enquanto ponderava no que deveria dizer. Edward entendia a desconfiança dela, afinal, fora embora e nunca fizera contato com eles no decorrer dos anos.

– Deixe-me ajudá-la – inclinou-se para tirar o fardo de suas mãos, mas ela se afastou rejeitando a oferta cortês.

– Acho melhor o milorde entrar – murmurou, rapidamente.

Edward acompanhou para onde os olhos dela iam. Vários curiosos olhavam atentamente para eles. Não era certo que um homem parasse à porta de uma jovem solteira. Mas na classe inferior, as etiquetas de boa conduta eram completamente ignoradas.

O interesse dos inquilinos devia-se mais ao fato de

Mary ter conseguido um amante de boa aparência e fortuna, do que com a reputação dela.

Ele não poderia evitar as fofocas, mas não daria mais munção para especulações e comentários. Entrou rapidamente no minúsculo quarto e ouviu a porta sendo fechada a suas costas. Levou alguns segundos para que seus olhos se acostumassem à fraca iluminação.

Havia apenas duas velas; Uma presa em um pires sobre a mesa e outra já pela metade em um caixote próximo à cama, onde um homem dormia profundamente.

– Hidden? – indicou com a cartola que acabara de tirar.

Mary balançou a cabeça e foi sentar ao lado do irmão. Ela ajeitou as cobertas em torno dele e fez uma carícia delicada nos cabelos claros e úmidos de suor.

– O que ele tem?

Hidden, pelo que Edward lembrava, fora um menino franzino e aquilo também não parecia ter mudado.

– Um acidente na fábrica impediu que nossa mãe continuasse trabalhando – murmurou ela, ainda sem encará-lo – Hidden nunca teve os pulmões muito bons.

Mas nós não tínhamos muitas alternativas. Ele se recusava que eu trabalhasse tão nova, embora ele fosse apenas um menino também.

Mary não continuou a história, e nem Edward precisava que ela continuasse. Sabia as condições da fábrica em que sua mãe trabalhara. Não acreditava que tivesse melhorado com o tempo. Crianças e mulheres colocavam a saúde e vida em risco buscando o mínimo para sobreviver.

– O que você quer, Edward?

– Ajudar vocês – ele se aproximou dela – Um dia você disse que os nobres nunca olham para trás.

Ela maneou a cabeça comprovando que lembrava daquele dia. Sua atenção agora voltada para ele.

– Bem, nunca fui muito nobre, na verdade – Edward tocou o ombro curvado e sorriu – Acho que chegou a hora de ser.

E ele não se referia ao seu título ou às propriedades em decadência que tinha. Não falava de frequentar clubes exclusivos e ir aos melhores bailes. Ele se referia à nobreza de alma.

– Pegue tudo o que você e Hidden possam precisar de imediato – disse ele olhando em volta e concluiu que não havia muito que poderiam levar dali – Vou levá-los daqui.

Mary fez a última coisa que ele esperava, mas a que provocou um enorme nó em sua garganta. Abraçou sua cintura e chorou. Acanhado e inseguro de como reagir, Edward deu alguns tapinhas de conforto em sua cabeça. Era a primeira e sincera demonstração de afeto que ele recebia em muito tempo.

Não era verdade. Havia Lucille, mas ele não poderia dizer se o que aconteceu entre eles era algo como afeto. O que eles tiveram fora muito mais profundo.



Lucille gostava muito mais de eventos durante a tarde do que as agitações dos bailes à noite. Era possível caminhar pelo jardim com um jovem rapaz sem causar tanta preocupação, pois, outros casais faziam o mesmo.

Tendas e mesas foram espalhadas pelo gramado, algumas damas se arriscavam no tênis de relva, outros

grupos divertiam-se jogando Croquet, entre outras atividades ao ar livre. Dentro da casa havia competições de xadrez e carteados para quem preferia um ambiente mais ameno.

A cada um de seus pretendentes, Lucille fez uma promessa ou desculpa diferente para ter seu momento sozinha com Philip. E ela preferiu a tranquilidade das margens do lago para caminhar com Lorde Owen ao seu lado. Aos olhos de todos, mas suficientemente longe para ter uma conversa mais privada, como gostaria.

– Então, sente mais saudade de casa do que de seus amigos – concluiu ele, após o breve resumo que Lucille fizera de sua vida na América.

– Talvez de alguns primos e primas.

Nunca fora de muitas amizades e o mais próximo que chegara disso vinha de sua família ou dos amigos de Allan. Para ela, rapazes sempre foram criaturas menos complicadas de se conviver.

Lucille girou o cabo de sua sombrinha e se perguntava se aquele era o momento em que ele estava completamente relaxado para ela dar o bote.

Aproximaram-se de uma árvore e Lucille os conduziu para uma posição em que ficariam parcialmente encobertos.

– Lorde Owen – curvou a cabeça em uma demonstração de timidez – Eu sei que... bem, não sei como dizer isso.

Philip tocou seu queixo com gentileza e levantou seu rosto para que o encarasse. Ela não poderia negar que ele era atraente, mas seu coração não havia disparado ou não acelerara como acontecia sempre que estava ao lado de Edward.

– Diga-me, o que a aflige?

– Sei que está sendo muito gentil em não comentar nada do que aconteceu aquela noite – ela sussurrou como se receasse que alguém pudesse ouvi-los.

Encorajada, Lucille notou Philip retesar. Poderia não ter certeza de tudo o que acontecera na noite do baile, mas a reação de Lorde Owen confirmava que o pouco que lembrava realmente tinha acontecido. O duelo não fora coisa da sua imaginação.

– Desculpe, eu não...

– Sim, sei que, como Lorde Northsham prometeu, não dirá nada sobre a minha presença ou que possa me comprometer – disse Lucille de forma pudica – Obviamente eu não deveria ter estado ali e nem ter escutado o que escutei.

Aproximou-se mais de Philip, que parecia um coelho assustado prensado contra a árvore, acuado por uma serpente perigosa.

– Mas não posso deixar de me preocupar com o senhor – confessou ela com um olhar preocupado – Sinto muita preocupação com sua segurança se aquele duelo realmente acontecer.

Philip soltou uma imprecação que teria horrorizado qualquer dama, Lucille até mesmo se lembrou em fazer um ar atordoado (e por dentro, queria congratular-se de sua boa atuação).

– Edward disse que... – Philip caminhava de um lado a outro, completamente fora de si – Srta. Middleton.

Ele parou para encará-la, um pouco mais controlado dessa vez.

– Estou tocado por sua preocupação, mas não haverá

nenhum duelo.

Embora ele estivesse impassível e aparentemente seguro em sua resposta, o sexto sentido de Lucille afirmava que ele mentia. Tentou pensar rápido para que ele confessasse a verdade de outra forma.

– Eu poderia ficar se aquele homem... – ela inclinou em direção a ele e voltou a sussurrar.

– Edward?

Ela olhou para os dois lados antes de responder: – Não, aquele com vestimentas impróprias.

– Carl Harrods?

– Esse mesmo! – disse ela e tentou colocar menos entusiasmo em suas palavras – Bem, eu ficarei bem mais calma se o Sr. Harrods não afirmasse abertamente que haverá um duelo em breve.

Philip bufou e por muito pouco não emitiu outro xingamento. Ou talvez tenha feito já que seus lábios se moveram silenciosamente.

– Quando? – indagou ele.

Lucille piscou os olhos, dessa vez sua surpresa era verídica. Não tinha pensado que ele poderia questioná-la



sobre isso.

– Quando?

– Sim, quando e onde Lorde Harrods disse isso à senhorita?

*Maldição!* Pensou Lucille.

– Não disse exatamente a mim. Allan ouviu na casa de... – ela curvou a cabeça e gemeu dramaticamente – Apenas rumores, mas que me deixaram preocupada. É um amigo tão prestimoso para mim, Lorde Owen.

Estranhamente aquilo era verdade. Owen não era como os outros rapazes que a cortejavam. Ele era gentil, mas não de uma forma excessiva. Fazia perguntas que geralmente ela tinha pretensão de responder. E as conversas com ele nunca eram enfadonhas.

– Srta. Middleton, como disse antes, não há com o que se preocupar – disse ele com uma impressionante calma, embora os punhos que ele abria e fechava indicassem o oposto – Foi apenas um mal-entendido provocado por Lorde Harrods.

Frustrada, não restou a Lucille aceitar a afirmação que ele lhe impunha. Se fosse além, geraria suspeitas.

– É reconfortante saber disso, milorde – disse brandamente – Acho melhor atender a alguns cavalheiros também.

Dessa vez, Owen não expressou a decepção em deixá-la. Ele parecia estar ansioso para fugir dali.



Edward tentou cobrir a cabeça e voltar ao seu sonho com uma dama de cabelos dourados e olhos azuis (sonho que, por sinal, causava grande prazer ao seu corpo), mas a voz irritante e as mãos impertinentes puxando sua coberta o impediam de continuar naquele paraíso.

– Acorde, Edward!

A coberta foi arrancada e o puxão, exibindo mais do que o corpo despido.

– Deus, homem! – Philip tornou a jogar uma das cobertas sobre ele – Vista-se.

Completamente sóbrio e sem nenhum pudor em ser pego em uma posição desconfortável, ele encarou o amigo com o olhar indócil. Vestiu o roupão sem nenhuma pressa

e caminhou até a mesinha onde uma bandeja de café havia sido posta por seu mordomo.

– O que o traz tão cedo, Philip?

– Cedo? Já passa do meio-dia.

Edward apenas ergueu uma das sobrancelhas, mas não expressou qualquer comentário.

– Procurei-o no clube, nas casas de aposta e em todos os bordéis que frequenta na cidade – continuou Philip com ar indignado – Onde esteve ontem à noite?

Edward largou o bolinho que havia pegado e encarou o amigo. Essa manhã, para ele ainda era manhã, não estava sendo uma das melhores, sua cabeça enfrentava uma ressaca infernal e ele ainda tinha que lidar com certa parte de sua anatomia que fora dolorosamente despertada pela visita indesejada.

– Se você não veio aqui para pedir minha mão – disse em um tom mordaz –, não vejo razão para que relate cada um dos meus passos. Guarde suas expectativas para a Srta. Middleton.

– É exatamente sobre ela que eu quero falar – murmurou ele – Desde ontem.

– Eu vou me apressar em ajudá-lo...

– Não se trata disso – Philip ocupou a cadeira vazia de frente a Edward e começou a servir-se do café da manhã ao qual não fora convidado – Não deu certo.

– O que não deu certo?

– Seus encantos com Lucille – murmurou, a boca cheia com um pãozinho doce – Ela se lembra exatamente de tudo.

A xícara que Edward segurava deslizou de suas mãos e espatifou-se, manchando o carpete.

– Como?

– Sobre Harrods – disse Philip – O duelo e provavelmente o beijo que você deu a ela. Lucille lembrou-se de tudo.

– Isso não é possível – Edward se levantou e caminhou pelo quarto. Ninguém jamais escapou antes. Nem mesmo os homens mais fortes.

– Talvez sua hipnose apenas não funcione com ela.

– A hipnose é apenas uma técnica que uso – retorquiu ele.

– Ah, claro, seus dons ancestrais – Philip fez um

movimento debochado com as mãos e exibiu um sorriso descrente – Ainda acredita nisso?

Edward se inclinou, as mãos espalmadas sobre a mesa. Os olhos argutos como os de uma águia fixos em Philip.

– Pegue o garfo – ordenou com a voz aveludada –, espete-o na sua mão.

Prontamente ele acatou sua ordem e quando Edward notou que os dentes afiados perfurariam a pele, colocou um fim àquilo.

– acorde! – estalou os dedos e os olhos de Philip piscaram ao voltar à consciência.

– Mas que porra! – soltou o talher e massageou a pele dolorida – Edward, você jurou que nunca...

– Usaria a hipnose com você – murmurou com um sorriso convencido – Acredite, eu não usei.

– Em outros tempos – murmurou Philip, contrariado por ter que admitir que Edward era de alguma forma especial – Seria morto por bruxaria.

Esse fora um dos grandes receios de sua mãe, que apesar de não entender muito bem sobre esse dom, e não tê-lo, sabia que seu filho o tinha. Se isso fosse descoberto

pelos de fora, Edward poderia ser trancafiado num manicômio, ou pior. Afinal, haviam passado apenas pouco mais de dois séculos desde que os horrores envolvendo práticas consideradas bruxarias tinham acontecido.

– Não é magia. É um dom. Como as ciganas leem cartas ou veem o futuro. Provavelmente, se um dia tivesse uma filha, seria agraciada ou amaldiçoada com isso também – continuou Edward dando de ombros – Não tenho certeza se minha mãe nunca percebeu meu dom ou se ela preferia ignorá-lo. A fome era grande demais para se ter cabeça para elaborar um plano que nos tirasse daquele buraco. Já o meu tio aproveitou enquanto pôde, até que me rebelei e parti.

Edward colocou alguns pedaços de presunto em seu prato, enquanto pensava em seu tio.

– A mente humana é algo muito complexo – continuou ele – Nem todos são suscetíveis à hipnose. Não achei que com Lucille precisaria ir mais além. Quais explicações deu a ela?

– Garanti que estava tudo resolvido. Que foi apenas um engano – disse Philip, limpando os dedos em um

guardanapo – Mas não pude tocar na questão do beijo. Isso você terá que resolver.

Isso ele teria que resolver mesmo que ela estivesse confusa sobre o duelo, afinal, ele não tinha ordenado a Lucille que esquecesse do beijo.

– O grande problema é que Harrods anda bem falante por aí. Middleton escutou algo dele e deve ter comentado com Lorde Eagleton, talvez tenha sido isso que tenha desencadeado as lembranças de Lucille.

– Eu não acredito.

Lucille tinha conseguido escapar de suas amarras. De alguma forma, ela poderia ser a única pessoa a ser imune a ele. Sem dúvida alguma, a Srta. Middleton tinha se tornado alguém ainda mais perigoso para Edward.

– Respondendo sua pergunta de mais cedo, estive na casa da madame Stroud – era um dos bordéis mais frequentados da cidade, mas Edward não conseguira ficar mais do que uma hora por lá. Nem mesmo as mais belas cortesãs foram capazes de fazê-lo tirar outra dama de sua cabeça – Depois fui até Lorde Caldwell. Treinamos por algumas horas e bebemos até o dia clarear.

Dois homens atormentados por mulheres infernais.

– Acho que nem um milhão de anos farão Lorde Caldwell aprender a atirar – continuou Edward.

– O que faremos então?

– Vamos antecipar o duelo – Edward sorriu arditamente – Eu tenho uma nova ideia.



Enquanto isso, não muito distante dali, no quarto de Lucille, Christa Seaford ouvia a história quase inacreditável narrada por sua amiga extremamente empolgada.

– Estou muito agradecida pela confiança depositada em mim – Christa nunca tivera uma amiga que confiasse tanto nela, a mesma tendia a não revelar a ninguém os segredos guardados em seu coração – Mas estou receosa que se coloque em uma posição em que fique com a reputação arruinada.

– Isso não irá acontecer – disse Lucille – Nem Philip nem Edward desejam que a história venha à tona.



Tampouco Lorde Harrods e seja lá quem o esteja desafiando.

– Nesse caso – murmurou Christa –, deveria pôr uma pedra sobre o assunto.

Lucille caminhou até a escrivaninha, precisamente até as pilhas de livros sobre ela, onde tirou seus manuscritos e colocou sobre o colo de Christa.

– É importante para a minha história.

– Pretende publicá-las? – a voz da Srta. Seaford tinha um leve toque de horror.

Era aceitável que algumas damas passassem seu tempo entre poesias e alguns romances, mas chegar a publicar um? Talvez um de receitas fosse admissível, mas um livro recheado de aventuras e amores proibidos seria audacioso demais até mesmo para alguém tão destemido como Lucille. E Christa se considerava uma jovem de mente aberta.

– Claro que não – respondeu Lucille, escondendo um sorriso – Talvez não agora. Ou não com o meu nome...

– Lucille! – ela praticamente tinha gemido seu nome de forma exasperada.

Ela ajoelhou-se em frente à Christa, com um olhar similar a um cãozinho pidão. Aqueles que eram impossíveis ignorar por mais de cinco segundos.

– Serei totalmente cuidadosa – insistiu ela – E caso algo aconteça, jamais deixarei que algo respingue em você.

Christa nunca fora boa em dizer não. Isso sempre a colocava em uma posição desconfortável. Ela também nunca estreitara laços de amizade com ninguém, nem mesmo com sua irmã, que nunca a entendera de fato. E apesar de Lucille não ser nem um pouco convencional, desejava muito que a amizade entre elas se fortalecesse.

– O que exatamente quer que eu faça? – murmurou derrotada.

Antes de responder, Lucille a surpreendeu com um abraço empolgado.

– Você ainda está hospedada com os Owen, não é mesmo? – indagou, após alguns risos e protestos vindos de Christa.

– Infelizmente, até o fim da temporada.

Embora fizesse de tudo para não esbarrar em Philip e

de ele passar mais tempo longe da casa dos pais do que seria esperado, era quase uma tortura tentar ignorá-lo nas poucas refeições que faziam juntos.

– Então, deve ver Lorde Northsham algumas vezes por lá?

– Sim, são amigos de longa data.

Lucille abriu um largo sorriso e Christa começou a entender onde ela pretendia chegar.

– Quer que eu os espione?

– Investigue, na verdade.

– Não daria certo, Lucille – Christa ia se levantar, mas se deu conta das folhas espalhadas em seu colo – Duvido que Lorde Edward e o... você sabe quem, arrisquem-se a conversar sobre isso por lá. Provavelmente devem confabular na casa do conde ou do próprio Sr. Harrods.

– Acho que está certa – Lucille ergueu-se do chão e desabou na cadeira mais próxima.

O rosto não escondia o desapontamento que sentia.

– Mas podemos conseguir a informação de outra forma – sugeriu Christa, vendo os olhos de sua amiga voltarem a brilhar – Mas irá nos custar algumas moedas.

– O que exatamente você está pensando?

Christa olhou rapidamente para a porta antes de responder:

– Minha mãe sempre diz que os criados são os olhos e ouvidos de uma casa – murmurou ela – São melhores que qualquer coluna de fofoca.

Nisso Lucille era obrigada a concordar.

– Quer subornar os criados de Lorde Northsham? – perguntou Lucille, entusiasmada.

– Provavelmente os de Lorde Harrods também – ponderou Christa – Na verdade, acho que os criados de Harrods sejam menos fiéis. Ouvi dizer que ele é um avarento.

– E como faremos isso? – indagou Lucille.

– Precisaremos de um criado de nossa confiança – esclareceu ela – Ele fará a ponte sem que precisemos nos expor ainda mais.

Christa sabia que se envolvia em um plano arriscado. Mas há muito tempo que não se sentia tão animada. E se com isso pudesse de alguma forma incomodar Lorde Owen, todos os riscos que corria valeriam a pena.

– O que pretende fazer depois que descobrir onde e quando será o duelo?

Ela deu um sorriso endiabrado e fez com que Christa afundasse na cadeira.

*Definitivamente, Lucille Middleton era a pessoa mais destemida e maluca que ela já encontrara.*

E Christa a adorava por isso.



# Capítulo 11

Desde que levantara aquela manhã, Edward sentia-se inquieto. Ele não poderia explicar em palavras. Era algo semelhante a um presságio, um sentimento de que alguma coisa importante estava prestes a acontecer. A sensação o assombrou durante todo o dia. Provavelmente só estivesse nervoso, devido ao que aconteceria à noite. O duelo, apesar de ser uma pequena farsa (montada por ele e Philip), carregava uma certa dose de preocupação, afinal, Lorde Carl Harrods, assim como Lorde William Caldwell, eram pessoas instáveis o suficiente para transformar o que ele considerava uma estupidez ridícula em uma grande tragédia.

– Edward, você acha que ele vem?

Ele tinha perdido as contas de quantas vezes William havia feito a mesma pergunta desde que se encontraram há quase uma hora. Tinham decidido que o duelo aconteceria na segunda hora da madrugada, às margens do rio Long Water, no parque Kensington Gardens, apenas a alguns metros do rio Serpentine, que deveria ter sido a escolha

mais óbvia, mas Edward nunca pendia pelo trivial.

– Ainda dá tempo de desistir, William.

A semana que passara treinando com ele, mostrara a Northsham que Lorde Caldwell fazia mais o estilo esquentadinho, que se deixava levar pelo calor das emoções momentâneas de um homem obcecado por vingança, e Edward acreditava que ele seguia com o duelo apenas para impressionar e chamar a atenção de sua senhora.

– Eu não poderia voltar a usar minhas calças se fizesse isso, Northsham.

Embora ele achasse tudo aquilo uma grande perda de tempo, uma birra entre dois meninos crescidos, tinha que concordar que apesar das relações extraconjugais serem muito comuns, e até mesmo esperadas pela alta sociedade, um homem com sangue nas veias tinha que lutar para manter sua honra.

Contudo, eles poderiam ter escolhido algo um pouco menos sangrento e ilegal. Como o boxe, por exemplo, ou uma corrida de carruagem, escolhas que facilitariam muito a vida de Edward.



– Veja – William apontou o outro lado do parque onde Philip, Carl e dois criados se aproximavam – O infeliz apareceu, pelo visto.

Edward terminou de examinar as duas armas que foram levadas para o embate e aguardou que Philip e Carl verificassem as deles.

– Escolha sua arma e espere eu voltar, William.

Ele observou Owen dar instruções a Harrods, antes de encontrá-lo no meio do caminho.

O caso exigia seriedade, mas era quase impossível para os dois esconderem o divertimento, diante de uma situação no mínimo, inusitada. Durante suas juventudes (não muito distantes), eles tinham criado confusões e problemas que deixariam qualquer jovem aventureiro com inveja. Inúmeras mulheres, bebidas e as muitas farras deram a Edward a fama de libertino e conquistador e quase levava Philip para o mesmo caminho, mas jamais algum deles se meteu naquela posição. Eram espertos demais.

– Seja rápido com isso, Edward – queixou-se Philip – Se eu tiver que aguentar Lorde Harrods por mais uma

hora, juro que eu mesmo me atiro no Tâmisia.

– Em alguns minutos tudo estará acabado – tranquilizou antes de observar Lorde Harrods exaltar-se com um dos seus criados – E quanto ao restante do pagamento?

Agora que tinha Hidden e Mary sob sua tutela, havia duas bocas a mais para alimentar, uma dama para vestir devidamente e um homem doente que requeria cuidados constantes. Pensou em enviá-lo para o campo. O ar de Northsham faria maravilhas para os pulmões debilitados, mas para isso, precisava tornar a mansão minimamente habitável.

– Está seguro comigo – disse Philip, batendo em um dos bolsos de seu casaco.

Edward assentiu e quando começaram a se afastar novamente, ele o chamou de volta: – Philip?

– Sim?

– Obrigado.

Philip tinha pleno conhecimento de que não era apenas sobre as libras que Edward conseguiria e a aventura dessa noite que ele se referia, mas de todos os anos de companheirismo e amizade verdadeira.

– Bem... – ele pigarreou – O que eu faria de interessante em uma terça-feira à noite?

Eles sorriram, trocaram um breve aperto de mãos e retornaram aos seus apadrinhados. Como era esperado, Lorde Caldwell estava extremamente nervoso, andando de um lado ao outro às margens do rio Water.

– Lembra-se de tudo o que eu falei, William? – As mãos do homem tremiam, mas ele conseguiu manter uma das armas em punho ao recebê-las de Edward.

– Diga à minha esposa que... – William engoliu em seco, o destino que via para si mesmo era sombrio demais para ele lidar – Que eu a ameí, apesar de tudo.

Edward assentiu e teve um desejo momentâneo de contar a verdade, livrar o homem de tal aflição, mas de certa forma, a angústia desconcertante de Lorde Caldwell serviria para deixá-lo mais aliviado e agradecido quando notasse que tudo havia acabado bem.

– Quando eu disser agora, dará dez passos afastando-se de Harrods, virarão um para o outro – murmurou vendo os oponentes seguirem em direção ao local demarcado – E quando ouvir apontar e atirar...

– Sim, sim, já entendi, Edward – murmurou William, os olhos esbugalhados como uma virgem em cativeiro.

Aparentemente estava tudo sob controle e acontecia exatamente da forma que Edward tinha planejado. No entanto, mais uma vez aquela sensação incômoda, o mal presságio, o incomodou, a sensação causou um inquietante arrepiar em sua espinha.

– Agora... – murmurou para que William avançasse.

Apesar dele sentir a boca arenosa e os pelos em sua nuca eriçarem, seguiu dando as instruções finais.

– Preparar! – gritou Edward.

Lorde Caldwell esticou o braço mirando em direção a Lorde Harrods.

– Apontar!

William deu cinco passos à esquerda, passando por Edward. Completamente focado em seu alvo, girou o corpo em um ângulo de 180° e foi em rumo à árvore que em sua cabeça representava Carl Harrods.

Ninguém sairia ferido, pensou Edward. William precisaria apenas mirar na árvore.

– Atirar!



Lucile conferiu mais uma vez o rolo feito com seu vestido e alguns travesseiros. Esperava que o disfarce tivesse ficado bom o suficiente para Lady Seaford, ou alguns dos criados enviados por ela, acreditassem que havia uma jovem dormindo tranquilamente ali.

– Tenha bons sonhos, Lucille – jogou a coberta sobre o boneco e foi até a cadeira, onde a segunda e mais importante parte de seu plano a aguardava.

Estava prestes a livrar-se da camisola que vestia quando a porta do quarto foi aberta subitamente. Um rapazote entrou e Lucille quase emitiu um grito assustada, que não apenas despertaria metade da casa como denunciaria suas intenções para aquela noite.

– Lucille... – sussurrou o rapaz, ele fez um sinal para que ficasse calada e tirou o chapéu que lhe cobria a cabeça, revelando longos cabelos escuros, presos em um rabo de cavalo – Sou eu.

– Christa? – Lucille soltou o ar gradativamente e

caminhou em direção a ela – O que está fazendo vestida assim?

– Eu vou com você! – disse, visivelmente orgulhosa de sua brilhante decisão de última hora.

Um pouco atordoada, Lucille relembrou os detalhes do plano que permitiria que ela tivesse uma das melhores, se não, a única aventura de sua vida. Por dez libras tinham conseguido arrancar a informação da camareira de Lorde Harrods de quando, onde e quem havia o desafiado para o duelo.

Passaram os três dias anteriores maquinando como ela conseguiria escapar da vigília constante da Lady Eagleton, chegando à conclusão que seria melhor estar literalmente longe dos olhos dela.

Então, durante uma visita inocente à sua amiga Christa, tivera um súbito mal-estar. Isso obrigara Lady Seaford a enviar um bilhete aos Eagleton notificando o inconveniente e que para o bem da saúde de Lucille e sua total recuperação, seria melhor que passasse aquela noite com elas.

Em momento algum tinha sugerido ou dado a entender

que Christa iria com ela até Long Water.

– Você não pode! – disse Lucille, exasperada – Precisa me dar cobertura.

– Mamãe tomou um dos seus maravilhosos chás que ajudam a dormir melhor, só acordará quando a criada a chamar pela manhã – informou Christa, animada – E você garantiu que voltaria antes do dia clarear, não é mesmo?

– Sim, mas...

– Então, não haverá problema – interrompeu Christa, voltando a encobrir os cabelos com o chapéu – Acho melhor você se apressar.

– Não posso permitir que se arrisque tanto por minha causa – persistiu Lucille – Se formos descobertas, os danos à sua reputação poderiam ser irreversíveis.

– Nenhum dano é maior à reputação de uma dama do que não ter reputação alguma.

– Não diga isso – protestou Lucille.

Embora o que ela tenha afirmado carregasse um certo tipo de verdade, admirava-a demais e acreditava que algum belo cavalheiro reconheceria os encantos que poucas pessoas tinham o privilégio de conferir.

– Se acabarei como uma solteirona fazendo companhia à minha mãe, ao menos que eu me divirta. Negará isso a mim?

Ah, ela não poderia. Negar isso a Christa era como levar uma criança a uma fábrica de doces, sem que pudesse tocar em nada. Uma tortura impiedosa.

– Acho que eu não posso.

– Então se apresse – festejou Christa, a animação renovada – Precisa colocar seu disfarce.

Lucille precisava fazer com que as roupas que tinha pegado emprestado de seu irmão no dia anterior (e que misturara com alguns dos vestidos que dissera doar a uma instituição conhecida por Lady Eagleton), ajustassem ao seu corpo esguio da melhor forma possível.

– Eu trouxe isso – Christa entregou um chapéu parecido ao que usava – Para esconder os cabelos.

Para impedir que as calças ficassem pendendo de sua cintura, Lucille amarrou uma de suas fitas de cabelo. Colocou meias dentro das botas, isso evitaria que os pés ficassem deslizando quando andasse. O espartilho e colete apertados, diminuía consideravelmente o tamanho dos



seus seios, a camisa e casaco quando fechados, encobriam o formato arredondado.

Ainda assim, parecia um menino franzino, brincando de gente grande. De qualquer forma, era melhor dois garotos estranhos pelas ruas do que duas jovens desprotegidas.

– Deixe-me ver se podemos sair agora – disse Christa quando a viu prender o chapéu à cabeça.

– Espere! – Lucille interrompeu Christa antes que chegassem a porta – A quem pertence as suas roupas?

Ela não poderia alegar que havia roubado de algum dos criados. Nenhum deles possuía vestimentas de tão boa qualidade. E sendo a mãe de Christa viúva há algum tempo e sem nenhum filho homem, só restava a Lucille uma possibilidade.

– Roubou de Philip, não foi?

Mesmo sob a luz parca de algumas velas, conseguiu avistar o rubor intensificar e os olhos se desviaram.

– Diria mais que foi um pequeno empréstimo.

Santo Deus, jamais teria conseguido imaginar Christa se aventurando no quarto de um homem para vasculhar suas vestimentas. Embora Lucille tenha feito o mesmo,

Allan era seu irmão.

– Christa, Lorde Owen ficará muito irritado se descobrir...

– Mas ele não irá descobrir – ela balbuciou, incerta – Nós só iremos olhar, não é mesmo?

– Sim, mas...

– Então seremos pegas? – rebateu ela, encobrindo um sorriso – Portanto, Philip não saberá. Não sobre as roupas.

Aquilo de certa forma frustrava os planos secretos de Lucille. Tinha cogitado a possibilidade de confrontar Edward em relação ao grande mentiroso que era, mas agora não faria nada que colocasse Christa em uma situação delicada. O relacionamento da amiga com Philip já carregava tensão e animosidade suficientes.

Christa foi a primeira a despontar no corredor. Fez um sinal para que Lucille a seguisse pelo corredor. Andaram nas pontas dos pés, mas apressadamente até alcançarem a escada.

Lucille encobriu a boca com as mãos e ambas tentarem abafar os risinhos quando quase tropeçaram nos últimos

lances de escada.

– Fique quieta, Lucille.

A casa estava escura e silenciosa. Provavelmente todos os empregados já tinham se recolhido, mas sempre tinha os que faziam a vigília caso algum serviço fosse solicitado à noite.

Contando apenas com uma vela e os conhecimentos de Christa em relação à casa, Lucille deixou-se ser guiada por ela.

– É melhor sairmos pela cozinha – sussurrou Christa, indicando um longo corredor – De lá contornaremos a casa e correremos até a rua.

Lucille assentiu. Tinha que admitir, teria demorado o dobro do tempo sem sua ajuda, além do que não teria sido tão divertido assim.

Inicialmente, as duas tinham cogitado que cavalgar até Kensington Gardens (como a mocinha de seu livro teria feito) seria mais rápido. De fato era, mas a valentia e coragem de Lucille funcionava apenas durante as horas claras do dia.

Assim, em suas roupas masculinas estranhamente

desajustadas, os dois juvenzinhos desengonçados e sorridentes correram da Old Bond St. à Picadilly e de lá, alugaram uma carruagem que as levariam em segurança ao Kensington Gardens.

– Ei, senhor? – Lucille colocou metade do tronco e a cabeça para fora ao gritar para o cocheiro – Pode ir mais rápido?

Após ouvir um resmungo, abafado pelos cascos dos cavalos batendo contra o chão, retornou ao seu banco. Christa emitiu outro gemido quando a carruagem voltou a sacolejar, fazendo-a pular no estofamento.

– Mais rápido que isso e seremos mortas – ela se queixou quando seu corpo magro foi arremessado para o outro lado do banco.

– Impossível, esses cavalos mais parecem duas tartarugas – disse Lucille antes de ser prensada contra uma porta, quando passaram em uma curva sinuosa.

Pela primeira vez sentia falta das quantidades excessivas de tecidos e babados de seus vestidos, pelos menos eles protegeriam sua bunda cada vez que fosse arremessada no ar.

De fato, tinha adorado as roupas masculinas, eram tão mais práticas e proporcionavam uma liberdade muito maior, mas naquele momento era uma desvantagem.

– Enfim, chegamos – anunciou à Christa quando avistou o campo aberto e as centenas de árvores.

Instruíram ao condutor que as deixasse na metade do caminho até o rio e as aguardassem por lá. O parque era diferente à noite, com os ruídos de animais e a escuridão que as cercavam.

– Lucille, tem certeza que o caminho é esse? – Christa agarrou a mão dela, conforme enveredavam entre as árvores frondosas – Talvez devêssemos pedir ajuda ao condutor.

Embora também estivesse com medo, Lucille se recusava a pensar em desistir ou recorrer ao homem rabugento e mal-educado. Dois garotos corajosos não sentiriam medo de esquilos (ela esperava que fossem esquilos que elas tinham notado correr entre as árvores), do piar arrepiante das corujas e nem das sombras assustadoras que os galhos de árvores faziam. Elas haviam arriscado demais para voltar atrás agora.

– Olha ali – ela apontou para uma árvore destorcida, à noite ela parecia uma bruxa de boca aberta – Não disse que seria uma boa ideia amarrarmos sua fita de cabelo naquela árvore?

– Apesar de ter arruinado meu melhor *bonnet*? – lastimou Christa – Sim, tem razão. Mas parecemos pombinhas caçando farelos de pão.

– Gaviões, minha querida – Lucille decidiu que era melhor manter a mente dela distraída o máximo que conseguisse – Essa noite somos como gaviões.

– Sinto-me mais como uma andorinha.

Seguiram até o ponto demarcado. Avançaram mais alguns metros até visualizarem movimentos às margens do rio.

– Veja, Lorde Owen está bem ali – Lucille apontou para o grupo de homens parados à margem do rio – E aquele deve ser Lorde Harrods. Sim, é ele mesmo. Embora agora esteja vestido, posso reconhecer.

Pareciam examinar as pistolas. Ela forçou o olhar na direção oposta a eles e avistou Edward ao lado de um homem e mais dois criados. Provavelmente era o lorde

que havia imputado o duelo.

– Quase não podemos ver nada daqui – Lucille se queixou e agarrou o braço de Christa para que avançassem um pouco mais entre as árvores.

Apavorada, a Srta. Seaford estacou no lugar, quase fazendo com que Lucille tropeçasse em uma raiz.

– Já estamos perto o suficiente – disse Christa com a voz alarmada.

– Não para ouvir o que dizem – rebateu Lucille.

– Mas perto demais para sermos descobertas – ela soltou o braço e fincou os pés no lugar – O plano era vir e olhar. Pois bem, estamos olhando. Aliás, já não sei se quero ver um ato tão brutal.

Lucille refreou a vontade de agarrá-la pelos ombros e sacudi-la até que a obstinação que vira brilhar nos olhos de Christa quando entrara em seu quarto estivesse de volta.

– Tudo bem, fique aqui então.

Viera para assistir ao duelo e recusava-se a perder qualquer detalhe. Além disso, queria ter uma visão melhor de Edward. Examinar qual expressão refletia em seu

rosto. O olhar duro que às vezes a amedrontava ou cínico que algumas vezes a deixava tímida. Provavelmente exibiria um ar arrogante e pretencioso como a maioria dos homens diante de uma idiotice masculina.

Na verdade, queria vê-lo porque desde o baile... desde que a beijara... Por Deus, deveria estar louca.

Em instantes, dois homens colocariam suas vidas em risco em um ritual tão antigo quanto bárbaro, e tudo que passava em sua cabeça era rever o conde, e os sentimentos que despertava nela. Nem mesmo as jovens mais frívolas que conhecia mostrariam tanta insensibilidade. Mesmo Christa, que considerava a pessoa mais centrada que conhecera, demonstrava horror e apreensão.

– Lucille? – ouviu seu nome, seguido das folhas secas sendo esmagadas conforme Christa pisava sobre elas.

– Fique atrás de mim – avisou, deixando a maior parte da árvore que deveria escondê-las, encobrendo a amiga.

– O que está ouvindo?

Lucille pediu que Christa fizesse silêncio e avançou um pouco mais. Avistou Edward e Philip caminharem um até



o outro. Eles conversaram por alguns minutos. Lucille acreditou ter visto um sorriso entre eles antes de apertarem as mãos.

Talvez parte do que Philip dissera na casa dos Petworth tivesse algum fundo de verdade. Edward poderia ter planejado alguma coisa que impedisse que aquela sandice acabasse em tragédia. Era o que seu coração dizia.

Quem sabe, fosse por isso que seu coração estivesse tão tranquilo. Tinha fé em Northsham, mesmo que não tivesse a mínima ideia do que se passava em sua cabeça. Revestida de nova confiança, inconscientemente avançou alguns passos em direção a ele.

– Apontar – ouviu a voz alta e firme de Edward ecoar na entre as árvores – Atirar!

O que se seguiu, fugiu completamente do que Lucille tinha imaginado. Do outro lado, Lorde Harrods abaixou sua arma e a entregou a Philip. Lorde Caldwell, que lhe parecia estar preso em algum tipo de transe, deu alguns passos em direção onde Lucille estava. A arma apontada em direção a ela e antes que ela pudesse prever o que

acontecera, ouviu o disparo agudo cortando a noite quase silenciosa. Os pássaros voaram entre as árvores emitindo um piar cruciante.

– William, não! – O pedido de Edward chegara tarde demais.

O impacto, talvez a surpresa, fizeram os joelhos de Lucille falharem, levando-a ao chão. O grito angustiado não tinha vindo dela, embora a queimação em seu ventre fosse lancinante o suficiente para querer fazê-la urrar de dor.

– Lucille! – Christa ajoelhou-se ao lado dela, amparando seu corpo ferido – Lucille. Oh, meu Deus!

Ela queria dizer à sua amiga que estava tudo bem, que ficaria bem e que ela não deveria chorar, mas faltava-lhe força para algo tão simples como respirar.

– Que merda é essa? – Edward as encarou horrorizado – Que diabos as duas fazem aqui?

Obviamente o disfarce feito com tanto desvelo não o enganara um único segundo. Ele era uma mistura de desesperado e fúria.

– Milorde... nós... Lucille – Christa tentou emitir

alguma resposta coerente, mas os soluços e as lágrimas alagando seu rosto a impediam – Ajude-nos.

Edward agachou-se ao lado delas. Abriu o casaco destruindo alguns botões pelo caminho. Despiu-a do colete e rasgou a camisa manchada de sangue. Aparentemente a bala tinha atingido a cintura, o corpete, outrora creme, exibia uma mancha de sangue.

Edward soltou uma dúzia de imprecações quando se deparou com o espartilho apertado.

– Srta. Seaford – moveu Lucille com todo cuidado e a prendeu junto ao peito – Tire essas malditas amarras, preciso olhar o ferimento.

Rapidamente, e mesmo com as mãos trêmulas e as lágrimas embaçando os olhos, Christa acatou o que ele pediu.

Edward encarava Lucille com ternura e sussurrava palavras de carinho, como um menino acolhendo um passarinho de asas quebradas.

– Vai ficar tudo bem – repetia ele – Não tenha medo.

Ela não tinha medo, fechou os olhos ao se dar conta desse fato. Embora levar um tiro fosse assustador a

qualquer pessoa, sentia que enquanto Edward a amparasse em seus braços, nada de ruim poderia alcançá-la.

– A bala não ficou alojada – Lucille ouviu sua voz aliviada, enquanto ele comprimia parte da camisa rasgada sobre o ferimento dela, o gesto a fez se contorcer – Mas precisa urgentemente de cuidados.

– Ela vai sobreviver? – soluçou Christa.

– Por Deus, sim. Maldição, não permitirei que nada a aconteça – Edward tomou Lucille em seu colo, erguendo-se com ela. O movimento fez com que parecesse que milhares de agulhas estivessem sendo enfiadas em sua pele, fazendo-a choramingar.

– Sua tola! – Apesar da reprimenda, Edward exibia uma expressão torturada – O que você fez?

– Tolices? – tentou sorrir, mas sentiu uma pontada excruciante fazendo com que pendesse a cabeça para trás.

Edward urrou e emitiu uma sequência de xingamentos que quase fizeram Lucille voltar a sorrir, se isso provavelmente não causasse uma nova parcela de dor.

– O que aconteceu? – viu sir Philip se aproximar e encarar Christa com a mesma preocupação intensificada

que Edward demonstrava a ela – Christa? Meu Deus, Christa, está machucada?

– Eu estou bem – murmurou a jovem, de forma inútil, já que o jovem seguiu apalpando-a em busca de ferimentos – Eu estou bem, Philip. É Lucille que precisa de ajuda.

Apesar da tonteira que a rondava, não passou despercebido a Lucille que Lorde Owen estivera curiosamente mais preocupado com Christa do que com ela ferida nos braços de Edward.

– Interessante – sussurrou antes de tudo tornar-se escuridão.



## Capítulo 12

Edward não era o tipo de homem que se desesperava em situações adversas. Não, ele mantinha a cabeça fria enquanto buscava soluções para os seus problemas. E ele sempre tivera orgulho de seu autocontrole. Lágrimas, reações aflitas e tempestuosas eram privilégios garantidos às mulheres. Um homem tinha que se manter frio e judicioso.

Mas naquele momento, tendo Lucille desfalecida em seus braços e a abalada Srta. Seaford chorando aflita, tudo o que ele queria era deitar sobre a relva e permitir que os sentimentos avassaladores de impotência e medo deixassem-no em paz.

– Ela irá morrer? – Christa perguntou a Philip, mas foram os ouvidos de Edward os feridos com a indagação aturdida.

– Por Deus, Srta. Seaford! – gritava com ela, mas na verdade sentia a necessidade de gritar com qualquer pessoa – Quantas vezes terei que dizer que isso não irá

acontecer?

Ele não iria permitir, recusava-se a permitir que aquilo acontecesse. Não apenas porque se sentia culpado, mas porque não conseguia aceitar que aquela tola e intrometida criatura... que essa imprudente e adorável criatura em seus braços deixasse de existir no mesmo mundo que ele.

Tinha inúmeros motivos para estar irritado com ela, não apenas irritado, mas furioso. Lucille quebrou todos os tipos de regras em apenas uma noite que uma jovem qualquer levaria anos para fazê-lo. Além de ter se colocado em uma situação de risco.

Quando vira o menino se aproximar, primeiro ficara aborrecido pela intervenção inesperada. Quis dar o alerta para que ele se afastasse da árvore que William tinha como alvo. Contudo, por um breve momento, o reconhecimento fez com que Edward estancasse no lugar, como uma estátua de bronze.

Gritou e tentou impedir que Lorde Caldwell prosseguisse, mas seu grito saíra tarde demais. O máximo que conseguira fazer fora acertar o braço de William,



desviando-o alguns centímetros de Lucille. O projétil teria acertado diretamente em seu peito ao invés da cintura, causando um dano mortal.

A sensação que o perseguira durante todo o dia, aquele pressentimento, tinha finalmente se materializado diante dele. Tudo acontecera em uma velocidade angustiante e lenta. O sorriso de Lucille ao notar que a reconhecera, deu lugar ao choque, seguido de dor ao ser atingida pela bala. Os momentos mais angustiantes de Edward vieram em seguida, ao ver o sangue da jovem tingir suas mãos.

– Estamos perdendo tempo – Edward sacudiu a cabeça afastando todas as distrações e foi em direção ao seu cavalo – Vou levar Lucille até minha casa. Philip, encontre um médico. Arranque-o da cama se for necessário.

Ele jogou o casaco ensanguentado que Christa estendeu a ele sobre o corpo de Lucille e acomodou-a delicadamente sobre o lombo do cavalo, antes de se instalar atrás dela.

– Seja rápido, Philip – murmurou Edward ajustando as rédeas do cavalo – Como se a sua vida dependesse disso.

Havia ardor em suas palavras. Uma intensidade que certamente não havia passado despercebido para seu amigo ou quem mais o tivesse escutado. Aquilo não importava, daria quaisquer explicações depois.

Obstinado, Edward atravessou o parque em um galope desenfreado, em poucos minutos estavam diante da carruagem. O olhar implacável ao exigir que o cocheiro corresse como se estivesse sendo perseguido por uma legião de demônios foi rapidamente atendido.

Ou talvez o homem apenas quisesse se ver livre o quanto antes daquela confusão. Seja qual fosse o motivo dele, tudo o que importava a Edward era ter Lucille em segurança.

Somente agora, na privacidade da carruagem, naquele pequeno mundo onde só existiam os dois, que Edward se deu conta de como era sedicioso tê-la aninhada em seus braços. Tão inofensiva quanto uma criança sonolenta, arrebatadoramente linda, como uma deusa saída do Olimpo.

– Edward, Edward, Edward...

Lucille murmurava seu nome da mesma forma como

alguém ansiava por água em um deserto implacável. Ela o chamava. Não era seu querido irmão Allan, os Eagleton, Christa ou até mesmo Philip que a cortejava. Ela chamava por ele, Edward.

Seu peito foi atingindo por algo quente. Um calor abrasador parecia sair de seu coração e irradiar por todo seu corpo.

– Estou aqui, querida – beijou seus cabelos, murmurando de forma branda na tentativa de acalmá-la e controlar as batidas do próprio coração – Tudo ficará bem.

Perdera as contas de quantas vezes repetira aquilo. No fundo, mesmo quando aquele tormento acabasse, quando Lucille voltasse para a segurança de sua casa, ele sabia que nada ficaria bem.

Não era um mau presságio, mas a certeza de que aquela jovem sorrateira havia o transformado.



Desmond, o mordomo, mascarou a surpresa ao ver

Edward surgir carregando um rapazote desacordado em seus braços, mas ele não foi capaz de camuflar o horror ao descobrir que na verdade tratava-se de uma dama ferida.

Assim que acomodou Lucille em sua cama, Edward passou a dar ordens e fazer exigências. Ordenou que o mordomo providenciasse água e panos limpos, mas proibiu que alguém entrasse no quarto, além de Mary e o médico quando chegasse.

– O que aconteceu? – Mary surgiu no quarto de Edward, carregando os tecidos limpos que ele havia solicitado ao mordomo.

– Ela levou um tiro.

Ele umedeceu um dos panos na água fria e colocou sobre a testa febril de Lucille. Era cedo para dizer se o ferimento estava infeccionando, mas o corpo já reagia ao ferimento.

– Alguma notícia de Philip?

– Ainda não – Mary se aproximou da cama, analisando a enferma mais de perto.

Umedeceu uma toalha em um balde ao lado da cama e

antes de se curvar sobre Lucille, encarou Edward seriamente.

– Por que não vai se recompor, milorde? – indagou ao observar a roupa manchada de sangue e o estado desalinhado em que ele se encontrava – Eu posso cuidar de tudo até o médico chegar.

Edward preferia ficar e velar Lucille até que fosse garantido que ela ficaria bem, mas ela precisava se livrar das roupas danificadas, se limpar e ficar o mais confortável possível. Edward vira o suficiente dela para os colocar em uma posição embaraçosa.

Mas que diabos! Ele pouco se importava com convenções sociais. Em nenhum momento tinha lembrado que Lucille estivera seminua em seus braços e ainda não teria pensado nisso se Mary não o encarasse daquela forma, recordando-o de como tudo aquilo era impróprio.

– Edward – persistiu Mary –, eu cuido dela.

Ele sabia que cuidaria, assim como vinha cuidando de seu irmão Hidden. Não haveria mãos melhores para entregar Lucille.

– Voltarei em breve.

– Milorde? – Mary o chamou quando estava prestes a tocar a maçaneta – Suas roupas... – ela pigarreou, o rosto ficando corado – Limpas.

Edward execrou a si mesmo por ter ignorado aquele detalhe. Não queria ter que pedir que Desmond ou alguma criada enxerida fosse ao seu quarto buscar roupas limpas. Após separar tudo o que achou necessário, partiu para o quarto de hóspedes onde uma banheira com água limpa o aguardava.

Estava vestindo o colete quando Philip surgiu no quarto tranquilizando-o sobre a chegada do doutor.

– A bala transpassou, pelo visto, não atingindo nenhum órgão vital. Ela ficará bem, mas as próximas 48h são as mais cruciais. Sugiro repouso absoluto pelos próximos cinco dias, milorde – disse o médico ao se encontrar com Edward e Philip no corredor – Se ela sentir muita dor, dê um pouco de láudano. Caso haja infecção, aconselho chá de gengibre, pode aplicar sobre a pele uma mistura feita com mamão ou curcumina.

– Cinco dias? – questionou Philip, alterado – No quarto?

– Lorde Owen, geralmente repouso é feito no quarto – disse o médico contrariado – Sempre troquem os curativos. Voltarei para conferir a ferida e sua cicatrização.

Edward e Philip se entreolharam. Aquilo os colocava em uma situação ainda mais complicada.

– E, Lorde Northsham, seja mais cuidadoso quando for limpar suas armas – resmungou o médico – Sua prima teve sorte dessa vez.

Ele assentiu e pediu ao mordomo que acompanhasse o senhor até a saída.

– Prima? – perguntou a Philip, assim que se viram sozinhos – Não me lembro de contar com nenhum parente vivo.

– Bem, como dizem – Philip coçou a cabeça, havia um vislumbre de sorriso em seus lábios – Situações adversas exigem medidas extremas. Além disso, foi ideia da Christa. Nós não poderíamos dizer simplesmente que Lucille tinha sido baleada em um duelo.

– Christa?

– Depois que vocês partiram, praticamente me obrigou

que a levasse junto à procura do médico.

– Não acredito que qualquer mulher o obrigue a fazer alguma coisa, Owen.

– Certamente não conhece a Srta. Seaford – resmungou ele – Grudou em mim como um carrapato. Nesse momento está lá embaixo aguardando notícias da amiga.

– De qualquer forma, isso agora não é o mais importante – disse Edward – Temos problemas maiores do que a teimosia da Srta. Seaford.

– Sim, o que faremos com Lucille?

Edward caminhou de um extremo ao outro no corredor. Ele não poderia remover a senhorita do quarto, mas também não poderia ir até os familiares dela e contar o que havia acontecido. Por sorte, Sr. Middleton tinha ido visitar as novas terras de Edward com o engenheiro responsável pela construção da fábrica e voltaria dentro de alguns dias.

Ele poderia hipnotizar Lorde Eagleton, mas não sabia se conseguiria a mesma proeza com a esposa dele. Lady Eagleton simplesmente o detestava. Seria muito difícil conseguir ficar na mesma sala que ela, quanto mais trocar



algumas palavras hipnóticas.

– E se ela fosse sequestrada? – Edward só percebeu que Philip acompanhava os passos dele quando estacou no lugar e esbarraram um no outro.

– Sério, Philip?

– Acho que não – Philip coçou a cabeça – Allan moveria céus e terras para encontrar a irmã e, por mais que seus empregados sejam discretos, uma recompensa por informações dela seria irresistível.

– O que você sabe sobre ontem à noite?

– O mesmo que você – respondeu Philip.

– Não, o que descobriu com a Srta. Seaford? – indagou Edward, impaciente – Por que as duas, ou melhor, como as duas foram parar ali?

Philip pigarreou e desviou o olhar do amigo. Por algum motivo, Edward sentia que não iria gostar do que ele tinha para dizer.

– Obviamente eu não sou tão bom em convencer as pessoas como você – ele suspirou – Acho que não tenho talento algum para isso. Ficou bem claro que a Srta. Middleton não engoliu nada do que eu disse.

Aquilo não surpreendia Edward nem um pouco. Philip era incapaz de ludibriar uma criança, quanto mais uma dama tão ardilosa feito Lucille. Era esperta demais, até mesmo para Edward. E aquilo sim, o intrigava. Ela não tinha caído em nenhum dos seus truques. Pelo que se recordava, era a primeira vez que isso acontecia.

– Respondendo a segunda pergunta – continuou Philip – Não sei como elas descobriram o local do duelo, mas naquela tarde, Lucille esteve visitando Christa. Elas fingiram que Lucille estava doente e precisaria dormir em casa. Você sabe que a Sra. Seaford e Christa...

– São hóspedes de seus pais – Edward interrompeu – Continue.

Sendo a irmã de Christa casada com o irmão de Philip era natural que as duas ficassem hospedadas com eles. Era isso ou passar toda a temporada em um hotel.

– Bom, as duas inventaram esse mal-estar para que Lucille ficasse lá em casa, longe da vigília de Lady Eagleton. O resto você consegue imaginar.

As duas pestinhas tinham se vestido de homens e ido à procura deles.

– Vamos usar o plano delas a nosso favor – disse Edward.

Philip o encarou com olhar interrogativo.

– A doença – disse Edward como se aquilo fosse óbvio.

– Que doença? – Philip arregalou os olhos – Eu não sabia que a Srta. Middleton...

– Por Deus, Philip! – Edward impacientou-se – Raciocine.

Edward voltou a caminhar antes de iniciar com as explicações.

– Lucille inventou uma doença para fugir de Lady Eagleton e seus olhos de águia – ele parou abruptamente e dessa vez esbarrou no corpo imóvel, já que Owen continuou no lugar – Lucille continuará a usar a doença para fugir dela.

– Mas o que Lucille teve foi um mal-estar momentâneo.

– Que se transformará em uma doença gravíssima – disse Edward – Algo que a impedirá de sair da cama e impedir que as outras pessoas se aproximem.

– Ah...

– Precisamos de uma doença – continuou Edward – Algo grave, mas que não leve à morte, mas que seja contagiosa e cause repulsa.

– Eu já tive catapora...

– Catapora dá em crianças – resmungou Edward – Provavelmente seus pais e mais da metade da criadagem já devem ter sido acometidos por ela.

– E se ela tivesse lepra?

Edward o encarou com um olhar tão duro que fez Philip recuar. Os dois seguiram andando enquanto raciocinavam.

– Varíola! – Philip urrou feliz como se estivesse em uma torcida de uma luta boxe – Infelizmente a Srta. Lucille foi acometida pela varíola.

Edward tentou recordar tudo o que sabia da doença. A varíola era transmitida de pessoa para pessoa através das vias aéreas ou por objetos infectados pelo enfermo. Com o tratamento certo, não levava mais à morte como no passado, dizimando milhares de pessoas. Contudo, ainda assustava as pessoas. Além de febres e náuseas terríveis, a bexiga de canudo, em sua forma mais virulenta, trazia a

ameaça de uma cegueira e deformidades nos membros. Era o suficiente para aterrorizar qualquer pessoa que ouvisse falar na doença.

– E quais explicações iremos dar quando Lucille se recuperar completamente?

Afinal, ela não carregaria nenhum sinal que fora afetada pela doença.

– Um erro médico – murmurou Philip, dando de ombro – Não seria a primeira vez que acontece. Além disso, as pessoas estarão tão felizes que não tenha sido varíola que todo o resto perderá a importância.

Com isso Edward era obrigado a concordar.

– Temos parte do problema resolvido, mas como explicaremos o fato de Lucille estar em minha casa?

– Ela estará na minha casa e não na sua.

– O doutor...

– Sim, essa Lucille ficará aqui de repouso – interrompeu Philip – A outra Lucille estará em minha casa, incomunicável.

– Outra Lucille?

– Christa – concluiu Philip.

– Crista irá se passar por Lucille? – perguntou ele, espantado – Essa é a ideia mais absurda que você já teve. E quem se passará por Christa, idiota?

Philip encolheu antes de dizer: – Não tinha pensado sobre isso, é verdade. Uma tem cabelos claros e a outra, cabelos negros. Não iria funcionar. Mas não seria problema, afinal, você não fez que Caldwell acreditasse que uma árvore era Lorde Harrods?

– Você sugere que eu use meus truques para que todos na casa imaginem que uma cadeira seja a Srta. Seaford?

– Ah, não. Ela fala demais para uma cadeira – gracejou Philip.

Edward bufou, mas se recusou a perder o controle.

– Voltemos ao que interessa. Acho que sei quem poderá nos ajudar com isso. No entanto, provavelmente precisaremos que Christa colabore também.

Parecia uma ideia um tanto ousada, mas nada mais lhe passava pela cabeça. E enquanto contavam o plano à Mary, recebendo dela um olhar chocado e assustado, dava-se conta dos riscos que colocava cada um deles.

– Deixe-me ver se entendi – murmurou ela apreensiva

– Querem que eu me passe pela Srta. Middleton e ainda finja estar doente?

– Apenas por alguns dias – disse Philip apressadamente – Um tempo bem breve para falar a verdade.

– Mas isso não daria certo – Mary levantou-se da poltrona onde estivera ouvindo-os atentamente – Isso seria impossível.

– Por quê? – insistiu ele – Você é um pouco mais baixa, é verdade, mas estará deitada. Ninguém irá perceber.

– Lorde Owen, olhe para mim! – disse em uma voz trêmula – Jamais me passaria por uma dama tão fina. Diga a ele, Edward.

Olhando para sua querida amiga, Edward tinha que concordar em parte. Mary estava magra demais, com aspecto cansado demais e descuidada o suficiente para se passar por uma doente.

– Vocês duas têm os cabelos claros. Embora os de Lucille sejam mais claros do que os seus. Mas poucas pessoas entrariam no quarto e ele estaria escuro o suficiente para que isso não fosse notado – disse Edward,

fazendo a jovem gemer – Acho que o único a notar a diferença seria Sr. Middleton, irmão dela, mas graças a Deus ele está viajando.

– Eu não sei como me portar como uma dama – Mary focou os olhos tristes no chão.

– Minha querida – Philip tocou o seu ombro –, não estamos pedindo que participe de um baile oferecido pela rainha. Basta apenas deitar e descansar. Acho que você precisa de um pouco disso.

Contara a Philip sobre seus antigos amigos e a presença deles na casa, o que sabia ou o que Mary dissera sobre ela e o irmão doente. Ela tivera sorte de em vez de minar sua vida em uma fábrica dia após dia, conseguira um emprego como criada de Lady Caldwell. Ainda assim, não fora uma vida fácil.

– Por favor, Mary – Edward tomou as mãos delas nas suas – Se não fizer isso por mim, faça pelas senhoritas Middleton e Seaford. A reputação delas estará arruinada se descobrirem o que fizeram essa noite.

Apelar pela lealdade feminina era um golpe sujo, mas nada melhor do que uma mulher tentando defender a outra.



Viviam em uma sociedade machista e desigual. Era permitido e aceitável que um homem transgredisse qualquer regra social, mas uma dama deveria manter sua pureza.

– E quanto a Hidden? – indagou, vacilante – Não posso deixá-lo.

– Cuidarei dele e quando for possível, o enviarei até Northsham – disse Edward – O ar do campo fará bem a seus pulmões.

Mary brigava internamente. Por tentar ajudar Lady Caldwell, havia perdido o emprego e sido escorraçada sem uma carta de recomendação. Não queria se meter em novos problemas agora que tinha um lugar seguro para manter o irmão convalescente. Por outro lado, sentia-se em dívida com Edward. Tinham recebido um lar, comida, roupas novas, sem nada oferecer em troca.

– Tudo bem – proferiu quase em um sussurro inaudível – Farei como quiserem.

Edward soltou o ar aliviado e encarou Philip.

– Agora só precisamos incluir Christa – disse Edward ao deixarem o quarto de Mary.

– Espere, Edward. Não quero que a hipnotize – Philip o segurou pelo ombro – Christa é de inteira confiança.

O pedido deixou Edward claramente surpreso.

– E bem... acho que ela será muito mais útil se souber o que está fazendo – elucidou ele.

E aquela explicação não convencia Edward nem um pouco. Mas eles não tinham tempo para discutir o assunto. O dia já começava a clarear e o plano precisava ser colocado em prática o quanto antes.

Foi preciso explicar à Christa parte das habilidades de Edward. Suas técnicas de hipnose e destrezas com o ilusionismo. Diferente do que ele imaginara, a Srta. Seaford ficou animadíssima em relação a tudo que Edward conseguia fazer.

– Poderia fazer com que uma pessoa se apaixonasse pela outra? – perguntou Christa quando estavam na carruagem que levaria Mary e ela para casa.

– A ideia que estava apaixonada, sim – confessou Edward, de repente, desconfortável com aquela possibilidade.

Pensando intimamente, não gostaria de ter seus

sentimentos manipulados daquela forma. Por outro lado, um truque ou outro impulsionavam as pessoas para aquilo que geralmente não tinham coragem para fazer. Por exemplo, Philip seria um marido amoroso e atencioso para Lucille. Duvidava que qualquer pretendente que a cortejava a teria em tão alta consideração. E a corte não se tratava muito mais do que um iludindo o outro em busca de um objetivo. Ainda assim...

– Droga! – ela blasfemou batendo os punhos fechados nas pernas – Por que não o conheci antes?

– Ora, Christa – Philip se manifestou zangado – Nem que o Edward abrisse a cabeça de Anthony e enfiasse uma pintura sua dentro dela, faria com que se apaixonasse por você.

– E quem disse que falava sobre Anthony? – ela ergueu o queixo igualmente irritada.

Philip abriu e fechou a boca diversas vezes, no entanto, nenhum som saiu dela.

Por sorte, a carruagem parou em frente à residência Owen, tendo que silenciar a discussão. Tiveram o máximo de cuidado para não esbarrarem em algum criado pela

casa. E quando acontecia, Edward e Philip eram robustos o suficiente para encobrir as damas com seus corpos. Mas não tiveram a mesma sorte ao entrarem no quarto de Christa. Uma criada olhava horrorizada para o disfarce feito de cobertas e travesseiros.

Edward fora obrigado a hipnotizá-la. Resolvido o problema, seguiram para a suíte de Lady Seaford, mãe de Christa. Facilitou muito que ela estivesse sonolenta. Mas assim que despertasse e fosse ao quarto de Lucille, veria uma garota febril e enferma.

– Seus pais? – perguntou Edward a Philip ao fechar a porta do quarto de Lady Seaford.

– Visitando Anthony.

– Estamos contando com a sorte – concluiu Edward – Tenho que ir resolver os últimos detalhes. Você sabe o que fazer.

Quanto antes concluíssem aquilo, mais rápido Lucille conseguiria estar de volta à casa dos Eagleton.



# Capítulo 13

Edward sabia que não deveria estar ali. Não era prudente e ainda menos inteligente, mas assim que Desmond abrira a porta para ele, não imaginava outro lugar onde quisesse estar.

Ele tomara todas as previsões necessárias e imediatas. Convencera a Harrods a ir para sua propriedade no campo para recuperar-se de “seus ferimentos”. Acrescentara uma ou outra ilusão sobre as memórias de Caldwell. E não mais fácil que os anteriores, convencera o médico de que a jovem convalescendo na casa de Owen sofria de varíola.

Agora era esperar que as demais peças se encaixassem. E não era porventura qualquer tipo de falha no plano que o preocupava. Ali, parado em frente ao leito de Lucille, ele se perguntava o que faria com ela durante todo aquele tempo.

Já havia ficado muito claro para ele que a dama de alguma forma o desestabilizava. Seu mundo mudava de

órbita quando estava ao seu lado. Era uma espécie de medo e euforia. Desejo ardente e necessidade de manter-se mais longe possível.

Ele deveria hipnotizá-la e fugir para Northsham até que Lucille se recuperasse por completo. Podia fazer com que suas memórias fossem uma noite escura e nebulosa. Podia riscar aquele dia fatídico em apenas uma lembrança confusa e desagradável. Não era isso que Edward queria.

E Deus era testemunha que ele sempre fora fraco em fugir daquilo que desejava. Ganhara a fama de descarado e libertino. Um ardiloso a quem deveriam manter cautela e respeito. Conquistara tudo o que desejava; mulheres, diversão, viagens, aventura. Achara que ansiara por tudo aquilo, mas era uma pálida comparação ao que desejava hoje.

Lucille era o que mais desejava e era obrigado a manter distância. Talvez fosse essa a explicação pelo fogo ardendo dentro dele. Queria algo que não poderia ter. E não porque não pudesse tomar. Rondaria-a, envolveria-a com suas belas palavras e galanteios. Puxaria-a para a sua rede e a manteria presa. Sem truques, sem hipnose, apenas

por ele mesmo.

Não era certo por Philip, por Allan a quem começava a gostar e admirar e, principalmente, por Lucille. Ela não era como as demais que passaram pela cama e pela vida de Edward. Era corajosa, impertinente, curiosa e bondosa. O homem que se apossasse de seu coração e conseguisse infiltrar-se nele, seria alguém de muita sorte. A única sorte que ele conhecera fora nas cartas, se é que poderia atribuir todos as suas trapanças e truques como sorte.

Não podia desejar Lucille não apenas porque Philip estava encantado por ela, mas porque Allan era seu sócio em um empreendimento que poderia solucionar seus problemas financeiros, livrando-o finalmente da vida errante que estava começando a cansá-lo. Envolver-se em um relacionamento com a irmã de seu sócio poderia colocar todos os seus planos a perder. Não poderia desejar Lucille, pois, era, no fundo, um covarde. Temia entregar o coração. Temia ser engolido pelos mesmos sentimentos que devastaram sua mãe antes de morrer.

Não foram apenas os dois anos intensos e exaustivos



de trabalho na fábrica que roubaram seu sopro de vida. Ann havia desistido há muito tempo. Aguentara o necessário para ver o filho em segurança. Edward não se permitiria amar com a mesma intensidade. Herdara a cor de cabelos, os olhos e a forma física de seu pai, mas a obstinação, a teimosia e os dons vindos de seus ancestrais, vieram de sua mãe. Amaria com a mesma intensidade que ela e com a mesma força seria destruído.

– Edward?

Seu nome sussurrado de forma tão íntima e, ao mesmo tempo, tão urgente fez com que ele se inclinasse em direção à voz.

– Edward – um mero sussurro febril, mas teve o poder de abalá-lo, fazendo-o rapidamente se esquecer das conjecturas anteriores – É você ou é um sonho?

Ele agachou-se ao lado da cama. Tocou gentilmente, com mãos trêmulas, a fronte de Lucille. A febre não avançara, mas também não diminuía.

– É um sonho, querida – murmurou antes de passar o pano úmido em sua testa – Só um sonho.

– Então, por que tenho sede? – ela sorriu e foi como se

de repente o quarto mergulhado na penumbra tivesse se iluminado – E suas mãos parecem tão reais.

Ele sorriu, não pôde evitar. Lucille sempre encontrava uma forma de surpreendê-lo.

– Beba isso – antes de saciar a sede dela, ele deu uma pequena dose do remédio que o doutor tinha deixado em sua cabeceira.

– Argh! – ela gemeu – Isso não é água.

– É láudano para a dor – disse ele, enchendo meio copo de água em seguida – Provavelmente você teria preferido gengibre e mel.

– O mel com toda a certeza – murmurou entre um gole e outro – O que aconteceu?

– Você levou um tiro – a resposta foi algo mais parecido com um resmungo – De raspão, mas o foi suficiente para que precisasse de alguns dias de repouso. É uma dama delicada... – ele preferiu mentir para não alarmá-la.

– Não sou delicada – ela interrompeu amuada, antes de bocejar – Nem frágil ou... ou...

– Isso é questionável, senhorita – ele sorriu outra vez,

fazia muito isso quando estava com ela – Mas, sem dúvida alguma, é uma jovem muito corajosa também.

– E um pouco maluca – ela suspirou fracamente e Edward a ajeitou de volta sobre o travesseiro – Um pouco impertinente às vezes, devo concordar. Mas sem dúvida um pouco...

Os olhos voltaram a pesar e logo Lucille estava outra vez em um sono tranquilo.

– Adorável – Edward completou a frase e tocou sua bochecha com delicadeza – Sem dúvida alguma, adorável e um tanto perigosa.

Ele poderia passar o resto da tarde, encontrar a noite, ajoelhado, velando-a em seu sono. Mas aquilo era imprudente. Já arriscara mais do que deveria. E foi com um pesar que ele nunca imaginara sentir um dia que deixou o quarto.

Talvez devesse remodelar o quarto de hóspede para que pudesse ser seu novo quarto agora. Um dia Lucille iria partir, mas as lembranças ficariam ali para sempre.



Lucille olhou em torno do quarto e tentou fazer uma varredura mental e se lembrar do que havia acontecido ou o que fazia ali em um quarto, sem equívoco algum, masculino.

Acordara sentindo como se um plantel de cavalos desenfreados tivesse passado por cima dela, não uma, mas várias vezes ininterruptas. Sua cabeça doía, sua garganta estava arenosa e o quadril parecia ter sido torturado com um atiçador de lareira.

Mas a única coisa martelando em sua cabeça era: Que diabos fazia ali?

Ainda estava na casa de Christa, no quarto de Owen, talvez? Não era possível. Se estivesse na casa dos Owen, provavelmente ainda ocuparia o quarto de hóspede.

Ela deslizou na cama e se recostou nos travesseiros em uma posição semiereta. O movimento causou uma fígada no quadril que rapidamente a fez cerrar os olhos.

Como estrelas brilhando em seus olhos, as lembranças dispararam em sua mente. A fuga durante a noite, Christa e ela andando por Kensington Gardens, o duelo e... tocou o curativo em seu quadril e a imagem viera com a mesma

velocidade que a bala que a havia atingido.

Levara um tiro. Aquilo não tinha sido um sonho e tudo ficava cada vez mais claro para ela à medida que as lembranças despontavam. Edward a salvara, cuidara dela durante a noite e, se não estivesse maluca, também viera aquela manhã.

Refletia sobre isso quando ouviu a leve batida na porta. Uma criada entrou trazendo um carrinho com comida e Lucille foi incapaz de controlar o estômago roncando. A última coisa que se lembrava de ter colocado na boca fora o remédio horrível que Edward dera a ela.

– Boa tarde, senhorita – murmurou a criada – É muito bom vê-la finalmente acordada. Sente-se melhor?

Novamente aquele som nada educado se manifestou, deixando Lucille levemente encabulada. A jovem poderia ser uma criada, cuja descrição a faria agir como se nada acontecesse, mas aquela não era sua criada.

– Bem o suficiente para meu estômago falar por mim – rir de si mesmo era melhor do que lamentar, era uma das centenas de coisas que sua mãe havia ensinado a ela.

– É natural, senhorita – murmurou a criada em um tom

compassivo – Não tem uma refeição decente há algum tempo.

– Quanto tempo estou aqui? – Lucille aguardou que ela ajustasse os pés da bandeja contra a cama de forma que ficasse bem equilibrada no colo dela – Desculpe a indelicadeza, qual seu nome?

– Bessie, senhorita – respondeu ela, transferindo as refeições no carrinho para a bandeja dela – Esteve descansando por dois dias.

– Dois dias? – Lucille perguntou espantada.

– Acordava vez ou outra para o pat... – corrigiu-se rapidamente – Para darmos seu medicamento e uma sopa leve – explicou Bessie – Mas voltava a dormir em seguida. A senhorita teve febre, então, acho que foi natural.

Parecia que “natural” era a palavra preferida dela, mas um ser dentro dela parecia ter vontade própria.

– Essa não é a casa da Lady Eagleton – disse ao dividir um pãozinho no meio – Tampouco a casa dos Owen. Onde estou?

Embora desconfiasse da resposta, precisava ouvir em

voz alta para se convencer.

– Na casa do conde de Northsham – Bessie parecia confusa com a pergunta dela – Onde mais estaria, sendo prima dele?

Lucille quase se engasgou com o chá. Sabia que nem todos os parentes precisavam ser fisicamente iguais. Mas os poucos primos que tinha traziam algo de similar. Edward e ela eram tão diferentes como água e vinho. E isso não se detinha apenas fisicamente.

– Sim, claro – voltou a comer – Meu querido primo Edward.

A situação estava pior do que ela imaginava. Não era apenas uma hóspede convalescente para o conde de Northsham, fora dita como prima dele. Imaginou que Christa, Philip e Edward tivessem inventado alguma desculpa para justificar a presença dela ali. Chegou a imaginar uma queda de cavalo em um passeio ao Hyde Park. Agora, não fazia a mínima ideia do que acontecera enquanto estivera desacordada.

Nos vinte minutos seguintes teve a boca cheia, mas de perguntas.

A criada saía e entrara no quarto algumas vezes. Recolheu a roupa de cama suja e trouxera camisolas novas e um vestido que não era desconhecido a ela. Havia providenciado uma tina, panos e água limpa.

– Acha que consegue se sentar, senhorita? – perguntou a Lucille quando verificou se ela já se sentia satisfeita – Ou talvez eu possa...

– Sinto-me ótima, não se preocupe – inferiu Lucille, fazendo questão de se levantar, rápido demais e logo foi pega por uma leve tontura que a fez voltar ao lugar. Vencida, sorriu timidamente para a criada – Talvez um pouco de ajuda não faça mal, Bessie.

Com o auxílio da jovem, Lucille conseguiu tomar um banho de panos úmidos. O que gostaria mesmo era ter ido até a banheira e lavado os cabelos, mas Bessie foi contrária a isso.

Após a higiene, Lucille vestiu uma de suas apropriadas camisolas de musseline. Permitiu que a criada escovasse e trançasse seus cabelos, quase voltou a cair no sono sob o toque gentil.

Era estranho, mas se sentia tão confortável ali, como



quando estivera em casa e, quando falava em casa não se referia à residência dos Eagleton, pensava no Mississippi e sua casa de campo.

– Vou avisar ao conde que já está disposta – anunciou Bessie e Lucille só não caiu estatelada no chão porque estava confortavelmente instalada na cama.

Os minutos seguintes foram tensos e angustiantes. Sentia como se as batidas cadenciadas de seu coração assemelhassem ao tic-tac irritante de um relógio.

– Srta. Middleton – para surpresa ou desapontamento de Lucille, a primeira pessoa a apontar na porta foi Philip.

– Lorde Owen – puxou a coberta na tentativa de encobrir mais o corpo, quando viu Edward surgir – Lorde Northsham.

Teria dado um tapa em si mesma para esconder o sorriso quando o viu sair detrás do amigo, mas pensar e agir eram coisas completamente diferentes. Então, dirigiu o seu olhar acalorado a Philip na esperança de que a euforia passasse despercebida.

– Srta. Middleton – disse Edward de forma polida.

A frieza e distanciamento estavam na postura e nas

palavras, Lucille não podia dizer o mesmo dos olhos intensos.

– Espero que já se sinta melhor – disse Philip – Deve estar se perguntando o que aconteceu à senhorita.

Lucille desviou do olhar arguto do conde para se fixar nos olhos amigáveis de seu amigo.

– O que aconteceu eu já sei, milorde – disse brandamente, embora por dentro fosse um turbilhão de perguntas insaturáveis por serem respondidas – Resta-me saber, o que faço aqui? Aliás, como?

Philip deu alguns passos curtos pelo quarto, mas Edward manteve-se imóvel rente à porta.

– Tudo começou com um baile e uma conversa sobre duelos...

– Lorde Owen...

– Philip – ele sorriu – Acho que já passamos desse tipo de formalidade.

– Como queira – disse Lucille – Philip, poupe-me dessa pequena introdução. Sei o que aconteceu no baile de Lady Wincoult até aqui. Gostaria de saber o que disseram à Lady Eagleton – encarou Edward quando citou sua

patrona, ambos sabiam que ela não o via com bons olhos – E ao meu irmão.

De todos, Allan com toda certeza seria o mais difícil de lidar. Não conseguia imaginar como o convenceram. A não ser que tivessem insinuado um sequestro, mas a possibilidade soava fantasiosa até mesmo para uma mente fértil como a dela.

– Acho melhor sentar – disse Philip.

– Já estou sentada – Lucille gracejou, diante do nervosismo dele.

– Referia a mim – ele se acomodou em uma poltrona próxima à janela.

Diferente de Philip, meio inseguro e parecendo tentar encontrar as palavras certas para se dirigir a ela, Edward tinha toda a segurança do mundo em cima dele.

– A senhorita está com varíola – a resposta foi tão direta e certa que Lucille sentiu-se baleada pela segunda vez.

– Co-como?

– Depois que a senhorita levou o tiro, eu a trouxe para minha casa – disse Edward, agora caminhando até ela,

parecia uma pantera encurralando sua presa, Lucille teria recuado se tivesse para onde ir – O Dr. Kildress disse que precisaria de alguns dias de repouso absoluto. Tivemos que pensar em um plano B.

– E isso seria?

Foi Philip com toda a delicadeza e cuidado, desnecessários a Lucille, que relatou o plano mais absurdo e audacioso aos olhos dela.

– E o que exatamente disseram a Allan?

– Lady Eagleton achou melhor não preocupá-lo até que retornasse de viagem – replicou Philip.

– Não o preocupar? – contestou Lucille alarmada – Philip, estou com varíola! Eu sou a única pessoa da família que lhe resta e estou morrendo.

– Bem, não tecnicamente – Philip sorriu curvando os ombros – Se Allan fosse avisado sobre a doença, estaria aqui antes que o dia virasse noite.

Lucille não tinha como refutar o argumento dele. Ainda assim, havia algo estranho naquela história. Que Christa e a amiga de Edward fizessem parte do plano, era aceitável, mas e as outras pessoas?

– Não consigo entender como Lady Seaford e Lady Eagleton não contestaram essa história.

– Varíola é uma doença contagiosa – disse Edward, seguro do que estava dizendo.

– Lady Seaford apenas chora, preocupada que Christa também tenha sido infectada – disse Philip – E a viscondessa deseja ficar distante, tentando manter sigilo caso consiga sair-se bem desse terrível infortúnio.

O pouco que Lucille sabia sobre a doença era que causava feridas purulentas capazes de marcar o enfermo de forma irreversível. A aparência de uma dama era essencial na procura de um marido. E quando a dama não vinha de uma linha de nobreza onde sua beleza seria ignorada, era primordial os atributos físicos e comportamento impecável para atrair um bom partido.

E embora estivessem discutindo uma doença fictícia, não seria de todo mal a Lucille se realmente tivesse padecido dela. Não carregaria mais a obrigatoriedade de arranjar um bom casamento. Poderia ser livre para fazer o que quisesse. Pelo menos em tese, já que as viúvas eram relativamente livres, mas ainda precisavam se curvar a

regras rígidas e julgamentos.

– Lady Eagleton deve estar usando seus saís mais do que o normal – murmurou divertida – Quer ainda haja saís aromáticos em toda Londres. E o que Lorde Eagleton teve a dizer?

– Acho que ele tenta ficar longe da mulher mais do que deveria ficar de você, embora ele lamente sinceramente o ocorrido.

Lucille tinha grande apreço pelo visconde. Sentia ter que preocupá-lo tanto.

– Bem, até quando serei a prima do senhor conde?

Os dois se entreolharam, mas foi Edward a responder.

– O médico virá amanhã verificar sua recuperação, mas acreditamos que por mais seis ou sete dias – murmurou ele – Ainda precisará de alguns dias de descanso, mas logo poderá voltar para a casa dos Owen.

Uma perspectiva que deveria agradá-la, uma parte sensata de si dizia que era muito perigoso ter Edward tão perto, mas a outra parte, a inconsequente, pensava exatamente o oposto. Tinha mais que o suficiente para usar em seu romance, mas seria tempo suficiente para

desvendar ou conhecer melhor o conde?

Ele a tinha ajudado ao invés de deixá-la cair na desgraça da própria sorte. O fato de ter negócios com seu irmão Allan, não a fazia responsável dele.

Por que Edward tinha a ajudado? O que mais sobre ele poderia descobrir? A história em si parecia coerente e cheia de amarras, mas, então, por que Lucille tinha aquela estranha sensação que mais uma vez a dupla lhe faltava com a verdade?

Ela tinha aproximadamente seis dias para descobrir. A sua vida antes, monotonamente chata, estava tornando-se muito divertida. Sua mente criativa jamais teria pensado em aventuras como aquela.

– Nunca imaginei que seria tão divertido ficar doente – murmurou ao aninhar-se na cama feito uma gatinha em sua almofada – Varíola é uma doença muito interessante.

Como havia fechado os olhos para o início de uma breve soneca antes do jantar, Lucille não presenciou o olhar surpreso que Edward e Philip trocaram antes de deixarem o quarto.





# Capítulo 14

– Estou entediada, doutor – resmungou Lucille – É realmente necessário que fique enterrada nessa cama?

Estivera toda a manhã e parte da tarde na cama, contando apenas com visitas esporádicas de Bessie para verificar se ela estava bem ou se precisava de alguma coisa.

– Srta. Vaines – Lucille precisava se acostumar a dirigirem-se a ela dessa maneira, era conhecida assim naquela casa –, como disse antes, a senhorita teve muita sorte. – Dr. Kildress finalizou o curativo antes de continuar. – E pelo visto, continua assim. Não há sinais de febre e nem de infecção – informou ele – A cicatrização está muito boa. Amanhã a senhorita pode tentar alguns passos pelo quarto na companhia de alguém, claro.

– Claro – Lucille repetiu rabugenta.

Quando ficara feliz pelos pequenos dias de liberdade longe de todos e tudo, não imaginou que ficaria

trancafiada naquele quarto o dia inteiro. Aquilo era entediante e aborrecido. Chegava até mesmo a sentir falta do tagarelar infinito de Lady Eagleton, os comentários sagazes do visconde e das provocações quase infantis de seu irmão.

– Se prometer ser cuidadosa – disse o médico – Em dois ou três dias poderá ir em alguma das saletas de baixo. Talvez receber alguma de suas amigas. A cicatrização está excelente e logo os pontos irão cair, por volta do sétimo dia poderá ter alguns minutos no jardim. Isso certamente a fará bem, não apenas fisicamente.

– É uma perspectiva empolgante – murmurou ela.

Seria muito difícil bancar a detetive se tinha que agir como um bebê precisando de cuidados. E era ainda mais difícil conseguir qualquer informação com o conde de Northsham já que nitidamente ele estava fugindo dela.

– Por ora, apenas pense na sorte que teve – ele repetiu dando batidinhas na cabeça dela, como um avô faria a uma neta inquieta – Cuide-se e seja uma jovem sensata.

Lucille ignorava completamente o significado daquela palavra. Ela e sensatez jamais andariam juntas. A vida não

era tão empolgante quando se agia com muita cautela.

Pelo resto da tarde, tentou ler e arrancar algumas informações dos criados. Desde o mordomo, com cara de poucos amigos, até a criada, ninguém lhe revelava nada de realmente importante, além da rotina da casa. Parecia que a criadagem tinha sido treinada por um general de guerra, ou sua lealdade era algo verdadeiramente impressionante.

– Srta. Middleton – Edward surgiu após uma leve batida na porta.

– Vaines – ela corrigiu um pouco mal-humorada – Sir Northsham.

– Claro, Srta. Vaines – os lábios formaram uma leve curva, mas Lucille não soube dizer se era de divertimento ou indício de aborrecimento – Chame-me apenas de Edward, prima.

– Neste caso, pode me chamar de Lucille – ela enrugou levemente o nariz quando algo importante surgiu em sua cabeça – O Dr. Kildress não ficou desconfiado? Lucille Middleton e Lucille Vaines?

Edward caminhou vagarosamente até uma poltrona. Estava claramente tentando ganhar tempo para responder a

pergunta. Lucille sabia muito bem quando as pessoas queriam esquivar-se de alguma resposta. Constantemente ela fazia uso da tática.

– O Dr. Kildress a conhece por Lucy – respondeu ele – Além disso, Lucille não é um nome tão incomum. E como você bem sabe, nós temos, digamos um acordo.

Aquilo era o que mais causava estranheza a ela. O Dr. Kildress era um profissional e estava declaradamente mentindo, pelo menos, no caso da Lucille falsa. Ou o conde estava pagando uma quantia significativa para que o médico os ajudasse (e se os relatos de Lady Eagleton sobre as dívidas e finanças do conde fossem verdadeiros, aquilo seria praticamente inexecutável), ou o doutor devia a eles algum favor. A segunda opção lhe parecia muito mais viável.

– Um acordo?

– Bessie relatou que você anda entediada – ele mudou de assunto – E o Dr. Kildress disse que logo poderá voltar à normalidade.

– Que tipo de acordo? – insistiu ela, não se deixaria enganar tão facilmente.

– Meu tio era médico. Conheço o Dr. Kildress há algum tempo – Edward buscou um livro na mesinha de cabeceira e começou a folhear – Talvez o que sinto seja a falta de companhia.

– Ah, é mesmo? – Lucille desejou que a indagação tenha soado tão irônica quanto ela quisera.

– É compreensível – murmurou ele e, dessa vez, o vislumbre do sorriso tornou-se realmente um sorriso, deixando Lucille levemente alterada – Afinal, aguentar Lady Eagleton por um longo, longo tempo, relatando as trivialidades londrinas e depois ver-se em um silêncio pode parecer...

– Entediante – interrompeu ela.

– Como?

– Entediante. Aborrecido. Chato.

Edward fechou o livro sobre as pernas e apoiou os cotovelos sobre ele, analisando-a com divertimento.

– Conheço o conceito de entediante.

– Seria muito mais fácil suportar tantas e tantas horas enfiada nesse quarto se tivesse pelo menos um amigo – queixou-se ela. Se fizesse Edward sentir-se sensibilizado

por ela, poderia conseguir informações valiosas sobre ele  
– Mas Christa está impossibilitada disso, não é?

– Bem, você tem o Philip – respondeu ele. Por um momento, pareceu que ele estivesse contrariado em relação a essa opção.

– Lorde Owen não tem vindo muito aqui – constatou ela – Deve ter notado isso.

O que era interessante. Philip fora bem claro em suas intenções de lhe fazer a corte.

– Gostaria que ele viesse? – A resposta parecia ter mais importância do que ele gostaria de deixar transparecer.

– Acho que Christa precisa muito mais da companhia de Lorde Owen do que eu – disse ela francamente – É ela quem finge estar doente.

– Faz algum sentido.

– O senhor não notou? – indagou Lucille, feliz por terem algo mais do que o trivial para conversar.

Edward ergueu uma das sobrancelhas de forma interrogativa.

– Há um clima entre os dois.

– Philip e a Srta. Seaford? – Edward fez um ar de surpresa, mas Lucille sabia que ele era inteligente o suficiente para ter notado a preocupação de seu amigo em relação à Christa, no dia que ocorrera o duelo – Os dois se odeiam.

– Ódio e amor andam lado a lado – murmurou ela – Às vezes um sobrepõe ao outro.

– Seria uma teoria interessante se Philip não deixasse claro o interesse dele por outra dama.

Lucille desviou o olhar. Não era preciso ser muito inteligente para deduzir que a dama a quem se referia era ela. E embora Lucille considerasse Philip um bom amigo e estivesse profundamente grata ao que vinha fazendo por ela, não conseguia ver eles dois como um casal.

Tomando o acanhamento dela como uma aprovação dos sentimentos de Owen, ele decidiu levar a conversa para um rumo em que não se sentisse insatisfeito.

– Como seu primo – ele sorriu zombeteiro –, acho que é minha obrigação entretê-la. Se não ao menos, oferecer uma hospitalidade melhor.

– E isso seria? – indagou animada.

– Pensarei em algumas coisas – ele se levantou, entregando o livro a ela.

Ele estampava um sorriso quando caminhou até a porta.

– Edward?

– Sim?

– Não sei se já expressei minha gratidão – disse ela brandamente – Não apenas por salvar a minha vida, mas por todos os esforços, além disso. Pelo seu quarto e todo o resto.

– Não há o que me agradecer, vendo que na verdade fui eu a colocá-la nessa confusão toda.

Aquilo não era verdade, refletiu Lucille. Ela mesma tinha se colocado em risco, esquadrinhando aquilo que não dizia respeito a ela.

– Nos vemos no jantar – ele fez uma reverência antes de abrir a porta.

– Estarei aqui – disse ela em um tom divertido – Por um longo, longo tempo.





Edward era obrigado a admitir, Lucille Middleton era espirituosa. Qualquer outra dama teria enchidos seus ouvidos e lamentado a falta de atenção dele. Afinal, ficara longe dela de forma premeditada. Ela teria todo direito de agir como uma jovem negligenciada. Mas Lucille fizera aquilo de forma sutil e até mesmo encantadora.

O problema era que tudo em relação a ela era encantador. Sua forma de sorrir e as leves covinhas nas bochechas. Como ele não tinha notado aquelas covinhas antes?

Sua forma de pensar, sua curiosidade insistente e a inteligência eram encantadoras. Atributos que a faziam perigosa. Passara meia hora no quarto com ela e já começava a listar suas qualidades.

Sustentar a convicção de que desejar a escolhida de seu amigo era o oitavo pecado capital, tornava tudo mais difícil. E as coisas só pioravam com as suposições de Lucille em relação a Owen e a Srta. Seaford.

Claro que ele notara que Philip tinha agido de forma completamente estranha ao imaginar que Christa estivesse ferida, mas ele também agira além da razão ao ver Lucille

machucada. Além disso, Lucille levantara a questão porque estava intrigada ou porque se sentia ameaçada em relação a Philip?

Seria tão mais descomplicado se Philip nutrisse sentimentos pela Srta. Seaford e fosse igualmente correspondido. Edward teria o caminho livre para cortejar...

Ora! Ele não teria caminho livre para nada. Nem que Owen surgisse em sua porta dizendo que tinha fugido até Gretna Garden para se casar com Christa, liberaria caminho para que Lucille e ele selassem um compromisso.

Lucille Middleton era como uma flor rara tratada na estufa. Ele era como uma erva daninha infestando o campo. Viviam e viam o mundo de forma completamente diferentes.

Ele era um libertino que usava qualquer meio para livrar-se do rebaixamento social e da miséria. Tinha que focar nos negócios e nada mais deveria importar.

— Com licença, Lorde Northsham — Desmond encontrou-o ainda escorado contra a porta do quarto — Lorde Owen está lá embaixo. Devo dizer que irá atendê-

lo?

– Não é preciso, Desmond. Irei encontrá-lo.

Após uma mesura afetada do mordomo, Edward desceu para recepcionar Philip.

– Um *timing* perfeito, meu caro amigo – encontrou-o na biblioteca estudando um quadro de família – Lucille acabou de falar de você.

– Perguntou por mim? – Philip pareceu surpreso com a informação.

– Sente-se entediada.

– Christa disse a mesma coisa – retorquiu Philip – Acho que eu deveria visitar mais a Srta. Middleton.

– Não acho que seja conveniente – Edward se ouviu dizer – A reputação dela ficaria em risco ao receber visitas de um homem solteiro e é exatamente isso que queremos evitar.

Será que Philip notaria que ele mentia descaradamente?

A verdade é que não queria que Lucille recebesse a visita dele e de nenhum outro homem.

– Reputação? – indagou Philip incrédulo – Edward, ela

está na sua casa. Um homem solteiro, mais do que isso, um reconhecido libertino, o devasso mais...

– Isso não vem ao caso, Philip – Edward o interrompeu erguendo a mão – Para todos os efeitos, a Srta. *Vaines* é minha prima e está sob a minha tutela. Posso tentar controlar meus criados. Mas não os vigio o tempo todo, alguém sempre poderia dizer alguma coisa – Edward tinha total consciência de que estava sendo ridículo, mas agia além da racionalidade – Contudo, o Dr. Kildress disse que em breve ela poderá receber visitas de forma adequada. Esteja certo que eu o avisarei.

– Pensando dessa forma – Philip coçou o queixo onde apontava o sinal de uma barba mal-feita – Talvez você tenha razão. Dividir minha atenção entre a Srta. Middleton e a Srta. Seaford não seria algo tão fácil também. E Deus sabe, manter Christa tranquila parece ser uma tarefa impossível.

Edward engoliu o sorriso e um comentário debochado. Ódio e amor realmente andavam juntos como Lucille afirmara?

– Suponho que esteja sendo difícil lidar com a dama.

– Aquela mulher é insuportável! – queixou-se ele indo até a licoreira de cristal – Acredita que toda a culpa tenha sido minha.

– E não foi? – Edward sempre fora do tipo que atiçava a fogueira em vez de tentar apagá-la – A ideia foi sua de aceitar interferir no duelo.

– Quis apenas ajudá-lo. Acho que não é preciso lembrá-lo – ele resmungou ao jogar-se em uma das cadeiras em frente à mesa quadrada – Os verdadeiros culpados são Caldwell e Harrods. Dois patéticos.

Nisso Edward se via obrigado a concordar. As três mil libras não pagavam tanto desgaste e esforço.

– Como ficaram as coisas entre eles?

– Tudo sobre controle – respondeu ele – Harrods passará uma longa temporada no campo e Caldwell fará uma nova viagem de lua de mel com sua esposa, em algum lugar da Europa.

Pelo menos para aquilo havia conseguido um ponto final.

– E quando acha que poderei fazer uma vista formal à Srta. Middleton?

– Dentro de três... – corrigiu-se rapidamente. Talvez não fosse tão ruim que Philip passasse mais algum tempo com a Srta. Seaford – Quatro dias.

– Mantenha-me informado, então – disse vertendo a segunda taça de licor antes de se levantar – Vejo-o em quatro dias.

## Capítulo 15

Lucille fechou o livro quando ouvia mais uma vez (embora Edward tivesse prometido não fazer) seu comentário irônico em relação a Evelina, personagem que dava nome ao livro de Frances Burney.

Ela pigarreou antes de dirigir a voz e o olhar irritado ao homem estendido no chão. Embora existisse no mínimo duas poltronas confortáveis no quarto, ele preferira esticar-se a alguns metros de sua cama. O que lhe parecia desconfortável, além de tolo. Talvez fosse por aquele motivo que Edward se mostrasse tão ranzinza durante a narrativa da história.

– Tem algo mais a dizer, Lorde Northsham? – ela comprimiu os lábios – Algum comentário irônico?

Edward se remexeu no lugar e ajeitou o travesseiro sob sua cabeça, voltando sua atenção para o teto. Sua ideia em entreter Lucille enquanto estivesse aos cuidados dele era

posar horas intermináveis para que ela fizesse retratos irreconhecíveis dele, ouvir suas narrativas de como fora sua vida na América e escapar sempre que possível das perguntas pessoais que fazia a ele.

Encontrara no prazer que a jovem tinha pela literatura, a melhor maneira de mantê-la ocupada. Intercalando vez ou outra com jogos de cartas ou tabuleiros. Mas eram os livros que mantinham Lucille longe de perguntas. Contara algumas coisas sobre sua infância e uma boa parte sobre o que se lembrava dos pais, mas existiam algumas respostas que ele não poderia oferecer ainda.

Assim, começara um dos momentos que Edward mais apreciava compartilhar com ela e, sem dúvida alguma, o melhor momento de seu dia. Nunca fora muito fã de romances e, para ser honesto consigo mesmo, seu maior contato com os livros tinha sido durante sua formação. Com Lucille, no entanto, era uma experiência completamente nova. Poderia ser o fato de que sua voz aveludada e doce o atraía de uma forma inexplicável. A forma com que ela enxergava e defendia os erros e tolices dos protagonistas, na maioria das vezes, era divertido. Ele



gostava de provocá-la, lançando um ou dois comentários mordazes apenas para vê-la defendendo com tanto fervor suas teorias.

Ah, eles discutiam e ele adorava cada uma daquelas brigas. Sempre queria terminar alguma delas a beijando. Um dia faria isso.

– Continue – ele pigarreou, sabendo que ela não iria continuar até conseguir que Edward refletisse e aceitasse seu ponto de vista. O que normalmente acontecia, embora muitas vezes ele se recusasse a admitir – Quero saber como acabará essa nova confusão que a Srta. Evelina acabou de se meter.

O livro contava a história de Evelina, filha ilegítima de aristocrata inglês, criada por um reverendo. Devido a particularidade de seu nascimento, crescera isolada no campo tendo primeiro contato com a alta sociedade quando fizera dezoito anos e viajara com os amigos a Londres. A narrativa satirizada mostrava as aventuras da protagonista ingênua que se metia nas mais bizarras situações. Dona de uma beleza estonteante (mesmo inconsciente de tal charme), tinha praticamente todos os

homens encantados aos seus pés.

Assim como Lucille o tinha literalmente aos seus pés.

– É certo que ela é muitas vezes ingênua... – iniciou Lucille, sua fidelidade às mocinhas injustiçadas faziam-na ignorar ou perdoar algumas ações imprudentes.

– Completamente tola, devemos dizer – ele não resistiu à doce oportunidade de provocá-la um pouco mais. Lucille tinha a mesma paixão por livros que os homens tinham por seus cavalos ou armas; não, tinha a mesma paixão que um homem por sua amante – Acho que a Srta. Evelina me faz lembrar alguém.

Lucille ficou rubra, embora Edward tivesse que refrear a necessidade de tocar as bochechas coradas. Ela sabia que ele se referia a ela.

– Embora Evelina não tenha causado metade das confusões em que se viu vitimada – continuou ele com o mesmo tom provocativo – Não posso dizer o mesmo da senhorita em questão. Sabe de quem estou falando, Srta. *Vaines*?

– Eu diria que a ingenuidade de Evelina acrescida de um pouco de falta de sorte tenha-lhe sido prejudicial –

disse moderadamente – Quanto a jovem em questão, Lorde Northsham...

– Edward – ele a corrigiu.

– Edward – disse ela, segurando o riso – Acredito mais que seja total falta de sorte.

– Sorte? – Edward estava com o cotovelo no chão e a cabeça apoiada sobre a mão. Olhava-a atentamente. Tinha um sorriso abusado e um brilho divertido nos seus olhos provocativos – Nunca acreditei muito nisso.

Era impossível naquele momento não compará-lo com um menininho endiabrado que adorava puxar os cabelos das meninas e sair correndo em seguida.

Lucille sentia-se à vontade com Edward como nunca ficara com ninguém. Podia ser ela mesma dividindo suas crenças e pensamentos, ou ser introspecta sem ser considerada estranha. Ele gostava de ouvi-la, mas não se importava de apenas observá-la quando imergia em um mundo particularmente dela.

– Soube que se dá muito bem nas casas de jogos – sondou Lucille – Se não acredita em sorte, a que atribui sua fama?

Edward pigarreou e pôs-se a tirar pelos imaginários de seu casaco. Mais uma vez ele protelava a resposta.

– Não sei muito bem o que ouviu sobre mim – respondeu evasivamente – Mas não deve acreditar em tudo que Lady Eagleton lhe tenha dito. Embora quase tudo deva ser verdade.

– Não acredito em tudo que Amelia me disse – disse ela rapidamente – Apesar de não ter me falado nada mais que não fosse de conhecimento público. Acho que grande parte do que dizem por aí, não é toda a verdade. Não mais.

– Srta. Middleton...

– Vaines.

– Lucille, não seja condescendente comigo – o olhar era para ser perigoso, mas para Lucille era nada menos que atraente – Mereço toda a fama que tenho.

Edward ficou de pé e lançou um olhar endurecido a ela, que não a intimidou nem um pouco. Ele podia ter a fama de libertino e fanfarrão e até mesmo merecido a fama, mas Lucille o enxergava além disso.

Havia o homem afável que ajudou um menino faminto;

o que ajudara um conhecido a sair ileso de um duelo (mesmo que o mesmo merecesse algumas balas em seu traseiro); o que encontrara duas jovens atrapalhadas em condições embaraçosas e socorrido; o que se mostrava a ela todos os dias que passavam juntos. Da inteligência mordaz ao delicadamente atencioso. Edward a fazia rir, outra vezes se zangar, mas sempre a fazia desejar que a beijasse e algumas vezes sentia que era exatamente aquilo que ele queria fazer antes de recuar, deixando-a completamente frustrada quando isso não acontecia.

Tentar entender Edward tornara-se mais importante do que descobrir os segredos que ele escondia.

– Acho que está na hora de nossa caminhada – sugeriu Edward antes de seguir até a porta – Peça que Bessie avise quando estiver pronta.

Desde a tarde anterior, tinha trocados passeios pelo quarto por caminhadas curtas na sala. De acordo com o Dr. Kildress, essas pequenas atividades físicas fariam Lucille se recuperar mais rápido. Logo ela retornaria para casa.

As fracas tentativas de Lucille em desvendar os

mistérios envolvendo o conde haviam fracassado. Seus sentimentos em relação a ele, no entanto, haviam mudado e crescido rapidamente.

– Que tal o amarelo, senhorita? – A criada esticou o vestido rente ao seu corpo e aguardou a aprovação de Lucille – Combina com seus cabelos.

Lucille soltou um suspiro antes de responder: – Alegre demais.

Não era exatamente como se sentia naquele momento. Sempre soube que sua estadia na casa de Northsham seria breve, mas não imaginou que os dias que passara com ele seriam tão felizes e agradáveis. Muito menos que se sentiria tão infeliz em pensar em ir embora.

O conde era irritante e cínico às vezes. Frustrantemente evasivo em outras. Irresistivelmente encantador quando queria. E deliciosamente sedutor quando deixava que os seus sentimentos falassem por ele.

Ela tinha certeza que quando cruzasse a porta da casa de Amelia Eagleton, os lúdicos momentos que tivera com o conde teriam que ser deixados para trás. A menos se os dias que passaram juntos tiverem sido tão especiais para

ele como fora para ela.

E se ele sentisse por ela...

– Que tal o azul? – Bessie interrompeu os devaneios que ameaçavam fazer o coração de Lucille palpitar em sua garganta – Combina com seus olhos.

Edward dissera aquilo uma vez. A primeira vez que andaram pelo quarto e ele a levava até a janela para observar o céu. O pequeno azul sobressaindo entre as nuvens pesadas o fizera comparar ao azul de seus olhos.

– O azul está perfeito – sorriu alegremente, ocultando da inocente criada suas reais intenções – Você é muito observadora, Bessie. Também gostaria de um pouquinho mais de cor nos meus lábios.

Caminhou até a penteadeira e encarou o grande espelho à sua frente. Ocupava um quarto de hóspede agora. E apesar de ser mais feminino e aconchegante, sentia falta da personalidade do antigo quarto, ou talvez, sentisse falta da proximidade com Edward, que o quarto dele proporcionava.

– Está pronta? – Edward perguntou da porta.

Eles só iriam até a sala no andar de baixo, mas era

como se fossem dar um longo passeio romântico pelo Hyde Park. O coração de Lucille não titubeou em se manifestar.

Edward ajudou-a a caminhar até o corredor e quando chegaram no topo da escada, tomou-a em seu colo, como fizera no dia anterior. A primeira vez, ficara surpresa e envergonhada demais para entender sua reação febril ao corpo másculo. A segunda vez, quando a levava de volta ao quarto, estava focada demais tentando esconder seus sentimentos e o desejo vergonhoso que ele parasse no topo da escada para tomar os seus lábios em um beijo atrevido.

Desejo que agora a dominava com uma força espantosa. Necessitava daquilo como o ar que os mantinham vivos. Como alimento que a mantinha forte e em pé. Como uma flor precisa dos raios de sol para florescer.

– Edward – seus olhos buscaram os olhos deles e seus dedos embrenharam-se nos cabelos macios cobrindo e pescoço.

Sentiu o corpo dele estremecer ou talvez tenha sido o



dela. Não importava. Sabia que ele não era imune. Já fora beijada por ele antes. Desejava desesperadamente que voltasse a acontecer.

– Lucille – ouviu-o suspirar, praticamente um gemido de rendição ou um pedido de clemência – Por Deus, Lucille. Eu...

Ela cerrou os olhos aguardando o momento. O momento que seus lábios se encontrariam, onde milhares de estrelas pareceriam explodir em seu corpo.

Sentia a respiração acelerada de Edward tocando seu rosto enquanto a antecipação fazia seu coração já acelerado disparar.

– Ah, Srta. Middleton.

Lucille levou alguns segundos para perceber que a voz chamando por ela não era de Edward. Abriu os olhos assustados, encontrou nos de Northsham uma mistura de raiva e frustração.

– Vejo que está bem melhor – ela se virou em direção a Philip parado a alguns metros deles.

– Lorde Owen – conseguiu dizer desanimada.

Nunca a visita de alguém pareceu tão inconveniente.

Por sorte, Edward mostrou-se recuperar mais rápido que ela e logo a levou até uma das poltronas na sala de visitas.

– Fico feliz em saber que já se encontra melhor – Owen ocupou um sofá de dois lugares ao lado dela – Queria ter vindo antes, mas a Srta. Seaford... – ele desviou o olhar ao citar Christa – Bem, a Srta. Seaford anda bem ranzinza e exigente nos últimos dias. Até parece que sou eu a lhe dever algum favor.

– Imagino que ficar presa naquele quarto não deve estar sendo fácil para ela – Lucille a defendeu – Mas sou muito grata por tudo o que o senhor tem feito – ela olhou para Edward parado próximo à lareira – Aos dois.

– Eu faria isso por qualquer dama em perigo – disse ele fazendo Edward gemer e resmungar alguma coisa em seguida – Não que a senhorita seja qualquer uma...

– Compreendi, Lorde Owen.

– Philip – exigiu com um sorriso – Somos todos bons e íntimos amigos agora. Diga-me, Edward a tem tratado bem?

– Perfeitamente bem, milorde – ela corou ao lembrar que há poucos minutos ele estivera próximo aos maiores

desejos secretos dela – Muito bem, devo confessar.

– Isso é excelente – disse ele, animado – Trago algo que talvez faça o seu dia ainda melhor.

Lucille o encarou com curiosidade. Observou-o tirar uma carta de dentro de sua casaca e entregar a ela.

– Uma carta da Srta. Seaford – disse ele – Enquanto distrai-se em sua leitura, gostaria de trocar algumas palavras com Edward.

Lucille bem que tentou, mas não conseguiu decifrar o recado mudo que trocaram entre eles. Era um tipo de intimidade que Lucille frequentemente trocava com seu irmão e sabia que era uma ligação que só o tempo e convivência conseguiam proporcionar. Ela aproveitou a oportunidade ao se ver sozinha para se recompor.

Lucille tentou se concentrar na missiva, mas as palavras de sua amiga (embora não fossem de todo aborrecidas) diziam exatamente o que Philip comentara de seu estado de humor, só que pelo ponto de vista dela. Havia três folhas recheadas de uma narrativa um tanto quanto reveladora e que ela precisaria de um olhar mais crítico para saber se suas suspeitas eram cabíveis ou não.

Mas naquele momento, tinha uma curiosidade muito maior. O que Owen teria de tão importante a falar com o conde? Não. O que ele teria de tão importante que Lucille não poderia presenciar?

A curiosidade era forte demais para resistir. Lucille dobrou a carta cuidadosamente. Esperava que os breves minutos de hesitação lhe dessem uma dose de prudência. Mas a quem ela queria enganar? Era o oposto disso.

Com a carta de Christa em punho (como se fosse escudo ou uma força magnética impulsionando-a para frente), Lucille seguiu em direção onde os viu partir.

Ainda não tinha explorado a casa de Edward. E embora não fosse tão grande, as primeiras tentativas deram em uma biblioteca e duas salas privativas. O escritório ficava no fim do corredor.

Por sorte (embora o conde não acreditasse que ela existisse), ela encontrou a porta entreaberta. Apenas o suficiente para que tivesse um vislumbre de Philip virado de lado para ela e Edward apoiado contra a mesa, não conseguia visualizar o seu rosto, já que estava de costas. Mas conhecia-o razoavelmente para ler suas expressões

corporais.

*Ele estava tenso.*

*“Acho que contar à Srta. Seaford, foi um erro”,* disse Edward com a voz tensa. *“Ela dirá tudo a Lucille na primeira oportunidade”.*

*“Christa não dirá nada a Lucille se eu pedir que mantenha segredo”,* replicou Philip. *“Se eu garantir que é para o bem de sua amiga e dela mesma... Tudo o que ela sabe é que você consegue hipnotizar as pessoas”.*

Lucille levou a mão à boca no exato momento que iria emitir um grito assustado. Escorou-se contra a porta, fechando os olhos. Rezando para que nenhum som tivesse escapado entre seus lábios, ou que as batidas frenéticas de seu coração retumbassem apenas nos ouvidos dela.

Engoliu em seco e voltou a abrir os olhos.

*“Lucille é esperta, Philip”,* ouviu Edward exaltar-se. *“Cedo ou tarde irá descobrir o que eu fiz... o que tentei fazer”.*

Embora não olhasse para ele (e nem tivesse pretensão de fazer) parecia haver uma amargura em suas palavras.

*“Edward, você não fará Lucille se apaixonar por*

*mim”, insistiu Philip. “Fará com que me olhe com outros olhos. Sei que ela nutre algum tipo de sentimento por mim. Depois que estivermos casados, eu posso transformar o que ela sente em amor... preciso apenas que você...”*

Enjoada e desnorteada pelo que acabara de ouvir, Lucille fugira. A conversa entre Edward e Philip dançando dentro de sua cabeça, como fantasmas horripilantes querendo atormentá-la.

Edward nunca sentira nada por ela. Tudo o que ele queria era prendê-la em sua rede de mentiras e enganações. Philip desejava se casar com ela. Era apenas um brinquedo entre os dois amigos para manipulá-la.

Só notou que tinha chegado ao quarto quando bateu a porta e apoiou-se contra ela. Lágrimas de desespero e dor saltaram de seus olhos.

Edward não a amava, nem ao menos se sentira atraído como ela pensou. Era fingimento.

*Mentira!*

Muitas e muitas mentiras. Não que Lucille fosse santa. Às vezes também ocultava e mudava o rumo dos fatos

para garantir a paz e tranquilidade de todos à volta dela. Como fizera com Amélia e seu irmão, fingindo estar doente. Mas seu embuste era nada mais do que um meio para impedir que seus atos impensados e mal-calculados os prejudicassem. Acima de tudo, fazia isso para preservar Christa de qualquer possível escândalo relacionado a ela.

Agora tudo fazia sentido. Os empregados não desconfiarem de nada; a ajuda sem questionamento do médico (se ele fosse realmente um médico); a aceitação e passividade do visconde e viscondessa. Todos tinham sido manipulados para acreditar no que Northsham desejava.

A conversa estranha que tivera com Edward no baile dos Wincoutt. Fora a primeira tentativa dele em hipnotizá-la? Ou já tinha feito isso antes? Encontrava-se hipnotizada agora? Estava mesmo ferida? Ou era apenas fruto de sua imaginação.

A dor pulsante em seu quadril, devido ao esforço por ter subido as escadas correndo, confirmava que tinha se machucado realmente, mas se estava sob efeito da

hipnose, a dor poderia ser apenas mais um elemento de toda aquela mentira.

Ela afastou-se da porta, secando os olhos com fúria. Tocou a sineta e em instante a criada surgiu na porta.

– Bessie, gostaria que fosse providenciado um banho – apesar de se sentir estraçalhada por dentro, Lucille conseguiu sustentar uma voz firme – Se o conde perguntar por mim, avise que não me sinto bem. Que estou com uma terrível dor de cabeça e que resolvi me deitar um pouco. Não quero ser incomodada. Por ninguém, nem mesmo por ele.

– Sim, senhorita – disse a criada antes de se retirar – Também vou providenciar um chá para a senhorita, vai ajudá-la a se sentir melhor.

Lucille gostaria que o chá também pudesse ajudar com a grande ferida que abrira em seu coração. Chegara a pensar que poderia estar se apaixonando, mas quem era tolo o bastante para se apaixonar por uma mentira?

Criara um personagem em sua cabeça, um Edward que nunca existira e agora não sabia o que fazer com aquele sentimento esmagador em seu peito.



– Edward! – soluçou entre os lençóis – Por que fez isso?

Teria aceitado ou tentado compreender todos os defeitos dele. Teria esquecido e até rido do passado indecente e cheios de trapaças. Teria ignorado todas as amantes por quem ele algum dia tinha feito juras amorosas. Teria perdoado tudo isso. Mas não conseguia aceitar que fora mais uma peça de xadrez, uma marionete que ele manipulava à sua vontade. Que tivesse brincado com os sentimentos dela.

Aquilo doía. Uma dor visceral que parecia parti-la ao meio. Como se sua alma de alguma forma se desconectasse do corpo. Amava-o de uma forma que não achava possível tal sentimento existir. Mas, naquele momento, odiava-o também. Odiava o fato de amá-lo tanto ainda.

– Senhorita? – Ela sentiu o toque suave de Bessie em seu ombro – Seu banho está pronto.

Lucille não sabia se tinha adormecido e mergulhado em um sonho ruim, ou se apenas estivera submersa naqueles pensamentos sombrios. Tampouco quanto tempo havia

passado. Mas sabia que suas lágrimas pareciam não ter fim, tanto quanto a ferida sangrando em seu coração.

– O que você vê, Bessie? – indagou à criada, mostrando a cintura.

– Seu machucado, senhorita – a criada enrugou a testa antes de responder e ajudá-la a entrar na tina – Está cada vez melhor.

– Como consegui isso?

Bessie a encarou com uma expressão confusa, seus olhos indo da cintura ao rosto dela rapidamente.

– A senhorita levou um tiro – murmurou ela – Quando o conde limpava as armas dele.

Certo, nem tudo era mentira. Como uma aspirante a escritora, Lucille sabia que toda história continha um fundo de realidade, mesmo que não fosse a dela. Então, Edward provavelmente usava o que acontecia à sua volta para ter as coisas exatamente como ele queria.

Mas o jogo tinha mudado. O elemento extra havia surgido e o personagem central tomava conta da narrativa de sua história. Lucille poderia ser um joguinho entre eles, mas seria ela a dar o xeque-mate.



# Capítulo 16

Enquanto ouvia Philip falar e falar, em algum momento durante o discurso encalorado, Edward cogitou a possibilidade de hipnotizar seu melhor amigo e fazê-lo mudar de ideia em relação a Lucille. Ele poderia dar fim ao ciúme que o consumia sempre que ele falava algo sobre ela.

Os dois juntos, como um casal, apaixonados, felizes.

Ele agarrou a madeira da mesa, suas unhas espremidas contra ela, buscando controle e, quiçá, um pouco de serenidade.

– Jamais serei capaz de agradecê-lo por isso – Philip tocou o seu ombro, fazendo-o virar-se para ele – Sei que a farei feliz, Edward.

Não. Edward não poderia trair a promessa que dera a Philip. Além disso, o que teria a oferecer a Lucille? Algumas noites em sua cama?

O que sentia por ela era desejo carnal. Desejo que com a mesma velocidade que surgira iria embora quando ele a

tivesse em sua cama. Desonraria-a e, depois, iria embora, amargando pesar e arrependimento.

E mesmo que nutrisse algum sentimento por ela, tinha que ser honesto consigo mesmo, Philip sempre seria a melhor escolha para Lucille. Era querido pelas jovens, assim como pelas mães casamenteiras. Não carregava a mesma fama de devasso de Edward e nenhuma maldição correndo em seu sangue.

Philip era a passividade de um lago em um fim de tarde. Edward era como uma tempestade em mar aberto – *incontrolável*.

– Allan voltará em três dias – pronunciou Edward – É o tempo que precisará para se aproximar um pouco mais dela. No quarto dia pela manhã...

Ele sentiu o peito queimar. A sala de repente parecia menor. Sentia-se preso em uma fornalha. Tinha que sair dali. Tinha que ir embora antes que aquela força crescendo dentro dele explodisse revelando o que deveria continuar trancado.

– Quando vier para a visita – ele pigarreou, desejando ser mais forte que os sentimentos que o dominavam –

Apenas diga a palavra certa.

– E qual seria?

Edward caminhou em direção à porta. Sua postura era altiva, mas por dentro era um ancião afligido pelo cansaço do peso da idade. Era um homem que tinha feito todas as escolhas erradas. Alguém que tinha cruzado a fronteira. Sabia que quando transpusesse aquela porta não poderia retornar.

– Direi em breve – ele tocou o puxador da porta.

Deteve-se. Nutrindo por míseros segundos, desejando fortemente poder olhar para trás.

– Edward? – Philip o chamou – Prometo que...

– Já sei, Philip – rangeu os dentes, mas não se virou para encará-lo – Vai cuidar bem dela. – *Pelo seu próprio bem, espero que seja verdade.*

A última frase tinha sido dita apenas para ele mesmo. Dissera a Lucille há bem pouco tempo que não acreditava em sorte. Tampouco acreditava em esperança. Ele acabara de perdê-la.

– Milorde... – cruzou com a criada designada a cuidar de Lucille enquanto estivera lá.

– Agora não! – Sua voz saíra tão ríspida como de um carrasco – Agora não, Bessie.

A última vez que chorara foi quando seu tio o deixara em Harrow para estudar. Dera-se conta (embora intimamente soubesse) que seus pais nunca iriam voltar. Era apenas ele mesmo no mundo. O tio pagaria por sua educação. Certificaria-se que houvesse comida, roupas e uma cama quentinha para que ele usasse. Mas não havia nada que ele pudesse oferecer a uma criança, além disso.

Abraços, risadas e comemorações por cada conquista sua jamais existiriam. Ninguém para dizer que o amava e o quanto ele era especial. Aquela foi a primeira vez que ele realmente se sentiu sozinho.

– Não tem importância – murmurou ao se acomodar na carruagem – Nada disso importa.

Afirmava com a mesma determinação daquele garotinho à noite, em sua cama. Anos haviam se passado. Ficara forte, fizera amigos. Mas ainda era o mesmo menino sentindo a tristeza de ser apenas ele mesmo no mundo.

– Lucille – o apelo feito de forma tão desesperada,

soava como marteladas destroçando seu coração – Três dias.

Era todo o tempo que tinha.



Lucille deveria se sentir lisonjeada, eufórica e imensuravelmente feliz. Durante o dia tinha toda a atenção que Lorde Owen conseguia dar a ela e à noite, uma versão impressionantemente carinhosa de Northsham.

Para todos que observassem (todos significava os poucos criados que havia na residência) era uma jovem afortunada, sendo disputada por dois lordes encantadores.

Oh, ela teria ficado extremamente extasiada, se de fato os sentimentos e ações deles dois fossem verdadeiros. Mas sempre que recebia um elogio de Philip ou um sorriso devastador de Edward, lembrava que era tudo um embuste. Dois trapaceiros, mentirosos da pior estirpe.

Entrara no jogo, afinal, sua personalidade rebelde exigia isso. Fazê-los ser pegos em sua própria armadilha tornou-se um desafio. Era fácil, até mesmo divertido,



distribuir sorrisos e olhares afetados a Philip. Mostrar-se dócil e ligeiramente apaixonada. Toda jovem à procura de um marido usava ou já tinha usado aquele mesmo recurso.

Não, aquilo não era o problema. A grande tortura estava em Edward, quando ele revelava um pouco de si cada vez mais para ela. Conhecera Hidden na tarde seguinte e soubera mais sobre a parte mais desafortunada de sua infância.

Desejou que o menino doce que o amigo apresentara a ela através de lembranças, de algum modo ainda existisse em Edward e estivesse apenas desacordado.

Queria acreditar que os passeios que fizeram ao jardim, após cada jantar, tivessem sido tão mágicos quanto pareciam. Que cada toque, cada beijo terno, depositado em suas mãos trêmulas, tivessem a mesma emoção que a dominava.

– O tempo é algo peculiar, não acha? – Edward a conduziu até um banco de madeira almofadado na varanda – Algumas vezes desejamos que um instante dure para sempre, outros, que passe depressa.

Lucille o encarou. Havia tanto ardor queimando nos

olhos escuros como aquela noite estrelada. Entendia perfeitamente o que ele queria dizer.

– Conte-me dez particularidades sobre você.

– Dez particularidades sobre mim? – repetiu, intrigada.

– Sim. Eu não gosto muito de chá, menos ainda com leite.

– Não gosta de chá? – indagou ela, simulando surpresa

– Pensei que essa fosse uma particularidade bem britânica.

– Talvez eu não seja tão britânico assim – Edward sorriu divertido – Eu já disse que meu pai era irlandês? Também não gosto muito de chuva. Adoro andar a cavalo, desde que seja no campo. Geralmente finjo escutar as pessoas mais do que realmente escuto – ele pigarreou – Não com você, é claro. Odeio calças curtas, fazem-me parecer idiota. Não gosto de charutos.

– Isso é muito bom – ela sorriu – Também odeio charutos.

– Ei, são dez fatos sobre mim – retrucou ele em um tom de humor – Continuando. Nunca aprendi a nadar.

Lucille abriu os lábios para tecer um comentário, mas

calou-se diante do olhar que ele lhe deu.

– Não leio ou faço poesias, mas acho que gosto de romances – essa revelação pareceu surpreender até mesmo ele – Bem, eu gosto de ler com você.

– O que na maioria das vezes sou eu lendo e você ouvindo – Lucille gracejou.

Também gostava de ler com ele ou ler para ele.

– Gosto do som da sua voz – confessou brandamente, desviando o olhar dela – Ah, tive um gato chamado Sr. Bigode.

Edward voltou a encará-la, um pouco mais tranquilo agora: – Sua vez.

Ela mordeu os lábios indecisa.

– Dez coisas estranhas sobre mim?

– Particularidades – disse cobrindo a mão dela com a sua.

– Ok. Eu... certo – ela franziu o nariz antes de falar – Odeio ter que fingir que sou burra para impressionar ou não assustar um cavalheiro.

Edward explodiu em uma gargalhada que deixou-a ainda mais ofendida.

– Odeio ainda mais quando acham que sou – retrucou soltando as mãos da dele para cruzar os braços – Devo continuar ou seguirá rindo de mim?

– Desculpe – não havia sinceridade alguma no pedido educado, mas ele ficava tão encantador quando ria, que Lucille rapidamente esqueceu-se do porquê deveria manter-se carrancuda. – Continue.

– Tenho uma cicatriz um pouco acima da nuca – ela levou a mão à cabeça – Caí de uma árvore aos seis anos.

– Seis anos?

– Poderia me defender dizendo que Allan me desafiou – ela sorriu – Mas...

– A senhorita nunca negaria um desafio.

– Pois é. Acho que eu era uma criança terrível.

– Era? – Edward ergueu uma sobrancelha.

– *Uma. Criança.* – disse mantendo a seriedade – Agora sou uma dama *terrível*. É o que Allan sempre me diz.

Eles tornaram a rir e Edward voltou a segurar sua mão.

– Continue – disse ele.

– Vejamos... Odeio bordar, pintar, tocar qualquer tipo

de instrumento e todas as coisas que uma moça prendada deveria saber. Embora ache que isso seja importante para atrair um bom partido.

– Nenhuma dessas coisas teria importância para mim – Ele pigarreou ao notar a intensidade que dera às palavras – Caso fosse um candidato, é claro.

É claro que ele não era, ela pensou decepcionada.

– Adoro dançar e acho extremamente irritante que só possa fazer isso duas vezes quando se encontra o par perfeito – havia outras regras que a irritavam, mas se fosse enumerá-las certamente passariam de cem – Também amo cavalgar e meu primeiro cavalo foi um pônei chamado Ugly – ela sorriu com a lembrança – Ele era tão esquisito e desajeitado, mas o amava muito. Morreu um pouco antes de eu vir para a Inglaterra.

Ugly fora seu mais fiel companheiro. O primeiro, se não único, a quem Lucille tinha dividido seu mundo de sonhos.

– Sinto muito – Edward disse gentilmente, havia honestidade dessa vez.

Lucille sorriu. Sentia falta de Ugly como sentia imensa

falta de seus pais, mas guardava sobre eles maravilhosas lembranças.

– Gosto de observar as pessoas quando não estão me vendo. Saber a historias delas e...

– É uma bisbilhoteira – ele provocou.

– Curiosa! – retrucou ela – Tenho um diário onde anoto tudo. Bem, quase tudo, só o que acho relativamente interessante.

Edward se inclinou em direção a ela, olhando fixamente em seus olhos.

– O que ele diz sobre mim? – perguntou em uma voz enrouquecida – O que escreveu sobre mim, Lucille?

Ele enlaçou-a pela cintura, puxando-a mais para perto dele, encurtando a pouca distância que os separava. O hálito cálido acariciando seu rosto, deixava-a um pouco zozna.

– Não muito – conseguiu dizer atordoada pelo olhar intenso que recebia – Você é... é bem enigmático. Difícil de descrever.

Edward soltou um suspiro, ao menos ela imaginou que fosse. Surgiu uma fragilidade nos olhos escuros que de

alguma maneira a abalou.

– Lucille? – Ele afagou seu rosto, a outra mão segurou seu pescoço e Edward encostou a testa na dela – O que você realmente vê?

Ele a desejava. Poderia ter mentido sobre tantas outras coisas, mas os sentimentos revelados em seus olhos eram verdadeiros. Eram reflexo do que ela sentia.

– Edward eu... – qualquer declaração que desejasse ter feito, foram abafadas pelos lábios dele.

Inicialmente ele apenas a tocara, pressionando a boca na sua, delicadamente. Um toque suave, mas que fez crescer dentro dela uma urgência gigantesca.

E quando Edward atreveu-se a dar uma pequena mordida em seus lábios antes de invadir sua boca com a língua, Lucille arfou. Esperou, desejou e sonhou acordada com esse beijo por muito tempo e nenhum de seus sonhos ou devaneios igualavam à realidade.

Com esse beijo, nesse beijo perfeito e apaixonado, Edward derrubava todas as suas defesas e incertezas.

– Apenas uma palavra – Edward sussurrou entre os lábios delas – Uma palavra e eu...

– Philip – balbuciou desatinada – Eu... ele... nós.

Céus! Por que não conseguia ser lógica quando era necessário. Tudo o que precisava perguntar era por que havia aceitado tentar enganá-la? Por que continuava mentindo jogando-a nos braços de outro quando seus sentimentos em relação a ela pareciam (eram!) tão profundos quanto os de Lucille.

Sim. Ela o amava. Perdida e desesperadamente.

– Entendo – ele se afastou – Entendo perfeitamente – se afastou um pouco mais – Na verdade, deveria ter aceitado aquilo que meus olhos não queriam ver.

Edward dirigia-se a ela, mas parecia que falava consigo mesmo. Lucille, por outro lado, tentava entender aquela confusa reviravolta. Em um minuto, beijavam-se como dois amantes afastados por uma guerra terrível, no outro, Edward estava de pé encarando-a friamente.

Nem em seus romances havia tanta confusão e frases mal-interpretadas.

– Edward – rangeu os dentes quando na verdade gostaria de gritar com ele.

Lucille sentia-se frustrada e confusa. Com Edward, por



ter tantas camadas que a deixavam perdida. Com os sentimentos dele. Com os sentimentos dela. Com as mentiras dele e com as mentiras dela.

– Devo-lhe sinceras desculpas – prosseguiu Edward, alheio ao tormento e desespero dela – E uma promessa – calou-se por alguns segundos – Não acontecerá novamente. Deixei-me levar... – pigarreou apoiando as mãos atrás das costas – Não importa. Com licença.

Pasmada. Não. Furiosa. Lucille o viu se afastar. Nem os melhores cavalos nas casas de apostas teriam feito uma fuga tão impressionante, conjecturou ela ao se levantar.

Mas não acabaria assim. Ao contrário dele, Lucille não iria recuar. Não até que o fizesse olhar em seus olhos e dissesse a verdade. Depois disso ela iria... Ela iria... Bom, ela faria alguma coisa, assim que algo inteligente viesse à sua cabeça.

Erguendo as camadas de saias, praticamente correu de volta para dentro da casa.

Não era exatamente assim que uma dama deveria se portar. Como se tivesse sendo perseguida por um enxame de gafanhotos, mas Lucille nunca fora uma jovem muito

normal.

– Edward!

Chegou à sala, mas não o encontrou por lá. As duas últimas noites, depois de terem caminhado pelo jardim, tinham retornado à sala, onde chocolate quente e alguns biscoitos os esperavam. Lucille lia os últimos capítulos de *Evelina* e, em seguida, com evidente pesar, Edward a deixava em frente à porta de seu quarto.

– Edward! – correu até o escritório e depois à biblioteca, também não o encontrou em nenhum dos cômodos.

Iria achá-lo, se necessário invadiria o quarto dele e o arrancaria dali. A decisão irrefletida e a imagem dela invadindo o quarto masculino (mesmo que já o conhecesse) a fez vacilar.

– Senhorita.

Lucille esbarrou em Desmond quando chegou à escada. Deu a volta por ele ignorando que provavelmente tenha deixado o mordomo sempre tão inexpressivo, chocado.

– Srta. Vaines! – Ele a alcançou no meio da escada, mas não se atreveu a tocá-la como por certo gostaria para

impedi-la de fazer o que ele imaginava que ela pretendia fazer – Senhorita.

– O que é, Desmond? – Lucille o encarou contrariada.

Estava proporcionando um verdadeiro espetáculo ao criado, ou aos criados que estivessem em algum lugar os vigiando em busca de uma boa fofoca.

Lucille não se importava, na verdade nunca se importou com mexericos, sempre os abafava com um suborno aqui ou ali. E, de qualquer forma, não eram seus criados. Edward simplesmente poderia usar o Abracadabra e fazê-los esquecer tudo aquilo.

– Milorde acabou de sair.

Não foi a informação de Desmond que deixou Lucille estática e com uma expressão chocada. Foi o rumo de seus pensamentos.

– Milady precisa de alguma coisa?

Lucille negou com a cabeça. Tomou uma postura mais aceitável para uma dama e caminhou elegantemente de volta ao seu quarto.

Havia apenas um candeeiro aceso em cima da penteadeira. Lucille não se preocupou em acender as

outras velas. A escuridão era bem-vinda. Talvez no escuro seus pensamentos ficassem mais translúcidos.

Tinha ficado furiosa, insultada, por fim, magoada com a possibilidade de Philip e Edward enganá-la usando a hipnose, mas não tinha achado ruim há poucos minutos, que Northsham usasse o mesmo recurso para livrá-la de uma enrascada. Para ser honesta, não ficara nada irritada com o fato de ele usar o artifício para consertar a confusão que ela armara depois que levara o tiro (antes mesmo disso, se quisesse usar de honestidade).

Podia fechar os olhos quando o embuste era a seu favor, mas ficava irascível quando era ela a vítima. Era como brincar de Robin Hood. Roubar era errado, mas se roubasse para dar aos pobres, certamente haveria algo de poético nisso.

E se ela tivesse as mesmas habilidades, seria diferente daqueles dois patifes? Eles não tentaram roubar suas joias ou levar Allan a fazer um negócio que o arruinaria. Apenas queriam que Lucille visse Philip com outros olhos.

Não! Não havia justificativa para o que eles fizeram.

Manipular e enganar pessoas era errado. Mas Lucille não poderia afirmar que seria ou agiria diferente deles se pudesse.

– Um vira-lata reconhece o outro – recordou-se da acusação ferina que Lady Eagleton dera a Philip quando Lucille afirmou que Edward não poderia ser tão ruim tendo um amigo como Lorde Owen – Acho que tem razão, Lady Eagleton.

Deus, aquele poder em suas mãos seria monstruoso, riu de si mesma ao jogar-se na cama.

De uma coisa ela tinha absoluta certeza, Philip e Edward não eram pessoas ruins. Podiam ser dois patifes-trapaceiros, mas não homens ruins. Tudo o que ela precisava era assegurar a Philip que ele amava outra, em suma, estaria retribuindo todos os favores de sua amiga Christa. Eles podiam negar um ao outro, mas era evidente que estavam apaixonados. Em contrapartida, poderia fazer com que Edward enxergasse o que sempre estivera debaixo de seu nariz.

Amava-o.

Edward tinha um copo de uísque barato em suas mãos e uma bela mulher sentada em seu colo. Por um motivo que ele se recusava a pronunciar em voz alta, o copo de uísque tinha se tornado muito mais atrativo. Já era o quinto ou sexto, parara de contar no terceiro.

– O que o aflige, meu bem? – A meretriz de seios fartos quase o sufocou com o decote quando se inclinou para acariciar seus cabelos.

– Lucille – ele resmungou antes de virar o conteúdo no copo, desperdiçando metade sobre a mesa.

– É Lizete, querido – ela corrigiu com um olhar de quem já havia feito aquilo dezenas de vezes.

– Não! – Edward estendeu o copo vazio a um criado que passava por entre as mesas – Lucille é o nome do meu martírio. Maldita mulher.

– Ah – Lizete soltou um risinho, as mãos percorrendo o corpo dele até chegar onde queria – Posso ajudá-lo com isso.

– Maldita hora que a vi tão linda, na calçada. Parecia

um anjo – ele soluçou, afastando as mãos dela – Maldito Philip quando pediu que eu o ajudasse. Parecia tudo tão fácil. Era só mais uma dama tola. Hunf! Eu não sabia que iria me apaixonar por ela.

Lizete sabia que suas principais funções no bordel de Madame Bumier eram entreter e embebedar um homem antes de levá-los para o quarto (a parte do embebedá-los era por conta dela, o que Madame Bumier não se importava nem um pouco desde que a bebida fosse comprada lá). E Lizete, como a maioria das prostitutas ali, precisava de cada moeda que conseguia dentro ou fora da cama, como parecia o caso de Edward aquela noite.

Não era amiga, confidente ou amante confiável. Estava ali para dar prazer e fazer aquilo que os lordes achavam indignos com suas mulheres. Contudo, naquela noite, em meio a toda aquela barulheira, perversidade e gritaria, queria ouvi-lo.

Não se ouvia ali muitas histórias de amor. Aliás, ela mesma já não ouvia ou acreditava em uma história de amor há muito tempo.

– Eu não sabia que ela iria se apaixonar por ele – disse

ele em um tom tão amargo que comprimiu o coração de Lizete – Meu melhor amigo.

– Não!? – Lizete levou a mão ao peito.

Poderia não acreditar mais no amor, mas conhecia um coração partido. Fora um coração partido que a levara ali.

– Vou dar um fim a isso – Edward se levantou, esquecendo que ela estava em seu colo – Desculpe.

Estendeu a mão à Lizete, ajudando-a a se levantar do chão.

– Vai matá-lo? – ela perguntou ansiosa.

Ela era uma prova viva que a vida muitas vezes terminava de forma mais dramática do que ela já vira nos livros, mas não gostaria que aquele jovem bonito, além de um coração destroçado, tivesse algemas nos pés e nas mãos, tendo seus últimos dias em uma cela solitária. Ou, se tivesse um título importante, fosse exilado em algum país longínquo.

– Não! – Edward negou, surpreso com a acusação – Philip é como um irmão para mim. Vou fazer o que deveria ter feito desde o início.

– O que seria? – indagou Lizete, mas aquela era uma



resposta que não teria.

Edward deixou o bordel com a mesma velocidade que entrara (bem, nem tanto com a mesma velocidade, suas pernas não o sustentavam com a mesma precisão de quando chegara).

E antes de ir ao quarto de Lucille, precisava de mais uma dose de coragem. Que acabou virando três. Subiu as escadas com auxílio das mãos, apenas se sentia meio desequilibrado e não ajudaria nada a Philip se caísse e quebrasse o pescoço.

Lucille poderia se casar com alguém como William Caldwell ou, pior ainda, alguém como Carl Harrods. E se ela era impossível para ele, que se casasse com alguém como Philip. Alguém que, como ele, não se importaria se ela não soubesse bordar, pintar ou que merda fosse que as damas bem-nascidas faziam.

– Lucille! – berrou abrindo a porta dramaticamente, dando de cara com um quarto vazio.

Tinha entrado no quarto errado. Droga. Talvez precisasse de mais um drinque. Ou melhor não, se ingerisse mais uma gota passaria a engatinhar como um

bebê.

– Lucille – invadiu o quarto à penumbra mais conseguiu visualizar a silhueta à janela – Srta. Middleton.

– Edward?

Ele tentou dar alguns passos vacilantes em direção a ela, mas acabou, afortunadamente amparado na cama.

– Preciso lhe dizer uma coisa – disse puxando-a e fazendo que se sentasse desajeitadamente ao seu lado – Sei que está apaixonada.

– Sabe?

Os olhos arregalados, confirmando o que ele dissera, foram como uma faca afiada rasgando seu peito.

– Sei – resmungou, desejava nunca ter notado aquilo – Eu sei.

Por outro lado, era muito mais fácil fazer o que precisava fazer sabendo que realmente ela amava Philip, doeria muito menos em sua consciência.

– Você não é qualquer dama, Lucille – ele murmurou ao tocar o rosto dela, brevemente, afastando a mão em seguida – É uma dama terrível.

Lucille sorriu.

– Mas também é corajosa e inteligente – referiu ele – Um pouco desatenta, mas isso a torna mais especial ainda.

– Acho que era a décima coisa sobre mim – ela sussurrou.

– Eu vou guardar cada uma delas – ele disse com pesar – Teria descoberto mil delas se tivesse tempo.

– Edward...

– Shhhh – Ele inclinou sobre ela fazendo-a se calar – Deixe-me dizer o que preciso dizer. O homem que você ama... Ele a fará feliz. É uma promessa.

Ele a puxou um pouco mais e somente quando uma fresta de luz, vindo da lua prateada, iluminou-a, deu-se conta que Lucille usava apenas uma camisola fina.

Deitou-a na cama, sentindo uma necessidade irrefreável de admirá-la. Pela última vez talvez. Logo, outros olhos contemplariam a delicadeza de sua beleza. Outras mãos se deleitariam em tocar sua pele suave e Edward enlouqueceria imaginando que todas as noites seria outro homem que a teria ao seu lado.

– Qual era o nome do seu cavalo estúpido? – disse com certa rispidez.

– Ugly – Lucile balbuciou, batendo as pestanas – O que Ugly tem...

Edward colocou um dedo sobre seus lábios obrigando-a a se calar.

– Amanhã, quando essa porta for aberta – seu tom de voz havia se modificado – Quando...

Lucille já o vira falar com ela daquela maneira.

– Não. Edward está bêbado e isso não...

– Shhh – ele sussurrou encostando a testa na dela – Escute, Lucille.

Ele fechou os olhos. Era difícil dizer o que precisava dizer. Não queria jogá-la nos braços de Philip e de nenhum outro, mas havia feito uma promessa. Mesmo que não tivesse feito, não era ele que Lucille amava. E se a amava tanto quanto dizia deveria querer vê-la feliz, mesmo com outro. Mesmo que o destruísse por dentro.

Perder alguém em vida doía tanto quanto em morte. Mas amor não era algo que se pudesse evitar ou escolher.

– Lucille – escondeu o rosto na curva de seu pescoço – Lucille...

Só precisava de alguns minutos antes de continuar.

Aqueles breves minutos de paz e tranquilidade, embalados pelo perfume dela, pelo calor de seu corpo. Apenas mais uma lembrança, disse mentalmente.

*Só mais uma lembrança.*

– Edward? – Lucille sacudiu o corpo imóvel – Edward?

Obtendo apenas um resmungo em resposta, ela usou de toda a sua força para mover o corpo pesado caído sobre ela. Ele tinha adormecido.

– O que devo fazer?

Chamar o mordomo?, perguntou-se. Até para uma dama terrível como ela, tinha causado bastante escândalos para uma noite. Deixaria que ele dormisse e ocuparia o outro lado da cama. Afinal, havia espaço suficiente para os dois.

No dia seguinte, e com Edward longe do efeito do álcool, teriam uma conversa importante. Não acreditou que ele tentara...

– Hunf! – afofou o travesseiro antes de se virar para o outro lado, cobrindo-se com parte da coberta – Patife.



# Capítulo 17

Antes mesmo de abrir os olhos, Lucille teve a certeza de que alguma coisa estava errada. Embora fosse um erro extremamente aconchegante e quente.

Sim, muito quente. E o calor que parecia aquecer, não, incendiar o seu corpo não vinha das cobertas cobrindo parte de seu corpo. Ela tinha braços e pernas envolvendo-a intimamente e uma mão (uma grande mão pousada em seu seio) causando mais do que um choque de surpresa, mas também arrepios incontroláveis percorrendo seu corpo febril.

Abriu gradativamente os olhos e deu de cara com o rosto adormecido de Edward, apenas a alguns centímetros do dela. Nunca o vira assim com a expressão tão suavizada e tranquila. Chegava a lembrar um menininho dormindo agarrado a um dos seus brinquedos favoritos, se é que os meninos faziam isso quando pequenos. Ela sempre dormira na companhia de suas bonecas.

Mas aquilo não importava, pensou ela sacudindo a

cabeça. Não era o momento para mergulhar em suas divagações. Estava na cama com um homem. Um homem o qual nutria sentimentos profundos e intensos. Um homem que a fazia sentir e desejar coisas que não sabia descrever. Aquilo não era certo, além de ser notoriamente indecoroso e imoral, constatou Lucille ao tirar sua mão apoiada no peito musculoso, como se tivesse ficado tempo demais voltado contra o fogo de uma lareira.

Edward resmungou um protesto, assim ela achou que fosse e se perguntou se não deveria aproveitar a chance para despertá-lo. Sua intenção na noite anterior era dar apenas algumas horas para que ele se recuperasse da bebedeira e voltasse para o quarto, mas não só havia pegado no sono, como claramente dormido aconchegada nele como se isso fosse a coisa mais natural do mundo.

Bem, a forma que ele prendia sua cintura com a mão, a forma que as pernas enroscavam nas delas e como os corpos se encaixavam perfeitamente no outro, era sim, algo natural. Parecia mais do que natural, parecia certo. Até mesmo a mão em seu seio agora, causando faísca e um formigamento onde ela achava impossível existir, parecia



certo.

Esticou a mão, decidida a dar um fim àquela deliciosa e perigosa tortura. Deveria acordá-lo e mandá-lo embora, mas sua mão, como se tivesse vontade própria, foi em direção aos cabelos desalinhados. Os fios grossos, mas incrivelmente macios, deslizaram como seda em seus dedos.

Lucille se aproximou um pouco mais. Edward soltou um grunhido baixinho enquanto ela o afagava. Como um gatinho sendo despertado pela manhã. E quem resistia a um animalzinho fofo ronronando aos seus pés?

Sem que percebesse, seus lábios já tocavam os deles. Um breve roçar que rapidamente se transformou em um beijo apaixonado quando Edward inseriu a língua em sua boca. Surpresa, Lucille abriu os olhos, encontrando os olhos escuros, despertos. Olhos que ardiam ao olhar para ela. A boca faminta devorando a sua, seus olhos semicerraram outra vez e ela afundou naquele oceano de sensações vertiginosas.

Estar nos braços de Edward, sendo beijada da forma que ele a beijava, fazia com que esquecesse de todo o

resto do mundo. Já não existia o certo ou errado. E se existisse naquele momento não teria importância.

Tudo o que queria era que...

Tudo o que queria era que...

As vozes se calassem.

Vozes?

Muitas delas berrando fora do quarto e...

– Lucille!

Como dois gatunos sendo surpreendidos, Edward e Lucille pularam na cama assustados.

– Lucille! – gritou Allan e Christa ao mesmo tempo.

O primeiro furioso, a segunda, com uma expressão nitidamente chocada.

– Allan – Lucille sussurrou, ajeitando os cabelos com pressa, como se aquilo, pudesse de alguma forma, amenizar a tensão que se instalara entre eles – Não é nada do que está pensando.

– Edward! – exasperou Philip, incrédulo com o que presenciava.

– Philip? – foi tudo o que Edward conseguiu dizer.

Por um instante cada um deles encarou o outro e,

depois, o casal que os encarava sem saber o que fazer.

– Allan, o que faz aqui? – Lucille foi a primeira a quebrar o momento de silêncio constrangedor – Aliás, o que todos fazem aqui?

– Lucille Jessica Middleton! – Allan se aproximou dela como se estivesse próximo a estrangulá-la, isso a fez recuar e Edward puxá-la mais para perto de si, o que só agravou a ira nos olhos do irmão – Juro que se ainda fosse possível, a arrastaria até o convento mais próximo e a trancaria lá.

– Bom – ela pigarreou, mas não afastou as mãos de Edward como deveria ter feito. De algum modo, precisava do conforto que ele transmitia para ela –, se nos deixar explicar...

– Sei tudo o que preciso saber – Allan a interrompeu e voltou em direção ao corredor, trazendo Mary arrastada pelos braços – Ou achei que sabia exatamente de tudo. Não deveria me surpreender, pois, você é a jovem mais insensata que já conheci em toda a minha vida. Mas você?

Ele apontou um dedo em riste em direção a Northsham com uma ira quase mortal.

– Você traiu a minha confiança e ainda seduziu minha irmã, debaixo do meu nariz.

– Não foi assim... – Lucille começou a balbuciar.

– Cale-se, Lucille!

– Não grite com ela! – Edward se levantou, possivelmente ou até mais irritado que Allan agora.

Lucille encarava os dois e tentava decidir qual deles sairia vitorioso em uma eventual briga. Northsham era alguns centímetros mais alto que Allan e um pouco mais encorpado que o irmão, mas Allan praticava boxe e ela já o vira brigando com os primos inúmeras vezes. Por outro lado, Edward parecia ter dentro dele uma selvageria quase impossível de ser domada.

– Middleton, eu peço que fique calmo – Edward murmurou brandamente buscando a razão – O que Srta. Middleton afirmou há pouco é verdade. Não é nada do que parece ser.

Philip bufou, quase sorriu na verdade, fazendo com que Edward olhasse duramente para ele.

Lucille não entendia por que Edward se esforçava tanto em tentar explicar as coisas ao seu irmão. Ele podia

simplesmente hipnotizá-lo e fazer com que esquecesse de tudo.

– Acho que Philip contou...

– Tentei contar – corrigiu Philip, de má vontade.

– Deve saber do duelo – continuou Edward – E que queríamos apenas preservar a integridade e a honra de sua irmã quando...

– Deitou-se na cama dela? – Allan rugiu, estreitando os olhos – Santo Deus! Esconder um escândalo causando um ainda maior.

– Não me deitei na cama dela – Edward disse desesperado, mas dessa vez encarava Philip como se fosse a ele que devesse explicações – Bom, deitei, mas...

– Cale-se, Northsham! – Allan cerrou os punhos e seu corpo todo tremia – Ou eu juro que eu mesmo o desafio a um duelo. O que está feito, está feito. As únicas coisas que temos a discutir agora são assuntos relacionados ao casamento.

– Casamento?! – Lucille e Edward falaram ao mesmo tempo.

– Não posso me casar com ela.

*Não pode?*, perguntou-se Lucille.

Não podia ou não queria se casar com ela?

– Philip... – ele começou a falar – Poderia falar com Lorde Owen por um minuto?

– Não! – Allan e Philip protestaram juntos.

Lucille ainda remoía a ideia de que Edward não queria se casar com ela para prestar atenção na cena inusitada. Embora não tivesse sido intencional, foram pegos em uma situação comprometedora. Antes disso, já vinham vivendo em uma situação, no mínimo, inadequada e, mesmo assim, ele se recusava a casar com ela?

– Não tenho mais nada para fazer aqui – Philip balbuciou contrariado – Esse agora é um problema seu, Edward.

Lorde Owen saiu batendo a porta. Dramático demais, concluiu Lucille. Afinal, era ela quem deveria estar desfalecendo, chorando e lamentando a tragédia que se instalara em sua vida. E Philip não tinha motivo algum de se sentir traído ou ofendido. Foram eles dois e o plano idiota de conquistá-la que os colocara naquela grande confusão. A única prejudicada era Lucille que seria

obrigada a casar-se com um homem que não queria se casar com ela. O homem que amava e, pelo visto, não era correspondida.

– Não pode me obrigar a casar com ele, Allan – proferiu, admirada com a própria determinação.

Talvez fosse o coração partido ou orgulho ferido que lhe desse força.

– E por que não?

– Porque me prometeu – murmurou ela – Prometeu que me deixaria casar com quem eu quisesse.

E se Edward não queria se casar com ela, também não queria se casar com ele.

– Isso foi antes de você fugir, mentir e se jogar na cama dele – como um cão raivoso, Allan virou em direção a Northsham – Vai se casar com ela ou a deixará cair em desgraça?

*“Lucille, sua impulsividade ainda irá colocá-la em grandes apuros”.*

Se existisse vida além dessa, com toda certeza sua mãe estava com um lindo sorriso dizendo: *“Eu avisei”*.

*Vai se casar com ela ou a deixará cair em desgraça?*

Edward ponderou sobre a pergunta por dez segundos, mas lhe parecia que tinha passado a eternidade até dar a sua resposta.

– Sim, eu vou.

Allan soltou um longo suspiro e pareceu relaxar pela primeira vez desde que entrou, ou melhor, invadiu o quarto com sua comitiva.

Christa e Mary soltaram exclamações de alívio e Lucille pareceu gemer.

– Fico feliz em saber que mesmo um cretino como você – murmurou Allan – tem algum tipo de honra.

– Allan... – Lucille começou a caminhar até ele.

– Quieta, Lucille – encarou-a de forma imperativa – Eu vou dizer exatamente o que vai acontecer. Arrume o que puder de suas coisas. Voltará à casa da Srta. Seaford. Northsham teve varíola quando criança...

– Mas eu não... – Edward começou a dizer, mas foi calado pelo olhar enraivecido que Allan lhe deu.



– Como eu dizia, o conde teve varíola quando criança e não corria risco com você. Por isso, não teve problema algum em visitá-la nesses últimos dias, enquanto claramente se recuperava. Foi ele a perceber que o que tinha não se parecia nada com o que ele teve na infância, mas o médico queria esperar mais alguns dias antes de qualquer confirmação. E como a Srta. Seaford também não foi contaminada, descartamos qualquer possibilidade da doença.

– Você tem uma imaginação bem fértil – resmungou Lucille, contudo, calou-se evitando prejudicar-se ainda mais – Continue.

– Como todos notamos – ele virou-se em direção a Edward –, a afeição entre vocês cresceu ao ponto de Edward pedir sua mão e, claramente, eu não me neguei.

– Mas ele é um... – Lucille interrompeu a frase e baixou a cabeça constrangida – Lady Eagleton não aprovaria esse casamento.

– Lady Eagleton não decide nada – Allan caminhou até onde Edward estava e apoiou o braço nos ombros de Edward, como se fossem amigos de velha data – Ele é um

conde. Você não poderia ter feito escolha melhor. Vamos, Northsham, temos assuntos a discutir.

Edward sentia como se tivessem colocado chumbo em seus pés ao caminhar para fora do quarto com Allan ao seu lado. Sua vida tinha se transformado em um completo desastre. Uma confusão que ele mesmo se metera. Chafurdara na lama e estava sujo até o pescoço.

Ele soubera no momento que colocara os olhos em Lucille (antes mesmo de ter ideia de quem ela era) que aquela jovem o colocaria em problemas.

Deveria ter sido honesto com Philip e contado a importância do primeiro beijo que trocara com ela, mas Edward, arrogantemente, achara que fosse imune aos encantos e sentimentos que a Srta. Middleton provocavam nele. Não desejara se apaixonar, mas acontecera. Não desejara se casar com ela, mas aquilo seria inevitável. Não desejara trair Philip, mas foi exatamente o que fizera.

Mas talvez ainda tivesse tempo de consertar as coisas. Poderia usar o breve momento a sós com Middleton e fazer com que mudasse de ideia em relação ao casamento. Lucille deixara bem claro na noite anterior que sentia algo

especial por Philip, talvez estivesse se apaixonando por ele. E deixara mais claro ainda minutos atrás que Edward não era o homem com quem queria se ver casada.

Ele só tinha que dizer algumas palavras a Allan e explicar a Philip que tudo não passara de um grave engano. *Não*. Edward não conseguiria continuar mentindo para ele. Não poderia continuar a esconder de Philip os sentimentos que nutria por Lucille, quando seu mais forte e intenso desejo era voltar ao quarto e terminar o que haviam começado naquela manhã.

A verdade era que aquela ideia tinha sido tola desde o começo. Lucille tinha o direito de escolher com quem deveria se casar. Até seu irmão Allan havia permitido isso. A presunção que Philip e ele tiveram sobre com quem Lucille deveria se casar acabou amargamente virando-se contra eles.

Lucille, sem a interferência deles, acabou apaixonada pelo seu melhor amigo, Edward amargamente apaixonado por ela e nenhum deles sairia feliz daquela história.

— Sr. Middleton — ele iniciou calmamente —, acredita mesmo que sua irmã será feliz sendo obrigada a se casar

comigo?

– Ela não parecia triste em seus braços quando entrei no quarto há meia hora – ele resmungou e se acomodou na cadeira que Edward indicou quando entraram no escritório.

– As coisas não aconteceram exatamente como imaginou – Edward caminhou atrás dele, adquirindo um tom de voz aveludado – Nada do que você viu essa manhã...

– Pare, Edward! – Allan protestou, erguendo a mão – Sei exatamente o que está tentando fazer comigo.

– Como?

– Christa me contou sobre a hipnose – disse ele ao se levantar – Não vai funcionar comigo, não agora.

Maldita Srta. Seaford que não conseguia segurar a língua na boca, Edward vociferou internamente. Ele tinha alertado Philip que revelar aquele segredo a ela não tinha sido uma ideia muito inteligente.

Será que também contaria a Lucille ou manteria a promessa de guardar segredo?

– Bom, já que estamos fazendo uso da honestidade –

Edward pigarreou e passou por ele, ocupando sua cadeira com elegância, não parecia que o mundo estivesse literalmente desabando em sua cabeça – Devo-me arriscar a isso também, já que posso acabar tendo que escolher meu segundo em duelo de qualquer maneira.

Sendo mais breve quanto poderia ser, Edward contou a ele exatamente como tudo tinha acontecido, desde o pedido de Philip para que o ajudasse a conquistar a jovem por quem estivera enamorado até o flagrante dessa manhã. Ocultando, claro, os seus reais sentimentos por Lucille.

– Northsham... – Allan curvou-se sobre a mesa com um olhar enfurecido – Se eu tivesse uma arma, atiraria em você.

Seria digno, Edward teve que concordar com ele. Mais do que digno, completamente merecido e justo. Se ele tivesse uma irmã, ou mesmo uma filha, não se sentiria diferente de Allan.

– Talvez não seja reconfortante saber, mas apesar de nossas intenções terem sido bem...

– Imorais? – Allan gritou – Indecentes?

– Audaciosas e um pouco egoístas – Edward tentou

amenizar as acusações –, Philip tinha boas intenções com Lucille, nenhum outro homem a trataria tão bem durante o casamento.

– Nem mesmo você?

– Eu? – Edward perguntou desconcertado.

Em sua tentativa de ser honesto com Allan, contara uma ou outra inverdade. Dissera que bebera muito na noite anterior (aquilo era verídico) e que por engano fora parar no quarto de Lucille. E que o beijo que trocaram não passara nada mais do que um provável equívoco. Notoriamente, e por ainda estar sonolenta, ela deveria ter imaginado estar sonhando com Philip, por isso retribuíra. Era uma justificativa bem pífia, já que não fora ele que a beijara, mas sim o contrário. Nem ele mesmo conseguia engolir aquilo, mas precisava justificar aquela insanidade de alguma maneira.

– Você a trataria mal durante o casamento?

– Claro que não – Edward respondeu horrorizado. Causar qualquer sofrimento à Lucille seria como ferir a si mesmo.

– Deixaria de ser atencioso ou gentil com ela?

– Não! – afirmou rapidamente.

– A faria se sentir insegura?

– Não!

– Permitiria que fosse infeliz?

– Mas é claro que...

– Você a ama?

– Sim – Edward arregalou os olhos ao dar-se conta de sua confissão sincera – Allan, eu...

– Bem, Northsham – havia um suave e irônico sorriso surgindo nos lábios dele – Ainda adoraria atirar em você e afogá-lo no Tâmis, mas acho que vive um inferno particular bem interessante.

Middleton estudou Edward friamente e de forma desconcertante.

– Tenho plena noção de que Lucille, apesar de tudo, não é uma jovem convencional – ele pigarreou, meio desconfortável em admitir que a irmã era, na verdade, uma jovem bem audaciosa para seu tempo – Mas o que vocês dois planejaram foi muito vergonhoso também. Para ser sincero, não gostaria que Lucille se casasse com nenhum dos dois. O melhor que eu deveria fazer era

trancá-la mesmo em um convento.

Edward quase sorriu ao imaginar a possibilidade. Lucille seria capaz de levar cada freira que cruzasse seu caminho para o sanatório.

– Mas eu não fui muito receptivo quando cheguei à casa dos Owen e peguei sua empregada...

– Mary não é minha empregada – Edward corrigiu.

– É sua amante? – Allan perguntou ultrajado – Sinceramente, eu juro que...

Bem, parecia até muito mais do que um simples ultraje quando caminhou até Edward e agarrou seu pescoço.

– Céus, não – Edward segurou-lhe os pulsos – Mary é para mim o que Lucille é para você.

Allan diminuiu a pressão das mãos, mas não se afastou ao dizer: – É sua irmã ilegítima?

– Não, mas Mary é apenas uma amiga querida que eu vejo como uma irmã. Nos conhecemos desde a infância.

Era melhor por agora não revelar que tinham ficado anos separados e que só tinham se reencontrado há pouco tempo.

– Certo – Allan o soltou relutante – Não permitiria que



mantivesse uma amante sob o mesmo teto que a minha irmã.

– Sei – Edward ajeitou suas roupas.

Tinha sido um libertino há até alguns meses, mas ele jamais obrigaria a esposa (sendo Lucille a quem amava ou outra qualquer) a conviver com tal humilhação.

– Voltemos ao mais importante – disse Edward colocando entre eles uma distância segura – Lucille e Philip.

– O que têm eles?

– Lucille ama Philip – confessar aquilo para outra pessoa machucava – E Philip...

– Não o vejo aqui reclamando o amor dela – Allan rangeu os dentes – No entanto, darei a vocês até amanhã, quando Lucille voltar para casa. Lorde Owen ou você deverá aparecer com um pedido formal à mão dela.

– Posso cuidar disso – Edward garantiu – E de todo o resto também. Quanto à sua irmã...

– Eu lido com Lucille – Allan caminhou até a porta – Deveria ter colocado rédeas nela há muito tempo.

Edward quis protestar contra o argumento dele. Lucille

não era um animal que precisava ser domado. Ela era um espírito livre. Como uma fada voando para longe dele.

Ele a amava, mas tinha que fazer a coisa certa.

Ainda estava mergulhado nesses devaneios quando sentiu um golpe potente no queixo.

– Allan? – encarou-o surpreso e massageou o queixo onde tinha recebido um soco certo.

– Devia-me isso, Northsham – disse Allan serenamente – Você mereceu.

Ele saiu abrindo e fechando o punho, exibindo um sorriso de satisfação.

Edward tinha que concordar. Merecera o soco e muito mais.



# Capítulo 18

Edward vasculhou Londres de ponta a ponta. Revirou todos os clubes, casas de apostas e bordéis pela cidade. Tinha ido à casa de Owen incontáveis vezes durante aquela tarde e duas inconvenientes vezes à noite. Nenhum sinal de Philip em parte alguma.

– Algum sinal de Philip? – Edward perguntou a Mary assim que a avistou em uma das poltronas na sala – Ele esteve aqui?

Ela balançou a cabeça negando e encarou o chão antes de falar com ele.

– Não, mas eu precisava falar com você.

Alguma coisa na postura dela indicava a Edward que não apreciaria nada o que ela tinha a dizer.

– Eu estive pensando e agora que vai se casar com a Srta. Middleton – Mary torceu as mãos nervosamente – Bem, agora que ela será a senhora dessa casa... Acho que... Acho não é certo que Hidden e eu fiquemos aqui. Vamos embora o mais rápido possível.

Edward caminhou até o sofá e desabou o corpo cansado sobre ele. Não tivera tempo de recuperar a ressaca. Primeiro, a visita inesperada, se é que poderia chamar assim a presença de Allan mais cedo em sua casa; depois, saíra à procura de Philip.

O dia todo andara com um martelo batucando em sua cabeça. Sinceramente, ele não tinha ânimo para lidar com questões tolas como marcação de território feminino. Primeiro, não tinha intenção de se casar com Lucille, embora não houvesse nada mais no mundo que ele quisesse tanto. Segundo, mesmo que se por ventura aquilo acontecesse, deixaria claro que Mary e Hidden eram parte da família dele.

– Mary, não há necessidade disso. E para onde vocês iriam? – disse rispidamente – Para onde iria com um homem doente e sem nenhuma libra no bolso?

Não obteve resposta e quando tornou a abrir os olhos, deu-se conta que fora duro demais com ela. Jogava em Mary toda a sua raiva e frustração.

– Olhe – sentou de forma mais apropriada e a encarou mais brandamente – Não haverá casamento.

Diante do espanto dela, se aproximou.

– Provavelmente haverá, mas não entre mim e a Srta. Middleton – esclareceu rapidamente – E mesmo que houvesse, Lucille sabe tudo sobre vocês. Ela é muito grata a tudo que fez e não acredito que irá se opor à sua presença aqui.

– A Srta. Middleton é uma dama muito gentil – Mary olhou fixamente para suas mãos, mexendo em seus dedos – Você gosta dela, não é?

Não era a primeira pessoa a questioná-lo sobre isso em tão pouco tempo.

Edward acreditou que se encontrasse Philip e ajustasse as coisas, tudo acabaria bem. Mas não tinha se dado conta ainda, que dia após dia, teria que conviver e presenciar a felicidade do casal. Philip era seu melhor amigo, haveria visitas, jantares, encontros sociais e Edward era sócio do irmão de Lucille. Veria os seus filhos nascerem e crescerem diante dos seus olhos. Restaria a Edward invejar silenciosamente tudo aquilo que jamais poderia ter. Ainda que se casasse um dia para aplacar a solidão, não seria Lucille a dormir com ele e a

acordá-lo com um beijo todas as manhãs. Não seria Lucille a fazê-lo sorrir e, até mesmo, ficar irritado quando discordassem de alguma coisa.

– Espere alguns dias – disse Edward em um tom cansado – Se eu não conseguir encontrar Philip ou esclarecer as coisas com Middleton, você e Hidden podem ir para Northsham. Eu iria mandá-lo para lá em breve de qualquer forma.

– Obrigada – Ela o abraçou e se afastou rapidamente quando se deu conta de sua imprudência – Posso fazer o serviço de governanta já que por enquanto lá ainda não tem nenhuma.

– Mary, você não é minha empregada.

– Também não sou responsabilidade sua – resmungou ela.

– É sim. É minha amiga. – ele retrucou ficando de pé – E acho que já está na hora de começar a encarar minhas responsabilidades de frente.

Algo de bom tinha acontecido ao se apaixonar por Lucille. Era um homem diferente agora.

– Preciso encontrar o Philip – ele caminhou

apressado em direção à porta.

Se Edward não encontrasse o amigo e explicasse tudo o que aconteceu, teria que levar o casamento adiante. Não permitiria que Lucille caísse em desgraça fugindo também.



– Você não é uma futura noiva radiante – disse Christa a puxando para um lugar mais reservado perto da mesa de doces.

– Você seria se casando por obrigação? – replicou Lucille, emburrada.

– Eu ficaria muito feliz em me casar de qualquer maneira – respondeu ela – Além disso, olhe só, o conde é um homem muito bonito.

– Não seja condescendente comigo, Christa. Não é a beleza de Edward que me interessa – disse ela, embora não pudesse negar que o conde era um homem que realmente fazia muito bem aos olhos de qualquer mulher, mas era no coração dele que ela estava interessada – E é



claro que você irá se casar algum dia. Falando em casamento, teve alguma notícia de Owen?

– Por que eu teria notícias dele? – Christa abriu o seu leque e começou a se abanar freneticamente.

– Talvez porque as cartas que recebi de você quando estive *doente* – Lucille se divertia com o constrangimento dela – Tenham sido muito esclarecedoras.

– Não lembro de ter falado nada que não seja como Philip é irritante – disse ela em um tom de voz alarmado – Em que discussões insignificantes poderiam ter de reveladoras?

– Mais do que imagina, minha cara, mais do que imagina – replicou ela – Então, teve notícias dele?

– Está em Hastings visitando a avó materna – dessa vez Christa não tentou esconder a decepção – O que deixou o pai dele bem irritado. Parece que a senhora sempre foi uma má influência para Philip e é para onde sempre corre quando quer ajuda.

– Acho que eu gostaria de conhecê-la um dia – gracejou Lucille – Você não gostaria, Christa? Acho que

deveria ir até Hastings fazer uma visita, fica perto da praia, não é mesmo?

– Se Lorde Owen diz que a avó é uma péssima influência para o filho, não sei se desejo conhecê-la – retrucou Christa e Lucille tinha total certeza que ela mentia – Veja Lorde Northsham, ele é exemplo suficiente dá má influência sobre outra pessoa.

Lucille olhou para o outro lado do salão onde Edward conversava com seu irmão Allan e Lorde Eagleton. Os olhares dos dois se encontraram. Ela sentiu como se seu coração desse piruetas em seu peito. Edward mantinha um olhar sério ao encará-la. Sentiu-se grata por ser assim, não sabia se resistiria caso ele sorrisse do jeito que sempre a deixava encantada, retribuindo o sorriso como uma boba.

Tinha que manter em sua cabeça que Edward cumpria uma obrigação. Ainda aquela noite, durante o sinuoso baile oferecido na casa de Lady e Lorde Eagleton (apesar de a viscondessa não esconder sua insatisfação e desgosto), Lucille teria o noivado anunciado à sociedade londrina.

E Edward estava ali apenas representando um papel. Como poderia julgar diferente? Havia se passado uma semana desde a confusão criada na casa dele que os obrigara àquele compromisso e não tinha visto Edward desde então. Essa noite era a primeira vez que se encontravam, mesmo assim, trocaram meia dúzia de palavras educadas antes de Christa arrancá-la para confidências entre amigas.

Quando Edward bruscamente desviou os olhos dela, Lucille voltou a concentrar-se em sua amiga entristecida.

– Christa, não é o coração de Philip que está arranhado, é o seu orgulho ferido – segurou a mão dela em um gesto reconfortante – Não havia entre nós nada mais do que pequena amizade.

– Talvez para você – os lábios delas tremeram levemente ao dizer – De qualquer forma, nada disso é da minha conta. Ora, veja só, o capitão Brendan acabou de se unir a Edward e seu irmão. É melhor voltarmos, eu já a roubei por tempo demais de seu noivo. Essa é a grande noite de vocês.

Lucille sabia que na verdade ela estava fugindo. Mas não poderia culpá-la, faria a mesma coisa se tivesse alternativa. Era a sua vez de desempenhar um papel, dessa vez de noiva radiante. E fizera muito bem, sorrindo e rindo para todos que passavam para cumprimentá-los. Mas quando a orquestra parou de tocar para o anúncio oficial feito por Allan, ela sentiu o salão diminuir de tamanho e as pessoas em torno dela se multiplicarem.

Edward a puxou um pouco mais para si e a amparou de uma forma discreta. O pânico que havia a dominado começou a diminuir e quando ergueu os olhos para encará-lo agradecida, encontrou seu olhar compreensivo e um sorriso terno.

De alguma forma, ela sentiu que tudo ficaria bem. No fundo, ela tinha sorte. Edward nunca a maltratara, podia não retribuir seus sentimentos da mesma maneira, mas nunca a faria sofrer, não de forma cruel e intencional. E no fim, ela estaria se casando com o homem que amava. Era mais do que muitas mulheres teriam.

– Você me parece feliz – disse Allan após terem finalizado uma valsa.

Ele não se referia apenas porque tinham acabado de dançar, e aquilo era uma das coisas que Lucille mais adorava na vida, mas pelo fato que estivera a semana toda trancada em seu quarto, sentindo-se infeliz. Estranhamente naquela noite (depois que fizeram o anúncio do noivado), Edward e ela puderam trocar mais do que uma ou duas palavras gentis. E desde então, o conde vinha se comportando de uma forma muito mais afetuosa.

– Eu estou conformada – deixou-se ser conduzida de volta por ele – Acho que talvez possa ser feliz no final das contas.

Embora não se considerasse frívola, tinha que admitir, Edward era um homem bonito e atraente.

– Fico contente em relação a isso – Allan parou por um momento, segurando seu ombro – Embora parecesse o contrário, desejo apenas sua felicidade, Lulu.

– Eu sei.

Allan tinha sido o melhor irmão e melhor tutor que uma jovem poderia esperar. Sempre seria grata por ele ter permitido que fosse ela mesma.



# Capítulo 19

Estava feito. Ela estava casada. Edward e ela eram oficialmente um casal. Deveria tê-la deixado em pânico, mas não era esse sentimento que a acompanhava ao sair da igreja.

– Lady Northsham – murmurou baixinho para si mesma ao deixar que Edward a transportasse para fora da igreja – Condessa de Northsham.

Ela tinha pensado que sua vida mudaria significativamente com o peso do título de condessa, mas ainda se sentia a mesma Lucille de sempre. Sim, ela sabia que havia muito mais regras a serem seguidas e que deveria refrear seu espírito aventureiro em nome da grande responsabilidade que agora carregava. Tinha deveres de uma esposa agora, não qualquer esposa, mas a esposa de um conde.

Lucille corou ao se lembrar da conversa que

tivera com Lady Eagleton sobre uma das principais e importantes obrigações de uma esposa, na noite anterior.

*“Querida, sei que sua mãe teria feito isso com você, se ela tivesse tido a oportunidade”,* dissera Amelia, entrando no quarto dela com uma bandeja contendo biscoitos e chá. *“Não tive filhos, como você bem sabe, e me sinto honrada em poder dizer a você pequenos segredos da vida e do matrimônio”.*

Os pequenos segredos, não eram tão secretos assim, pelo menos no que se relacionava à noite de núpcias. Lucille flagrara os criados em sua casa de campo e alguns primos em situações bem reveladoras mais do que deveria ou teria coragem de confessar à Lady Eagleton. Também havia os livros audaciosos de Allan, que lera escondida algumas vezes. Ainda era uma jovem casta, mas não era de todo inocente.

Sabia muito bem onde os beijos trocados com Lorde Northsham poderiam levá-los. Por outro lado, as explicações de Lady Eagleton a deixaram um pouco confusa.

*“Então, você só precisa ficar ali, quieta”,*



dissera ela em um sussurro desnecessário, já que as duas encontravam-se sozinhas no quarto. *“Quando menos esperar, acabou”*.

Lucille ficara meio desapontada. Imaginou o que deveria esperar, mas as lembranças das sensações que Edward provocavam nela, e o que Amelia tinha narrado, eram definitivamente o oposto.

*“Eu sei, querida”*, ela afagara seu rosto com ternura. *“É assustador, mas logo perderá a importância para ele e se verá deixada em paz”*.

– Lady Northsham – Lucille suspirou mais uma vez quando Edward a ajudou a subir na carruagem decorada.

– O que disse? – Ele a encarou atentamente.

– Nada de importante – ela resfolegou de forma um tanto dramática.

Nos últimos dias, tinha se sentido como uma personagem das histórias que criara. Vendo sua vida passar como um borrão, uma água mansa sendo sacudida, ficando turva. Sentia-se sendo controlada por tudo e todos à sua volta. Allan cuidara de todas as questões

relacionadas ao seu dote (e que por sinal, tinha sido impressionantemente generoso), Lady Eagleton praticamente tinha assumido o controle em relação a todos os detalhes do enlace, e até mesmo Christa e a mãe (essa um pouco menos participativa, graças aos céus) tinham tentado fazer com que Lucille se mostrasse mais efusiva em relação ao seu enxoval e tudo que deixaria qualquer noiva radiante.

Mas enquanto os personagens de Lucille se aproximavam do seu felizes para sempre, ela se perguntava todas as noites se o mesmo estaria esperando por ela quando cruzasse definitivamente a porta do que seria sua futura casa daquele dia em diante.

Encarou Edward furtivamente enquanto ele parecia concentrado no movimento da rua. Pouco o vira nos dias que antecederam ao casamento. Embora as visitas tivessem sido mais afetuosas após o anúncio oficial de noivado, sentia que havia crescido um largo distanciamento entre eles. Chegaram a passear de cabriolé e caminhar no Hyde Park. Desfrutaram de algumas noites no jardim após os jantares ou durante os bailes que

compareceram. Contudo, apesar de extremamente corteses um com o outro, agiam como estranhos.

Existia uma linha de tensão que teimava em mantê-los distantes. Lucille sentia falta das provocações e até mesmo das discussões com Edward. De longe pareciam um lindo casal, mas ela nunca se sentira tão longe disso. Agora estavam casados. Unidos perante Deus e a sociedade, para sempre.

Seria suficiente para assustar Lucille ou qualquer outra jovem, mas ela não se sentia assim. O que sentira fora a sincera e intensa conexão com Edward quando proferiram os votos, fazendo promessas um ao outro. Ela os dissera com toda sinceridade de seu coração. Sentia-se confusa, mas, naquele momento, nada pareceu tão certo. E quando ergueu os olhos para acompanhar o que ele dizia, vira verdade em suas palavras, ainda que arrefecidas.

– Foi uma cerimônia bonita – Edward quebrou o silêncio incômodo na carruagem, tomando-a de surpresa – Apesar de eu achar que o sacerdote não encerraria nunca o sermão.

Lucille concordou com a cabeça. Na maior parte

do tempo, tinha sentido exatamente a mesma coisa. Foi um pouco diferente do que tinha imaginado quando mais nova e até mesmo nos dias anteriores. Mas ela sempre fora uma jovem muito romântica e fantasiosa.

– Realmente foi, apesar do interminável discurso – ela sorriu encabulada – Bonita o suficiente para manter Lady Eagleton fungando.

– Atribuo as lágrimas de Lady Eagleton a mim – ele mostrou um sorriso endiabrado – Ela nunca irá se conformar por sua protegida ter caído nas garras de um devasso como eu.

– Agora que podemos falar sobre qualquer coisa... – iniciou ela, empolgada por aquela ser a primeira conversa despreocupada que estavam tendo.

– Acha que podemos falar sobre qualquer coisa, Lucille? – indagou Edward em um tom bem-humorado.

– Pensei que essa era uma das vantagens de sermos casados – sussurrou ela, inclinando-se mais em direção a ele.

– Não sei. Nunca fui casado antes – replicou Edward com a voz enrouquecida devido à proximidade

inesperada – Mas algo me diz que...

A carruagem fez uma leve curva e sacolejou ao passar por algum buraco na rua. O movimento fez com que Lucille fosse arremessada mais para perto de Northsham. As mãos enluvadas pousaram no peitoral musculoso e as mãos dele cravaram na cintura dela, puxando-a mais para perto de si.

Lucille sentiu o fervor percorrer o seu corpo. Podia atribuir o calor ao vestido pesado que usava e as incontáveis camadas de tecido, contudo, sabia que a fonte de seu ardor vinha de Edward. Dos olhos ardentes queimando por onde eles percorriam.

Lucille abriu os lábios, fixando o olhar na boca sensual, curvada em um sorriso lascivo.

Desde aquela tarde no jardim da casa dele (a partir de agora sua casa também), o dia que confessara a si mesma os seus sentimentos mais profundos, Lucille vinha desejando que o beijo que trocaram se repetisse. Era como se apenas quando se encontrava nos braços de Edward, se sentia inteira, viva e completa.

Aquilo ia contra tudo o que Lady Eagleton tinha

falado antes. Não era possível ser daquela forma. Não quando ele... quando eles... quando existia tanta...

– Lucille? – Edward grunhiu a centímetros dos lábios dela.

O instinto pedia que Lucille cerrasse os olhos e desfrutasse do prazer que os lábios de Edward estavam prestes a proporcionar, mas a ansiedade e o receio de que estivesse apenas vivendo um devaneio romântico forçavam-na a encará-lo cheia de expectativa.

– Edward... – Talvez tenha sussurrado seu nome, talvez o som tenha ecoado apenas na mente dela.

Não importava. O que importava era que aquela urgência, aquela necessidade desmedida que irradiava em cada partícula sua, sem dúvida alguma, era reflexo do desejo que via em Edward.

– Dane-se! – ele sussurrou segurando seu rosto com as duas mãos, aproximando os lábios dos dela – Preciso fazer isso.

Então, ele a beijou. Carregado de ferocidade, desejo e urgência. Saudade, perfeitamente poderia denominar aquele beijo. Como se peças de um relógio

voltassem a se encaixar, fazendo o mundo voltar a girar novamente. Pelo menos o mundo de Lucille, naquele momento, parecia voltar ao normal. Quando era beijada com tanta intensidade. Quando tudo o que ela era parecia ser convertido naquele beijo.

Edward afastou-se um pouco, milímetros para ser mais preciso. Precisavam de ar. E enquanto mantinha a testa colada na sua, respirando com a mesma dificuldade que ela, sua mão escorregou pelo pescoço de Lucille, passou pelo decote e mergulhou dentro do vestido, fazendo-a estremecer.

– Lucille! – seu nome sendo sussurrado com tanta profundidade, quase que como uma súplica dolorosa – Doce Lucille...

Sentiu a pressão em seu seio e quando os dedos exigentes pressionaram seu mamilo, pendeu a cabeça para trás. Os gemidos escapando da garganta dela, enquanto Edward distribuía beijos em seu pescoço.

– Oh! – soltou um gemido ardoroso quando a mão foi substituída pela boca.

A carruagem os fazia sacudir, mas ela sentia que

quem a fazia balançar era Edward. Ele a fazia se perder entre o prazer e a insanidade desmedida.

As mãos de Lucille cravaram na cabeleira espessa. Os dedos enroscando nos fios de cabelos, trazendo-o para mais perto de si. Uma urgência, uma necessidade que não conseguia explicar em palavras, manifestava-se entre suas pernas. Cada carícia de Edward fazia as sensações vertiginosas intensificarem.

– Doce Lucille – ele voltou a encará-la, havia uma selvageria nos olhos escuros que a fazia derreter – Ainda hoje... Por Deus, eu prometo – a voz parecia carregar um leve toque de frustração e tormento – Mas não aqui. Não agora.

A carruagem parou no exato momento que Edward ergueu o decote de seu vestido de noiva. Lucille teve pouco tempo para se ajeitar até que alguém viesse recepcioná-los. Eles tinham feito o caminho mais longo até a casa dele, mas pareceu ter durado apenas alguns míseros instantes.

Primeiro veio Allan, depois Christa, acompanhada do capitão Brendan. Ele e sua amiga haviam



se aproximado bastante nas semanas que se seguiram. Lucille receava que ela estivesse vendo em Brendan a oportunidade de esquecer quem realmente amava – *Lorde Owen*.

Depois de receber os cumprimentos tímidos de Mary, que logo se ausentou dizendo que precisava verificar como o irmão estava, Lucille foi obrigada a cumprir suas obrigações como noiva.

Sorriu e conversou com mais pessoas do que gostaria. O tempo todo Edward permanecera ao seu lado. O que era um alívio e, ao mesmo tempo, angustiante. A tensão entre eles ficava cada vez mais forte. Ela via isso em cada olhar abrasador que ele lhe dava.

Tentou manter-se focada na festa realizada no jardim. As mesas tinham sido colocadas em círculo, faziam um elo onde as duas pontas se uniam à orquestra, formando no meio uma pequena pista para que os casais valsassem.

A mesa central era farta. Serviam presunto aromatizado, bolinhos de faisão, filés de salmão cobertos com salsa e molho de manteiga, costelas de cordeiros com

molho feito de limão, vinho e salsa. Como sobremesa tinham biscoitos assados, uma variedade de pudins feitos de manteiga, creme, ovos, chocolate e bolinhos servidos com creme, também fatias finas de bolo de laranja, embebidos em creme, mergulhados em farinha e fritos. Vinhos e champanhe mantinham as taças dos homens sempre cheias e refrescos variados para as damas.

Os pratos iam e vinham do mesmo jeito que chegavam a Lucille, praticamente intocados, o que ela não podia dizer o mesmo em relação às taças que roubava de Edward furtivamente.

– Acho que está bom por hoje – Edward trocou a taça de vinho dela por suco de uva que Lucille fingira beber no decorrer da recepção – Prove um pouco disso.

Lucille mordeu o mini sanduíche que ele lhe deu e por um momento as pessoas em volta perderam a importância. O fato de Edward alimentá-la era estranhamente sedutor.

– Mais um – o sorriso debochado deu lugar a um olhar cheio de calor.

Sim, ele vivia o mesmo tormento que ela.

– Venha – ele ficou de pé, esticando a mão a ela

– Vamos dançar. Algo me diz que precisa de exercício para desanuviar a cabeça.

Lucille se perguntava se ele sabia o quanto ela tinha bebido. Não o suficiente para começar a agir como uma tola, mas sentia-se um pouco aérea.

– Nós não podemos – disse ela, olhando horrorizada para as pessoas em volta – Causaria um grande escândalo.

– Não seria essa uma das muitas vantagens de estarmos casados? – provocou ele usando as palavras dela a seu favor – Podemos fazer o que quisermos. Já estamos comprometidos, Lucille. Não adora dançar?

– Sim, mas...

Em tese ele tinha razão, levariam a fama de escandalosamente apaixonados, mas já estavam casados mesmo. Fofocas não poderiam os afetar tanto assim, poderiam?

Lucille esperava que não, pois não existia nada naquele momento que ela desejasse tanto quanto dançar com Edward, no dia do seu casamento. Bem, na verdade

existia uma coisa que desejava um pouco mais, mas definitivamente era algo que deveria ficar muito longe de olhares bisbilhoteiros e recriminatórios.

Aquele secreto desejo pertencia a ela e a Edward.

– Coragem, Lucille. Você já se vestiu de homem, fugiu de casa e levou um tiro, o que seriam alguns olhares invejosos e mortais? – Ele a provocou com um insuportável e contagiante sorriso brincando em seu rosto – Por favor, não me desaponte.

Lucille nunca fora capaz de negar um desafio. Muito menos a um que lhe daria tanto prazer.

E eles dançaram juntos. Horrorizaram algumas pessoas e encantaram outras. O suficiente para deixar Lady Eagleton a ponto de desmaiar, e insuficiente para deixar Lucille completamente satisfeita. A cada valsa, cada vez que Edward a fazia sorrir e girar e girar ao ritmo da música, ela sentia a necessidade de mais.

*Muito mais de Edward.*

## Capítulo 20

– Deseja mais alguma coisa, milorde? – indagou o valete.

– Não. – Edward aceitou o roupão que ele lhe entregou ao sair da banheira – Está dispensado por hoje.

Com um cumprimento cordato, o valete (uma adição ao quadro de empregados desde que recebera o mais que generoso dote de sua esposa) deixou o quarto de forma discreta. Edward mal havia desviado o olhar da porta. Em um quarto conjugado ao dele, por trás daquela porta e paredes grossas que os separavam, estava Lucille, sua esposa.

Ele vestiu a peça negra com o corpo ainda úmido do banho. O tecido aderiu à sua pele da mesma forma que o desejo aderiria ao seu corpo.

Edward andou pelo quarto, os olhos sempre cravados na porta.

Onde estava sua determinação em ser um homem

honrado?

Tinha entrado naquela igreja convicto em livrar Lucille do compromisso em que se viam abrigados. E tinha adiado a decisão quando a vira entrar, lindamente, caminhando em direção a ele. Mudou os planos, encontraria uma forma com que ela pudesse exigir a anulação do casamento e, assim, pudesse ficar com quem realmente amava. Mas isso também tinha mudado quando ela fora tão receptiva aos carinhos dele na carruagem.

Quando dissera seus votos tinha sido sincero. Jamais juraria amor a outra mulher, mesmo que seus caminhos se separassem. Mas Lucille tinha correspondido aos seus beijos. Lucille tinha vibrado em suas mãos.

Talvez ela tivesse um profundo carinho por Philip, mas desejava Edward também. Ele poderia e conseguiria conquistá-la se lutasse por ela. Afinal, enquanto Philip partira magoado, Edward tinha ficado para protegê-la. Estavam casados agora e ela pertencia a ele.

Não deveria ser errado desejar a própria esposa como ele desejava. Passara tempo demais se martirizando

e lutando com o que sentia.

Não. Lucille era dele. De corpo, alma e aos olhos da Igreja. Ele só tinha que encontrar a forma de chegar até seu coração... e ao seu quarto.

Andou pelo quarto, como uma fera enjaulada, ensandecida. Os olhos sempre voltando à porta. Ele só tinha que abri-la. Reivindicar o que lhe pertencia. Sim, era obsoleto, um pensamento mediévico, um tanto ensandecido. Ela não era como uma de suas abotoaduras de ouro ou qualquer outro objeto caro. Era valiosa e pertencia a ele porque Edward a amava.

Edward caminhou até a porta e encostou a cabeça na madeira fria. Imaginava se Lucille ainda estaria mergulhada em sua tina de banho, o sabão deslizando por sua pele molhada e se a água deixaria a pele brilhante, sob a luz das velas. Ou já estaria em sua cama, os cabelos espalhados pelo lençol e sedutoramente vestida em uma camisola fina.

Edward só tinha que abrir a porta para descobrir.

Assim que Bessie, agora sua criada pessoal, a ajudou a se pentear e vestir, Lucille deu permissão para que se recolhesse. Normalmente, ela não teria se importado em cuidar de si mesmo sozinha. Mas aquele era um dia atípico para ela. Primeiro, passara pela ansiedade antes da cerimônia, depois, a apreensão quando havia acabado, por último, a obrigatoriedade em ser uma perfeita anfitriã em sua festa, mas devia confessar, se divertira muito também.

Com Edward, quebrara alguns protocolos e não se arrependia nem um pouco. Na verdade, tirando um ou dois quase desmaios de Lady Eagleton, as pessoas pouco se importaram. Era quase que uma celebração íntima e as pessoas divertiam-se demais para os recriminar. Talvez no dia seguinte, circulassem alguns comentários, mas Lucille tinha dançado e sorrido o bastante para aquilo realmente não importar.

Outro escândalo surgiria na fervorosa Londres, as fofocas se renovavam em velocidade espantosa.

O que preocupava Lucille naquele momento...



Bem, preocupava não era exatamente o termo certo, talvez, deixava-a nervosa, era o momento que Edward cruzaria aquela porta.

Quando se recolheu para aprontar-se para suas núpcias e descobrira que suas coisas tinham sido enviadas para o mesmo quarto anexo que ficara, quando estivera hospedada da última vez, ficou decepcionada, mas não surpresa, que fossem ter aposentos separados. Era comum na aristocracia que marido e mulher não dividissem o mesmo quarto e, por mais que Edward e ela tenham demonstrado ser um casal que rivalizava fortes sentimentos, não era assim. Não da parte dele. Uma realidade que Lucille sentia-se obrigada a aceitar.

O que tinha que fazer agora era tentar se lembrar dos conselhos que Lady Eagleton tinha dado a ela. Esperar que as noites fossem suportáveis e tentar fazer dos dias ao lado de Edward os mais tranquilos e prazerosos possíveis.

Tudo tinha a ver com desempenhar um papel. Tinha sido uma boa filha, uma irmã amorosa, apesar de deixar Allan vez ou outra de cabelos em pé. Conseguiria

ser uma boa esposa. Tinha os livros que lia e os que nasciam em sua cabeça. Romance suficiente para uma vida toda. E se conseguisse desenvolver com Edward a mesma amizade dos últimos dias na casa dele, poderia, de certa forma, considerar-se afortunada.

“Muito bem”, disse a si mesma ao subir na cama, deixando o corpo esticado, como uma virgem esperando o sacrifício mortal. Só tinha que esperar.

E Lucille esperou, minutos intermináveis, e que para ela pareceram horas, uma eternidade. Impaciente saiu da cama.

Onde estaria Edward? Seria ousadia demais procurá-lo?

Bem, ela nunca fora o que poderia se dizer, convencional. Ninguém jogou um manual em suas mãos explicando claramente como tinha que lidar com essa nova situação e, como Edward gracejara na carruagem, também nunca fora casada. Pensar na carruagem trouxe lembranças que tornava seu corpo febril e acalorado.

Com passos receosos e vacilantes, Lucille caminhou titubeante em direção à porta. Sua ansiedade a

impulsionava para que tomasse as rédeas e acabasse logo com aquela tortura.

Mas depois que entrasse, o que deveria fazer?

Mordeu os lábios indecisa e olhou para o chão. A sombra atravessando a fresta da porta no chão fez com que recuasse alguns passos.

Edward estava ali, parado do outro lado. O coração de Lucille deu um gigantesco salto, fazendo-a levar a mão à garganta. Viu a sombra se movimentar e até mesmo o puxador da porta mover delicadamente, mas ela continuou fechada.

Lucille aguardou, esperou pelo momento que ele romperia a porta e a tomaria em seus braços. Que provocaria nela a febre que a fazia ferver. Não poderia ser como Amelia tinha alertado. Pensara sobre isso diversas vezes. Ainda agora o simples pensamento de Edward a beijando, acariciando e sussurrando em seu ouvido o quanto a queria, causava reações que não conseguia descrever.

Lucille se aproximou um pouco mais. Viu o puxador voltar ao lugar e a porta permanecer fechada.

Encostou sua testa sobre ela.

“Tome a iniciativa”, dizia o coração.

Sua mente venenosa provoca-a dizendo que tinha sido rejeitada. Sua noite de núpcias e Edward não desejava estar com ela como não desejara o casamento.

Sentiu os olhos arderem, forçou as lágrimas a voltarem de onde vieram. Não era fraca, tão pouco lamuriosa, mas tinha um coração que parecia pensar por si mesmo.

E esse coração traiçoeiro invocava pela única coisa que não poderia ter, mas não era o coração que comandava-a. Engoliria o orgulho ferido. Voltaria para sua cama, teria uma tranquila noite de sono e, no dia seguinte, encararia Edward e...

Não tivera tempo de concluir os pensamentos. A porta fora abruptamente aberta e quando dera por si, estava sendo amparada por braços firmes e um peito largo e forte.

– Lucille? – foi apenas um sussurro, mas tinha fervor suficiente para ater sua atenção – Lucille...

Fora a escolha errada. Tinha sido sua perdição

encontrar os olhos negros, sombrios como uma noite sem estrelas, misteriosos e hipnóticos como o interior de um lago profundo.

– Eu... – eles disseram juntos.

Compelida, Lucille foi baixando o olhar até que seus olhos caíram na boca que sustentava um sorriso ladino. Estudou os lábios bem desenhados. O inferior era sedutoramente mais volumoso que o outro. Como não tinha reparado isso antes? Ou talvez tenha reparado, mas só agora tivesse tanta consciência deles, já que geralmente, sempre que procurara analisá-los melhor, acabavam parando em sua boca, quebrando o contato com seus olhos.

– Eu... – voltou a sussurrar quando Edward a puxou para mais perto fazendo-a ficar ereta e, conseqüentemente, mais próxima a ele.

– Estava pensando em entrar?

Lucille tornou a erguer o olhar. Achou que era mais inteligente do que ficar obcecada por sua boca.

Ledo engano. Engoliu em seco antes de dar uma resposta.

– Não – não chegava ser exatamente uma mentira já que há um minuto havia mudado de ideia – Eu não estava.

Edward moveu os lábios formando um vértice de desapontamento.

– Que pena – disse ele, a mão subindo lentamente por suas costas até chegar ao pescoço – Porque eu estava.

Antes que o coração de Lucille pudesse palpitar de alegria, a boca de Edward cobriu a dela num beijo que acordou o vulcão semiadormecido dentro dela.

Ele não a beijava como das outras vezes. Sim, algumas tinham sido intensas e vertiginosamente apaixonadas, mas, dessa vez, havia uma intensidade arrebatadora. Uma urgência desesperada. Onde começava ela e terminava ele.

Não era exagero dizer que Edward a completava. Foram feitos um para o outro, sentia na força daquele beijo.

– Lucille? – Edward encostou sua testa na dela, tinha a respiração acelerada e a voz enrouquecida – Consegue lembrar do que eu disse mais cedo na

carruagem?

Como poderia esquecer? Pensara nisso a cada minuto do dia. Pensara nisso ao entrar em seu quarto.

– Lembro – sua voz saiu como um soluço mal-contido.

Sentia as pernas ligeiramente moles e se não fosse o corpo de Edward assim como a mão em sua cintura, prendendo-a firme, teria sucumbido à fraqueza em seus joelhos.

Com um grunhido quase que animalesco, torturado, miseravelmente aflito, Edward tornou a beijá-la. Primeiros nos lábios, maçãs do rosto, pequenas labaredas de fogo em seu pescoço.

– Minha Lucille – soava tão primitivo, mas, ao mesmo tempo, a fazia se sentir exatamente assim.

Pertencia a Edward e sentia que ele pertencia a ela. Não era apenas uma questão de posse, uma necessidade opressora e atroz de dominar e subjugar um ao outro. Não, o desejo de Edward a fazia descobrir o dela, descobria o mundo.

Ele interrompeu o beijo, arrancando o gemido

frustrado de Lucille. O sorriso cínico que ele dedicou a ela, deveria tê-la irritado, mas só a atraía mais.

– Não precisa ter pressa – sorriu, fazendo o libertino que havia dentro dele envolvê-la um pouco mais

– Darei tudo o que precisar.

Enquanto falava, girava em volta dela.

– No momento certo – o tom enrouquecido rente à sua orelha, produziu arrepios por sua pele e fez as pontas de seus seios endurecerem em resposta.

Como se houvesse minúsculos botões espalhados por seu corpo e Edward soubesse exatamente onde estavam e como ligar.

– Tão bonita – sentiu suas longas madeixas sendo afastadas e ele depositar um beijo demorado em sua nuca. Estivera tão conectada às sensações que Edward provocava nela, que não percebeu os botões de sua camisola habilidosamente sendo abertos.

Ele a abraçou, as mãos cobriram seus seios e enquanto a acariciava, esfregou o rosto na curva de seu pescoço, inalando seu cheiro, como se fosse o mais delicado e perfumado frasco de perfume.



Lucille sentia-se atordoada. Desejava... desejava... Tinha uma necessidade, uma urgência que não conseguia colocar em palavras.

– Edward – apenas um gemido escapando de sua boca.

Um pedido sôfrego de que ele desse aquilo que ela precisava.

– O que você deseja, Lucille? – ela sentiu uma pequena pressão em seus mamilos, não chegava realmente a doer, mas causava um ardor pedindo por algo mais.

Inconscientemente, ou levada por seus instintos, suas mãos cobriram as deles, pressionando seus seios um pouco mais. Edward beijava seu pescoço, mordiscava o lóbulo de sua orelha e sussurrava perguntando o que ela desejava.

– Eu quero... – mordeu fortemente os lábios quando a mão deslizou por seu ventre alcançado a abertura entre suas pernas – Eu...

O que ela queria? O que desejava?

– Não pare! – A súplica saiu com um gemido quando Edward tocou o botão que irradiou fagulhas

elétricas da raiz de seus cabelos à ponta dos pés.

A cada carícia, a cada movimento de seus dedos ali, Lucille sentia os olhos pesados. Algo pulsava furiosamente dentro dela. Algo precisava entrar em erupção.

Praticamente gritou de frustração quando ele se afastou ficando de frente a ela. Um sorriso ardiloso e sensual. Lucille lutava contra a necessidade de agredi-lo e voltar a beijá-lo.

Estava e sentia-se diferente. Era como uma tigresa exigindo atenção de seu par.

– Toque em mim – pediu Edward, o tom era imperativo, mas seus olhos pareciam literalmente implorar – Toque-me, por favor.

Lucille foi dominada por uma confiança renovada. Nunca tinha se dado conta do poder de sua feminilidade. Não ficou receosa quando se aproximou dele. Precisava tocá-lo tanto quanto Edward desejava.

– Assim? – depositou as mãos trêmulas no peitoral másculo.

Ela se aproximou um pouco mais, os corpos tão

colados que nada passaria por eles. As mãos subiram até os ombros largos e Lucille depositou um beijo delicado em seu pescoço tenso.

– Ou assim? – sussurrou dando a ele um sorriso sedutor – O que você deseja, Edward?

Queria provocá-lo, queria provocar nele o mesmo desespero que ele provocava nela, mas Edward sempre estava um passo à frente dela. Ele agarrou sua mão e levou até o membro enrijecido.

– Aqui – rosnou ele, fazendo a mão dela deslizar por todo o comprimento – Dessa forma.

Sua mão firme sobre a dela. Ele conduzia os movimentos até que soubesse fazer sozinha o que ele esperava. Lucille estava no controle agora, sentia-se no controle. Aquilo a fazia se sentir poderosa. E enquanto o tocava, Edward a beijava, explorava e levava-a aos limites da insanidade, ela o fazia estremecer em suas mãos delicadas.

Edward livrou-se do roupão desajeitadamente e com pressa. Tivera diversas mulheres antes de encontrá-la. Podia se orgulhar de sua experiência, mas nessa noite sentia-se como um garoto descobrindo novas formas de amar.

Antes fora apenas sexo, um alívio carnal. Com Lucille era a forma mais sublime de amor. Amava-a com seu corpo e alma. Quanto mais se entregava, mais recebia dela.

– Lucille – Edward sussurrou, as mãos sofregamente em volta dos cabelos dela, beijando e invocando seu nome – Lucille.

Tomou-a em seus braços levando-a até a cama.

– Quero você – disse com urgência, foi o mais perto e mais sincero que conseguiu chegar de seus sentimentos, do que tinha coragem de demonstrar a ela – Como nunca desejei alguém em toda minha vida.

– Sou sua, Edward.

*Sou sua.*

Sim, ela era dele. Sua atrevida e corajosa esposa. Gostava de como a palavra esposa soava.

– Sou seu.

Deveria ter se espantado com a intensidade de suas palavras e até mesmo por tê-las deixado escapar de seus lábios, mas não foi o caso. Sentia-se bem, livre como nunca estivera antes.

Ele encontrou o caminho entre as pernas dela. Nunca tinha deflorado uma virgem antes. Tinha sido patife, mas não do tipo que se aproveitava de moças inocentes, mas conhecera cretinos piores do que ele e sabia que podia ser um momento doloroso para ela.

– Talvez doa.

– Não importa – a voz trêmula desmentia a coragem que ela queria demonstrar.

Ele sorriu encantado. Lucille não era o tipo que se escondia do bicho-papão debaixo da cama. Não, ela arremessaria seus livros nele, fazendo-o fugir pela janela.

Foi, então, que Edward percebeu que poderia se apaixonar um pouco mais. Todos os dias sentindo seus sentimentos por ela crescerem.

Era terrivelmente assustador, mas não queria atravessar aquela janela para longe dela.

Então a beijou, delicada e intensamente. Curvou-se sobre ela sugando o mamilo inchado. A língua circulando a ponta dura, fazendo Lucille se retorcer em seus braços. Dedicou sua atenção a um seio, depois outro.

Ela murmurava seu nome, como uma canção lenta e sensual. Edward tentava mantê-la longe da distração, do medo e mais longe que conseguisse da dor quando finalmente a possuísse. Tocou sua fenda, testou a umidade que havia lá. Lucille arqueou as costas quando Edward acariciou aquele pequeno ponto de sua sensibilidade.

Ela estava pronta e que Deus o ajudasse para que estivesse pronto. Já não sabia se seria capaz de suportar. Não quando Lucille o correspondia de forma tão apaixonada.

Ainda mantendo certo controle, Edward deslizou suavemente para dentro dela. Sentiu a barreira e as unhas cravando em seus braços.

Cobriu sua boca, tornando a beijá-la. Delicadamente, a língua entrando e saindo de sua boca, devagar, exatamente como seu membro, centímetro a

centímetro, a cada investida avançando mais. Até que se viu completa e deliciosamente enterrado nela.

Cerrando os lábios, começou com investidas comedidas, aguardando que Lucille se acostumasse a ele. Era quase impossível se controlar. Ela era como brasa quente revestida em seda.

– Edwa... – a palavra sumiu em um gemido sôfrego quando o resquício de dor foi dando lugar às ondas de prazer.

Edward continuou afundando, mais e mais, seu prazer misturando-se ao dela. O quarto reverberando gemidos e sussurros incontrolláveis.

*Lucille... Edward...Lucille...*

Uma estocada e outra e dezenas delas, mais forte, mais intenso, mais profundo.

– Oh, Edward!

Por um louco e agonizante segundo, Edward parou para observá-la quebrar-se em seus braços. Gemidos irreprimíveis e ele nunca escutara algo tão sensual em toda a sua vida.

Então, derramou seu prazer invocando o nome

dela.





# Capítulo 21

Lucille soltou um suspiro. Ela desejava que aquele momento, aquela sensação de plenitude e paz nunca acabasse. Aquela era sua fantasia de mundo perfeito.

– Então? – murmurou, preguiçosamente – Quando virá a parte ruim?

Queria se virar para encarar Edward, mas ele fazia contornos suaves em suas costas com os lábios, a sensação era maravilhosa.

– Parte ruim? – replicou ele, substituindo os lábios pelas pontas dos dedos.

A pele de Lucille arrepiou em resposta e como o deleite estava prestes a dar lugar a risadas, virou, deitando-se de lado, ficando de frente para Edward.

– A parte que devo estirar na cama e esperar o pior acontecer – diante da confusão que Lucille viu em seus olhos, decidiu ser mais específica – Lady Eagleton disse que...

– Ou Lady Eagleton nunca passou pela experiência que tivemos – ele murmurou um pouco antes de morder os lábios dela – Ou apenas quis dificultar as coisas para mim. Estou mais propenso à segunda alternativa.

Lucille franziu a testa e Edward passou os dedos sobre ela.

– Por que ela faria isso?

– Sabia que Lorde Eagleton esteve noivo de minha mãe antes de se casar com ela? Acho que ela nunca perdoou minha mãe por ter se tornado a segunda opção de Lorde Eagleton.

Lucille negou surpresa.

– Mas para ser um pouco mais justo, acho que a vida que levava fez o desprezo que Lady Eagleton sentia por mim aumentar.

Realmente, Edward nunca estivera no topo da lista dos pretendentes ideais que Lady Eagleton tinha elegido para ela. Na verdade, liderava a lista de quem Lucille deveria fugir, concluiu ela.

– Mas você é um conde – Lucille pousou a mão

no peito musculoso – Quer dizer, sejamos francos, todo e qualquer deslize seria justificado.

O que para Lucille era uma grande injustiça da sociedade. A liberdade que só era permitida aos homens.

– Ouvir mexericos sobre as minhas, digamos...libertinagens – Edward disse calmamente – é bem diferente de as presenciar.

– Lady Eagleton o viu em... quando... você...

– Não exatamente no ato, mas a dama e eu estávamos... – Edward interrompeu lembrando-se de quando fora pego na carruagem de Lady Eagleton ao lado de sua amante da temporada, completamente nu. Ele, pensando por alguns segundos no que poderia dizer a Lucille – Digamos que em uma bela ilustração de Adão e Eva.

– Ah – Lucille desviou o olhar – Entendo.

Ela não entendia nada, principalmente aquela raiva e a necessidade incontrollável de descobrir quem era a dama e, assim, poder arrancar os olhos delas com as próprias mãos.

– Essa é uma parte do meu passado que não

posso mudar, Lucille – Edward olhou-a de forma apreensiva.

Sua parte racional e lógica sabia que ele tinha razão. Mas não conseguia ignorar o ciúme que a acometeu.

Ciúmes? Lucille arregalou os olhos. Mais um sentimento novo que ela teria que aprender a lidar além do amor que sentia por ele.

– Mas eu não gostaria de manchar esse momento com esse tipo de lembrança – Edward segurou o seu queixo e fez erguer o olhar para ele – Os votos que fiz foram sinceros. Pretendo cumprir cada um deles.

Amar, cuidar e proteger.

Edward estaria dizendo que tentaria amá-la?

Talvez os homens e mulheres amassem de forma diferente. Enquanto elas se entregavam de forma arrebatadora aos sentimentos, eles eram como flores na primavera, desabrochavam com o tempo. E eles teriam uma vida inteira.

– Então, o que Lady Eagleton disse... – ela iniciou circulando o peito de Edward com os dedos.

Edward deitou sobre ela, fazendo-a se calar com um breve beijo.

– Muito – ele a beijou demoradamente – Muito – a mão dele desceu suavemente pelas curvas de seu corpo, até alcançar o ponto que a fez gemer – Muito longe da verdade – sussurrou Edward, deslizou dois dedos pela abertura de sua fenda e introduzindo dentro dela – Deixe-me mostrar-lhe o quanto.

Lucille deixou e Edward provou durante toda a noite, até que estivessem cansados demais para manter os olhos abertos, o quanto Lady Eagleton estava errada.



Qualquer outra jovem teria ficado desapontada em não ter uma longa lua de mel em Paris ou qualquer outro lugar da moda, mas Lucille estava completamente satisfeita com sua breve visita ao condado de Northsham.

Nem mesmo a clara necessidade de reparos e cuidados na residência e o estado deplorável da casa de alguns arrendatários, conseguiam apagar o encanto do lugar.

À primeira vista, o lago em frente ao palacete foi o que mais encantou Lucille.

– Algumas reformas já começaram – Edward disse assim que entraram na biblioteca – Mas você pode mudar o que desejar, afinal, é o seu dinheiro que está financiando tudo isso.

Ele certamente se referia ao dote. E Lucille não via maneira melhor da pequena fortuna ser empregada. Valeria a pena cada libra gasta se Edward fizesse Northsham tornar-se majestosa novamente.

– E uma boa parte será aplicada no condado – ele informou, dando as costas a ela – Inquilinos mais felizes produzem muito mais.

Ele queria que ela acreditasse que seu único objetivo em ajudar aquelas famílias necessitadas era para seu próprio benefício, mas Lucille sabia que não era verdade. Edward não era como as pessoas julgavam e tampouco da forma que julgava a si mesmo. Não era um nobre preocupado apenas consigo. Tinha certeza disso pela forma que tratou aquele menino faminto quando se conheceram, pela forma que tratava Mary e o irmão

doente e como a tratava também.

– Não há muito que eu queira mudar – ela desviou o rumo do assunto para algo que o deixasse mais confortável – Talvez a biblioteca.

Ela olhou em volta e caminhou até uma parede repleta de quadros.

– Podemos mudar esses quadros para o salão e colocar mais algumas estantes nessa parede...

– Mais livros? – Edward sorriu diante da empolgação dela.

– Edward, livros nunca são de mais.

– Bem – ele se aproximou dela, abraçando-a por trás –, desde que possamos ler juntos.

Ler com Edward, ou melhor, ler para Edward, tinha tomado um significado completamente diferente. As perguntas com intuito de provocá-la deram lugar a mãos atrevidas e beijos apaixonados que os faziam ignorar completamente o mundo todo à sua volta.

– Penso que isso é... – Edward sussurrou antes de virá-la para ele – Completamente negociável.



Os dias em Northsham estavam sendo exatamente como ela imaginava. Passeios pelos prados, onde passava horas lendo e escrevendo. Algumas vezes, conseguia fazer com que Edward a acompanhasse, embora fosse muito raro, ele estava levando com muita seriedade o andamento das reformas.

Sempre que iam a algum vilarejo ou as poucas vezes que visitaram propriedades vizinhas, Lucille notou que as melhorias começavam a se destacar dando nova vida ao condado. Ela adoraria fazer residência fixa ali, mas os compromissos de Edward com Allan em relação à fábrica onde produziram ferro para as novas promessas de ferrovias que estavam sendo construídas, em breve exigiria sua presença constante.

Além disso, Edward tinha comprado a velha pensão onde morara com sua mãe, em St. Giles. Ele a restauraria e cobraria um preço justo para que moradores tivessem um lugar digno para viver. Além disso, a fábrica também traria novos empregos.

Edward dissera que fizera por Hidden e Mary, para se redimir por tê-los ignorado por tanto tempo, mas Lucille sabia que mais uma vez ele se deixava guiar pelo coração.

*“Preciso estar mais perto do Parlamento”.*

Ele dissera uma certa noite quando se recolheram ao quarto (sim, desde a noite de núpcias, Edward praticamente exigira que usassem o mesmo leito matrimonial. Não que Lucille fosse se opor de alguma forma), que pretendia assumir o cargo no Parlamento que o tio havia deixado em aberto.

*“A rainha Victoria e o rei Albert entendem as necessidades de uma reforma industrial e do bem-estar social. Acho que posso ajudar de alguma forma”.*

Lucille entendia muito bem no que aplicava a palavra *ajudar*. Sabia muito bem quais os tipos de influências ele conseguiria ter sobre as outras pessoas. Eles não tinham conversado sobre isso ainda. E ela receava encurralá-lo interrogando com a verdade.

Para ser honesta, não era tão corajosa como Edward sempre ressaltava. Estava tão feliz que receava

levantar qualquer assunto que pudesse perturbar os dias de paz e tranquilidade que desfrutavam. Longe de todas as regras e obrigações, desfrutavam livremente da companhia um do outro.

– Agora você pode abrir os olhos – sussurrou Edward em seu ouvido.

Ele a tinha arrancado da biblioteca onde estivera lendo com Mary (que tinha se tornado mais uma vítima de seu gosto pela leitura) e fizera caminhar às escuras até onde ela acreditava ser, devido ao cheiro e relinchar dos animais, o estábulo.

Ali se encontrava um cavalo jovem da raça Cleveland Bay.

– Ele é seu – disse Edward ao passar a mão pelo focinho do animal – Tive a ousadia de chamá-lo de Ugly.

O cavalo relinchou em direção a ele como se aprovasse o nome.

Lucille ficou emocionada por Edward não apenas se lembrar do que ela lhe tinha contado, mas pelo significado do presente.

– Embora ele seja muito bonito – disse em tom

enternecido – Acho que ele aprovou a decisão. Obrigada.

Edward entendia e dividia com ela o amor pela vida no campo. Northsham estava se transformado em seu paraíso particular. Um refúgio de ambos.

– O que escreve tanto nesse diário? – perguntou Edward, possivelmente já enfadado de olhar o horizonte.

Eles tinham dividido o mesmo cavalo e cavalgado alguns quilômetros ao norte da propriedade. Chegaram ao bosque onde era possível ver o condado e a casa de Northsham. A primeira vez que Edward a levara ali, tinha confessado que era seu lugar preferido, tornando-se de Lucille também.

A vista majestosa a fazia se arrepender de nunca ter dado tanta atenção às suas aulas de pintura. Daria um quadro deslumbrante.

– Não é um diário propriamente – respondeu ela fechando o livro – Um diário normalmente retrata a vida de quem o escreve. Não falo exatamente sobre mim.

– O que fala sobre mim? – indagou Edward, exibindo um sorriso provocativo – Por que eu não posso ver?

– Não falo sobre você – disse ao se levantar da manta, onde estiveram deitados, para guardar o caderno na trouxa improvisada em que colocara seus pertences.

Aquilo não era totalmente verdade, afinal, Lorde Blackpanther (personagem de sua história) tinha sido totalmente inspirado em Edward. Permitir que ele lesse seria o mesmo que revelar os segredos guardados em seu coração.

Ainda não estava pronta para dizer a palavra que começava com a primeira letra do alfabeto. Seus sentimentos por ele cresciam em uma velocidade espantosa, mas os únicos momentos que Edward chegava perto de revelar em palavras qualquer tipo de emoção eram nos intensos momentos que passavam na cama e Lucille não sabia se era o coração falando por ele ou o calor do momento.

– Algo me diz que não devo acreditar nisso – Edward caminhou até ela e arrastou-a de volta para a manta sobre o gramado – Mas por ora, devo acrescentar alguns momentos que tornem seu diário muito mais atrativo.

Lucille teria corrigido-o mais uma vez de que era um livro, mas ele impediu qualquer pensamento coeso quando puxou o decote do vestido, distribuindo beijos em sua pele.

E Edward dera a Lucille milhares de inspirações novas.

– Chegou uma carta para você – Mary disse assim que eles se acomodaram para um chá antes do jantar.

– É uma carta da Christa – disse a Edward que se ocupava em atizar a lareira.

Escrevia pelo menos uma vez por semana a Christa desde que chegara a Northsham e sempre recebia mais do que uma carta por semana em resposta. A temporada parecia ser bem solitária e aborrecida para sua amiga.

Lucille também notou que a cada carta que recebia, Edward esperava receber notícias de Philip. Ele tentava esconder, mas ela sabia que o amigo lhe fazia falta.

Onde estaria Philip? Seria seu ego arranhado mais importante do que os longos anos de amizade deles?

– Edward?

Ele estava de costas para ela, sua atenção fixada na lareira trepidante agora.

– Talvez devêssemos voltar – disse ele em tom de voz que pareceu distante a Lucille – Eu poderia tentar falar com Philip e... – Edward se aproximou suavizando a expressão ao ficar em frente a ela – Só não quero que se aborreça.

Talvez fossem coisas da sua cabeça, mas ela sentia que Edward encarava o regresso deles de outra forma.

– De qualquer forma, gostaria de fazer uma visita a Allan – agradeceu que ele a estivesse abraçando e não notasse as reais intenções em suas palavras – E Christa se sente muito solitária na temporada sem mim.

– Não há muito o que fazer aqui, não é?

Sinceramente? Lucille apreciava a tranquilidade do campo. Mas se sentia culpada por ter sido o motivo do afastamento entre Edward e Philip. E ainda havia Christa,

injustamente atingida pelo furacão que virara a vida de Lucille de ponta cabeça. Qualquer idiota poderia perceber que Philip e Christa estavam apaixonados, menos aqueles dois tolos.

– Alguns dias em Londres não seriam nada ruins – disse sorrindo antes de erguer o rosto para receber um beijo – Na verdade, acho que poderiam ser bem interessantes.





## Capítulo 22

Quando Desmond anunciou a chegada de Christa, já tinha vergonhosamente devorado quase metade do prato com biscoitos. Ansiedade lhe dava fome e depois de seu irmão Allan, que os visitara na noite anterior, sua melhor amiga e única em Londres, era a pessoa que mais desejava ver.

– Lucille! – Christa caminhou até ela o mais rápido que a boa educação permitia – Que felicidade tê-la aqui. Pensei que ficaria um bom tempo no campo ainda.

Lucille a conduziu até o sofá e tratou de servi-la.

– Edward tem assuntos a tratar com meu irmão – não era de todo mentira, tentou convencer a si mesma, mas decidiu concentrar sua atenção ao chá.

Lucille era uma ótima contadora de história, mas mentirosa, não tinha tanta certeza.

– Entendo – Christa tirou suas luvas rendadas e

aceitou a xícara de chá – E como andam as coisas entre você e o conde?

– Bem – não pareceu ter firmeza em sua resposta, então, Lucille pigarreou antes de voltar a afirmar – Muito bem.

Christa depositou a xícara de volta à bandeja e tomou a mão de Lucille entre as suas, exibindo um olhar preocupado.

– Sabe que pode me dizer qualquer coisa. Sei que as circunstâncias do seu casamento foram bem incomuns e...

– Ah, não – compreendendo que Christa levava a hesitação de Lucille para outra direção, tratou-se de se explicar com mais clareza – Estamos perfeitamente bem. Melhor do que poderia ter imaginado, eu diria.

– Está apaixonada por ele e acredita que não é correspondida?

– Sim... não! – Lucille sacudiu a cabeça, confusa – Às vezes acho... Às vezes eu sinto. Quer dizer, Edward não disse exatamente as palavras que eu gostaria de ouvir, mas suas ações falam muito mais. Sei que ele gosta de

mim.

Lucille sentiu o rosto arder e desviou o olhar para sua xícara de chá. Edward nunca tinha confessado que a amava, mas ela também não o fizera. Contudo, a forma que a beijava, a doçura e o carinho que a tratava quando estavam juntos, significavam tanto quanto qualquer declaração de amor. Ela sentia que seus sentimentos eram correspondidos, eles precisavam apenas de tempo e aprender a confiar mais um no outro.

– Então, o que a preocupa tanto?

– Philip – suspirou ela.

– Ah... Philip. Sempre o Philip – Christa não escondeu o desagrado ao dizer o nome dele – Olhe, preciso dizer uma coisa e vou entender perfeitamente se ficar irritada comigo por não ter revelado antes.

– Jamais ficaria brava com você.

– Ah, ficaria sim – Christa olhou em volta da sala e curvou-se para frente. Claramente tinha um importante segredo a revelar a Lucille e o fez em um cochicho cauteloso – Seu marido tem... – ela pigarreou antes de continuar sussurrando – Edward tem dons.

– Dons? – sussurrou Lucille, segurando um sorriso.

De repente estava achando aquela conversa muito divertida.

– Poder sobre a mente das pessoas.

– Oh, você quer dizer a hipnose? – disse sem preâmbulos e o sorriso tomava conta de seu rosto agora.

– Sabe sobre isso? – Christa piscou os olhos, surpresa.

– Há algum tempo. Quando estive me recuperando aqui, ouvi uma conversa entre Edward e Philip.

– Então você sabe...

– Do acordo que fizeram? – Lucille acenou com a cabeça – Tenho conhecimento de todas as coisas erradas que Edward e Philip tentaram fazer. De certa forma, eu entendo.

– Deixe-me ver se compreendi – Christa colocou-se em pé, lançando a Lucille um olhar recriminatório – Aqueles dois patifes arquitetam um plano desprezível para conquistar você e tudo o que sente por

eles é pena?

– Inicialmente senti muita raiva, mas, analisando os fatos, não fazemos exatamente o mesmo durante a temporada inteira? – indagou Lucille, desejando que Christa pudesse enxergar as coisas com a mesma simplicidade que ela – Não dissimulamos e fingimos o que não somos a fim de conseguirmos um bom casamento?

– Não, não fazemos isso! Eu nunca fiz. E não é porque todas as jovens dessa cidade se comportam como tolas deslumbradas que aqueles dois imbecis... aqueles... – Christa levou o punho fechado a boca e virou a cabeça, arrependida do que iria dizer – Pois saiba que teve grande sorte de ter se livrado de Philip e deveria mantê-lo longe de você.

Lucille compreendia muito bem que todo aquele acesso de raiva de Christa devia-se mais ao ciúme do que a indignação.

– Isso não importa mais, acabei me casando com o homem que amo – Lucille casara-se com Edward porque não tivera escolha, mas não podia negar que seus sentimentos por ele sempre foram profundos – Cometemos

nossas tolices também. Eu só gostaria de poder fazer alguma coisa.

E Lucille não se referia apenas a amizade de Edward e o amigo. Mas aquela fagulha que sempre via entre Philip e Christa. Sentimentos que apenas aqueles dois cabeças-duras não conseguiam enxergar.

– Somos diferentes – insistiu ela, mas já não tão segura assim.

Viver em sociedade era como atuar em uma peça. Se cada um executasse seu papel com perfeição, o espetáculo prometia um final glorioso.

– Diferente? – indagou Lucille com a voz mais branda – Também os iludimos, Christa. É tudo ilusão. Pelo menos, Philip e Edward são boas pessoas.

Christa fungou como se discordasse da afirmação.

– Sabe que são – Lucille insistiu com um sorriso na voz – Não disse que eram perfeitos. São dois patifes de primeira linhagem, mas no fundo, são boas pessoas. Eu descobri um Edward...

Lucille fechou os olhos buscando em seu coração

as palavras que pudessem descrevê-lo.

– Irritante, cínico, petulante, debochado, eu já disse irritante? – perguntou com um largo sorriso – Claro que sim. Ah, contudo e inexplicavelmente são todos esses defeitos que o fazem único para mim. E amarrado a tudo isso, existe um homem incrivelmente encantador. Edward sempre extrai o melhor e o pior que há em mim. Nós nos completamos. Então, acho que sim, desejo que ele e Philip voltem a ser o que eram.

– Fico sinceramente feliz que você e Edward tenham terminado bem – ela fez uma pausa para tentar respirar – Mas não posso esquecer o que Philip fez. Não posso ser tão condescendente. Gostaria muito que ele ainda estivesse em Hastings.

– Philip já voltou à cidade?

A última notícia que tivera sobre Philip fora através das cartas que recebera de Christa. Ele ficara bastante tempo no interior, na companhia de sua excêntrica avó materna.

– Infelizmente já está aqui. Apesar de quase não encontrá-lo, quando está presente é desagradável o



suficiente. Está cada dia mais carrancudo – resmungou Christa com suspiro exagerado – Gostaria que ele tivesse ficado em Hastings enlouquecendo qualquer pessoa que não fosse eu. Mas chega de falar sobre Philip. Haverá um maravilhoso baile na casa Owen e estou muito feliz que esteja aqui comigo.

– Um baile? – replicou Lucille com um sorriso realmente feliz – Conte-me mais sobre isso.

Talvez aquela fosse a oportunidade perfeita de fazer Edward e Philip se aproximarem outra vez.



## Capítulo 23

Lucille sentia que alguma coisa tinha mudado entre ela e o marido. Desde que retornaram de Northsham e contara a Edward sobre o baile oferecido por Lady Owen, as coisas pareciam diferentes.

Ela compreendia que agora Edward tinha algumas obrigações no parlamento, que o obrigavam a passar muitas horas fora de casa, mas nada justificava ele ter ido até Whitechapel, mais uma vez, para verificar como andavam as instalações da nova fábrica. Foram duas e desnecessárias viagens em um curto intervalo de tempo, que deixara não apenas Lucille, como seu irmão Allan, intrigados.

E apesar de as noites que o casal passou juntos terem sido sempre intensas e apaixonadas, eram as curtas horas do dia que a preocupavam. A máscara de frieza e distanciamento persistia na face de Edward, fazendo com que toda a determinação tola de Lucille em finalmente poder declarar seu amor, ficasse presa em sua garganta,

noite após noite, sufocando não apenas o seu coração como atormentando sua alma.

Poderia ser uma suposição tola, mas ela sentia que era devido ao baile. E como tragédias em sua vida nunca eram suficientes, tinha perdido seus preciosos diários. Sem eles não conseguia manter a cabeça distante de pensamentos melancólicos e traiçoeiros.

– Bessie! – Lucille berrou ao sair de seu quarto, caminhando apressadamente pelo corredor – Bessie?

Não era o tipo de senhora que queria tudo aos seus pés ou apreciasse gritar com os criados para ser servida, mas sentia-se inquieta.

– Senhora? – Foi Desmond a surgir em seu campo de visão.

Céus, ela queria saber como ele fazia aquilo, aparecer e desaparecer como num passe de mágica. Era certo que um bom mordomo deveria ser bem treinado, reservado e prestar um serviço de excelência, mas Desmond ultrapassava tudo isso. Ele conseguia ser mais discreto e refinado que ela, e Lucille era uma dama treinada para isso, ou tentava ser na maior parte do tempo.

– Você me deu um susto, Desmond – Lucille levou a mão ao peito – Encontraram os meus diários?

Fizera aquela pergunta todos os dias e em vários momentos dele, tendo sempre a mesma resposta que a deixava infinitamente frustrada.

*Não.*

Ela tinha a maioria dos contos e histórias muito claras em sua cabeça, mas reescrevê-los exigiria dedicação e ânimo, tudo o que Lucille não tinha agora.

– Lamento dizer – disse ele em um tom polido. Lucille não acreditava nem um pouco em sua lamentação e a voz absurdamente controlada confirmava suas suspeitas – Não os encontramos ainda. A milady tem certeza que não deixou no condado?

Inicialmente Lucille acreditara que não, mas o retorno para Londres tinha sido feito de forma apressada e ela estivera com a mente ocupada demais para ter verificado sua bagagem mais de uma vez, principalmente quando tinha Edward a distraindo o tempo todo.

Sentiu o rosto queimar com as lembranças e levou as mãos às bochechas. E esperava que o mordomo

atribuísse seu rosto corado ao mal-estar que vinha sentindo desde aquela manhã.

Afinal de contas, era esperado que Lucille já não se sentisse uma juvenzinha apaixonada, após tantas semanas de casamento. Na verdade, não era esperado que ela se sentisse assim em momento algum.

– Acho que você tem razão – resmungou, balançando a cabeça conformada – Escreverei à Mary e pedirei que verifique para mim.

Ou poderia fazer melhor. Depois de finalmente conseguir que Edward e Philip se entendessem, poderia convencer o marido a voltarem ao condado. Os dias que passaram lá foram incríveis e lúdicos. Northsham tinha uma magia que os deixava mais leves e felizes do que a pesada Londres. Talvez Lucille conseguisse resgatar o mesmo Edward que deixaram lá.

– O conde já retornou?

– Ainda não, milady. Posso servi-la em algo mais?

Lucille estava prestes a fazer um sinal com as mãos para dispensá-lo quando uma ideia endiabrada lhe

veio à cabeça.

– Você poderia sorrir?

– Como? – pela primeira vez, Lucille viu uma expressão genuína em seu rosto, espanto.

– Sorrir, Desmond – Ela deu, ou achou que estava dando, o maior sorriso do mundo – Viu, é muito fácil. Agora é sua vez.

– Senhora...

– É uma ordem – praticamente ela bateu os pés, mas não se privou de cruzar os braços em uma postura altiva – Sorria, Desmond, sorria.

Era o que aquela casa precisava, de mais sorrisos e pessoas felizes.

Por um segundo, Lucille duvidou que o mordomo fosse acatar o seu pedido. Ela deveria estar tentando quebrar a maior de todas as regras para a classe dos mordomos. Estava pronta para retirar sua ordem e se desculpar quando notou seu rosto começar a ganhar algum tipo de expressão.

Lucille nunca vira uma pessoa sendo torturada antes, mas já vira alguém tendo dor de barriga e poderia

jurar que a expressão de Desmond era exatamente igual. Aos poucos os dentes foram surgindo. Tudo bem que ele parecia estar sentado na cadeira de um médico, fazendo exame, e que o sorriso mais parecia uma demonstração de dor, mas quando se ignorava todas essas observações, sorrir lhe caía muito bem.

– Deveria sorrir mais, Desmond.

Lucille deu uma batidinha rápida no braço dele, surpreendendo-o pela segunda vez naquele dia. Com o próprio sorriso iluminando seu rosto, Lucille retornou ao seu quarto.

Tinha um longo dia pela frente. Precisava ficar deslumbrante àquela noite e garantir que seus encantos fossem suficientes para convencer Edward a visitarem Northsham, pelo menos por alguns dias.



Quando a porta foi aberta, Lucille praticamente voou em direção a ela.

– Edward já chegou? – perguntou a Bessie que entrava.



– O Sr. Middleton, sim – disse ela em um tom cauteloso – Ele a aguarda lá embaixo.

Lucille tentou esconder a decepção, mas não tinha certeza se conseguira e ao observar o olhar pesaroso de sua criada, sentira que fracassara consideravelmente. Ela podia ser uma boa mentirosa quando algum de seus planos ousados estava em jogo, mas nunca fora muito boa em dissimular sentimentos realmente importantes.

Edward não voltara para casa e Lucille duvidava que ele chegaria a tempo para o baile.

– Diga ao meu irmão que descerei em um instante.

Estava decepcionada, e se não fosse pelo fato de Allan já estar ali para acompanhá-la e aquela ser uma noite em que Christa desejava sua presença, teria desfeito o penteado elaborado que Bessie a ajudara a fazer e tiraria o lindo vestido azul claro de cetim.

*“O azul lembra a cor de seus olhos”*, sempre dizia Edward. Que importância tinha aquilo se ele não estava ali para vê-la?

Sentou na cama emburrada e deu uma última

olhada pelo espelho em seu arranjo que consistia em algumas penas delicadamente aplicadas. A decepção de Lucille foi se transformando em raiva. Não passaria a noite toda se lamentando ou chorosa. Estava indo para um baile, conversaria, sorriria e se divertiria com ou sem o marido.

Para o infortúnio de Lucille, assim que chegou à casa Owen, foi arrastada (não realmente arrastada, mas para ela foi como se fosse) por Lady Eagleton até seu seleto grupo de senhoras. Agora como ex-pupila de Amelia, e condessa, Lucille era muito bem aceita entre elas.

Representar um papel e acreditar no que tentava convencer a si mesma eram coisas completamente distintas. Viviam em uma sociedade tão acostumada a acreditar nas ilusões que as pessoas tentavam demonstrar umas às outras que ninguém suspeitou que os sorrisos e felicidade de Lucille eram apenas representação.

Levou quase duas horas para que ela conseguisse se desvencilhar das senhoras faladeiras e encontrar Christa sentada em um banco, o mais longe possível da

agitação.

– Veja só – Christa balançou seu cartão de baile à Lucille com um olhar acusador – Além de duas danças prometidas ao capitão Brendan, também tenho uma reservada a seu irmão. Você pediu isso a ele?

– Claro que não – poderia ter pedido, mas Allan era inteligente o suficiente para saber que Christa quando se soltava era uma companhia muito agradável; somente aqueles jovens tolos correndo atrás de beldades fúteis não conseguiam enxergar isso – Estou sendo completamente sincera.

– Tudo bem – Christa fungou voltando a guardar o cartão – Não parece estar se divertindo, e onde está Edward?

– Ainda está viajando.

Lucille olhou em volta procurando entre as pessoas. Avistou Allan caminhando em direção a elas, enquanto tentava escapar discretamente de um grupo de senhoras casamenteiras.

– Você viu Philip?

– Felizmente não e espero que continue assim –

disse Christa em um tom aliviado – Mas isso mina seus planos, não é mesmo?

Sem Edward ou Philip ali, sua presença no baile, aquela noite, fora completamente desnecessária, ao menos tivera tempo de conversar com Christa.

– Srta. Seaford – Allan surgiu entre elas, poupando Lucille de alguma resposta – Sei que não era essa a nossa dança – Ele olhou nervosamente por sobre os ombros – Caso não seja um grande inconveniente gostaria de antecipar.

– Com medo de inofensivas senhoras, querido irmão?

– Inofensivas? – Allan bufou – Parecem uma manada de rinocerontes. Mais alguns minutos e meu traje seria engomado mais uma vez.

Christa segurou uma risada com as mãos, mas Lucille riu aberta e sinceramente pela primeira vez naquela noite.

– Não podemos deixar isso acontecer – murmurou Christa, aceitando o braço que Allan estendia a ela.

Enquanto os dois seguiam conversando animadamente, Lucille afundou-se mais em seu banco, protelando a decisão de voltar a se reunir a Lady e suas amigas mexeriqueiras.

– Com licença, Milady – Lucille ergueu os olhos a uma criada a pouco centímetros dela – Pediram que entregasse isso à senhora.

– Espere... – Lucille não teve tempo de questionar quem havia enviado o bilhete.

A jovem depositou um papel amassado apressadamente em suas mãos, antes de sumir entre os convidados.

*“Encontre-me no jardim”*

Não havia mais nenhuma outra informação no recado que parecia ter sido rascunhado às pressas. O coração de Lucille tomou-se de uma alegria desmedida. Era bem a cara de Edward marcar aquele encontro às escondidas.

Talvez não tivesse conseguido retornar e seguido direto para o baile. Possivelmente, ele sentia a mesma incontrolável necessidade em vê-la.

Lucille conhecia razoavelmente a residência para caminhar por onde não seria notada. Em poucos minutos, estava no jardim, evitando onde houvesse convidados.

Próximo a um arbusto, um homem caminhava nervosamente de um lado ao outro. Lucille ergueu o vestido e apressou os passos até alcançá-lo. As tochas acesas mal iluminavam o caminho, então, era preciso que andasse com relativo cuidado.

O brilho da lua e as poucas lamparinas que iluminavam o ambiente a ajudaram a descobrir que o homem parado mais à frente não era seu marido. Sabia que seria capaz de reconhecer sua silhueta até mesmo no escuro.

– Philip? – sussurrou, aproximando-se um pouco mais.

Apesar de estar vestido para um baile, Owen estava longe de ser a figura refinada e elegante que ela se lembrava. Os cabelos estavam um pouco mais longos. A barba por fazer, mais espessa, cobrindo boa parte do rosto e os olhos continham olheiras profundas. Era perceptível

para Lucille que Philip estava vivendo um inferno na Terra.

– Lucille – Ele pigarreou e pareceu ponderar se deveria se aproximar ou não – Fico feliz que tenha atendido meu pedido.

Ela olhou discretamente em volta, embora soubesse que Philip jamais tentaria algo contra ela, não era certo que estivessem ali, sozinhos, suscetíveis a acusações maldosas.

– Não sabia que era você – confessou ela – Mas fico feliz que tenha me procurado. Podemos voltar e...

– Não. O que tenho para falar precisa ser rápido – Ele olhou por onde Lucille viera, incitando-a a fazer o mesmo. Olhando por cima dos ombros, não viu mais do que algumas pessoas circulando próximo à casa – Preciso dizer tudo a você antes que...

– Philip, gostaria...

– Apenas me escute, Lucille. O que está feito está feito. Eu deveria ter ficado aqui e alertado você. Sinto-me culpado por isso, mas tenho que dizer a você. Edward e eu a enganamos.

– Não... – Lucille sorriu preparada em esclarecer que já não se sentia assim, perdoara os dois e apenas desejava que eles fizessem o mesmo.

– Eu me encantei por você à primeira vez que a vi, linda em sua carruagem – continuou ele – Pedi que Edward me ajudasse a chegar até você. Ele... – Philip baixou o olhar e pigarreou antes de continuar – Ele possui meios que... Pode parecer absurdo, mas ele pode hipnotizar as pessoas. Foi isso o que fez a você. Foi isso que nós dois fizemos.

Ele se aproximou tocando os ombros dela. Havia ainda muita mágoa nos olhos dele, mas havia arrependimento também.

– Aquilo na casa de Edward foi apenas mais um golpe. Eu não tinha percebido que ele... – seu rosto de repente se transformou em fúria e revolta – Não foi apenas a mim que ele traiu, mas sua inocência.

Somente agora compreendia a profundidade da culpa que Edward carregava dentro de si. Os dois eram mais do que amigos, eram como irmãos. Ela precisava explicar a Philip que Edward não o tinha traído como ele



imaginava. Lucille e ele haviam se apaixonado desde a primeira vez que se viram.

Philip não tinha o coração partido por ela, mas pelo amigo que achou que perdeu.

– Ah, Philip. Não é como você pensa – Lucille tomou o rosto transtornado entre suas mãos – Eu já tinha conhecimento de tudo isso, Edward...

– Você sabia? – seu rosto estava nitidamente marcado pela surpresa – Mesmo assim pensa que o ama?

– Amo – Lucille sorriu, não um sorriso qualquer, mas um sorriso completamente apaixonado – Eu o amo, perdida e desesperadamente.

Lucille observou o olhar transtornado e a incredulidade passar em seu rosto.

– Bem, acho que isso... – O que ele teria a dizer foi interrompido pelo ruído de galhos secos sendo esmagados.

Ambos olharam em direção ao som e se depararam com Edward petrificado, encarando-os. Ele lançou um olhar de desprezo aos dois e partiu.

– Edward – balbuciou Lucille – Edward,

espere...

Ficara nas nuvens quando vira Edward parado a alguns metros dela, o sentimento durou míseros segundos, logo após sentiu-se recuada pelo olhar ferido e glacial que recebeu dele.

– Edward acha que você e eu – murmurou ele em um tom amargo – Pensa que somos amantes. Acho que o traidor agora sou eu.

– Philip! – Lucille protestou, recusava-se a acreditar que ele pudesse ignorar o quanto Edward estaria se sentindo ferido pelos dois.

– *Se* Edward a ama, Lucille – indagou cinicamente –, então, acreditará em você. Eu acreditaria se fosse ele.

Lucille não tinha tempo para refletir sobre a veracidade das palavras de Philip, precisava encontrar Edward.

## Capítulo 24

Para Edward, a cena que presenciara fora suficiente para provar que todas as suas dúvidas, receios e medos, que o torturavam desde que voltaram a Londres, tinham fundamento.

Tivera a confirmação dolorosa e esmagadora que seu coração insistia em negar. A presença de Philip fora suficiente para reascender o amor que Lucille sentia por ele.

Com Edward, foram só devaneios. Os dias, noites e cada momento em que acreditara conquistá-la um pouquinho mais, foram meras ilusões. Edward brincara com fogo e não havia uma parte dele que não estivesse sendo consumido pelas chamas.

Roubara e se apaixonara pela escolhida de seu amigo. Aceitara se casar com ela mesmo sabendo que seu amor pertencia a outro. A culpa não era de Lucille. Fora apenas mais uma vítima de Edward e ele era vítima de si mesmo.

Edward tivera escolhas. Lucille apenas cumprira com o que esperavam dela. E até acreditava que ela tinha tentado amá-lo ou corresponder ao amor que Edward lhe oferecera, mas o coração ama quem ele quer. Assim como era impossível a ele amar outra pessoa.

Edward os havia jogado em uma desgraça profunda. Não conseguiria encarar os dois, possivelmente, agora determinados a lutar um pelo outro.

O que pretendiam fazer? Fugir? Jogar todos eles em desgraça e ruína?

Um escândalo em relação àquela apaixonada aventura amorosa não se comparava à dor lancinante esmagando seu coração.

A certeza de que nunca mais teria Lucille em seus braços fazia cada um dos ossos em seu corpo congelarem como um rio no inverno.

– Para onde, milorde? – perguntou o condutor quando Edward se aproximou da carruagem alugada.

– Para o inferno! – Edward proferiu em um tom amargurado – Para o inferno de onde eu nunca deveria ter saído.

– Senhor?

– Apenas conduza – disse ao homem confuso –  
O mais rápido que conseguir.

Edward não podia continuar ali, não conseguiria assistir de forma impotente Lucille confessar que amava outro homem. Seria capaz de arrastá-la com ele, trancá-la em seu quarto e exigir que ele fosse o único senhor de seu corpo e de seu coração. Era exatamente isso que deveria fazer, uma parte dele gritava enlouquecidamente. Lucille era dele, seu corpo o pertencia, cada beijo, cada carícia. Tudo pertencia a Edward.

Por que deixara que o medo o deixasse recluso? Deveria ter usado de todo tempo que tivera com ela e tê-la obrigado...

Diabos! Não!

Não se forçava ou impunha o amor. Tudo o que conseguiria de Lucille seria ódio e desprezo. Aquilo seria infinitamente mais doloroso.

Havia uma pequena parcela nele, a que admitia estar derrotado, e que desejava sinceramente que ela fosse

feliz, mesmo que a felicidade dela significasse a sua morte, talvez não apenas no sentido simbólico. A culpa era totalmente dele por acreditar que os momentos que passaram juntos, que cada vez que a sentia derreter em seus braços, significavam amor.



# Capítulo 25

A noite tinha se transformado em dia. Um dia se transformara em quatro. Tudo o que Lucille conseguiu fazer foi encolher-se em uma poltrona, esperando que a qualquer momento Edward atravessasse a porta do quarto.

– Milady? – A voz de Desmond era mais para um sussurrar – O Sr. Middleton deseja vê-la. Eu disse que não se sentia muito bem, mas...

– Vou recebê-lo, Desmond.

Talvez Allan tivesse alguma informação para dar a ela. Ou sabia quais clubes Edward frequentava antes de se casar com ela. Qualquer informação seria suficiente. Lucille apenas não queria continuar naquele quarto, sentindo que iria enlouquecer.

– Lucille? – Allan caminhou até ela, seu semblante não escondia a preocupação em vê-la tão mal – O que aconteceu com você?

Ela explicou rapidamente o encontro com Philip e o mal-entendido que se seguiu depois.



– O que me disseram era que sentia uma leve dor de cabeça, por isso Edward a levou para casa.

A própria Lucille havia se encarregado que Allan recebesse o bilhete. Não queria preocupá-lo até ter esclarecido as coisas com Edward, mas não o encontrara em casa e não fazia ideia onde estava.

– Desculpe – Allan a ajudou a alcançar uma poltrona mais próxima – Achei que Edward estaria aqui e que...

Lucille usou de toda a força para não desabar diante de Allan, se fraquejasse, não sabia se conseguiria se reerguer.

– Tudo ficará bem – Allan deu leve batidinhas no ombro dela – O problema é que um apaixonado enxerga apenas aquilo que o ciúme permite ver.

Edward apaixonado por ela?

– Sabia disso, não sabia? – indagou Allan, surpreso pelo choque que via no rosto da irmã desolada – Ele a ama, Lucille. Possivelmente tanto ou mais que você a ele.

– Edward me ama? – Lucille piscou os olhos,

mas lágrimas teimosas molharam suas bochechas – Não tenho tanta certeza agora.

– Fique tranquila, minha querida – Allan afagou as costas delas antes de se erguer e caminhar em direção à porta – Revirarei cada pocilga dessa cidade, mas eu juro que vou encontrá-lo.

Ela soluçou e cobriu o rosto com as mãos trêmulas. Maldita hora que tinham saído da paz e tranquilidade que haviam encontrado em Northsam.

– Northsham – Lucille estacou ao perceber o óbvio. Se ela quisesse um lugar para curar suas mágoas, não haveria lugar melhor que o condado – Edward está em Northsham.

Planejara convencer Edward a retornarem a Northsham e talvez tenha conseguido aquilo bem diferente do que tinha imaginado.

– Desmond?

Lucille não ficaria ali esperando, fizera isso por tempo demais. Se tivesse declarado antes seu amor por ele, nenhum dos dois passaria por aquela confusão dolorosa.

Prontamente o mordomo se colocou à disposição dela.

– Prepare a carruagem. Estou indo para Northsham.



Não havia uma decisão que Lucille tomasse que não lhe acabasse em tragédia. Decidira vestir-se de homem e acompanhar um duelo, levava um tiro como consequência. Decidira esconder-se na casa de Edward e acabara se apaixonando e casando com ele. Decidira fazer velhos amigos reconciliarem-se, causara um grande mal-entendido no lugar.

Talvez suas escolhas não fossem ruins, mas tivesse a mesma falta de sorte que acompanhava Evelina em sua trajetória.

– Está mesmo quebrada? – foi preciso que Lucille gritasse para que o criado a ouvisse debaixo da chuva torrencial.

– Infelizmente sim, senhora – o criado deslizou

de debaixo da carruagem – Um problema no eixo, mas com essa chuva e todo esse lamaçal na estrada, continuar a viagem só irá piorar e nos atrasar.

– Milady – a cabeça de Bessie surgiu na janela –, está toda molhada.

Lucille quisera ajudar Joseph de alguma forma, mas tudo o que conseguira foi se molhar da cabeça aos pés.

– O que faremos agora? – voltou a gritar.

– Há uma estalagem não muito longe daqui – informou ele.

Lucille se lembrava do lugar, passara por lá com Edward para descansar e trocar os cavalos. Estavam na metade do caminho que levava a Northsham, aquilo significava que mesmo se conseguissem consertar a carruagem, provavelmente só chegariam lá no entardecer do dia seguinte. A menos que conseguissem uma carona, mas quem se arriscaria a sair naquela chuva?

– Posso ir até lá e pedir ajuda. Mas está escurecendo e...

Ele olhou entre ela e Bessie. Deixar duas

mulheres sozinhas na estrada seria impensável, mas Lucille não via outra saída.

– Bessie e eu ficaremos bem – garantiu ela, mas por dentro não exercia tanta confiança – Procure ajuda e volte o mais rápido que conseguir.

Quis convencer a si mesma que nenhum bandido de beira de estrada sairia à caça em uma noite chuvosa como aquela.

– Fique com isso, milady – Joseph entregou um canivete a ela antes de desatrear um dos cavalos para ele – É apenas para que se sinta mais segura. Fiquem lá dentro.

Lucille voltou para a carruagem tendo cuidado para que seu vestido não molhasse o vestido de Bessie. Ela sorriu diante do que aquela deveria ser a última de suas preocupações.

– Vai ficar tudo bem, Bessie – garantiu à criada assustada – Joseph voltará em um segundo.

Aceitou um lenço para enxugar o rosto molhado, mas não eram os cabelos encharcados em consequência da chuva que mantinham seu rosto úmido, era o desespero

que abateu-se sobre ela naquele momento.

Teria sido tão mais fácil e sensato se tivesse esperado Allan retornar à casa. Com toda certeza a teria levado até o condado.

– Vai ficar tudo bem, milady.

Lucille soluçou ante o consolo de Bessie.



Quando Edward chegara à sua casa no condado de Northsham, a primeira coisa que fizera fora pegar uma garrafa de uísque e enfiar-se em seu quarto.

Bebera por toda a tarde e desabara à noite. O álcool era a muleta que ele precisava. Provavelmente seria a única companhia que ele teria em um longo tempo.

Edward encarou a garrafa vazia e pensou tocar a sineta ao lado da cama. Pediria à criada que trouxesse outra garrafa, mas não queria observar nela o mesmo olhar compadecido que recebera de Mary. Ele não precisava da piedade de ninguém, tampouco era merecedor dela.

– Droga! – chutou a garrafa e se agachou para pegá-la, visando evitar acidentes futuros.

Em vez do vidro, outra coisa chamou sua atenção. Amarrados em uma fita amarela, estavam os diários de Lucille. Os diários que ela nunca permitiu que ele colocasse os olhos.

Jogou-os sobre a cama como se fossem uma cobra venenosa prestes a atacá-lo. Ali, guardava segredos sobre ele, sobre Philip e todas as pessoas que ele conhecia. Eram romances, ele sabia, mas Lucille confessara diversas vezes que se baseava nas pessoas em volta dela.

Esfregou as mãos como um viciado em ópio à espera da próxima dose. Aquela poderia ser sua única oportunidade de estar perto de Lucille mais uma vez. De desvendar seu coração e alma.

Ao inferno! Sua alma já estava lá mesmo.

Ignorou os primeiros diários que provavelmente contariam sua história na América e concentrou-se no livro inacabado em seu colo.

*“Precisava ir atrás de Evan e dizer que, apesar de ter se casado com ele obrigada e de tê-lo odiado por isso, agora conhecia a verdade. O duque de Randall a iludira com palavras doces. Nunca a amara e só quisera vingar-se de seu pai.*

*Lucy também não tinha amado, não da forma que seu coração ingênuo tinha insistido em crer. O amor, o verdadeiro amor, tinha conhecido nos braços de Edward, do conde Evan Blackpanther. O guerreiro que tinha lutado por ela, contra ela mesma. Precisava encontrá-lo e dizer o quanto o amava, antes que...”*

– Meu Deus – Edward murmurou atônito.

A história terminava ali, mas ele lera o suficiente. Edward fechou o livro completamente perplexo com o que descobrira.

O anjo de olhos negros era ele. E não chegara àquela conclusão apenas porque no calor do momento Lucille tinha trocado o nome do personagem pelo dele (Abrindo novamente as páginas a esmo, ele percebe que ela cometeu esse erro em diversas passagens do livro), mas porque ela poderia ter dado uma versão mais



emocionante e lúdica à história deles, com guerreiros e vikings, no entanto, preferira mantê-la mais próxima aos fatos reais.

O primeiro encontro. O primeiro beijo. Os dias que eles passaram na casa dele e os inesquecíveis no condado. E o mais importante de tudo, Lucille sabia sobre a hipnose, sabia sobre o arranjo que ele fizera com Philip. E ainda assim amava-o. Amava Edward com todas as suas qualidades e defeitos.

Ele poderia ter cometido o maior erro de sua vida.

Precisava voltar para casa. Voltar para Lucille, garantir que estivesse de volta em seus braços, lugar de onde nunca deveria ter saído.

– Mary! – encontrou-a na sala com Hidden – Mary!

Ele se recuperava a olhos vistos. Nem parecia mais o jovem mirrado que ele tinha levado ao campo.

– Peça que selem meu cavalo.

– Mas está chovendo – disse ela, estudando-o.

Provavelmente desejando saber se ainda estava

embriagado.

– Não me importa – ele sorriu antes de retornar em direção ao quarto – Mesmo que caia uma chuva de fogos do céu, irei para Londres.

Pensou em levar os diários consigo, mas como iria a cavalo não estragaria o trabalho que era tão importante a Lucille. Além do mais, seria uma boa desculpa para voltarem rapidamente ao condado.

E após algumas horas, Edward viu seus planos frustrarem-se completamente.

– Não tem jeito, senhor – disse o dono da estalagem – O rio que corta a estrada subiu. Terá que esperar até amanhã para prosseguir.

Edward seria capaz de atravessar o rio a nado, mas não arriscaria a segurança de seu cavalo, até Londres ainda haveria uma boa caminhada.

– Me consiga um bom quarto – disse ao homem gorducho – Certifique-se que alguém me acorde pela manhã.

Ele duvidava que conseguiria dormir, mas deixou avisado por garantia.

Aquela, sem dúvida alguma, tinha sido a melhor noite de sonho que tivera. Lucille povoara-o por toda noite. Uma mistura de romantismo e sensualidade que pareciam muito reais.

E só não expulsou quem o incomodava aos gritos do outro lado da porta, porque desejava tornar seu sonho em realidade.

– Não é tão nova, mas acho que deve ajudar – Edward ouviu o ferreiro conversar com alguém, mas tudo o que se importava era em recuperar seu cavalo.

– Se funciona, *tá* tudo certo – disse o criado – Deixei a senhora e a pobre Bessie na estrada. Se patrão sonha...

Edward estacou ao ouvir as palavras *senhora, Bessie e estrada*.

Rapidamente circulou a estribaria e encontrou o ferreiro e um de seus criados distraídos em uma conversa.

– Joseph?

– Milorde – O homem virou, estava mais branco do que campo coberto de neve no inverno – Senhor, eu falei para milady que não era uma boa ideia.

O sangue de Edward foi lentamente se esvaindo e seu coração havia com toda certeza parado de bater.

– Onde está a minha esposa?



Edward poderia matar seu cocheiro, mas estava mais preocupado com Lucille, que passara a noite na estrada, do que com suas vontades assassinas. Por sorte, assim como o dono da estalagem previra, a chuva diminuía e, conseqüentemente, o riacho encolheu, tornando a estrada segura novamente.

Levou apenas cerca de meia hora a cavalo para avistar a carruagem atolada na estrada. Aparentemente não havia nada de anormal que levantasse alarde, mas o coração de Edward só se aquietaria quando Lucille estivesse segura em seus braços.

Tentou abrir a carruagem com calma e delicadeza, mas deveria ter fracassado vergonhosamente quando se deparou com o olhar assustado de Bessie.

– Graças a Deus o senhor chegou – ela olhou

para Lucille encolhida em seu colo e suas palavras saíram tremidas – A milady não está nada bem.

Edward sentiu seu coração falhar pela segunda vez naquele dia ao ver a esposa inconsciente e visivelmente febril.

– Lucille – ele a tomou em seus braços – Lucille, o que você fez?

Ele não aguardou que o criado terminasse o conserto. Precisava livrar Lucille daquele vestido úmido e dar a ela uma cama macia e quente.

Também não tinham tempo de ir até Northsham. O lugar mais próximo era a estalagem, que foi para onde ele seguiu a todo galope.

Não poupou gritos e esforços para exigir o melhor quarto, a melhor cama e a presença do melhor médico da região.

Também não arredou os pés ao lado da cama de Lucille enquanto era examinada pelo doutor. Um homem de idade avançada, mas que inspirava confiança, pelo menos era isso que Edward queria acreditar.

– Já fiz tudo o que eu poderia ter feito – disse o

senhor, após sua terceira visita naquele dia.

– Ela vai sobreviver? – indagou ao apertar a mão delicada em seu peito, como se o toque dela tivesse o poder de amenizar a angústia instalada dentro dele – Lucille irá sobreviver?

– É uma jovem forte – disse o médico fechando a maleta – Mas tudo dependerá dela.

O homem saiu do quarto, deixando Edward de volta às suas preces.

Criadas substituíam as toalhas molhadas por secas, trocavam água usada por água limpa, traziam bandejas de comida e as levavam de volta praticamente intocadas, tudo sem que Edward percebesse ou se importasse, além de Lucille.

Toda sua concentração estava voltada a ela. Um gemido ou qualquer sinal que desse a ele um pouco de esperança.

– Lucille, me ouça – sussurrou debruçando sobre ela, afastando os cabelos úmidos de sua testa – Você não vai morrer. Eu não vou... Não posso permitir, está me ouvindo?

Passara os dois últimos dias repetindo isso incessantemente.

– Não sem que eu diga – ergueu-a com cuidado, apoiando o rosto delicado contra seu peito – Eu te amo. Deixe-me dizer isso. Eu te amo, Lucille. Não posso deixá-la ir embora, simplesmente eu não posso.

Então, após um longo tempo, desde que fora um garotinho, ajoelhado no leito de sua mãe sem vida, Edward permitiu-se chorar.

# Capítulo 26

Lucille não conseguia decidir o que a agradava mais, a voz aveludada que era como uma leve carícia em seu corpo ou os braços musculosos que a envolviam, fazendo-a se sentir protegida. Era uma escolha quase impossível de se tomar. Por ela ficaria envolta naquele casulo a eternidade inteira.

Já fazia algum tempo que havia acordado e se perguntava se deveria dar algum sinal a Edward que já tinha recobrado a consciência.

*“Ela nunca se sentiria tão ligada a alguém...”*

Lucille ouviu o leve som da folha sendo manuseada e a voz de Edward continuava a narrar a história que não estava apenas na sua cabeça, mas também em seu coração.

*“E, mesmo assustada, deparar-se com as emoções incontroláveis que aqueles olhos profundamente negros causavam a ela...”*

O silêncio que se seguiu forçou Lucille a abrir os



olhos. Sentiu o queixo de Edward repousar em sua cabeça e a mão dele fez uma leve carícia em sua bochecha.

– Continue – ouviu-se dizer.

Agora entendia por que Edward sempre pedia que ela lesse para ele. Ouvi-lo narrar com tanta emoção, sentimentos que um dia pertenceram apenas a ela, causavam um júbilo que não era capaz de explicar em palavras.

– Continue, por favor.

Notou o corpo às suas costas ficar rígido, as mãos caíram em seus ombros, virando-a lentamente para que Edward pudesse observá-la melhor.

– Lucille?

Poderiam ser as velas pelo quarto a causar o brilho dourado nos olhos dele, mas Lucille preferia acreditar que fosse fruto da mesma emoção que via transpassar em seu rosto.

– Você acordou – o sorriso que recebeu iluminou o quarto mais do que um milhão de lamparinas acesas.

– O quanto encrencada eu ficaria se confessasse que já faz algum tempo?

Edward franziu a testa um pouco perdido, mas logo entendeu o que ela queria dizer. Ele mordeu os lábios e escondeu o rosto entre os cabelos dela. Seu corpo tremia e ele soltava abafados grunhidos pelo nariz.

– O fato é – ele se afastou e colocou-a de volta à cama, deitando-se ao lado dela – Estou aliviado e feliz demais para ficar bravo com você.

*Bravo.* Não! Edward tinha saído de Londres furioso com ela e Philip. Lucille fez uma varredura em sua cabeça tentando lembrar o que aconteceu desde que fora atrás dele na tentativa de esclarecer o mal-entendido.

– Onde eu estou?

Ela olhou em volta do quarto. Não estavam em Londres, era óbvio, mas também não estavam em Northsham. O quarto, apesar de parecer confortável, era simples demais.

– Na estalagem – disse ele – Encontrei-a na estrada, inconsciente – Edward fez uma pausa, respirando fundo – Achei que fosse...

Ela segurou a mão dele e Lucille notou como estava trêmula e fria.

Na certa foram momentos terríveis. Se Edward a amava como Philip tinha afirmado, e se ele sentisse por ela uma fração do que ela sentia, fizera-o passar por horas angustiantes.

– Há quanto tempo estou aqui?

– Três dias.

Lucille abafou um gemido pressionando o punho na boca. Três dias em que ele viveu um verdadeiro purgatório.

– Esteve lendo esse tempo todo – ela indicou um dos diários na cama – Como os encontrou?

– Estavam em nosso quarto, caídos debaixo da cama. Pedi que fossem a Northsham e os trouxessem – ele pigarreou e a encarou com um olhar preocupado – Precisava de algo que a fizesse lembrar, Lucille. Algo que a fizesse lembrar do que era importante e que a fizesse ficar aqui... *comigo*.

A última palavra saíra quase como um sussurro, carregado de sentimento que fez o coração dela palpitar.

– Também precisava de algo que me impedisse de enlouquecer – sussurrou ele, voltando a abraçá-la –

Que me desse fê.

Enquanto Edward afagava seus cabelos, Lucille foi se dando conta de algo muito importante.

– Edward, eu...

Ele segurou-lhe o queixo e fez com que seus olhos encontrassem os dele.

– Eu sei – acariciou o rosto dela com a ponta dos dedos – É tudo sobre mim, sobre você, sobre nós dois.

Lucille sempre acreditara que revelar o que sentia a deixaria mais fraca, mas sentia-se exatamente o oposto.

– Você me ama – disse ele, soava mais como uma pergunta esperançosa do que uma constatação.

Lucille sorriu e inclinou o rosto para beijar a mão que a afagava.

– Amo – confessou finalmente – E você me ama.

– De forma irreversível – ele esfregou os lábios nos dela, mas não a beijou ainda – Nunca mais me assuste assim, Lucille, e, bom... – ele soltou um suspiro profundo – Tem que me prometer que jamais fará uma loucura como essa.

– Bem, eu tentarei...

– Tentará?

– Você tem que admitir que tudo isso é culpa sua. Se tivesse deixado que eu explicasse tudo... Philip não me ama e eu não amo o Philip.

– É o que você acha? – indagou, precisando confirmar o que queria acreditar – Não foi bem o que eu vi.

– O que você *acha* que viu – ela procurou as palavras certas, estava muito zangada com Philip, mas sabia que ele ainda continuava muito ferido.

– Philip ainda sente-se traído pelo melhor amigo. E Allan me disse que o ciúme cegou você.

– Ele não estava errado – confessou Edward – Mas não era apenas ciúme. Eu sabia que tinha que abrir mão de você e aquilo simplesmente estava me destruindo.

– Ah, Edward – murmurou ela – Tanto sofrimento para nada. Eu sempre amei você e só tinha esperança de que me amasse também.

– Céus! – Edward desabou na cama, levando Lucille consigo – Quanta confusão eu fiz.

– Fizemos – ela sorriu.

Edward girou e em um movimento rápido cobriu-a com seu corpo.

– Mesmo depois de tudo que sabe sobre mim – ele murmurou receoso – ainda realmente me ama?

Lucille ergueu a mão para afastar alguns fios de cabelo que caíram sobre a testa dele. Lembrava-a um menino suplicando um pouco de atenção. Como aquele menino que ajudaram quando se conheceram, mas a fome de Edward era de amor.

– Quando eu ouvi sua conversa com Philip, quando estive me recuperando na sua casa, na nossa casa. Quando soube que vocês...

– Sinto muito, Lucille – ela colocou um dedo sobre os lábios dele, pedindo que a deixasse continuar.

– Fiquei muito irritada, depois magoada que quisesse me jogar nos braços de outro – ela fungou – Eu já o amava profundamente e tudo o que você queria era se livrar de mim.

– Aquilo foi a coisa mais difícil que fiz na vida – Edward fixou os cotovelos na cama, equilibrando o peso

de seu corpo para que Lucille não se sentisse esmagada por ele.

– Então, quis reverter o jogo contra vocês. O plano era fingir que Philip estava me conquistando e no momento exato os desmascararia – continuou ela – Mas ao mesmo tempo que eu sabia que devia odiá-lo, ao mesmo tempo que deveria me afastar, eu só conseguia me apaixonar mais. Bem, o resto você já sabe como aconteceu.

Edward fechou os olhos, era como se examinasse a si mesmo e não gostasse do que enxergava.

– Direi tudo o que precisa saber. Mas saiba que aquele Edward não existe mais – murmurou ele – Acho que ele começou a morrer no dia em que a viu pela primeira vez. Um anjo lindo, oferecendo misericórdia a um coração vazio e atormentado. Você me faz querer ser alguém melhor, Lucille. Serei melhor por você.

– Você já é, meu querido Robin Hood. Sei de todas as coisas ruins que já fez, mas conheço todas as coisas boas também. E é por tudo isso que eu o amo tanto.

– Para provar que falo sério quanto ao nosso

relacionamento daqui por diante, quero propor que mais do que ser Lucille Halton, você seja Lucille Magee. Os meus pais se amaram como nunca vi outro casal se amar, e rogo a Deus que nós dois sejamos como eles. Um amor para toda a eternidade.

Lucille não esperou que Edward desse o primeiro passo em direção ao que ambos tanto desejavam naquele momento e, francamente, nunca fora do tipo que esperasse as coisas pacificamente.

Sendo assim, colou os lábios nos deles e Edward retribuiu com paixão o beijo que Lucille iniciara.

Havia muitas perguntas ainda. Muitos sentimentos e segredos para confessar. Mas tudo o que o jovem casal desejava agora era recuperar todo o tempo perdido, desperdiçado enquanto sufocavam e negavam o amor que sentiam.



Lucille mal teve tempo de cumprimentar Mary e



Hidden quando finalmente chegaram a Northsham. Edward a vinha tratando com cuidado e delicadeza, não que ela se incomodasse, para ser sincera.

Gostava de se sentir protegida e amada por ele, afinal, qual era o problema disso?

Foram exatamente aqueles votos que trocaram na igreja. Amar e proteger.

– Eu creio que sou completamente capaz de andar sozinha – Lucille tentou segurar o riso quando Edward insistia em carregá-la no colo – Já me sinto bem.

– O doutor disse repouso – ele tinha uma expressão séria, mas seus olhos diziam outra coisa – E você já se movimentou demais.

Ela sentiu as bochechas corarem. Não tinham chegado à união carnal, mas nos três dias que passaram na estalagem (por insistência de Edward, claro) haviam trocado beijos e carícias capazes de enlouquecer Lucille.

– Sim, há coisas muito mais importantes que eu deveria gastar minhas energias – Lucille agarrou-o pelo pescoço, impedindo que ele fugisse quando a deitou na cama.

– Lucille – Edward grunhiu quando as mãos delicadas infiltraram pela camisa dele, queimando a pele com seu toque suave – Lucille, não deveria...

Lucille precisava dele mais do que o ar que respirava.

– Eu já estou bem – ronronou esfregando o rosto no pescoço – Por favor, Edward.

Ele a beijou calma e suavemente. Queria tranquilizá-la, quando na verdade, o simples fato de estar no mesmo ambiente que ela fazia seu corpo entrar em combustão. O beijo rapidamente se transformou em uma paixão explosiva.

As mãos sôfregas lutavam com as peças de roupa, até que fossem apenas dois corpos nus e febris.

– Lucille – Edward sussurrava seu nome – Oh, Lucille.

Os lábios dele percorreram o queixo, seguiram para o pescoço delgado e quando sua boca tomou os seios intumescidos, Lucille tombou a cabeça para trás arqueando as costas em resposta.

Edward cumpria a promessa que havia feito a si

mesmo enquanto a velava naquela cama de estalagem. Veneraria cada pedacinho dela.

– Ah – Lucille gemeu quando ele fez uma rápida, mas tortuosa exploração em sua coxa com a língua – Oh, Edward.

No momento seguinte, ele tinha o rosto entre as pernas dela, fazendo-a se contorcer. Ele aguardou não apenas até que a fizesse implorar desvairadamente para ser possuída, mas até que ele também estivesse no limiar da loucura e desejo.

Edward a tomou em uma única e intensa investida. Degustou daquele sagrado momento em que Lucille e ele se tornavam um. Duas almas e um único corpo. Onde um começava, o outro terminava.

Os dois juntos se movimentavam ao ritmo do amor. A valsa composta por eles dois.

– Edward! – Lucille gritou, cravando as unhas em suas costas suadas – Ahh...

Tencionando o quadril, Edward deu a última investida, derramando sua essência dentro dela.

Ele murmurara o nome dela em seu ouvido, mas

teria sido o mesmo se tivesse sussurrado *meu amor*.

– Eu te amo – Edward sussurrou quando a aconchegou em seu peito.

Lucille já tinha pegado no sono quando Edward se declarou. Não importava, ele tinha a vida inteira para dizer isso.



Aqueles dias em Northsham tinham sido os melhores da vida de Lucille. Não precisava mais esconder seus sentimentos e era correspondida com a mesma intensidade.

A primeira semana tinha sido mais complicada. Dentro das quatro paredes de seu quarto, especificamente na cama, fora o único lugar em que Edward não fora excessivo em seus cuidados com ela.

Levou quatro dias para que ele a deixasse passar algumas horas na sala de estar com Mary e Hidden. Até virara provocação do rapaz.

“Mary, acho que deveria trazer a colher de sopa”, ele dissera uma vez em tom de deboche. “Edward não acredita que Lucille possa segurar uma xícara de chá”.

Eram gracejos sobre cobrir todas as janelas para que a claridade excessiva não ferissem os olhos sensíveis, sobre comerem durante dias apenas uma mistura pastosa e sem sabor. Algumas provocações eram mais leves e outras, deixavam Edward levemente irritado, o que fazia todos caírem na gargalha, inclusive Lucille, que fora acusada uma ou duas vezes de traidora.

Foi somente no final da primeira semana que conseguira convencer Edward a dar pequenos passeios em volta da casa e somente na semana seguinte fizera com que ele a levasse de volta à colina. Quase todas as tardes passavam pelo menos uma hora ali, observando o condado de longe, fazendo planos e sonhando acordados.

E foi ali que Lucille decidira escrever as últimas palavras sobre Evan e Lucy.

– E eles viveram felizes para sempre – Edward iniciou a provocação.

Lucille deu um sorriso endiabrado antes de revidar.

– Talvez eu pudesse matar um dos dois – ela mordeu os lábios e foi em direção à sua pena – A inocente Lucy ou o misterioso conde?

– Ora, não se atreva a isso – Edward chutou o vidro de tinta para longe.

– Hum... – ela fungou como se sua veia criativa tivesse sido ofendida – Pois saiba que as histórias dramáticas são muito mais emocionantes.

– Histórias dramáticas nos deixam muito mais deprimidos, você quer dizer – ele se aproximou dela e tomou o livro de suas mãos – São os contos de fadas que tornam a vida muito mais emocionante. Há dramas suficientes na vida.

Nisso ela tinha que concordar com ele. Queria fazer com que, através de sua escrita, outras pessoas sentissem a mesma felicidade que ela quando se encontrava nos braços de Edward.

– Vejam só – provocou Lucille, deitando por cima dele – É um homem muito romântico, Lorde

Northsham, ou poderia dizer conde de Blackpanther?

– Qual homem apaixonado não seria, minha pequena Lucy? – replicou antes de beijá-la.

Era assim que Evan se referia à sua amada em seu livro. Minha pequena Lucy. Às vezes Edward a chamava assim também. Em momentos assim, em que existiam apenas eles dois e o mundo que haviam construído.

– Lucille! – Mary os encontrou quando subia as escadas que levavam aos aposentos.

Ainda era difícil para Lucille esconder o rubor sempre que eram flagrados com intenções pervertidas.

– Chegou uma carta para você.

Eles se entreolharam. A última vez que Mary fora portadora de tal notícia, as coisas não haviam terminado muito bem.

– Não vai ler?

Lucille pegou a carta e guardou no compartimento da saia.

– Mais tarde.

– E não nos espere para o jantar, Mary – disse Edward, literalmente arrastando Lucille escada acima – Envie-nos o jantar em vez disso.

– Edward? – Lucille apoiou-se contra a porta, assim que a fechou e tentou inutilmente mantê-lo afastado – Mary deve pensar que somos dois... dois...

Faltava coragem ou palavras para que ela pudesse expressar o que eles representavam naquele momento.

– Não importa o que Mary imagine de nós – Ele sorriu, livrando-se da calça e botas com uma velocidade admirável – O que importa é que nunca poderá ver, minha querida.

Lucille gargalhou e tentou com a mesma agilidade livrar-se das irritantes e desnecessárias peças de roupa.

– Você deixou de ser libertino – Lucille oscilou quando Edward mordiscou seu pescoço – Mas o libertino não saiu de você.

– Isso a incomoda? – Edward inclinou tomando o seio de Lucille em seus lábios possessivos.



– Nem um pouco – ela gemeu mais uma vez, entregando-se a ele de alma e coração.

Algumas horas depois de terem adormecido nos braços um do outro, feito amor mais uma vez e terem se servido do jantar que Mary tinha mandado entregar, Lucille criara coragem de ler a carta que recebera.

– É de Christa – murmurou ela – Parece que o capitão Brendon se declarou a ela.

Lucille não tocou no nome de Philip, mas Edward aprendera a notar quando sua mente começava a fervilhar.

– Lucille... — Edward tornou a deitá-la na cama – Não. Sabemos muito bem como maquinações como essas podem acabar.

Ah, sim, Lucille sabia. Com pessoas apaixonadas, casadas e felizes.

Ainda poderia estar um pouco zangada com Philip, mas sabia, mais do que ele mesmo, que Christa e ele faziam um belo par.

– Claro que sei – murmurou Lucille beijando-o entre cada palavra – Com felizes para sempre.



# Epílogo

*Oito meses*, pensou Lucille.

Seria exatamente por todo esse tempo que teria que viver como o mais delicado e fino cristal. Desde que revelara a Edward que ele seria pai, os dias de paz de Lucille haviam acabado.

E também havia Allan, que reforçava o quanto ela deveria ser cuidadosa e até mesmo Desmond tinha seu próprio e irritante discurso. Mas Lucille não era uma flor delicada e continuava a subir as escadas correndo, ou ir onde achasse necessário.

– Com licença, milorde – Desmond surgiu no escritório com sua habitual expressão neutra – Há alguém que deseja vê-lo.

Lucille interrompeu a massagem que fazia em seu ombro, um agrado que sempre fazia quando queria convencer o marido a fazer algo que a princípio ele negaria.

– Meu irmão? – indagou Lucille.

– Uma senhorita – esclareceu Desmond – Insistiu em vê-lo, senhor.

– Uma mulher? – sondou Lucille, prestes a correr para a sala e aplacar sua curiosidade ciumenta.

Desmond ergueu levemente a sobrancelha antes de dizer.

– Disse que veio da Escócia, em nome do duque de MacGrant.

Lucille deu um pequeno gritinho antes de sair de trás de Edward e correr até a porta.

– Lucille! – Ele a alcançou no meio do caminho antes que se atrapalhasse com o vestido e amontoado das saias – Tenha cuidado, poderia tropeçar e...

– Edward, ela disse um duque – sussurrou ela animada e manteve os passos acelerados, para o desespero dele – Da Escócia.

Lucille esperava encontrar na sala uma mulher intimidadora, carregada de joias, peruca da última moda e um vestido que causaria inveja até mesmo à rainha Victoria.

Não, a dama que desaparecia em uma de suas

poltronas, encolhida como um coelho assustado, usava roupas simples e modestas. Mas apesar da aparência humilde, Lucille tinha que admitir, era uma jovem muito bonita.

– Lorde Northsham? – Ela se ergueu assim que Edward entrou atrás de Lucille.

– Sim, sou eu.

– Preciso da sua ajuda. Eu sou Alana – disse a jovem que não deveria ter três ou quatro anos a mais que Lucille – MacGrant não consegue se lembrar de mim, acredita que eu esteja morta. Ele irá se casar com outra.

Foram essas últimas palavras que a fizeram desabar em um choro convulsivo.

– Por favor, me ajude.

Assim que conseguiu que a jovem ficasse mais calma, Lucille ouviu com surpresa e empolgação os momentos angustiantes que ela vivia. Solicitou que Desmond preparasse o quarto de hóspede para que Alana pudesse descansar e usou desse momento de privacidade para ter uma conversa séria com Edward.

– Você o hipnotizou para que a esquecesse?

– Não fiz que a esquecesse, eu não posso. Ajudei a aceitar que estivesse morta, e desse fim ao seu luto – Edward tentou se justificar – MacGrant buscava alívio para seu sofrimento e eu dei.

Lucille caminhou até a cama onde ele se encontrava exibindo um ar derrotado.

– Entendo que quis ajudar, querido – murmurou ela, tocando em seus ombros – Mas precisa dar um jeito nisso, o duque não pode se casar com outra. Nós temos que ir até a Escócia consertar isso.

– Nós? – ele ergueu uma das sobrancelhas pronto para discordar.

Lucille sentou em seu colo e iniciou uma massagem no pescoço endurecido pelo estresse dos últimos minutos.

– Não tivemos uma lua de mel – murmurou queixosa – A Escócia dever ser um lugar tão bonito essa época do ano.

Edward rangeu os dentes e ela aconchegou-se mais a ele. Não seria fácil, mas não sairia daquele quarto sem a promessa dele de que a levaria junto.

– Lucille, sabe que está...

– Grávida? – replicou abrindo os botões da camisa dele – Imagine só, eu aqui sozinha. Pior ainda, imagine as coisas que eu faria aqui sem você.

Com um movimento rápido e que arrancou dela um gritinho de surpresa, Edward a jogou na cama, deitando-se sobre ela.

– O que eu faço com você, Lucille?

– Leve-me à Escócia – ela sorriu.

– Acho que eu não tenho outra alternativa – sussurrou ele beijando-a uma e outra vez – Deixá-la sozinha aqui certamente me deixaria louco.

Lucille distribuiu dezenas de beijos pelo rosto dele. Sua vida ganhava uma nova dose de aventura e ela já tinha uma maravilhosa história de amor nascendo em sua cabeça.

Sem esquecer sua amiga Christa e Philip.

– Eu te amo, Edward – declarou a ele – E estou completamente presa em seu feitiço.

– E eu nunca... em momento algum... – Edward inalou profundamente antes de continuar – Jamais

acreditei que pudesse olhar para outra pessoa e perceber que não poderia viver sem ela. Você foi a coisa errada mais certa que aconteceu em minha vida, Lucille.

Ele poderia ter dito *eu te amo*, mas o beijo apaixonado que lhe deu significava muito mais do que isso. Era um eu te amo falado de inúmeras formas e Lucille retribuiu a cada uma delas.

Agora, começaria uma nova história.

A história do príncipe encantado adormecido, que seria despertado por sua princesa. Edward tinha razão, eram os contos de fadas que deixavam as pessoas mais felizes. E quem não gosta de um...

*Felizes para sempre?*